



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ, SC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

ELENA WENDLING RUSCHEINSKY

**A VITALIDADE LINGÜÍSTICA DA LÍNGUA ALEMÃ
AO LONGO DO RIO URUGUAI NO OESTE DE SANTA CATARINA**

CHAPECÓ, SC

2026

ELENA WENDLING RUSCHEINSKY

**A VITALIDADE LINGUÍSTICA DA LÍNGUA ALEMÃ
AO LONGO DO RIO URUGUAI NO OESTE DE SANTA CATARINA**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Coorientadora: Dra. Jussara Maria Habel

CHAPECÓ, SC

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ruscheinsky, Elena Wendling

A vitalidade linguística da língua alemã ao longo do
Rio Uruguai no Oeste de Santa Catarina / Elena Wendling
Ruscheinsky. -- 2026.

219 f.

Orientador: Doutor Marcelo Jacó Krug

Co-orientadora: Doutora Jussara Maria Habel

Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Fronteira
Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2026.

1. Vitalidade Linguística. 2. Contato linguístico. 3.
Usos da língua alemã. 4. Percepções de falantes
Deutsch/Deutsch. 5. Oeste Catarinense. I. Krug, Marcelo
Jacó, orient. II. Habel, Jussara Maria, co-orient. III.
Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

ELENA WENDLING RUSCHEINSKY

**A VITALIDADE LINGUÍSTICA DA LÍNGUA ALEMÃ
AO LONGO DO RIO URUGUAI NO OESTE DE SANTA CATARINA**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 26/06/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS
Presidente/Orientador

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO JACO KRUG**
Data: 14/07/2026 11:42:07-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Melissa Bettoni - UFFS
Avaliadora Interna

Documento assinado digitalmente
 **MELISSA GALLEGO CAMPOS BETTONI**
Data: 10/07/2026 20:14:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Joachim Steffen - Univ. Augsburg
Avaliador Externo



Prof.^a Dr.^a Mônica Maria Guimarães Savedra – UFF
Avaliadora Externa

Documento assinado digitalmente
 **MÔNICA MARIA GUIMARAES SAVEDRA**
Data: 09/07/2026 09:44:57-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen – UFRGS
Avaliador Externo

Documento assinado digitalmente
 **CLEO VILSON ALTENHOFFEN**
Data: 10/07/2026 18:22:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

*Hea mo de Rio Uruguai, wie de rauscht
Gross unn starik, zwische die Beriche, Plantoosch unn Leit.
Das Wasser looft, geht los, unn holt mit sich
viel Geschichte, Verspreche unn Andenke.
In was fo Sproch sinn die all?
Wie stelle die Leit sich die Welt vor
unn was ferzehle'se iwer sein Lebe am Rand vom Rio?
Was wett gedenkt unn gemacht mit die Sproche?
Een bissje ton ich do driwer schreibe,
so wie dass sauwer Wasser unn das Rausche vom Uruguai,
wo staerker gebt mi'm Wasser vom
Rio Chapecó unn vom Rio Peperi-guaçu.
Ooch so wie ich mit jede Gespräch, mit dass scheene Land,
mit dem Lese unn Schreibe staerker gebe.
Elena Wendling Ruscheinsky*

*Ouçá o Rio Uruguai, como seu som é
grande e forte entre montanhas, plantações e pessoas.
As águas rolam, passam, encantam
e levam nesse remanso tranquilo
muitas histórias, promessas e lembranças.
Em que línguas elas estão?
Como as pessoas às suas margens
imaginam o mundo e contam suas andanças?
O que se pensa e se faz sobre essas línguas?
Um pouco tento descrever aqui,
inspirada nas águas límpidas e sonoras do Uruguai,
fortalecido ao receber o Chapecó e o Peperi-guaçu.
Assim como me fortaleço a cada paisagem,
leitura e escrita.
Elena Wendling Ruscheinsky*

*Às minhas filhas Ana Carolina e Milena.
A todo falante de *Deitsch* ou *Deutsch*.
Por atribuir mais significado para esta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Ao Professor Doutor Marcelo Jacó Krug, meu orientador, agradeço pela confiança, pela orientação perspicaz, pela parceria em eventos e saídas de campo, pelas discussões frutíferas e pela inesgotável paciência.

Agradeço à Doutora Jussara Maria Habel, pela coorientação, pela leitura e cuidadosa revisão desta tese, pela participação em 16 entrevistas e pelas revisões da transliteração de partes das entrevistas presentes nesta tese.

Aos demais professores/as do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) pelo compartilhamento e construção do conhecimento, e à coordenação e secretaria do curso, pelo empenho nas diversas assistências prestadas.

Aos membros da Banca Examinadora, Professores/as Doutores/as Mônica Maria Guimarães Savedra, Melissa Bettoni, Cléo Vilson Altenhofen, Joachim Steffen e Cátia Schreiner, pela disponibilidade, pelas contribuições valiosas e pelo diálogo construtivo que enriqueceu imensamente a qualidade final desta tese.

À Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), por proporcionarem o ambiente e a estrutura para o desenvolvimento desta pesquisa, possibilitando minha permanência nos locais de pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa do Programa de Demanda Social, cujo amparo financeiro foi essencial para o trabalho de campo e coleta de dados desta pesquisa.

Ao Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus São Carlos, pelo afastamento para doutorado concedido. Agradeço, em especial, aos meus colegas servidores, que tanto fizeram para minimizar os efeitos da minha ausência e da falta de substituto.

Aos amigos e colegas do PPGEL e do Grupo de Estudos Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, pela convivência, pelas trocas de conhecimento e pelo apoio mútuo nos momentos de maior desafio. Agradeço ao Doutor Fernando Tavares de Barros, pela partilha de textos e prática na elaboração de mapas. À Doutora Celina Eliane Frizzo, pela parceria nas demandas de artigos, participação em eventos e pela escuta amiga.

À minha família, em especial às minhas filhas, Ana Carolina e Milena, pelos cuidados, compreensão, ajuda nas pesquisas e elaboração de mapas. Ao meu marido, Ilário, pelo amor, incentivo, contato com participantes das entrevistas e contribuições sobre o *Deitsch*. Aos meus pais, Silvino e Irene, por terem me transmitido a língua alemã, a persistência e a valorização das minhas origens. Aos meus irmãos, Beno, Nair e Ademir, pelo apoio constante e por serem meus primeiros interlocutores em *Deitsch*.

Aos falantes da língua alemã dos municípios de Itapiranga, São João do Oeste, Mondaí, Palmitos e São Carlos, que abriram suas casas e suas memórias, compartilhando generosamente suas práticas, percepções, histórias e a riqueza de sua vida bilíngue. Aos amigos que me auxiliaram a entrar em contato com os entrevistados. Agradeço especialmente aos 32 participantes das entrevistas, que dedicaram seu tempo e confiaram a mim suas palavras.

RESUMO

O tema deste estudo é a vitalidade linguística da língua alemã falada em Itapiranga e São João do Oeste (ITA/SJO), Mondaí (MON), Palmitos (PAL) e São Carlos (SCA), municípios limítrofes ao Rio Uruguai no Oeste de Santa Catarina. Nesses espaços, o alemão deixou de ser língua exclusiva de comunicação, mas segue presente em práticas diversas e dinâmicas que refletem tanto a persistência da tradição quanto a adaptação às novas realidades sociolinguísticas. Com base nesse contexto, formulou-se a seguinte pergunta de pesquisa: como os falantes mantêm, utilizam e percebem a língua alemã, considerando o contato com o português? Assim, o objetivo central é pesquisar a vitalidade da língua alemã falada com base nas percepções de seus falantes. Para isso, foram definidos quatro objetivos específicos: a) Verificar como os falantes denominam as línguas que falam; b) analisar o uso da língua alemã falada em contato com o português nos quatro pontos de pesquisa (ITA/SJO, MON, PAL e SCA) entre a geração mais velha (GII) e mais jovem (GI), mais escolarizados (Ca) e menos escolarizados (Cb), entre participantes do sexo masculino (M) e feminino (F), católicos e luteranos; c) descrever as percepções e crenças que os falantes da Ca e Cb (dimensão diastrática), GII e GI (dimensão diageracional) e das dimensões diatópicas (ITA/SJO, MON, PAL e SCA) têm em relação à língua alemã falada em sua comunidade; e, por fim, d) identificar ações que visam a manutenção da língua alemã nas localidades pesquisadas. Este estudo sociolinguístico orienta-se pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional (Thun, 1998, 2005), com dados coletados por meio da observação participante nos pontos de pesquisa e por meio de 32 entrevistas em alemão com falantes selecionados para atender às dimensões diatópicas (pontos de pesquisa), diastrática (Ca: Classe socioculturalmente alta - com ensino superior e Cb: Classe socioculturalmente baixa - com ensino básico), diageracional (GII: acima de 55 anos e GI: de 18 a 40 anos), diassexual (M: masculino e F: feminino), diarreligiosa (católicos e luteranos). Foram levantadas informações sobre possíveis ações da população e dos gestores em relação à língua alemã, com base em documentos e comentários metalinguísticos (dimensão diarreferencial). Os resultados indicam que a principal denominação atribuída à língua majoritária é *‘Brasilionisch’*. Já a língua minoritária recebeu duas denominações: *‘Deitsch’* e *‘Deutsch’*, associadas, respectivamente, a falantes católicos e luteranos. Além disso, as respostas dos falantes, principalmente na prefeitura e no comércio, indicam maior uso do alemão pela GI e pela Cb; além disso, indica uma sutil diferença na dimensão diassexual e maior uso nos pontos de coleta ITA/SJO e SCA, em que foram entrevistados falantes católicos. Quanto às percepções, o alemão é considerado

uma língua de prestígio; porém, muitos falantes apontam para sua substituição pelo português. Apenas um ponto de pesquisa, São João do Oeste, apresenta, atualmente, políticas linguísticas a favor da manutenção do alemão, como a cooficialização da língua e a oferta de aulas na grade escolar.

Palavras-chave: Vitalidade Linguística; Contato linguístico; Usos da língua alemã; Percepções de falantes *Deitsch/Deutsch*; Oeste Catarinense.

ABSTRACT

This study investigates the language vitality of spoken German in the municipalities of Itapiranga/São João do Oeste (ITA/SJO), Mondaí (MON), Palmitos (PAL), and São Carlos (SCA), located along the Uruguay River in western Santa Catarina, Brazil. In these communities, although German is no longer the exclusive language of communication, it remains present in diverse and dynamic social practices, reflecting both the persistence of tradition and adaptation to new sociolinguistic realities. The study is guided by the following research question: how do speakers maintain, use, and perceive the German language in contact with Portuguese? The main objective is to research the vitality of spoken German based on the perceptions of its speakers. To achieve this goal, the study aims to: a) verify how speakers name the languages they speak; b) analyze the use of spoken German in contact with Portuguese across the four research sites — ITA/SJO, MON, PAL, and SCA — considering the diagerational, diastratic, diasexual, and religious dimensions; c) describe speakers' perceptions and beliefs regarding spoken German in their communities; and d) identify actions aimed at maintaining the German language in the investigated localities. This sociolinguistic study is grounded in the assumptions of Pluridimensional and Relational Dialectology (Thun, 1998, 2005). Data were collected through participant observation and 32 interviews conducted in German with speakers selected according to diatopic, diastratic, diagerational, diasexual, and religious dimensions. Documentary sources and metalinguistic comments were also considered, encompassing the metareferential dimension. The results indicate that the majority language is predominantly referred to as *Brasilionisch*, whereas the minority language is identified as *Deutsch* and *Deitsch*, terms mainly associated with Catholic and Lutheran speakers, respectively. Regarding language use, the findings reveal greater use of German among younger speakers and among less educated participants, especially in contexts such as local government offices and commerce. Greater linguistic vitality was also observed in ITA/SJO and SCA, where Catholic speakers were interviewed. Concerning language perceptions, German is regarded as a prestigious language; however, many speakers point to its ongoing replacement by Portuguese. Only one of the investigated locations, São João do Oeste, currently presents institutional language policies aimed at maintaining German, such as language co-officialization and its inclusion in the school curriculum.

Keywords: Linguistic vitality; Language contact; Uses of German Language; *Deitsch/Deutsch* Speakers' Perceptions; Western Santa Catarina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Variáveis distintivas: tipos <i>Deutsch/Deitsch</i> do <i>Hunsrückisch</i> Rio-Grandense.....	27
Figura 1 – Espaço Variacional e Disciplinas da Variação.....	50
Figura 2 – Esquema com dimensões e parâmetros usados pelo ADDU.....	51
Figura 3 – Legenda de símbolos e siglas dos grupos de participantes.....	55
Quadro 2 – Dimensões de análise com os parâmetros e critérios usados na pesquisa.....	76
Quadro 3 – Cartograma dos grupos de entrevista em cruz, conforme as dimensões de análise, em cada ponto da pesquisa.....	77
Quadro 4 – Print da planilha <i>Excell</i> com transliterações de entrevistas.....	82
Quadro 5 – Percentual da população residente nas zonas urbana e rural.....	86
Quadro 6 – População católica e evangélica.....	92
Imagem 2 – Cemitério da Linha Diamantina-Palmitos/SC: em destaque a parte católica.....	95
Gráfico 1 – Estabelecimentos na zona urbana com falantes de alemão.....	109
Gráfico 2 – Falantes do tipo <i>Deitsch</i> e <i>Deutsch</i> por ponto de pesquisa.....	115
Gráfico 3 – Uso do alemão em diferentes espaços.....	141
Quadro 7 – Quadro relacional do uso da língua alemã.....	142
Imagem 3 – Anedota com <i>code-mixing</i> alemão e português.....	176

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa do Brasil com destaque para os locais da pesquisa e respectivos anos de início da colonização	19
Mapa 2 – Mapa da Colônia Porto Novo	62
Mapa 3 – Mapa do município de Palmitos-SC	69
Mapa 4 – Ponto ITA/SJO com a marcação da localização dos entrevistados	85
Mapa 5 – Ponto MON com a marcação da localização dos entrevistados	90
Mapa 6 – Ponto PAL com a marcação da localização dos entrevistados	94
Mapa 7 – Ponto SCA com a marcação da localização dos entrevistados	97
Mapa 8 – Exemplo de cartografia com dados da pesquisa	110
Mapa 9 – Quais línguas você fala?	113
Mapa 10 – E qual dialeto você fala?	117
Mapa 11 – Com quem você fala alemão? Familiares mais velhos	120
Mapa 12 – Com quem fala alemão? Familiares mais jovens	122
Mapa 13 – Uso do alemão na igreja	124
Mapa 14 – Uso do alemão na prefeitura ou posto de saúde	129
Mapa 15 – Uso do alemão no comércio	133
Mapa 16 – Qual língua você mais gosta de falar?	146
Mapa 17 – Tem pessoas que falam diferente de vocês?	151
Mapa 18 – As pessoas ainda valorizam a língua alemã?	165
Mapa 19 – Como você vê o futuro do dialeto?	174

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADR	Agência de Desenvolvimento Regional
ALCF	Atlas das Línguas em Contato na Fronteira
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALiB	Atlas Lingüístico do Brasil
ALMA-H	Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
BIRS	Bilinguismo no Rio Grande do Sul
Ca	Classe Socioculturalmente Alta
CAAE	Certificado de Apresentação para a Apreciação Ética
Cb	Classe Socioculturalmente Baixa
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
F	Entrevistada do sexo feminino
GI	Geração mais jovem
GII	Geração mais velha
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHLBrI	Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Lingüística
ITA	Itapiranga
M	Entrevistado do sexo masculino
MON	Mondaí
PAL	Palmitos
PMC	Plano Municipal de Cultura
PME	Plano Municipal de Educação
SCA	São Carlos
SJO	São João do Oeste
UCEFF	Unidade Central de Educação Faem Faculdade
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO.....	23
2.1.1 <i>Hunsrückisch, Deutsch, Deitsch</i>	25
2.2 PLURILINGUISMO E CONTATO LINGUÍSTICO.....	28
2.2.1 Empréstimos.....	32
2.2.2 <i>Code-switching</i>	33
2.2.3 Complexos variacionais.....	34
2.3 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA.....	36
2.4 FUNDAMENTOS NO CAMPO DAS PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS.....	40
2.4.1 Crenças e atitudes linguísticas.....	41
2.4.2 Identidade linguística.....	44
2.4.3 Preconceito linguístico.....	47
2.5 PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE.....	49
2.5.1 Dimensões sociais de análise.....	53
2.5.2 Esquemas de representação e análise dos dados.....	55
3 HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO NOS PONTOS DE PESQUISA.....	57
3.1 ITAPIRANGA/SÃO JOÃO DO OESTE (ITA/SJO).....	60
3.2 MONDAÍ (MON).....	67
3.3 PALMITOS (PAL).....	68
3.4 SÃO CARLOS (SCA).....	71
4 METODOLOGIA.....	75
4.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	75
4.2 O QUESTIONÁRIO.....	78
4.3 AS ENTREVISTAS.....	79
4.4 OS PONTOS DE COLETA DE DADOS EM TEMPOS ATUAIS.....	83
4.4.1 ITA/SJO - Itapiranga/São João do Oeste.....	84
4.4.2 MON - Mondai.....	90
4.4.3 PAL - Palmitos.....	93
4.4.4 SCA - São Carlos.....	96
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	101
5.1 APONTAMENTOS DO CADERNO DE CAMPO.....	101
5.1.1 Itapiranga.....	102
5.1.2 São João do Oeste.....	103
5.1.3 Mondai.....	104
5.1.4 Palmitos.....	106
5.1.5 São Carlos.....	107
5.1.6 Síntese da presença e uso do alemão no comércio.....	108

5.2 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS.....	109
5.2.1 Línguas faladas.....	112
5.2.2 Uso do alemão nos espaços sociais: casa, igreja, prefeitura e comércio.....	120
5.2.3 A língua preferida.....	145
5.2.4 Percepções dos falantes.....	151
5.2.5 Ações voltadas à manutenção e promoção da língua alemã.....	183
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	189
REFERÊNCIAS.....	193
APÊNDICE – Imagens de paisagens linguísticas.....	206

1 INTRODUÇÃO

“Alemão em casa e português na escola: essas eram minhas línguas até terminar o Ensino Médio. Em casa era conversa com pais, irmãos, vovô, vizinhos e parceiros de trabalho, como entregadores, técnicos ou diaristas. Na escola, eu aprendi a ler e escrever em português, estudei sobre números, natureza e ideias. Mas em casa também usava o português ao assistir televisão, ouvir rádio, fazer o tema de casa, ler livros e revistas, ou conversar com algum técnico que não sabia alemão. Na escola eu também conversava com colegas e primos em alemão, baixinho durante as aulas, escondido nos intervalos. As duas línguas conviviam, não harmoniosamente, cada uma com seu espaço de predomínio e adentrando o outro espaço, mesmo sem ter licença para isso.” (Ruscheinsky, 2026).

A presente tese tem como **tema central** a vitalidade linguística da língua alemã em Itapiranga e São João do Oeste (ITA/SJO), Mondaí (MON), Palmitos (PAL) e São Carlos (SCA), municípios limítrofes com o Rio Uruguai, no Oeste de Santa Catarina. O território em questão, onde antes povos originários viviam, passou a ser sistematicamente colonizado¹ a partir da década de 1920, principalmente por descendentes de alemães e italianos vindos de diferentes regiões do Rio Grande do Sul e da Europa.

Da mesma forma como os colonizadores trouxeram consigo a religião, a cultura e seus conhecimentos, trouxeram também sua língua: alemão, italiano, português e outras, o “que alterou a paisagem linguística sobretudo no Sul do Brasil” (Raso, Mello e Altenhofen, 2011, p. 37). Esse contexto resultou na formação de áreas linguísticas bilíngues, interpretadas por Koch (2000) com base nas cartas fonético-fonológicas do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Em relação à colonização alemã no Rio Grande do Sul, há 50 anos Bunse (1969, p. 20) já mencionou a existência de variedades, apesar dos poucos dados disponíveis: “já se pode verificar a existência de diferenças dialetais na zona de colonização alemã”.

Em decorrência desse processo, os quatro pontos de pesquisa² apresentam falantes bilíngues, como demonstram os estudos de Pauli (2001), Ruscheinsky (2014), Wolschick (2016), Hasselstron (2018), Bernieri (2018), entre outros. Itapiranga e Palmitos fazem parte da rede de pontos de inquéritos rurais do ALERS, correspondendo aos pontos de pesquisa 426 e 429, respectivamente. Além disso, Itapiranga/São João do Oeste e São Carlos são localidades de pesquisa da variedade *Hunsrückisch* do Atlas Linguístico-Contatual das

¹ Usamos os termos “colonização”, “colonizado”, e “colônia” em consonância com o vocabulário utilizado durante o período, preservando as designações oficiais de projetos (como a *Volksverein-Kolonie* Porto Novo) e de empresas (como a Empresa Colonizadora Chapecó-Peperi). Essa terminologia refere-se aos assentamentos organizados para ocupação de territórios, ou seja, as colônias de terras.

² Neste trabalho, as expressões “ponto de pesquisa/inquérito/entrevista” ou, simplesmente, “ponto” referem-se ao ponto assinalado no mapa cartográfico para representar a localização geográfica em que a pesquisa foi realizada.

Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), e correspondem aos pontos SC06 e SC05, respectivamente. Esse projeto também identificou grupos locais de falantes de vestfaliano e bessarabiano, presentes em Itapiranga e Mondaí³. Entretanto, há lacunas sobre o uso da língua alemã e as percepções dos falantes.

Passados 100 anos desse processo (i)migratório, a quarta ou quinta geração desses migrantes continua falando alemão. Da mesma forma, a autora desta tese adquiriu a língua alemã durante a infância e ainda a usa nas conversas com a mãe, com familiares, amigos e vizinhos. Essa situação é uma das motivações deste estudo e gerou a seguinte **pergunta geral de pesquisa**: De que forma descendentes de alemães residentes ao longo do Rio Uruguai, no Oeste Catarinense, mantêm e utilizam a língua alemã em situação de contato com o português? Outra peculiaridade que motiva esta pesquisa é a diversidade linguística presente na sala de aula em que a pesquisadora atua. Essa diversidade é perceptível na presença do português como língua oficial do país e, conseqüentemente, a língua majoritária no ensino. O inglês como língua estrangeira e língua alvo, aprendida para instrumentalizar o acesso ao mercado de trabalho; e o alemão, usado por pequenos grupos de alunos para conversar sobre seus interesses, explicar o conteúdo que o outro não entendeu ou, até mesmo, para xingar. O alemão, como língua minoritária⁴, é usado principalmente no ambiente familiar e cada vez menos frequente nas rodas de amigos, na rua e em ambientes público-administrativos.

A justificativa desta pesquisa repousa, portanto, na **necessidade de compreender e documentar o uso da língua alemã oral no Oeste Catarinense**, região em que o contato entre o alemão e o português permanece ativo, embora em constante transformação. Trata-se de um estudo que se insere no esforço de valorização das línguas minoritárias e das práticas bilíngues como componentes do patrimônio imaterial brasileiro, contribuindo para a reflexão sobre políticas linguísticas, transmissão intergeracional e memória cultural. Nesse sentido, ressalta-se o papel das famílias e das comunidades próximas ao Rio Uruguai como agentes fundamentais no processo de manutenção linguística.

Sob essa perspectiva, formulamos as seguintes **perguntas específicas de pesquisa** para este estudo:

1) Como os falantes nomeiam as línguas que falam? ou, qual o nome dessas línguas?

Traduzido para a língua objeto de estudo desta pesquisa: *Was fo Sproche gebe gesprochen?*

³ Informações disponíveis em: <https://www.ufrgs.br/projalma/variedades-do-alemao/>. Acesso em: 02 mai. 2025.

⁴ Conforme Altenhofen (2013, p. 94) o termo língua minoritária se refere a “línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante”.

2) Onde o alemão ainda é falado? Em outras palavras, quem fala a língua alemã, onde e como? *Wo gibt Deutsch/Deutsch noch gesprochen?*

3) Quais as percepções dos falantes acerca de suas línguas? Ou seja, como os falantes percebem sua língua? *Was merke die Leit iwer sein Sproch?*

4) O que é feito para manter o uso da língua alemã? E quais ações de manutenção linguística ocorrem nos pontos de pesquisa? *Was gebt gemacht fo die Sproch weiter unnerhalle?*

Assim, o **objetivo geral** da presente tese é pesquisar a vitalidade linguística da língua alemã com base nas denominações, nos usos, nas percepções e na manutenção linguística de seus falantes em Itapiranga e São João do Oeste, Mondaí, Palmitos e São Carlos, no Oeste de Santa Catarina, a partir da metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional. Em muitos desses espaços, o alemão deixou de ser língua exclusiva de comunicação, mas segue presente em práticas multilíngues e dinâmicas que refletem tanto a persistência da tradição quanto a adaptação às novas realidades sociolinguísticas. Por meio da observação em campo, leitura de documentos, realização e análise de entrevistas, almejamos delinear um panorama atual dos usos da língua alemã na região, considerando especialmente as denominações atribuídas a essa língua pelos falantes, os contextos de uso, as percepções linguísticas dos falantes e as ações públicas que podem influenciar sua manutenção.

Em virtude disso, estabelecemos os seguintes **objetivos específicos e hipóteses de pesquisa**:

- a. Verificar como os falantes denominam as línguas que falam.

Para este objetivo específico, hipotetizamos que, na dimensão diatópica, os participantes de MON e PAL usem o termo *Deutsch* e de ITA/SJO e SCA usem *Deitsch*, conforme estudos de Wolschick (2016) e Bernieri (2017), e que os termos *Hunsrick* e *Hunsrückisch* sejam aceitos depois da sugestão. Além disso, pressupomos que, na dimensão diastrática, principalmente o grupo Cb utilize o termo *língua brasileira*, ou as traduções na variedade falada do alemão, tais como: *Brasilianisch*, *Brasilionisch*, *Bresilianisch*, *Brosilionisch*, entre outras. Isso possivelmente ocorre em função da baixa escolaridade e, conseqüentemente, do menor contato com a língua portuguesa. Em contraste, partimos do pressuposto de que o grupo da Ca tende a empregar a denominação *português*.

- b. Analisar, nos quatro pontos de pesquisa (ITA/SJO, MON, PAL e SCA), o uso da língua alemã falada nos domínios familiar, religioso, institucional e comercial, considerando as dimensões diageracional, diastrática, diassexual e diarreligiosa.

Para este objetivo específico, hipotetizamos que o alemão seja utilizado no âmbito familiar pela maioria dos participantes, em todas as dimensões analisadas, por constituir sua língua materna e estar fortemente associado às práticas comunicativas familiares. Supomos ainda que os falantes dos pontos MON e PAL usem o alemão, com mais intensidade se comparados aos pontos ITA/SJO e SCA, na igreja, pois a religião evangélica luterana valoriza a presença da língua alemã nas atividades religiosas, segundo Willems (1940). Devido ao modo de colonização homogêneo dos pontos ITA/SJO e SCA, supomos que os falantes desses pontos usem mais o alemão no comércio e na prefeitura, em relação aos falantes dos pontos MON e PAL. Também supomos que os falantes do município de São João do Oeste (parte do ponto ITA/SJO) usem o alemão na prefeitura e posto de saúde, pois a língua alemã é cooficial nesse município, como exposto por Frizzo, Ruscheinsky e Krug (2023).

- c. descrever as percepções e crenças que os participantes têm em relação ao *status* e manutenção da língua.

Neste objetivo, hipotetizamos que os participantes valorizam a língua alemã e reconheçam a presença expressiva de falantes ativos nos pontos de pesquisa. Além disso, supomos que as participantes (F) apresentem maior preferência pelo uso do alemão como forma de preservação e valorização dessa variedade linguística. Quanto à manutenção da língua, pressupomos que os falantes projetem uma redução no número de falantes de alemão nos pontos analisados em um intervalo aproximado de 20 anos.

- d. identificar ações que visam a manutenção e promoção da língua alemã nos locais pesquisados.

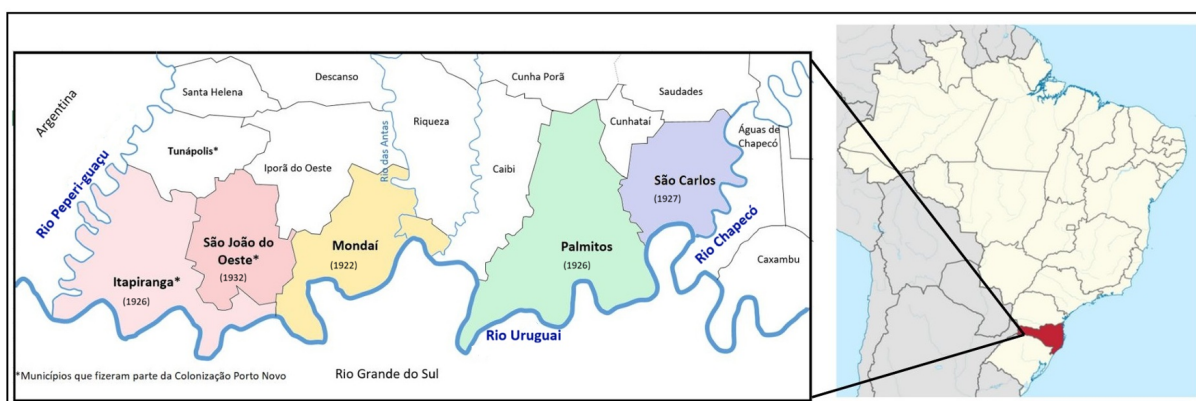
Nossa hipótese é que os pontos com maior uso da língua alemã apresentem mais ações de promoção e manutenção linguística, em decorrência do prestígio atribuído a essa língua.

Os pontos de pesquisa situam-se em um território, compreendido entre o Rio Chapecó e o Rio Peperi-guaçu⁵, que margeia o Rio Uruguai. O Rio Peperi-guaçu é responsável por delimitar a fronteira com a Argentina. A área abrange pouco mais de mil quilômetros quadrados e reúne mais de 58.000 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2022 do IBGE. Na década de 2020, registrou-se o centenário do processo de colonização desse território. Seu processo de ocupação foi promovido por empresas colonizadoras como a Cia. Territorial Sul Brasil, Chapecó Peperi Ltda e *Volksverein* – Sociedade União Popular (Jungblut, 2000; Werlang, 1992). Essas companhias tinham como objetivo demarcar grandes extensões de terras (ocupadas por povos indígenas e populações caboclas, embora

⁵ Apenas o município de Caibi-SC, que faz parte desse território, não foi inserido nesta pesquisa. Os motivos para a escolha dos pontos para a coleta de dados estão expostos na seção 4.4 Os pontos de coleta.

classificadas como “não colonizadas” pelos agentes oficiais) e vendê-las para agricultores provenientes do Rio Grande do Sul ou diretamente de países europeus, com a finalidade de fortalecer o processo de colonização. A fim de estabelecer uma coesão sociocultural, determinadas áreas de lotes eram destinadas exclusivamente para etnias e credos específicos, como é o caso da Colônia Porto Novo (território que atualmente corresponde aos municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis) que foi planejada e vendida para alemães de religião católica e seus descendentes. Já Porto Feliz (atual município de Mondaí) foi destinada a alemães de religião luterana e seus descendentes. O Mapa 1 destaca os locais da pesquisa e o ano de início da colonização, ou seja, o início da demarcação e venda de lotes de terra para migrantes.

Mapa 1 – Mapa do Brasil com destaque para os locais da pesquisa e respectivos anos de início da colonização



Fonte: Ruscheinsky (2026).

A colonização das terras às margens do Rio Uruguai trouxe sucessivas levas de descendentes de alemães, ao mesmo tempo em que expulsou povos indígenas e caboclos que ainda ali viviam. Esse processo trouxe diferentes formas de desenvolvimento, mas também desencadeou destruição. Nesse contexto, as interações sociais que ocorriam em língua alemã e suas variedades passaram por adaptações, foram proibidas durante a época de Getúlio Vargas e, depois disso, foram recolocadas nas interações públicas.

A fim de contemplar a complexidade desses contatos linguísticos, este estudo sociolinguístico fundamenta-se nos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional (Thun, 1998, 2005), modelo teórico-metodológico que permite coletar e analisar dados a partir de múltiplas variáveis linguísticas e extralinguísticas. Como afirma Coseriu (1982, p. 16), ninguém fala “o português” ou “o espanhol”, mas sim “*se habla es siempre alguna forma*”.

determinada del español". Esses modos individuais de fala aumentam quando se está em contato com diferentes línguas, como é o caso do contato linguístico entre as línguas de imigração e o português. De acordo com Weedwood (2002, p. 146), a sociolinguística se destaca "em seu estudo das relações sociais que existem entre os participantes, e do modo como o contexto extralinguístico, a atividade e o tema da conversa regulam a escolha de aspectos e variedades linguísticas". Nesse sentido, um dos desafios dos estudos sociolinguísticos consiste em incorporar diferentes dimensões variacionais, analisá-las de forma integrada e identificar as correlações existentes entre elas.

Para organizar a análise da variação linguística e extralinguística, Thun (1998) propôs o princípio da pluridimensionalidade, que abrange a escolha dos participantes das entrevistas e das dimensões a serem analisadas, a saber: diatópica, diarreligiosa diageracional, diassexual, diastrática, diafásica e diarreferencial. A correlação das dimensões possibilita a análise das relações dessa combinação, permitindo uma aproximação mais consistente dos dados reais de fala e dos processos de mudança linguística.

A dimensão diatópica compreende os pontos ITA/SJO, MON, PAL, SCA, todos localizados em territórios que passaram por processos de colonização semelhantes, embora cada um apresente suas particularidades. Itapiranga e São João do Oeste (antiga colonização Porto Novo) foram destinados exclusivamente para colonizadores alemães – natos ou descendentes – de religião católica, conforme o folheto de propaganda da colonizadora de 1932⁶. Essa característica persiste na religião atualmente, sendo que 87% e 96% da população de cada município, respectivamente, é de religião católica, conforme o Censo do IBGE de 2022⁷. Já "Mondai foi planejada para ser uma colonização evangélica"⁸, de acordo com Werlang (2002, p. 42). Entretanto, como indica Wolschick (2016), isso "não deu muito certo" e 46% da população é evangélica, de acordo com os resultados preliminares do Censo do IBGE de 2022.

Essa organização comunitária também foi preocupação da Cia Sul Brasil, que se valeu dos rios como referência para a divisão, conforme Werlang (2002). As terras localizadas atualmente em São Carlos foram destinadas aos alemães católicos e as terras de Palmitos para os alemães evangélicos luteranos. Como o fluxo de italianos foi maior que o previsto, as terras de Palmitos também foram destinadas aos italianos. Os dados do IBGE de 2022

⁶ "Hier soll eine geschlossene Siedlung Deutschstämmiger Katholischer Bauern erstehen" (Middeldorf, 1932, p. 6). "Aqui está prevista uma colônia fechada para agricultores católicos descendentes de alemães"

⁷ Disponível em <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=10>. Acesso em: 6 abr. 2026.

⁸ Trata-se da Igreja Evangélica de Confissão Luterana - IECLB.

apontam para a continuidade dessa característica: em São Carlos 83% da população é da religião católica e em Palmitos soma-se 69% de católicos e quase 27% de evangélicos luteranos.

Assim, a dimensão diarreligiosa abarca as religiões católica e evangélica luterana, sendo que nos pontos ITA/SJO e SCA, os participantes das entrevistas são católicos e os falantes de MON e PAL são luteranos. Dessa forma, tem-se 16 participantes católicos e 16 luteranos. A língua alemã tem grande importância no contexto religioso, pois com a tradução da Bíblia para o alemão por Martinho Lutero (Martin Luther), a língua passou a constituir um instrumento de comunicação e de expressão da confessionalidade luterana.

A dimensão diageracional abrange a geração mais jovem (GI), com 16 participantes entre 18 e 40 anos, e a geração mais velha (GII), com 16 falantes acima de 55 anos. Alguns estudos (Wolschick, 2016; Bernieri, 2017; Hasselstron, 2018) mostram a tendência de a GI não usar a língua minoritária com tanta frequência quanto a GII, assim como há menos falantes bilíngues da GI. Essas diferenças podem estar associadas a fatores extralinguísticos, como a busca por atividades laborais e acadêmicas em centros mais urbanizados, além de aspectos relacionados à própria identidade linguística desses falantes mais jovens.

A dimensão diassexual tem como critério o sexo biológico dos participantes da pesquisa, considerando a distinção entre masculino e feminino. Wolschick (2016) constatou que as mulheres estão mais propensas à substituição linguística em favor da língua majoritária. Esta dimensão também é a que apresenta maior disparidade no estudo de Ruscheinsky (2014), em que as mulheres usam a variante *uma vez* com mais frequência que os homens, além de não apresentarem comentários estigmatizados. Assim, percebe-se que a dimensão diassexual apresenta dados importantes em relação à variação, manutenção e substituição linguística.

O grau de escolaridade define a escolha dos participantes em relação à dimensão diastrática. São 16 participantes com escolaridade até o Ensino Médio denominados como Classe (socioculturalmente) Baixa – Cb – e os outros 16 com Ensino Superior incompleto ou completo, ou seja, a Classe (socioculturalmente) Alta – Ca. Os pesquisadores Krug, Ruscheinsky e Horst (2019) apontam para a hipótese de que quando entrevistador e falante são da mesma classe sociocultural, pode haver menos monitoramento na fala por parte do participante da pesquisa.

Neste estudo, a dimensão diarreferencial é mobilizada para analisar, de forma qualitativa, as percepções dos participantes acerca dos significados sociais atribuídos às

variedades e variantes linguísticas. Essa dimensão permite captar as autopercepções dos falantes de alemão em relação às línguas que utilizam ou deixam de utilizar no cotidiano.

A fim de compreender essas dimensões variacionais, os dados são coletados por meio de observação participante, anotações no caderno de campo e de entrevistas. Além disso, leituras foram realizadas com base em documentos administrativos, em especial, os Planos Municipais de Educação e de Cultura, para verificar informações sobre possíveis ações por parte da população e de gestores em relação à promoção e manutenção da língua alemã local. Também foi realizado um levantamento em estabelecimentos comerciais das cidades, com o objetivo de verificar a ocorrência de interlocução em alemão nesses contextos. Para tanto, a entrevistadora entrou em lojas e simulou uma situação cotidiana de atendimento, iniciando a interação com os vendedores em língua alemã. Por fim, a entrevista, com base em um questionário bilíngue português-alemão, ocorreu em dia e horário previamente agendados com os participantes. Ela foi realizada majoritariamente na língua minoritária, com os entrevistados respondendo às perguntas formuladas pela pesquisadora da presente tese.

Na organização da tese, optou-se pela estruturação textual em seis capítulos. Após a introdução, o capítulo 2 expõe o arcabouço teórico que orienta a pesquisa, abrangendo línguas de imigração, plurilinguismo e contato linguístico, manutenção e substituição linguística, fundamentos no campo das percepções e o princípio da pluridimensionalidade. Na sequência, o capítulo 3 contextualiza historicamente a colonização do Oeste Catarinense, com foco nos municípios que constituem os pontos de pesquisa e nas línguas dos migrantes enquanto patrimônio imaterial. Com base na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, o capítulo 4 apresenta os critérios de seleção dos pontos de pesquisa e da seleção dos participantes, o questionário, os procedimentos de coleta e as características socioeconômicas e educacionais atuais das localidades, enfatizando a presença da língua alemã em políticas públicas da esfera municipal. Na sequência, o capítulo 5 apresenta a análise dos dados provenientes da observação participante, do levantamento sobre a presença de falantes de alemão em áreas urbanas e das entrevistas realizadas em áreas rurais e centrais de cada ponto selecionado. Por fim, o capítulo 6 apresenta as considerações finais, seguidas pelas referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Após concluir o Ensino Médio, chegou o tempo de “ir pra faculdade”. Chegou a língua inglesa, mais forte, para dentro do meu cotidiano. Precisei aprender essa nova língua para concluir a licenciatura em Inglês. No curso de Letras, estudei a gramática; participava de aulas de conversação e monitorias; preparava apresentações baseadas em vídeos do noticiário da BBC; ouvia áudios, repetia e comparava as duas falas no Laboratório de Línguas; seguia as instruções de professores sobre formas de aprendizagem de língua estrangeira; tentava manter diálogos com colegas que já estudaram muito o inglês e tinha certeza de que um dia falaria assim como elas. Passei a definir-me como bilíngue, não por causa do inglês, mas devido ao alemão, que persistia no meu cotidiano enquanto morava na Casa do Estudante Universitário II, onde conversava com meus irmãos, primos e amigos da mesma região em que cresci. No Curso de Letras, aprendi inglês e teorias. Na Casa do Estudante, aprendi que os brasileiros são muito diferentes e seus modos de falar também variam. Com isso, também percebi que eu era diferente.” (Ruscheinsky, 2026).

Esta continuação do prólogo da introdução retrata o contato com pessoas de todo país, a necessidade da aprendizagem de uma língua estrangeira e os conceitos dessas realidades. Tudo isso serve de inspiração para a abordagem das perspectivas teóricas desta tese. Neste capítulo, a base teórica que fundamenta este estudo é apresentada. A língua de imigração, o *Hunsrückisch*, o plurilinguismo e o contato com o português e suas consequências, a manutenção e substituição da língua. Discutiui-se fundamentos no campo das percepções linguísticas, como crenças e atitudes, identidade linguística e preconceito. Ao final deste capítulo, o princípio da pluridimensionalidade foi apresentado como base teórica e metodológica que orienta a presente pesquisa.

2.1 LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO

O contexto de migração e colonização ocorrido na região de pesquisa possibilitou a presença da língua alemã, uma língua de imigração, trazida pelos imigrantes da Alemanha para o Brasil a partir de 1824, ou seja, a “língua diferente vinda de fora” (Altenhofen e Margotti, 2011). Essa língua continua em uso atualmente nas primeiras colonizações no Rio Grande do Sul e também em terras catarinenses, paranaenses e outras, onde há descendentes de imigrantes alemães. Dessa forma, atualmente, o alemão pode ser considerado língua minoritária para os seus falantes, visto que é usado em contextos do cotidiano como em casa, entre amigos ou vizinhos e geralmente, em situações mais informais. Altenhofen (2013, p. 94) conceitua línguas minoritárias como “línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante”. A língua alemã é adquirida com a família, a primeira

língua, a língua materna, às vezes, a única língua conhecida pelo falante descendente de imigrantes alemães antes de ingressar na escola. Em alguns casos, os participantes da pesquisa adquiriram as duas línguas simultaneamente, situações em que ou a família usa as duas línguas devido aos irmãos maiores que já frequentam a escola ou há muita presença do português através de mídias como rádio e televisão. No entanto, o contexto escolar atual não deixa de ser um grande centro monolingualizador, conforme Horst e Krug (2020, p. 1277) destacam: “pelo fato de sofrerem preconceito linguístico em escolas que não estão preparadas para receber alunos que não falam português, acabam deixando de falar suas variedades em casa, até por orientação de professores.”

Para a fundamentação teórica da tese, recorreu-se ao conceito de “língua histórica” de Coseriu (1982, 2017), que foi definida como “uma língua historicamente delimitada como tal por outras línguas, cujo *status* é reconhecido historicamente” (Coseriu, 2017, p. 12). Conforme Coseriu (1982) afirma, a língua histórica, por ser um conjunto de sistemas linguísticos interdependentes, não funciona, ou não se fala, como tal; ou seja, funciona com base em suas variedades, nos modos de falar. Assim, nesta tese, ao nos referirmos à “língua alemã” ou “língua portuguesa”, buscamos abranger suas variedades, pois é nelas que a língua se realiza.

Como o alemão não é ou não foi estudado na escola pela maioria dos falantes entrevistados, eles têm menos proficiência na vida adulta, apresentam mais dificuldades para falar de forma natural, inclusive podem incluir mais empréstimos linguísticos do português no alemão ou alternar entre as duas línguas, expressar-se de forma mais lenta ou com estruturas gramaticais menos complexas. Assim, podem sentir-se menos fluentes no alemão, isto é, sentir certa insegurança para se comunicar de forma clara e espontânea, principalmente quando se comparam a falantes monolíngues de alemão.

As características desses falantes de alemão são semelhantes ao que Aalberse, Backus e Muysken (2019) descreveram e, com isso, definem a língua falada por esse grupo de língua de herança. Com base nisso, o alemão é a língua de herança pois não é a língua oficial, não é a língua dominante do falante na vida adulta, apresenta estruturas gramaticais mais simples e com *code-switching*. Os autores ainda mencionam que o termo “herança” se refere ao conhecimento ou bens do passado que podem ser usados no presente e no futuro. Nesse sentido, não só o alemão, como também o português podem ser considerados língua de herança destes falantes, pois é um conhecimento do passado do falante e de seus antecedentes em uso no presente. Evidentemente, os autores descrevem as demais características, como não ser a língua oficial do território em que é falada, o que já exclui o português como língua de

herança no Brasil e, possivelmente, casos em que o alemão é considerado cooficial. Entretanto, devido à nomenclatura usada possibilitar outras interpretações, preferimos usar o termo *língua de imigração* ao nos referir à língua alemã no Brasil.

No sentido genérico do termo, o alemão falado pelos teuto-brasileiros é uma língua ou um sistema heterogêneo, cujos subsistemas podem ser definidos e classificados pela associação a sua origem histórica e geográfica, a certos grupos de fala, e também pela autodenominação pelos próprios falantes. Nos pontos de pesquisa desta tese, a população, assim como órgãos governamentais⁹, denominam a língua alemã local como “*Deitsch*”, “*Deutsch*”, “*dialeto hunsrück*” e “*Hunsrückisch*”.

2.1.1 *Hunsrückisch, Deutsch, Deitsch*

Uma variedade da língua alemã muito presente nos pontos de pesquisa é o *Hunsrückisch*, língua de imigração com base linguística originária da região centro-oeste da Alemanha. Com isso, quando aparece o termo “língua alemã” nesta tese, referimo-nos a essa variedade falada nos pontos de pesquisa; já outras variedades, como *Hochdeutsch* e vestfaliano, são nomeadas de acordo com o termo usado nos documentos e por seus falantes. Conforme está definido no livro do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI), o *Hunsrückisch*:

engloba um contínuo de variantes linguísticas que se estende do francônio-moselano ([+dialetal]) ao francônio-renano ([+próximo do *standard*]) e que, ao longo de sua história no novo mundo, a partir de 1824, agrega influências de contatos linguísticos com demais variedades do alemão, em especial do *Hochdeutsch* local, e com o português e demais línguas faladas no entorno (Altenhofen, *et al.*, 2022, p. 37).

Assim, é possível descrever o *Hunsrückisch* como uma variedade dialetal do alemão, podendo ser vista como uma língua, no sentido de Coseriu (1982, 2017), e também como uma língua de imigração, de acordo com seu *status* social e linguístico-político no Brasil. Nesse contínuo variacional, estão as variantes [+dialetais], também caracterizadas como variantes “tipo *Deitsch*”, como em *kleen*, *Feier*, *Boom*, *Johre*¹⁰, e as variantes [+standard], também conhecidas por variantes “tipo *Deutsch*”, como, por exemplo, *klein*, *Feuer*, *Baum*, *Jahre*, conforme Altenhofen (2016, p. 120) e Meyer (2009, p. 25).

⁹ Ver Seção 4.4, sobre os pontos de coleta.

¹⁰ Tradução das variantes: pequeno/a, fogo, árvore, anos.

Não há uma delimitação clara entre os tipos, pois as variáveis genéricas e a variação interna dificultam sua classificação. Um fator que auxilia na delimitação é o período da imigração, visto que entre 1824 e 1850 não havia uma unidade linguística padrão na Alemanha, assim como a variedade escrita não era efetivamente difundida. Com isso, os primeiros imigrantes, em geral, não tiveram acesso à escrita, usando principalmente as variantes tipo *Deitsch*. Os imigrantes que migraram depois de 1850 tiveram acesso à escola e à língua mais padronizada e, possivelmente, já dominavam, em partes, a escrita e a leitura, o que pode justificar o uso de variantes [+padrão], ou seja, *Deutsch*.

A região de origem dos falantes de alemão e sua variedade de fala são variáveis consideradas para estipular a área linguística das variantes. Ou seja, é preciso considerar a origem dos imigrantes, se vieram diretamente da Alemanha ou se são descendentes de imigrantes já fixados no Brasil. No caso dos participantes que foram entrevistados para esta tese, muitos descreveram ter migrado do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense ou são descendentes destes migrantes e, por isso, ainda continuam mantendo contato com parentes ou conhecidos do estado vizinho.

Altenhofen (2016) e Meyer (2009) descrevem os aspectos das línguas nas colônias novas, considerando a topodinâmica dos migrantes, focados no ponto SC06 (Itapiranga e São João do Oeste). Esse ponto recebeu, segundo os pesquisadores, colonos provenientes das duas áreas linguísticas das colônias velhas, ou seja, a área tipo *Deitsch*, colônias mais antigas, como o ponto RS11 (Lajeado/Forquetinha) e a área tipo *Deutsch*, colônias com imigrantes pós 1850, como o ponto RS12 (Venâncio Aires). Os dados indicam, neste caso,

uma clara oposição entre o Hunsrückisch da geração mais velha ([+padrão]) e da geração mais jovem ([+dialetal]) e, portanto, uma mudança entre os falantes mais jovens no sentido do uso de variantes *deitsch*, ou seja, [+dialetais], e não de *deutsch* [+padrão], como seria de se esperar. (Altenhofen, 2016, p. 122, tradução nossa¹¹).

Ainda em relação ao tipo *Deitsch* e *Deutsch*, Wolschick (2016, p. 99) demonstra a existência dos dois tipos nos municípios de São João do Oeste e Mondaí (nesta tese, os pontos de pesquisa ITA/SJO e MON) com diferenças fonológicas como “*Strass (Deutsch) / Strooss (Deitsch); Nebel (Deutsch) / Näwel (Deitsch)*”.

¹¹ Do alemão “*in diesem Fall eine klare Opposition zwischen dem Hunsrückischen der älteren ([+deutsch]) und jüngeren Generation ([+deitsch]) und somit einen Wandel bei den jüngeren Sprechern in Richtung des Gebrauchs deutscher also [+dialektaler] und nicht deutscher [+standardsprachlicher] Varianten, wie zu erwarten wäre*”.

Como falante de *Hunsrückisch*, e com base na tabela de variáveis distintivas do tipo *Deutsch* e *Deitsch* (Altenhofen, 2016, p. 120 e Meyer, 2009, p. 25), a autora desta tese considera que usa, majoritariamente, as variantes do tipo *Deitsch*, como *kleen*, *Feier*, *loofe*, *Stroß*, *planze* e *Gummer*¹². Porém, também utiliza variantes do tipo *Deutsch*, como *bist*, *schreibe* e *Friedhof*¹³. Altenhofen *et al.* (2022, p. 68) exemplificam os usos distintos das variantes *Deutsch* e *Deitsch*, reunidas e traduzidas na tabela a seguir.

Quadro 1 – Variáveis distintivas: tipos *Deutsch/Deitsch* do *Hunsrückisch* Rio-Grandense

Variáveis	Variantes do tipo „Deutsch“	Variantes do tipo „Deitsch“
Mhd. <i>iu</i>	[ɔʔ] <i>Deutsch</i> ‘alemão’, <i>Feuer</i> ‘fogo’, <i>heut</i> ‘hoje’ (hdt. <i>heute</i>)	[aʔ] <i>Deitsch</i> , <i>Feier</i> , <i>heit</i>
Mhd. <i>ei</i>	[aʔ] <i>Reis</i> ‘viagem (hdt. <i>Reise</i>)’, <i>klein</i> ‘pequeno’, <i>allein</i> ‘sozinho’	[aʔ] <i>Rees</i> , <i>kleen</i> , (a) <i>lleen</i>
Mhd. <i>ie</i>	[i:] <i>veliere</i> ‘perder’, <i>Schmier</i> ‘chimia, pasta de frutas para passar no pão’, <i>namoriere</i> ‘> pt. namorar’	[e:] <i>veleere</i> , <i>Schmeer</i> , <i>namoreere</i>
Mhd. <i>ou</i>	[aʔ] <i>Baum</i> ‘árvore’, <i>auch</i> ‘também’, <i>laufe</i> ‘correr’	[ɔ:] <i>Boom</i> , <i>ooch</i> , <i>loofe</i>
Mhd. <i>a</i>	[a:] <i>Hahn</i> ‘galo’, <i>Fadem</i> ‘fio’ (hdt. <i>Faden</i>), <i>sahn</i> var. <i>saache</i> ‘dizer’ (hdt. <i>sagen</i>)	[ɔ:] <i>Hoohn</i> , <i>Foodem</i> , <i>soohn</i>
Mhd. <i>â</i>	[ɔ:] var. [o:] var. [a:] <i>Jahre</i> ‘anos’, <i>Straß</i> ‘rua’ (hdt. <i>Straße</i>), <i>schlafe</i> ‘dormir’, <i>fraache</i> ‘perguntar’ (hdt. <i>fragen</i>)	[o:] <i>Johre</i> , <i>Stroß</i> , <i>schlofe</i> , <i>frohe</i>
Wgerm. <i>pf</i>	[f] <i>Fiesich</i> var. <i>Firsich</i> ‘pêssego’ (hdt. <i>Pfirsich</i>), <i>flanze</i> ‘plantar’ (hdt. <i>pflanzen</i>)	[p] <i>Pesch</i> , <i>planze</i>
Wgerm. <i>g</i>	[ç, x] <i>reechne</i> ‘chover’ (hdt. <i>regnen</i>), <i>Vochel</i> ‘pássaro’ (hdt. <i>Vogel</i>)	[zero] <i>reene</i> , <i>Vohl</i>
Wgerm. <i>b</i>	[b] <i>lebe</i> ‘viver’, <i>schreibe</i> ‘escrever’	[v] <i>lewe</i> , <i>schreiwe</i>
<i>Lexik</i>	z.B. <i>Fead</i> ‘cavalo’ (hdt. <i>Pferd</i>), <i>Gorke</i> ‘pepino’ (hdt. <i>Gurke</i>), <i>Friedhof</i> ‘cemitério’	z.B. <i>Gaul</i> , <i>Gummer</i> , <i>Kerrichuff</i>

Fonte: Adaptado de Altenhofen (2016, p. 120)

Fonte: Altenhofen *et al.*, (2022, p. 68).

Diante do exposto, a realidade linguística do *Hunsrückisch* no Brasil é caracterizada por um contínuo de variantes que reflete tanto a diacronia da imigração quanto a sincronicidade dos contatos linguísticos locais. A coexistência dos tipos *Deitsch* e *Deutsch*, e

¹² Em português: pequeno/a, fogo, caminhar, rua, plantar, pepino.

¹³ Em português: ser, escrever, cemitério.

as variações internas observadas, sublinham a natureza dinâmica dessa língua de imigração. Para compreender plenamente a evolução e a vitalidade do *Hunsrückisch* atualmente, é necessário aprofundar a análise sob a lente do plurilinguismo e contato linguístico, investigando como a interação constante com o português e outras línguas molda sua estrutura e uso social.

2.2 PLURILINGUISMO E CONTATO LINGUÍSTICO

O bilinguismo faz parte do cotidiano de grande parte da população mundial. Estima-se que metade dessa população, se não mais, é bilíngue (Grosjean, 2010). O contato linguístico também é inerente aos humanos que interagem e convivem em sociedade. Segundo Savedra, Gaio e Neto (2015, p. 73), “não há evidências de línguas que tenham se desenvolvido completamente isoladas. Esse contato pode ser mais ou menos intenso em alguns lugares e em alguma época específica”. O uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo é uma característica aceita recentemente para descrever o bilinguismo¹⁴, conforme Mackey (1972), ao contrário da descrição de “domínio de duas línguas a nível de falante nativo” (Bloomfield, 1933, p. 56, tradução nossa¹⁵).

Uma língua pode ser adquirida ou aprendida pelo falante, ou seja, por processos de aquisição e aprendizagem. Esses processos são distintos, pois a aquisição ocorre de forma inconsciente, enquanto que o aprendizado é um processo consciente. O critério sociolinguístico também varia, sendo que uma língua é adquirida na comunidade em que é usada, já a aprendizagem ocorre em uma sala de aula, ou em um ambiente virtual. Sendo assim, grande parte da população bilíngue dos pontos de pesquisa desta tese adquiriu a língua alemã e aprendeu a língua portuguesa. Esse contexto é habitual, conforme explicita Mackey (2005), pois muitas pessoas, cujas línguas maternas eram/são variedades minoritárias, passam por parte ou todo período de escolarização tendo que se comunicar na língua oficial do seu país.

Mackey (1972) identifica quatro características principais que descrevem o bilinguismo: grau, função, alternância e interferência. O grau refere-se ao nível de conhecimento que o indivíduo possui em cada língua, considerando as diferentes habilidades

¹⁴ Concordamos com Mackey (2005) sobre o que se afirma em relação ao uso alternado de duas línguas, além disso, também é aplicável para o uso de três línguas ou mais, por isso, o termo bilinguismo também engloba o conceito de plurilinguismo.

¹⁵ Do inglês: “*native-like control of two languages*”.

e níveis. É comum que um bilíngue tenha graus variados de proficiência nas quatro habilidades básicas – leitura, escrita, fala e audição. Esse conhecimento pode variar desde um léxico limitado até um vocabulário extenso, ou ainda em termos de domínio gramatical, podendo estar mais ou menos alinhado às regras da língua.

A função está relacionada ao propósito e à situação em que cada língua é utilizada. As funções externas abrangem interações em diversos contextos, como conversas em casa, na escola, no trabalho ou com vizinhos, podendo variar em frequência, duração e nível de pressão da situação de contato. Já as funções internas incluem atividades como calcular, rezar, sonhar ou fazer anotações. Essa dinâmica pode ser ilustrada por uma experiência pessoal: meu pai costumava contar a pontuação no jogo de canastra em alemão, mas quando havia pessoas no grupo que não falavam essa língua, ele passava a traduzir o resultado final para o português, porém a contagem continuava sendo em alemão, sua língua materna.

A alternância ocorre quando o falante utiliza duas ou mais línguas em uma mesma interação. Essa prática, conhecida como *code-switching* ou *code-mixing*, depende da fluência do indivíduo em cada língua e das funções internas e externas de cada uma. Os fatores determinantes dessa característica incluem o tópico da conversa, o interlocutor e o nível de tensão da situação em que a fala ocorre.

Por fim, a interferência descreve o uso de elementos de uma língua ao falar ou escrever em outra. Nesse caso, o bilíngue pode alternar entre manter as línguas separadas ou integrá-las até certo ponto, podendo ocorrer influências de uma língua sobre a outra sem que o falante perceba. Weinreich ([1953], 1968) também usa o conceito de interferência, que será descrito e aprofundado no decorrer desta tese.

A relatividade do conceito de Mackey (1972) também é defendida por Grosjean (2010), que enfatiza o uso regular de duas ou mais línguas, sem tomar a fluência plena nessas línguas como critério determinante. Grosjean (1989) ressalta que bilíngues não são dois monolíngues em uma só pessoa, como se pressupõe ao avaliar suas habilidades linguísticas segundo padrões monolíngues, ou considerando bilíngue o indivíduo que é completa e igualmente fluente em duas línguas. Nesse sentido, a comparação com atletas de corrida com obstáculos ilustra as habilidades dos bilíngues com maior clareza: tais atletas não são avaliados separadamente pela velocidade ou capacidade de salto, mas por uma competência própria, que combina corrida e salto em uma modalidade específica. Do mesmo modo, o bilíngue deve ser compreendido como um falante com repertório linguístico próprio, e não como a soma de dois monolíngues.

Dessa forma, “o bilíngue usa as duas línguas – separado ou juntamente – para diversos propósitos, em diferentes domínios da vida, com diferentes pessoas” (Grosjean, 1989, p. 6, tradução nossa¹⁶). Ou seja, o “bilinguismo é o resultado do contato entre pessoas falando diferentes línguas” (Mackey, 2005, p. 1484, tradução nossa¹⁷). E essas diferenças são fundamentais para a necessidade de uso de duas línguas, pois se ambas as línguas fossem aceitas para todos os objetivos, em todos os domínios e as pessoas da comunidade fossem bilíngues nas mesmas línguas, não haveria necessidade do bilinguismo. Afinal, uma língua seria suficiente.

Comunidades linguísticas com duas ou mais línguas são denominadas como multilíngues, de acordo com a definição de multilinguismo de Marsh e Hill (2009, p. 4, tradução nossa¹⁸) como “a capacidade das sociedades, instituições, grupos e indivíduos de se comunicarem, regularmente, em mais de uma língua na sua vida diária”. O Brasil é um dos países mais multilíngues do mundo, onde são faladas 295 línguas indígenas, conforme indica o Censo de 2022¹⁹. Também é necessário incluir nesse multilinguismo, as línguas de imigração, que não fizeram parte do censo, e chegam a 56 línguas, conforme Altenhofen (2013).

Assim, o falante escolhe a língua, ou as línguas, que usa, caracterizando um contínuo situacional, como descreve Grosjean (2010). Em um dos extremos desse contínuo está o modo monolíngue, quando o falante interage com um monolíngue. Já no outro extremo, está o modo bilíngue, em que o falante interage com outro bilíngue, podendo usar as duas ou mais línguas separadamente ou alternando entre elas ou misturando-as. Dessa forma, os falantes fazem uso de todo seu repertório linguístico como um sistema integrado para comunicar efetivamente (García, 2012; Canagarajah, 2011). Essa escolha depende de fatores como a função da interação, o domínio de uso, o grau de formalidade, entre outros.

A ideia de contínuo também está presente na definição de bilinguismo por Mackey (2005, p. 1484, tradução nossa²⁰): “O bilinguismo pode ser visto como um duplo contínuo formado por graus de uso e de competência em cada língua e pelos graus de diferenças entre elas”. O autor compara o bilinguismo com uma caixa com dimensões variáveis de

¹⁶Do inglês: “*The bilingual uses the two languages-separately or together-for different purposes, in different domains of life, with different people*”.

¹⁷Do inglês: “*Bilingualism is the result of contact between people speaking different languages*”.

¹⁸Do inglês: “*the ability of societies, institutions, groups and individuals to engage, on a regular basis, with more than one language in their day-to-day lives*”.

¹⁹Desde o Censo de 1950, não houve perguntas relacionadas a línguas. Já no Censo do IBGE de 2010 e 2022 houve o retorno desse levantamento, mas a pergunta foi destinada somente aos brasileiros que se declararam indígenas.

²⁰Do inglês: “*Bilingualism can now be seen as a double continuum made up of the degrees of use and competence in each language and degrees of differences between them*”.

comprimento (tempo de uso de cada língua), largura (número de domínios em uso), profundidade (intensidade de interação em cada língua) e velocidade (tempo de mudança de intensidade e domínios de uso). Além disso, Romaine (1995) também enfatiza os graus de bilinguismo, pois uma pessoa pode não produzir enunciados em uma língua, porém é capaz de compreendê-los, sendo caracterizado como um bilíngue receptivo. Nesse caso, usa-se os termos bilinguismo restritivo ou bilinguismo passivo, conforme destacado por Mackey (2005)²¹.

Esse caráter relativo do conceito de bilinguismo, considerando os diversos graus de uso e competência, demonstram que essa característica não representa uma exceção, e sim a norma. Dessa forma, trata-se de “um recurso a ser cultivado em vez de um problema a ser superado” (Romaine, 1995, p.7, tradução nossa²²). Somente a partir do século XX, o bilinguismo passa a ter importância nas pesquisas sobre contato linguístico, conforme afirma Mackey (2005), apesar de estar presente desde a antiguidade, pois “parece ser tão antigo quanto a própria língua” (Mackey, 2005, p. 1484, tradução nossa²³). A obra que marca a inserção do bilinguismo nas análises linguísticas é de Uriel Weinreich ([1953], 1968), *Languages in contact: Findings and Problems*. Nessa obra, Weinreich afirma que “duas ou mais línguas são consideradas em contato quando usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. Logo, essas pessoas são o locus do contato” (Weinreich, [1953], 1968, p. 1, tradução nossa²⁴). Assim, o foco das pesquisas é no falante, pois o contato linguístico ocorre na mente dos indivíduos, e não nas línguas.

Além disso, o autor ainda cita os “desvios da norma” que ocorrem na fala de bilíngues como resultado da familiaridade com mais línguas, denominando-os interferência. Esse termo implica no rearranjo de padrões resultantes da introdução de elementos de uma língua nos domínios mais estruturais de outra língua. Conforme Weinreich ([1953], 1968) afirma, o objetivo do estudo é explorar os limites da abordagem linguística e alguns dos caminhos que levam além desses limites, e mais precisamente, tenta mostrar como a interferência é determinada pela estrutura das duas línguas em contato ou pelos fatores não linguísticos do contexto sócio-cultural do contato linguístico. Conforme Labov (2003), quando um grupo étnico mantém uma língua estrangeira em pelo menos um domínio social, é possível encontrar traços dessa língua no inglês falado pelos seus membros. Tal princípio pode ser aplicado

²¹ Mackey (2005, p. 1487) usa os termos *restrictive bilingualism* ou *passive bilingualism*.

²² Do inglês: “*Bilingualism is a resource to be cultivated rather than a problem to be overcome*”.

²³ Do inglês: “*It seems to be as old as language itself*”.

²⁴ Do inglês: “*two or more languages will be said to be IN CONTACT if they are used alternately by the same persons. The language-using individuals are thus the locus of the contact*”.

também a outras línguas dominantes que estejam em contato com línguas de grupos étnicos minoritários.

Essa compreensão de variação e mudança da língua também é exposta nas reflexões sociolinguísticas de Bagno (2007) e nos estudos histórico-linguísticos sobre as línguas na Amazônia de Freire (2011). Ao comparar a língua a um “rio caudaloso”, em constante movimento e transformação, Bagno (2007) contrapõe-se às perspectivas normativas que procuram normatizar os usos linguísticos em modelos fixos e homogêneos. Essa metáfora aproxima-se da concepção desenvolvida por Freire (2011) ao apresentar os rios amazônicos como símbolos dos fluxos de povos, culturas e línguas em permanente contato. Em ambos os autores, a língua é concebida como prática social viva, marcada pela mobilidade, pelas trocas culturais e pelos processos históricos de interação entre grupos humanos. Freire (2011), ao expor as mudanças ocorridas nas línguas amazônicas, demonstra que os empréstimos são os principais resultados do contato linguístico.

2.2.1 Empréstimos

Weinreich ([1953] 1968) definiu alguns conceitos fundamentais do contato linguístico, como, por exemplo, interferência linguística, no qual inclui empréstimos e calques. De acordo com Weinreich ([1953] 1968), Haugen (1950) e Matras (2009, 2019), o empréstimo linguístico é a adoção de itens lexicais ou estruturas de uma língua para outra como resultado de contato entre falantes. Weinreich enfatiza que o empréstimo não se limita à transferência de palavras, pode, contudo, envolver também influências sintáticas, fonológicas e até semânticas. Haugen (1950, p. 211) destaca um certo “absurdo na metáfora”, visto que o empréstimo ocorre sem o consentimento de quem empresta nem há a obrigação de devolução ou pagamento por quem toma emprestado²⁵.

Já o calque é um tipo de empréstimo linguístico em que o significado ou a estrutura de uma expressão é traduzida diretamente de uma língua para outra, preservando a lógica conceitual original (Matras, 2009). Esse processo reflete o impacto cultural e cognitivo do contato entre línguas. O uso da variante “uma vez” no português falado em São João do Oeste e Itapiranga, no oeste de Santa Catarina, foi descrito por Ruscheinsky (2014) como uma interferência do alemão. Com base nas anotações no caderno de campo e entrevistas com 16 falantes bilíngues, selecionados de acordo com a localidade, idade, sexo e nível sócio-cultural,

²⁵ “The metaphor implied is certainly absurd, since the borrowing takes place without the lender's consent or even awareness, and the borrower is under no obligation to repay the loan” (Haugen, 1950, p. 211).

a pesquisa concentrou-se no uso dessa variante em frases imperativas, interpretado como indício de interferência linguística. O calque, nesse caso, preserva a estrutura conceitual original, mas recria a expressão com elementos da língua receptora.

Em relação às motivações para o empréstimo, Matras (2019) destaca as duas mais frequentemente citadas: as lacunas no sistema linguístico que o recebe e o prestígio do sistema originário. Os empréstimos para atender lacunas da língua geralmente seguem tendências hierárquicas como as denominações para os artefatos do mundo moderno, a religião e crenças, moda, itens domésticos e leis. A noção de prestígio é mais vaga, relacionada com os papéis das línguas nos diferentes domínios de interação social.

2.2.2 *Code-switching*

Outra característica do bilinguismo e línguas em contato são as alternâncias entre duas línguas, ou alternância de código (*code-switching*). Poplack (1980) conceitua que *code-switching* é a alternância de duas línguas num mesmo discurso, frase ou termo. Já Gumperz (1982, p. 59, tradução nossa²⁶) afirma que o fenômeno “pode ser definido como a justaposição de uma mesma interação conversacional de fragmentos de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes”. Assim, *code-switching* pode ser caracterizado como o uso alternado de dois códigos linguísticos. Durante muito tempo, esse uso foi compreendido como um erro na fala dos falantes ou falta de cuidado, considerando-os incapazes de usar somente um código. Entretanto, de acordo com Gumperz (1982), trata-se de uma estratégia discursiva, e Frizzo, Krug e Horst (2021) destacam que o falante possui domínio de ambas as variedades linguísticas, e o *code-switching* ocorre quando usa as duas variedades, seja entre palavras ou frases complexas, não interferindo na comunicação entre os interlocutores.

Falantes bilíngues alternam os códigos por diversos motivos. Sobre isso, Grosjean (2010) descreve algumas motivações, tais como, noções ou conceitos são melhor expressas em outra língua, a necessidade de uma palavra ou expressão como estratégia social para demonstrar o envolvimento do falante ou marcar a identidade do grupo e como forma de elevar o *status* do falante. O uso da expressão *Zucker bloße*²⁷, frequentemente usada por bilíngues alemão-português para denominar a ação de tentar convencer alguém é um exemplo

²⁶ Do inglês: “can be defined as the juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems”.

²⁷ “Assoprar açúcar”, numa tradução literal.

de ideias melhor expressas em outra língua. Diversos estudos recentes demonstram que, ao contrário de ser uma mistura de línguas aleatória e agramatical, *code-switching* segue restrições rígidas e é usado por bilíngues competentes nas suas línguas. Nesse sentido, Poplack (1980, p. 615, tradução nossa²⁸) afirma: “Code-switching é uma habilidade verbal que requer um alto grau de competência linguística em mais de uma língua, e não um defeito decorrente de conhecimento insuficiente de um ou de outro”.

Há pesquisas que descrevem o *code-switching* entre as duas línguas deste estudo, entre as quais estão Schneider (2018) e Von Borstel (1992). A primeira pesquisa é um estudo de caso sobre o uso linguístico nas duas famílias do município de Vale Real, no Rio Grande do Sul. O objetivo é identificar o *code-switching* nas situações de fala dos falantes da língua de imigração hunsriqueano e classificar a classe gramatical dos elementos mais recorrentes. Schneider (2018, p. 6) afirma que a “análise das entrevistas destacou que a troca de códigos linguísticos neste contexto de pesquisa ocorre, na maioria das vezes, em substantivos, seguidos das interjeições e verbos”. Esse estudo também apontou que ocorre um processo de substituição linguística do hunsriqueano para o português pelos falantes mais jovens. Isso sugere que o uso da língua de imigração tende a ser extinto na área estudada com o passar do tempo.

Já o estudo de Von Borstel (1992) descreve o bilinguismo alemão/português na comunidade urbana do município de Marechal Cândido Rondon, no Paraná. Em uma das três partes do estudo, o *code-switching* entre alemão e português foi analisado a partir dos dados coletados por meio da observação participante no convívio público e privado da comunidade de fala situada na zona urbana do município. Foi observado que “a escolha da língua depende, principalmente, das relações existentes entre os interlocutores e dos conhecimentos comuns compartilhados por eles” (Von Borstel, 1992, p. viii).

2.2.3 Complexos variacionais

Altenhofen e Thun (2016) ressaltam a necessidade das pesquisas linguísticas abrangerem falas complexas e instáveis, como os fragmentos de interações estudados por Tempas (2023). O aumento da mobilidade espacial, as melhorias das vias de comunicação, o acesso à educação e às inovações tecnológicas praticamente impossibilitam que uma língua ou variedade esteja isenta de contato linguístico. Nessa perspectiva, Altenhofen e Thun (2016,

²⁸ Do inglês: “Code-switching is a verbal skill requiring a large degree of linguistic competence in more than one language, rather than a defect arising from insufficient knowledge of one or the other”.

p. 372) afirmam: “o estado normal de uma língua ou variedade é estar em contato com outras línguas ou variedades. O isolamento absoluto configura antes a exceção”. Os estudos iniciais sobre contato linguístico, como o de Weinreich ([1953] 1968), demonstram a configuração da interferência mútua entre duas línguas consideradas como sistemas homogêneos. Entretanto, é imprescindível, conforme Thun (2010b, p. 706, tradução nossa²⁹), “analisar a configuração do contato como uma aproximação de dois ou mais complexos de variedades, cada um com uma arquitetura de mais de um sistema mais ou menos homogêneo”.

Em contextos de fronteira, como o do *Fronterizo* uruguaio-brasileiro descrito por Thun (2010b), a interação entre variedades linguísticas — como o espanhol uruguaio e o português brasileiro — cria uma rede complexa de influências recíprocas. Esses complexos linguísticos não se limitam a uma mistura caótica de idiomas, mas refletem processos específicos de conservação e inovação linguística.

Os complexos variacionais, oferecem uma lente poderosa para compreender as dinâmicas linguísticas e identitárias em comunidades multilíngues. No caso das fronteiras entre o Brasil e o Uruguai, essas interações demonstram como as línguas podem ser simultaneamente espaços de resistência e assimilação, reforçando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística como parte essencial da construção social e cultural.

O contato linguístico entre o alemão e o português resultou em um complexo variacional, pois há as variedades da língua histórica, oficial do país, ou seja, a língua portuguesa. Esta língua, apesar de carregar o nome de “portuguesa”, é diferente daquela falada em Portugal, ou seja, “o padrão falado brasileiro difere em muitos pontos importantes do padrão falado europeu” (Perini, 2011, p. 140). Grande parte da população denomina essa língua de “português”³⁰, o que também é usado em trabalhos acadêmicos. Também são usados adjetivos restritivos, quando necessário, como português brasileiro (Perini, 2011), português sul-riograndense (Klein e Horst, 2015), entre outros. Uma das línguas desse contato com o português é o *Hunrückisch*, considerada uma língua de imigração e a língua alemã mais disseminada no Brasil. A língua *Hunrückisch* é considerada patrimônio imaterial de SC, pela Lei Estadual no 16.987/2016³¹ e descrita no Inventário do *Hunrückisch* como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI), por Altenhofen *et al.* (2022).

²⁹ Do inglês: “analyzing the contact configuration as an approximation of two or more variety complexes, each of them an architecture of more than one more-or-less homogenous system”.

³⁰ Como exemplo de pesquisas que demonstram o uso do termo “português” para designar a língua falada citamos Bergamini (2023).

³¹ Lei Estadual no 16.987, de 03 de agosto de 2016, disponível em: https://leis.alesc.sc.gov.br/html/2016/16987_2016_lei.html. Acesso em: 11 mar. 2025.

Nas localidades pesquisadas, a interação entre variedades linguísticas do português e do *Hunrückisch* cria uma rede complexa de influências recíprocas. Esse complexo linguístico reflete processos de conservação e inovação linguística, podendo ser analisado a partir da noção de alteridade e aliedade. Com a lei da nacionalização, o ensino da língua alemã foi proibido nas escolas, restando o espaço da família e amigos para seu uso, que passou a ser um marcador de pertencimento para seus falantes, destacando a alteridade. Já a aliedade foi e é sentida pelos falantes quando sua língua materna é deslegitimada ou relegada ao *status* de "dialeto", não podendo ser usada em espaços oficiais. Como exemplo dessa deslegitimação, Pauli (2001, p. 60) observa que:

Pelo contato com os alunos durante a realização da entrevista, os mesmos nos confiaram que têm medo de falar em alemão com a direção da escola, pois por diversas vezes já foram repreendidos ou não foram ouvidos, dizendo que “nós moramos no Brasil e que a nossa língua é a língua portuguesa”. Os mesmos nos informaram que geralmente só falam alemão com a diretora fora da escola.

Esse relato aponta para os diferentes contextos de uso da língua. Por exemplo, fora do ambiente escolar, o alemão é usado nas interações cotidianas; no interior da escola, porém, permite-se exclusivamente conversas em português, ainda que os interlocutores sejam os mesmos.

Dessa forma, a complexidade do contato linguístico em comunidades bilíngues, especialmente nas regiões de imigração alemã no Sul do Brasil, transcende a mistura de línguas. Os conceitos de complexos variacionais, alteridade e aliedade demonstram as tensões e as estratégias de manutenção das línguas minoritárias frente à hegemonia do português brasileiro. A proibição do uso do alemão em espaços formais, exemplificada pelo ambiente escolar, destaca a deslegitimação que leva os falantes a um sentimento de alienação. Esses mecanismos de pressão e resistência são importantes para compreender as dinâmicas mais complexas que governam o destino da língua. Com base nesses aspectos, passa-se à análise dos processos de manutenção e substituição linguística, que serão detalhados na próxima seção.

2.3 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

A manutenção ou substituição de uma língua por outra, bem como a coexistência de duas línguas em contato, é fruto coletivo de padrões de escolha linguística dos falantes. Para

estudar esses processos, é preciso considerar três divisões principais, segundo Fishman (1964): o uso habitual da língua considerando a frequência e os diferentes contextos; os processos psicológicos, sociais e culturais tanto no passado, presente e os consequentes; e a atitude em relação à língua. Nas situações de contato linguístico, uma das línguas pode ampliar seu número de falantes. Inicialmente, esse processo tende a aumentar o bilinguismo à medida que a língua se torna predominante entre os jovens. Posteriormente, o bilinguismo pode diminuir se permanecer restrito às gerações mais velhas.

O contato linguístico alemão-português ocorre no Brasil há aproximadamente 200 anos e completa um século nos pontos de pesquisa desta tese, ou seja, várias gerações convivem com as duas línguas, fazendo escolhas e agindo na manutenção do alemão, no bilinguismo ou na substituição pelo português. Pode parecer que a escolha entre usar ou não usar uma língua, transmiti-la ou não para seus filhos, é livre e individual. Porém, como destaca Kaufmann (2006, p. 2434, tradução nossa³²), “a ausência de supressão visível não necessariamente significa que não há circunstâncias que favorecem fortemente o uso de uma língua com mais prestígio”. Essas escolhas, geralmente não conscientes, podem ser fruto de fatores geográficos e sociais.

A língua de imigração torna-se muito mais vulnerável à substituição pela língua oficial quando a sociedade e as instituições do país desvalorizam o bilinguismo, seja de modo geral, seja em contextos específicos, como a escola, o trabalho ou os serviços públicos. No Brasil, diversas iniciativas buscaram eliminar o bilinguismo, defendendo o monolinguismo em português como condição para o progresso do país. Na década de 1930, a Campanha de Nacionalização, entre outras medidas, decretou que o ensino primário deveria ocorrer exclusivamente em Língua Portuguesa. Segundo Campos (1998, p. 120), a língua era uma questão estratégica e “o controle sobre o seu uso passou a constituir-se num elemento de significativa importância para garantir a homogeneidade cultural, a afirmação do Estado sobre a sociedade e a integridade da nação”.

No caso das variedades do alemão ocorreu, conforme Altenhofen (2008), por um lado, o isolamento devido à forma de ocupação do espaço geográfico e social, as dificuldades de comunicação, e, por outro lado, a pressão de assimilação e aculturação, principalmente no período do Estado Novo, entre 1937 e 1945. Na região do oeste catarinense, essa política resultou em um genocídio linguístico, como descrevem Frizzo, Ruscheinsky e Krug (2023), e ainda hoje seus efeitos são sentidos por meio das crenças e atitudes dos falantes.

³² Do Inglês: “*The lack of visible suppression does not necessarily mean that there are no circumstances which strongly favor the use of a more prestigious language*”.

Um exemplo de repressão visível e legitimada ocorreu durante este período, como explica Neumann (2003, p. 146):

O Estado Novo sentia-se ameaçado por todos os lados, seja pelos “inimigos” internos ou externos, reunidos nos supostos complôs, como pelos estrangeiros residentes no país. Em consequência, implementara medidas preventivas “necessárias” para a segurança nacional, dentre elas, a Campanha de Nacionalização, tendo em vista o abasileiramento dos contingentes estrangeiros localizados no país, em particular os alemães no Rio Grande do Sul.

Como a campanha de nacionalização teve grande foco na língua, instituindo a língua portuguesa como única a ser usada no ensino³³, as escolas deixaram de ensinar o alemão, prática que era muito comum até então. A escola é um instrumento fundamental para impor uma inclusão forçada na língua e cultura dominante (Skutnabb-Kangas e Philipson, 2017). E, nesse sentido, a repressão foi além da escola, conforme Jungblut (2000, p. 149): foi implantada a “proibição de falar Alemão em qualquer lugar. Sequer uma saudação, uma interjeição, ou chamar um animal em alemão foram tolerados”. Essa situação descrita pelo autor denota que houve um linguicídio da língua alemã, visto que houve agentes envolvidos no extermínio da língua, como o Estado Brasileiro e os militares. Sendo assim, a repressão contribuiu para que muitas famílias deixassem de usar o alemão e de transmiti-lo para as gerações seguintes, tornando-se um fator importante para o avanço do monolinguismo em português e na redução da manutenção do alemão.

Fishmann (1964) destaca uma das mais razoáveis e bem documentadas generalizações em relação à manutenção e substituição linguística: “Moradores urbanos são mais propensos à substituição; moradores rurais (mais conservadores e mais isolados) são menos inclinados à substituição” (Fishmann (1964, p. 52, tradução nossa³⁴). A população rural convive mais tempo com a família, geralmente os membros trabalham juntos na mesma atividade agrícola e conversam com vizinhos que, muitas vezes, também utilizam a língua minoritária.

Entretanto, é importante considerar a situação de muitos sujeitos que vivem em áreas urbanas onde “predomina a forte influência rural na cultura e na língua”, ou seja, em comunidades rurbanas, conforme descrito por Bortoni-Ricardo (2005, p. 44). Estes moradores são considerados urbanos nos dados estatísticos do IBGE, porém mantêm grande vínculo com

³³ “Em todas as escolas rurais do país, o ensino de qualquer matéria será ministrado em português, sem prejuízo do eventual emprego do método direto no ensino das línguas vivas.” (Art. 85 Decreto-lei nº 406, de 4 de maio de 1938 que dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional) e “A instrução primária será ministrada, exclusivamente, em português” (Art. 7 Decreto nº 7.614 de 12 de dezembro de 1938, que provê sobre o Ensino Primário).

³⁴ Do inglês: “*Urban dwellers are more inclined to shift, rural dwellers (more conservative and more isolated) are less inclined to shift*”.

a área rural, mantendo um cotidiano semelhante à vida no interior pelo hábito de frequentarem à zona rural com certa regularidade.

Além disso, concordamos com Vandekerckhove (2010) que enfatiza a mudança de percepção em relação à língua rural e língua urbana, pois essa dicotomia torna-se insustentável atualmente. Antes, o falante rural era tido como isolado, pois sua vida era associada com falta de mobilidade e estabilidade linguística, por isso a preferência por NORMs (*non-mobile old rural males*), como os selecionados para o *Survey of English Dialects* (SED) nos anos 1950 a 1961 e o *Atlas Linguistique de la France* no início do século XX. Atualmente, na Europa e também nas localidades de pesquisa desta tese, viver na zona rural não significa imobilidade e isolamento, visto que pequenas vilas foram ocupadas pela migração do rural para urbano e vice-versa. Muitas pessoas se mudaram para a cidade em função do trabalho, enquanto outras buscaram morar em áreas rurais próximas às cidades.

Nos quatro pontos desta pesquisa, a municipalização contribuiu para a entrada de falantes monolíngues português e para o aumento da população urbana (Krug e Horst, 2025). Além disso, como a imigração alemã não continuou em tão grande escala como no século XIX e início do século XX, houve a falta de estímulo linguístico ocasionada pela chegada de novos falantes, provindos da Europa. Dessa forma, novas tecnologias, práticas e conhecimentos não foram denominados em alemão, mas em português, forçando os falantes a emprestar termos da língua majoritária. Conforme discutido por Pertile (2009), a manutenção linguística em contextos de contato não pressupõe a preservação intacta da língua de imigração, mas sua continuidade de uso social mesmo diante de mudanças decorrentes das interações com outras línguas e culturas.

A escola também é um ambiente determinante em relação à manutenção ou substituição linguística, visto que crianças e adolescentes passam grande parte do seu dia nesse espaço e estão sujeitos às normas linguísticas nele estabelecidas. Essas normas podem envolver tanto a proibição explícita quanto a ausência de estímulo ao uso de determinada língua. Dessa forma, Skutnabb-Kangas (2019, p. 29) destaca que:

Sempre que houver crianças indígenas ou de minorias em centro de cuidados diários e em escolas sem professores bilíngues autorizados a usar as línguas das crianças como o principal meio de instrução e cuidado com as crianças, na prática teremos uma proibição do uso das línguas minoritárias "na interação diária ou na escola". Essa é a situação de grande parte das crianças de minorias de imigrantes ou refugiados.

Essa também é a situação das crianças descendentes de imigrantes, que adquirem a língua de imigração no ambiente familiar e precisam adquirir ou aprender outra língua quando inseridas no ambiente escolar.

Outro fator relevante para a manutenção ou substituição de uma língua é a presença de preconceito linguístico, ou seja, uma língua pode sofrer estigmatização enquanto outra é prestigiada. Esse preconceito também instiga famílias a deixar de usar uma língua, mesmo que seja a língua materna das gerações anteriores. Por outro lado, mesmo com esse preconceito, é possível que falantes continuem usando línguas diferentes das línguas majoritárias.

Baseado em estudos sobre o tema, Altenhofen (2024) afirma que a manutenção de uma língua minoritária é favorecida quando tem um espaço de ocupação delimitável e uma comunidade coesa, com rede de comunicação própria, além do uso no ambiente familiar. A substituição linguística pode ser acelerada se há territórios difusos com falantes sem coesão social, cultural e identitária, além do avanço da urbanização e dos casamentos interétnicos contribuírem para essa situação.

Nessa perspectiva, os processos de manutenção e substituição linguística são multifacetados, envolvendo desde fatores históricos e políticos, como a campanha de nacionalização, até aspectos geográficos e sociais, como o isolamento rural ou a urbanização, além da influência decisiva da escola e das atitudes de prestígio e estigmatização. A complexidade dessas dinâmicas exige que o estudo da vitalidade de uma língua minoritária, como o alemão no Brasil, vá além da mera frequência de uso, incorporando as percepções e crenças linguísticas dos falantes. É neste campo das atitudes e crenças que se encontram os fundamentos para a compreensão de como o preconceito linguístico atua e como os falantes negociam a identidade e o valor social atribuído às línguas em contato. Em vista disso, a próxima seção se dedicará a aprofundar esses fundamentos, explorando o papel crucial das percepções linguísticas no cenário do contato entre o português e as variedades do alemão.

2.4 FUNDAMENTOS NO CAMPO DAS PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS

A análise das opiniões, crenças e atitudes linguísticas dos falantes em relação às línguas que falam e acerca do mundo da sua própria experiência possibilita uma compreensão dos significados sociais atribuídos às línguas. Segundo Ferreira (2009, p. 254):

As percepções linguísticas abrangem vários campos. Há percepções geográficas e percepções avaliativas acerca do dinamismo, da correção, da agradabilidade, do valor social, do valor de identidade de uma determinada variedade ou de um traço específico dessa variedade. E o conjunto dessas percepções compõe a percepção de prestígio que regulará as atitudes tomadas, que, por sua vez, poderão ter depois reflexos na mudança linguística.

Sobre as percepções geográficas, os falantes de determinada língua sabem, ou seja, têm consciência de que pessoas de outras partes do mundo falam diferentes línguas como também sabem que moradores de diferentes regiões falam a mesma língua de forma diferente (Preston, 2010). Cada falante avalia a língua que usa, tanto em relação ao próprio conhecimento quanto ao prestígio, constituindo as crenças, e isso interfere no seu comportamento e nas suas atitudes linguísticas.

Dessa forma, buscou-se analisar e compreender as crenças e atitudes linguísticas dos falantes de língua minoritária, os preconceitos relacionados às línguas e, conseqüentemente, a seu grupo de falantes, o que contribui para o prestígio ou estigmatização de línguas e de suas marcas identitárias.

2.4.1 Crenças e atitudes linguísticas

O estudo das crenças e atitudes linguísticas está inserido na área da Sociolinguística, visto que esta busca compreender os fatores sociais, culturais e históricos relacionados aos comportamentos linguísticos de falantes e comunidades. Em contextos de contato linguístico, atitudes favoráveis em relação a uma língua ou variedade podem favorecer sua manutenção e seu uso, ao passo que atitudes desfavoráveis podem contribuir para seu abandono, esquecimento ou substituição por outra língua. Assim, “as atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (Tarallo, 1985, p. 14) e, de acordo com Vandermeeren (2005) elas se espelham nas normas do grupo de pessoas com quem o falante se relaciona.

A teoria da variação e mudança (Weinreich, Labov e Herzog, [1968], 2006) apresenta cinco tópicos para sua fundamentação: 1) Fatores condicionantes – quais mudanças seriam possíveis na língua; 2) Transição – o modo como ocorre a mudança; 3) Encaixamento – como a mudança está encaixada na língua e fora dela; 4) Avaliação – a avaliação dos membros da comunidade sobre a mudança e a sobre a influência nos processos de variação e mudança; 5)

Implementação – a forma e os motivos da ocorrência da mudança em determinado tempo e espaço.

A avaliação é o modo como o falante ou uma comunidade linguística avaliam sua língua e as variedades com que têm contato. Para isso, faz-se imprescindível que o falante tenha consciência linguística, ou seja, que seja capaz de conhecer e distinguir as diferenças que envolvem a língua e as variações desta. Segundo Ferreira (2009, p. 253), “a maior ou menor competência de um indivíduo relativamente à sua língua, à forma de a usar correctamente e também de acordo com as regras sociais e pragmáticas interferirá no seu comportamento e nas suas atitudes linguísticas”.

Essa avaliação pode ser negativa ou positiva, feia ou bonita, e influencia as atitudes do falante. Conforme Aguilera (2008, p. 106), a “atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”. Moreno Fernández (1998) também destaca os papéis das atitudes:

Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua extranjera en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz [...]. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico (Moreno Fernández, 1998, p. 179).

Por um lado, atitudes favoráveis ou positivas em relação ao alemão, por exemplo, podem fazer com que seu uso seja predominante ou equivalente em relação ao português em determinados contextos. Por outro lado, atitudes desfavoráveis ou negativas em relação ao alemão podem levar ao abandono e esquecimento dessa língua. Ruscheinsky, Frizzo e Krug (2023) trazem exemplos de atitudes favoráveis e desfavoráveis ao descrever o processo de cooficialização da língua alemã no município de São João do Oeste – SC. As atitudes favoráveis partem dos moradores do município em busca da cooficialização da língua alemã, envolvendo práticas da iniciativa governamental (prefeitura) e da população (um grupo de danças folclóricas e Conselho Municipal de Cultura). A atitude desfavorável, isto é, o desprestígio, fica clara na redação da lei que destina à variedade falada do alemão apenas a comunicação informal. Esse desprestígio evidencia a deturpação da língua minoritária como um “dialeto, situado abaixo da norma padrão, e de língua marginal” (Altenhofen, 2004, p. 91), bem como o enfraquecimento da legitimidade social de seus próprios falantes.

Em termos gerais, como descreve Moreno Fernandez (1998), as atitudes implicam a presença de três elementos ou subcomponentes: afetivo, cognitivo e conativo. O componente afetivo é a valoração, a crença, o que o falante sente, fazendo juízo de valor e traz questões como identidade, etnicidade e lealdade. Já o componente cognitivo é o conhecimento ou a percepção, como o falante pensa, e está ligado a valores, estereótipos, expectativas sociais e ao grau de bilinguismo. Por fim, o componente conativo é a conduta, o dispositivo comportamental, como o falante reage nas diferentes situações como, por exemplo, na família, na escola, na presença de amigos ou no trabalho, podendo ser de forma positiva ou negativa. De acordo com Garret (2005, p. 1258, tradução nossa³⁵), “comparar os resultados de diferentes tipos de dados pode trazer benefícios metodológicos valiosos para a medição das atitudes linguísticas”.

As pesquisas sobre atitudes e crenças linguísticas contemplam diferentes contextos sociolinguísticos. No caso das línguas de imigração, destacam-se os estudos de Hasselstron (2018), Bernieri (2017) e Matozo (2018). Em relação às migrações recentes em Chapecó-SC, Oviedo (2023) investigou crenças e atitudes linguísticas de imigrantes venezuelanos e haitianos. Já em regiões de fronteira, podem ser citadas as pesquisas de Bergamini (2023) e Kusy (2019).

As atitudes dos falantes podem variar de acordo com a situação comunicativa, especialmente em contextos de entrevistas, que constituem um dos métodos de coleta de dados desta pesquisa. Com isso nos deparamos com o paradoxo do observador (Labov, 2008; Krug e Horst, 2025), que representa um dos principais desafios metodológicos da nossa pesquisa. Conforme define William Labov em *Padrões Sociolinguísticos* (2008), o pesquisador busca compreender “como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”, mas somente consegue obter esses dados por meio da própria observação. Assim, a presença do entrevistador, do gravador ou da câmera tende a modificar o comportamento linguístico do participante da pesquisa, que passa a monitorar sua fala e utilizar variantes consideradas mais formais ou prestigiadas.

Krug e Horst (2025), ao discutirem pesquisas do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), ampliam essa definição ao afirmar que o paradoxo do observador envolve situações de desconforto, ansiedade ou insegurança diante da gravação e da presença do pesquisador, interferindo diretamente na espontaneidade e na autenticidade dos dados coletados. Os autores ainda distinguem dois tipos de paradoxo: o “monitorado”, quando o

³⁵ Do inglês: “Comparing results across different types of data can also bring valuable methodological benefits for attitude measurement”.

informante tenta elevar artificialmente o nível de sua fala, e o “perspicaz”, quando o entrevistado percebe o fenômeno investigado e responde de forma estratégica para agradar ao pesquisador.

Para minimizar os efeitos do paradoxo do observador, Labov (2008) propõe estratégias que favoreçam maior naturalidade na interação, como entrevistas longas, conversas informais e temas emocionalmente envolventes, capazes de fazer o falante esquecer momentaneamente a gravação. Já Krug e Horst (2025) destacam diversas técnicas práticas desenvolvidas em pesquisas de campo: utilização de dois informantes simultaneamente, indicação dos participantes por pessoas influentes da comunidade, presença de entrevistadores homem e mulher durante a coleta e realização de conversas descontraídas antes da gravação. Ainda assim, tanto Labov quanto Krug e Horst reconhecem que o paradoxo nunca é totalmente eliminado, cabendo ao pesquisador identificar seus efeitos e interpretá-los criticamente durante a análise.

Diante do exposto, a análise das crenças e atitudes linguísticas se configura como um ponto essencial para entender a dinâmica do contato alemão-português, especialmente em um contexto historicamente marcado pela repressão, como a Campanha de Nacionalização. As atitudes, sejam elas favoráveis – buscando a cooficialização e preservação –, sejam desfavoráveis – manifestadas pelo desprestígio e deturpação da língua minoritária –, atuam sobre o comportamento linguístico, influenciando diretamente o uso, a manutenção e, em última instância, o destino do alemão falado nos pontos de pesquisa. A presença do paradoxo do observador nas metodologias de coleta de dados exige que o pesquisador interprete criticamente as respostas, reconhecendo que as crenças manifestadas em ambientes formais podem refletir mais a norma social de prestígio do que o uso espontâneo, ou ainda constituir tentativas de agradar ao pesquisador. Crenças e atitudes formam a identidade dos sujeitos, pois orientam a identificação com determinado grupo e o sentimento de não pertencimento a outro. Com isso, o valor simbólico atribuído a uma língua contribui para a construção das identidades dos membros de uma comunidade bilíngue.

2.4.2 Identidade linguística

A identidade é aquilo que, segundo Moreno Fernández (1998), permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra ou um povo de outro. No âmbito do conceito de identidade, a língua ocupa um lugar central, pois um grupo, etnia ou povo também se define

pela(s) variedade(s) linguística(s) usada(s) em seu meio. Desse modo, a percepção dessa diferença torna-se especialmente audível nos usos linguísticos. Kaufmann (2019, p. 303) destaca que a “língua é uma das, senão a parte mais importante da nossa identidade”. Silva (2014, p. 74) define a identidade como “simplesmente aquilo que se é”, ou seja, uma positividade própria, uma característica autônoma. Em oposição à identidade, ainda conforme Silva (2014), “a diferença é aquilo que o outro é”. Logo, as afirmações sobre identidade e diferença fazem sentido quando compreendidas nas suas relações.

Definir a identidade e como essa se constrói não é tarefa simples quando se trata de falantes de comunidades plurilíngues como nos quatro pontos de pesquisa da presente tese. Nessa perspectiva, Tabouret-Keller (1998: 320) afirma que:

Um falante bilíngue pode ser identificado por características linguísticas decorrentes do contato linguístico. Em certas situações, isto dá origem a sentimentos de inferioridade, discriminação ou exclusão do grupo dominante ou, pelo contrário, a sentimentos de familiaridade, reconhecimento e cumplicidade entre aqueles que partilham a língua e/ou a situação de contacto. A criatividade dos bilíngues, especialmente na linguagem oral não controlada pelo poder normativo da escrita, sofrerá repressão através da totemização³⁶ da língua dominante. O domínio desta última é considerado como testemunho de lealdade ao Estado que a impõe e de integração numa comunidade erroneamente baseada numa única identidade linguística. Tais restrições sociolinguísticas apontam para as dificuldades subjetivas que frequentemente surgem em situações de contato. (TABOURET-KELLER, 1998: 320, tradução nossa³⁷).

O plurilinguismo presente na região de pesquisa, às margens do Rio Uruguai, no oeste catarinense, evidencia muitas dessas características, com consequências tanto negativas – como sentimento de inferioridade ou ações de exclusão –, quanto positivas – como o sentimento de familiaridade e pertencimento entre os membros da comunidade de falantes de alemão ou entre sujeitos inseridos na situação de contato linguístico. Frequentemente o elo entre língua e identidade é tão forte que um simples traço linguístico é capaz de revelar o pertencimento do falante a um determinado grupo, conforme afirma Tabouret-Keller (1998), que exemplifica essa situação com a pronúncia da palavra *shibboleth* pelos efraitas. Le Page e Tabouret-Keller (1985) argumentam que os falantes moldam sua língua a fim de se identificar

³⁶ Do inglês: *totemization*, ou seja, a adoção de uma língua como uma das propriedades de definição social de um grupo, conforme Tabouret-Keller (1998) baseado em Le Page (1980).

³⁷ Do inglês: “*A bilingual speaker may be identified by linguistic features deriving from language contact. In certain situations, this gives rise to feelings of inferiority, discrimination, or exclusion from the dominant group, or conversely, feelings of familiarity, recognition, complicity among those who share the language and/or the contact situation. The creativity of bilinguals, especially in oral language not controlled by the normative power of writing, will suffer repression through the totemization of the dominant language. Mastery of the latter is regarded as testimony to allegiance to the state that imposes it, and integration into a community mistakenly based on a single linguistic identity. Such sociolinguistic constraints point toward the subjective difficulties which often arise in contact situations*”.

com grupos específicos ou de se diferenciar deles, agindo de acordo com a identidade que desejam projetar. Dessa forma, para os autores, a língua não é apenas um sistema de comunicação, mas um instrumento primário para a construção da identidade cultural.

Um marcador de identidade de falantes bilíngues alemão-português, como o uso da forma “uma vez” em frases imperativas, é analisado por Ruscheinsky (2014). A autora observa que os falantes constroem sua identidade linguística a partir da semelhança de uso desse marcador, uma vez que não o percebem como estranho ao usá-lo ou ouvi-lo. Ao mesmo tempo, esse uso também marca uma diferença em relação à fala de outros grupos, para os quais tal construção pode causar estranhamento. No que tange a isso, Rodriguez (2005) relata sua infância nos Estados Unidos e sua relação com o espanhol e inglês, e demonstra que sua imersão na língua inglesa e seu desprendimento em relação ao espanhol culminou no desenvolvimento e assimilação de sua identidade como cidadão americano. Além disso, Freire demonstra a importância do isolamento dos indígenas na Amazônia, em suas aldeias de origem, para a preservação de “sua língua materna e sua identidade linguística” (Freire, 2011, p. 78).

Edwards (2009) enfatiza a distinção entre as funções comunicativa e simbólica, ou seja, a primeira como ferramenta e a segunda como um símbolo de grupo. Dessa forma, quando a língua do cotidiano de um grupo é a língua ancestral, aspectos simbólicos estão entrelaçados com a instrumentalidade da língua. Com base nisso, Edwards (2009, p. 56, tradução nossa³⁸) afirma: “No entanto, os dois aspectos da linguagem são separáveis – o comunicativo do simbólico – e é possível que este último permaneça importante na ausência do primeiro.” Tal situação é comum em grupos minoritários que passam por substituição linguística em direção à língua majoritária, porém participam de grupos de danças folclóricas germânicas, como se percebeu durante a pesquisa no oeste catarinense. Esse exemplo ilustra a definição de Edwards (2009), pois o português assume a função comunicativa, enquanto o grupo de danças folclóricas passa a representar o símbolo de pertencimento ao grupo.

A língua é um importante elemento constitutivo da identidade, porém não é o único. Krug (2004, p. 18) cita outras marcas simbólicas, como “danças, trajes típicos, tipos de casas (em enxaimel), clubes, música”. Outro campo que também caracteriza a identidade é a religião, que no caso da etnia alemã, é um demarcador de fronteiras, constituindo comunidades a partir do credo religioso, da escola e dos salões comunitários. Os católicos, por exemplo, têm sua identidade ligada aos santos e às festas, enquanto que os protestantes

³⁸ Do inglês: “*However, the two aspects of language are separable – the communicative from the symbolic – and it is possible for the latter to remain important in the absence of the former*”.

identificam-se com a bíblia traduzida para a língua alemã por Lutero, fazendo com que sua identidade seja mais ligada à língua (Willems, 1940).

A discussão sobre identidade linguística no contexto de contato entre o alemão e o português brasileiro revela que a língua opera tanto como uma ferramenta de comunicação (*função comunicativa*) quanto como um poderoso símbolo de pertencimento e diferença (*função simbólica*). A criatividade linguística dos falantes bilíngues, manifestada em traços como o uso de "uma vez" em frases imperativas, funciona como um *shibboleth* (Chambers e Trudgill, 2004), demarcando a fronteira identitária e fomentando sentimentos de cumplicidade interna, ao mesmo tempo que gera estranhamento externo. Contudo, as pressões históricas de assimilação e a repressão tornam essa identidade vulnerável, forçando a negociação entre a lealdade à língua ancestral e a necessidade de integração à comunidade majoritária. Assim, a identidade linguística dos falantes de línguas minoritárias é construída na intersecção do uso, das atitudes e do reconhecimento – ou não – dos outros elementos simbólicos do grupo, como a religião e as tradições culturais.

2.4.3 Preconceito linguístico

Tem-se um consenso de que preconceitos como racial, religioso e de gênero são prejudiciais para as relações humanas, havendo leis contra discriminação e na defesa dos direitos e do respeito pela diversidade³⁹. Esses preconceitos têm uma conotação negativa e a sociedade considera que sua prática é prejudicial para as boas relações humanas. Já o preconceito linguístico, manifestado quando a forma de expressão de um indivíduo causa estranhamento, risadas ou piadas e estabelece relações de poder entre as pessoas, muitas vezes ainda não é visto como uma prática capaz de causar dano ao outro. Logo, a estigmatização da forma como as pessoas falam ou usam a língua, bem como o desprestígio atribuído à fala de determinados grupos, parece ser uma prática socialmente naturalizada. Essa discriminação por meio da língua, sobretudo contra grupos minoritários, é denominada de “linguicismo” por Skutnabb-Kangas e Philipson (1995).

No Brasil, a política linguística do Estado caracterizou-se pela redução do número de línguas em uso e pela substituição dessas línguas pelo português, conforme Oliveira (2008). A imposição da língua oficial pelas reformas realizadas pelo Marquês de Pombal em 1758 e a

³⁹ A Constituição Federal de 1988 coloca como objetivos fundamentais da República, no Art. 3º, parágrafo IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Campanha de Nacionalização, no final da década de 1930, demonstram que a hegemonia da língua é uma questão estratégica. De acordo com Campos (1998, p. 120), o controle sobre o uso da língua, nesses momentos, passa a ser um elemento “de significativa importância para garantir a homogeneidade cultural, a afirmação do Estado sobre a sociedade e a integridade da nação. Os grupos resistiram sobretudo através da afirmação da cultura, de suas tradições e, evidentemente, da sua língua”. Essas leis deixaram de ter validade, porém suas consequências ainda persistem. Com isso, muitos pais deixaram de transmitir sua língua materna aos filhos devido ao temor desses tempos de proibição das línguas consideradas estrangeiras (Ruscheinsky, 2014; Horst e Krug, 2020).

Essas políticas evidenciam o linguicídio sofrido pela língua geral e línguas indígenas e, mais tarde, pelas línguas de imigração. Skutnabb-Kangas e Philipson (1995) denominam como “linguicídio” o extermínio de línguas. No linguicídio, por exemplo, há algum agente envolvido na morte de uma língua, que pode atuar de forma ativa, tentando eliminá-la, como no caso das repressões citadas, ou de forma passiva, quando simplesmente se deixa a língua morrer ou não se apoia seu uso.

Outras consequências incluem a construção de mitos como o de que o Brasil seria um país monolíngue (Altenhofen, 2004) e de que o português falado no Brasil é homogêneo (Bagno, 2007). Muitas vezes, para a sociedade leiga, o preconceito linguístico é considerado uma atitude que possivelmente pode ocorrer. Um exemplo disso foi a falta de discussão crítica e reflexiva sobre o próprio preconceito linguístico na grande mídia em uma reportagem sobre o livro didático “Por uma vida melhor” (Ramos, 2011), que alerta o aluno sobre a possibilidade de ser vítima de preconceito linguístico caso use uma variedade estigmatizada. Ou seja, não há má intenção do sujeito enquanto corrige o outro que usa uma variedade desprestigiada. Outro exemplo é o ensino de língua estrangeira, como o ensino do alemão *Deutsch als Fremdsprache*, mesmo os estudantes sendo falantes de *Deutsch/Deitsch*, ou seja, uma variedade do alemão.

Um preconceito muito recorrente no cotidiano dos municípios desta pesquisa é a deturpação da língua minoritária (Altenhofen, 2004), atribuindo-lhe valor depreciativo, como dialeto, abaixo da norma padrão, e de língua marginal, às margens da língua oficial. A posição social dos falantes dessas minorias, agricultores e sujeitos de origem mais humilde, também reforça a atribuição de nomes pejorativos, como alemão misturado, contrastando com “alemão gramatical”, termo usado no Plano Municipal de Cultura de SCA (p. 16 e 17)

Apesar de iniciativas para atribuir prestígio à língua minoritária, a exemplo da lei de cooficialização da língua alemã no município de SJO⁴⁰, o preconceito linguístico é “endêmico na vida pública, amplamente tolerado, e institucionalizado em empreendimentos sociais que afetam quase a todos, como a educação e a mídia” (Adger, Christian, 2006, p. 2546, tradução nossa⁴¹). As autoras consideram que existe pouco conhecimento e pouca valorização dos estudos linguísticos que evidenciam a sistematicidade das variedades mais dialetais. Além disso, destacam que a posição social elevada atribuída às variedades padronizadas não se sustenta em bases linguísticas científicas. Isso resulta na limitada compreensão sobre fatores sociolinguísticos e, conseqüentemente, na desinformação e estigmatização.

Para finalizar esta seção sobre as implicações das percepções, crenças, atitudes e identidade linguística, é crucial reiterar que o universo das línguas minoritárias, especialmente em contextos de contato e plurilinguismo, está profundamente marcado por relações de poder e valoração social. O preconceito linguístico e a estigmatização não são meros acidentes, mas sim resultados de políticas históricas e da naturalização de hierarquias linguísticas que influenciam a construção identitária e o comportamento dos falantes. No entanto, a complexidade desse fenômeno não se esgota nas dimensões sociolinguística e identitária já abordadas. É necessário examinar como esses fatores interagem em um quadro ainda mais abrangente.

A próxima seção explora o Princípio da Pluridimensionalidade, base teórico-metodológica que permite compreender as línguas como fenômenos sociais e culturais que se manifestam em múltiplas esferas simultaneamente. Essa perspectiva retoma as dimensões já discutidas e adiciona novas camadas de análise, essenciais para uma compreensão mais abrangente dos usos linguísticos e da mudança e substituição linguística em comunidades bilíngues.

2.5 PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE

O plurilinguismo e o contato linguístico configuram situações linguísticas bastante complexas. Para analisá-las, o princípio da pluridimensionalidade é mobilizado, nesta pesquisa, como forma de organizar o caos aparente. Esse princípio compõe o eixo central em que se pauta o modelo teórico-metodológico de macroanálise da variação linguística. Com

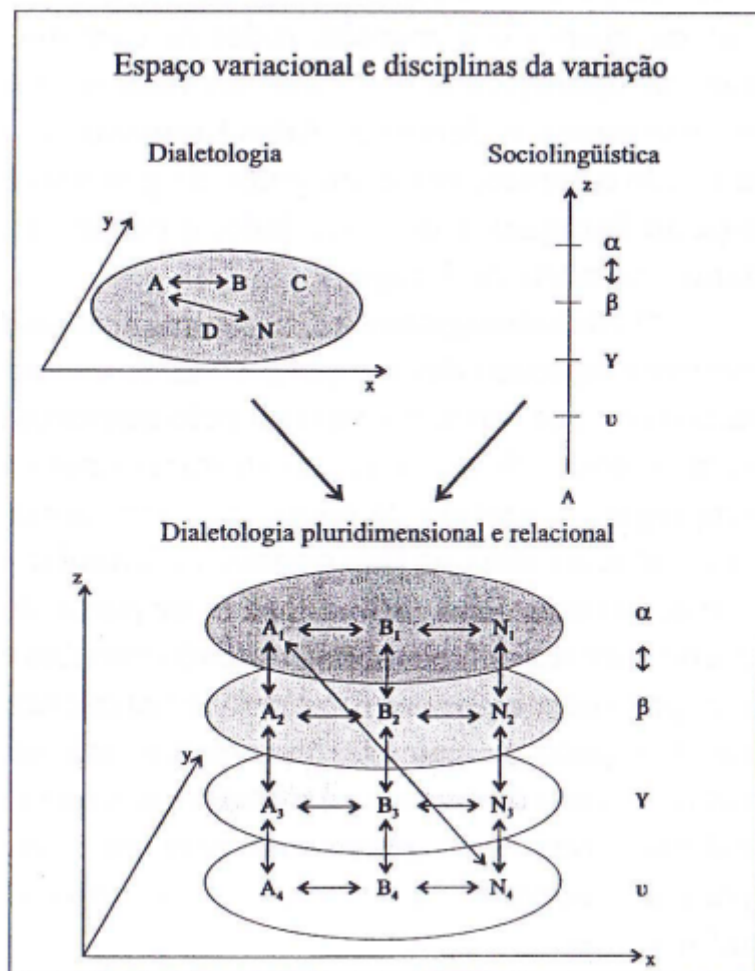
⁴⁰ Disponível em: <http://leismunicipa.is/ptoud>. Acesso em: 21 mar. 2025.

⁴¹ Do inglês: “*endemic in public life, widely tolerated, and institutionalized in social enterprises that affect almost everyone, such as education and the media*”.

ele, buscamos organizar a análise da variação em diferentes dimensões: no eixo horizontal que demonstra o espaço geográfico, tradicionalmente pesquisado pela geolinguística, e o eixo vertical do espaço social, enfatizado pela sociolinguística. Thun (1998, p. 705) demonstra a necessidade de combinar e relacionar esses dois eixos, da dimensão diatópica às dimensões sociais, com o objetivo de alcançar o ideal de “*la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de sua relación com los hablantes*”.

Nessa perspectiva, a dialetologia pluridimensional e relacional tem por finalidade principal combinar a dialetologia areal com a sociolinguística, a fim de alcançar um estudo tridimensional da variação linguística, como demonstra o esquema de Thun (1998, 2005) a seguir:

Figura 1 – Espaço Variacional e Disciplinas da Variação



Fonte: Thun (2005, p. 67) e Thun (1998, p. 705).

Essa ampliação permite focalizar as interrelações no espaço a fim de responder perguntas como: “Em quais pontos e quais faixas etárias usam a língua alemã nos espaços religiosos, como missas ou festas?” ou então “A maioria das mulheres ou dos homens com pouca instrução formal preferem falar alemão?”.

Para isso, também é necessário observar a pluralidade dos entrevistados, tanto em número quanto em diferentes características sociais. Cada entrevista pode ocorrer na presença de mais de um participante, embora com os mesmos parâmetros (ver Thun, 1998, p.706), aumentando, assim, a representatividade dos dados e a diversidade dos comentários metalinguísticos. Além disso, a coleta de dados com participantes de diferentes parâmetros é necessária a fim de alcançar a pluridimensionalidade. A seguir, está o esquema usado pelo Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU) para coleta de dados, que também norteia a seleção de participantes desta tese:

Figura 2 – Esquema com dimensões e parâmetros usados pelo ADDU

DIMENSÃO	PARÂMETRO
1. dialingual	 espanhol português
2. diatópica	 topostático  A N
3. diatópico-cinética	 topostático topodinâmico
4. diastrática	 classe alta classe baixa
5. diageracional	 geração II geração I
6. diassexual	 mulheres homens
7. diafásica	 R C L
8. diarreferencial	 fala “objetiva” fala metalingüística

Fonte: Thun (2005, p. 71).

A pluridimensionalidade pondera um conjunto de dimensões, e cada dimensão pressupõe uma oposição entre dois (ou mais) parâmetros de definição. Essas dimensões, por exemplo, determinam a escolha de participantes para a coleta de dados em determinado espaço geográfico. Dessa forma, a relação que cada dimensão tem com as demais possibilita que cada uma esteja presente em outras, permitindo o princípio relacional. Para ilustrar essa relação, pode-se imaginar um ponto de pesquisa “A” (dimensão diatópica) onde há participantes dos grupos GII (dimensão diageracional), Cb (dimensão diastrática), homens (dimensão diassexual) e católicos (dimensão diarreligiosa) que têm sua fala metalinguística (dimensão diarreferencial) comparada com um ponto de pesquisa “B” onde há participantes dos grupos GII, Cb, homens e luteranos. Conforme Thun (1996), pesquisas com enfoque no contato entre línguas ou variedades linguísticas implicam a relação entre características sociais, linguísticas e geográficas. O questionário também possibilita o estímulo e registro de comentários metalinguísticos dos entrevistados, o que permite outra relação: aquela que une o “*comportamiento lingüístico con el saber metalingüístico de los hablantes*” (Thun, 1996, p. 214).

O parâmetro de local de moradia dos falantes é abrangido pela dimensão diatópica, ou seja, a pesquisa é realizada em diferentes pontos para analisar a variação no espaço geográfico. A relação com a geolingüística é inerente, porque “*la Dialectología pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y la superficie bidimensional*” (Thun, 1998, p. 704). De acordo com o autor, dá-se preferência a espaços mais amplos, pois possibilitam a correlação de todas as dimensões; contudo, também é possível trabalhar em microzonas, isto é, em escala menor. Com base nisso, a relação entre língua e espaço deve ser compreendida como uma via de dois sentidos (Altenhofen, 2023): por um lado, considera-se as línguas e suas variedades no espaço; por outro, analisa-se como o próprio espaço condiciona a língua, favorecendo ou desfavorecendo seu uso, sua variação e sua mudança. Os pontos de pesquisa desta tese partilham características em relação aos processos de colonização, mas diferenciam-se em relação à proximidade *versus* distância de vias de comunicação.

A técnica de entrevista em três tempos, quando o entrevistador pergunta, depois insiste a fim de obter mais respostas e, por fim, sugere uma variante para ser aceita ou não pelo participante, é uma técnica capaz de ativar tanto o conhecimento ativo quanto o passivo. De acordo com Thun (2005), as sugestões são propostas após a espera das respostas espontâneas, a fim de conseguir maior número de formas e comentários dos falantes. Já a dimensão diarreferencial compara a fala objetiva e a fala metalinguística e analisa a percepção de

significados sociais atribuídos a variedades e variantes de uma língua. Na presente pesquisa, usou-se a entrevista em três tempos quando foi perguntado e insistido sobre a denominação da língua minoritária e, por fim, foi sugerido a denominação *Hunsrückisch*.

A dimensão diafásica permite a comparação entre os três estilos: a leitura de texto (L), as respostas ao questionário (R) e a conversa livre (C). Para esta tese de doutorado, considerou-se a conversa livre, a observação participante e o caderno de campo. Com isso, os resultados nos diferentes estilos possibilitam a análise acerca da estrutura e do processo da variação ou da manutenção da língua.

2.5.1 Dimensões sociais de análise

As principais dimensões sociais de análise são a dimensão diacrônica, diageracional, diastrática, diassexual e diarreligiosa. Cada uma dessas dimensões será aprofundada nos próximos parágrafos.

A dimensão diacrônica compara dados linguísticos coletados em diferentes tempos. A disciplina que se ocupa com a linguística diacrônica é a geolinguística, que tem o papel de “registrar, num espaço mais ou menos extenso, a coexistência de formas entre as quais o grupo de falantes faz a escolha de uma ‘candidata’ eleita para substituir uma forma velha” (Thun, 2009, p. 533). Um estudo diacrônico é possível por meio da comparação entre dados coletados em diferentes épocas, constituindo assim uma pesquisa de mudança em tempo real. Também é possível, por exemplo, analisar cartas escritas em diferentes épocas. Nesta tese, procede-se à análise de estudos anteriores realizados nos pontos de pesquisa acerca do ensino-aprendizagem de língua portuguesa, do contato entre os colonizadores descendentes de alemães e de caboclos e indígenas que habitavam as terras antes do processo de colonização. Apesar de não serem estudos específicos sobre a presença da língua alemã, apontam as características desses usos em tempos remotos.

Um estudo da mudança em tempo aparente é possível por meio da dimensão diageracional, quando são entrevistados falantes de diferentes grupos etários, mais especificamente a geração mais velha (GII) e a geração mais jovem (GI). A variação da fala entre a GII e a GI tende a evidenciar uma mudança em progresso, observada em tempo aparente, pois a fala dos jovens geralmente sinaliza tendências futuras da língua. Em relação

às línguas minoritárias, é possível analisar a manutenção ou substituição considerando as duas gerações.

A dimensão diastrática possui dois parâmetros: a classe (socioculturalmente) alta (Ca) e a classe (socioculturalmente) baixa (Cb). Na dialetologia pluridimensional (Thun 1998, 2005), esses parâmetros são definidos socioculturalmente, conforme a formação escolar: com muita ou pouca escolaridade. Dessa forma, é possível analisar o prestígio de uma variável nos diferentes grupos. Em relação à língua minoritária, que não é usada no ensino formal, a maior escolarização pode levar à substituição linguística, visto que o falante passa mais tempo no ensino que ocorre na língua majoritária. Como destacado no próximo capítulo, em relação à história da colonização, a língua alemã começou a ser ensinada no início da colonização e, mais recentemente, em algumas escolas, mas com pouca regularidade e poucas horas/aula por semana.

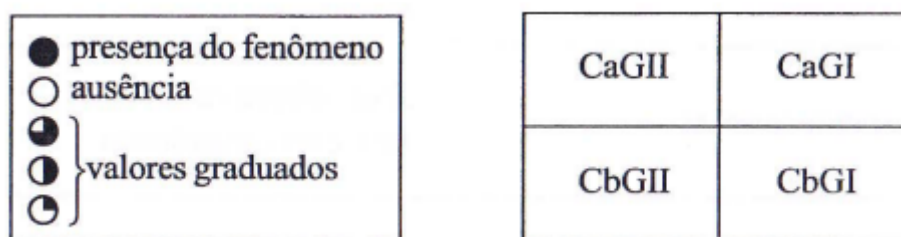
As mulheres e os homens são parâmetros para a dimensão diassexual, que analisa os papéis sociais de cada participante. Aqui é importante destacar que as mulheres estão expandindo sua participação na sociedade, por meio do mercado de trabalho que antes era exclusivamente masculino, da maior mobilidade e de mais poder de decisão, mantendo interações com diferentes grupos e aumentando seus contatos linguísticos. Conforme destacam Radke e Thun (1999), poucos atlas linguísticos consideram essa dimensão, que além de ser aplicada na escolha dos falantes, também atinge os/as entrevistadores/as. Trudgil (2000), com base em estudos anteriores, destaca que as mulheres costumam estar na vanguarda da mudança linguística. O autor também destaca que diferenças linguísticas nessa dimensão ocorrem devido a atitudes sociais, visto que homens e mulheres têm papéis sociais diferentes e, consequentemente, seus comportamentos também podem variar.

A dimensão diarreligiosa agrupa os falantes de acordo com sua religião. No caso dos falantes de alemão no Brasil, os parâmetros desta dimensão costumam ser de religião católica e evangélica-luterana. Os católicos expressam sua fé por meio da devoção a santos e festas em homenagem ao padroeiro da comunidade (*Kerb*). Os evangélicos ou luteranos priorizam os atos da vida religiosa propriamente dita, como os cultos, preces e interpretação do evangélico; “a língua alemã; certos costumes, mormente a endogamia, (isto é, casamentos só dentro da comunidade evangélica)” (Willems, 1940, p. 234). Ou seja, a presença da língua alemã nas atividades da vida religiosa é bastante acentuada. Segundo Willems (1940), os católicos apresentam maior tendência à substituição do alemão pelo português.

2.5.2 Esquemas de representação e análise dos dados

A representação gráfica dos dados coletados é uma parte importante da pesquisa, pois os dados de variadas dimensões precisam ser expostos em uma mesma representação, possibilitando, assim, uma análise mais abrangente das relações entre os fenômenos investigados. Dessa forma, a coleta de dados com base na Dialetologia Pluridimensional não é efetiva se a representação for fragmentada. Entre as soluções para combinar a pluridimensionalidade e a representação está o uso combinado de mapas e de símbolos, como mostram os esquemas de Thun (2005) abaixo.

Figura 3 – Legenda de símbolos e siglas dos grupos de participantes



Fonte: Thun (2005, p. 72).

Dessa forma, é possível inserir dados linguísticos e sociais em mapas geográficos, de acordo com a dimensão diatópica, possibilitando a análise da situação de uma variável considerando as dimensões diastrática e diageracional. De acordo com Thun (2010a, p. 506), um mapa simbólico pontual (*point-symbolic linguistic map*) tem a vantagem de apresentar visualmente as variantes de uma variável em qualquer ponto do mapa. Entretanto, devido ao reduzido espaço, dificilmente é possível inserir mais que uma variável, o que dificulta a integração das variantes num certo ponto. De todo modo, é possível fazer uma sequência de mapas que podem ser sobrepostos, ampliando a visibilidade dos dados e, com isso, dando crédito à pluridimensionalidade e à relacionalidade dos dados.

Nesta pesquisa, os símbolos são usados, não para indicar as variantes, mas para demonstrar as respostas dos participantes sobre a presença e uso da língua alemã e suas percepções sobre a mesma. Dessa forma, obtém-se uma visão panorâmica dos usos do repertório linguístico do falante em diferentes domínios, como família, igreja, trabalho e comunidade. Considerando que as comunidades dos pontos de pesquisa são multilíngues, a

análise dos usos da língua minoritária permite observar processos de manutenção ou de substituição linguística.

A partir dessas considerações, encerra-se o capítulo dedicado às perspectivas teóricas desta pesquisa, evidenciando-se uma lacuna quanto ao conhecimento e à aceitação dos estudos linguísticos pela população em geral. O prestígio atribuído ao português pode estar relacionado a valores consolidados desde a época do Brasil colonial, enquanto a estigmatização das línguas de imigração remonta, sobretudo, à primeira metade do século XX.

No próximo capítulo, apresenta-se a história da colonização das localidades de pesquisa, fator que certamente possibilitou a atual existência de falantes de *Hunsrückisch* na região do oeste catarinense.

3 HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO NOS PONTOS DE PESQUISA

“Meu bisavô Wendling nasceu em Zell (Alemanha) e migrou para o Brasil em 1893 estabelecendo-se em Rio Pardo - RS, nas colônias velhas. Constituiu família e migrou para Cerro Largo-RS. Meu avô, já com família, também migrou, estabelecendo-se nas terras de Porto Novo em 1951, primeiramente próximo a Linha São José, mas não fixou residência pois não havia escola ali perto. Fixou residência na comunidade de Cristo Rei, onde eu cresci. Meu avô Walker era neto de imigrantes da Inglaterra e Alemanha, nasceu em Lajeado e veio com a família para Porto Novo em 1940. Conheceu a esposa e com a nova família foi um dos pioneiros da comunidade de Cristo Rei. O avô do meu marido saiu da Bessarábia, região da Romênia, com nove anos em 1929 junto com a família de pais e irmãos, todos falantes de alemão, e fixaram moradia nas terras de Porto Novo. São histórias de migração, recomeço e encontros, repassadas oralmente por nossos pais e avós e lidas em português e alemão nos livros e documentos.” (Ruscheinsky, 2026).

Esse prólogo descreve as andanças dos antepassados de uma família e representa a história de muitos outros moradores das localidades desta pesquisa, inclusive pode retratar o histórico de migrações de muitas outras famílias que fixaram raízes no Brasil. Neste capítulo, é apresentada a história da ocupação dos municípios, pois esta é determinante para a existência do bilinguismo atual na região. Em vista disso, concordamos com Preston (2010), ao afirmar que “é importante para as pessoas cujo maior interesse está na variação linguística saber onde a terra está e como ela é dividida e preenchida – os fatos da geografia física – pois tais fatores têm influência na língua” (Preston, 2010, p. 87, tradução nossa⁴²).

Ressaltamos que tal modelo de colonização ocorreu em diversas partes do sul do Brasil, como ressalta Oliveira (2002, p. 13): “no Brasil do século XIX, a política de imigração visava atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas”. Para isso, era preciso que os imigrantes fossem agricultores, colonos ou artesãos que se sujeitassem a viver em colônias, isolados na mata, e não priorizassem as cidades. Além disso, a vinda de imigrantes europeus era vista como um fator favorável, de acordo com a “teoria do “branqueamento” no início do século XX, um processo seletivo de miscigenação que dentro de três ou quatro gerações faria surgir uma população branca” (Oliveira, 2002, p. 10).

As terras pertencentes aos pontos desta pesquisa pertencem ao Brasil desde 1895, visto que antes eram objeto de disputa entre Brasil e Argentina. A Argentina defendia que a fronteira entre os dois países fosse o Rio Chapecó, enquanto que o Brasil exigia que a fronteira fosse o Rio Peperi-guaçu. Essa disputa, chamada de “Questão de Palmas”, foi

⁴² Do inglês: “It is important to people whose major interest is in language variation to know where the land lies and how it is shaped and filled up - the facts of physical geography - because such matters have an influence on language”.

resolvida com a intervenção do Presidente dos Estados Unidos, Grover Stephen Cleveland em 1895. Essas terras também foram disputadas entre Paraná e Santa Catarina, aquele estado reivindicava que a fronteira estadual fosse o Rio Uruguai e este defendia que eram suas terras baseado no princípio da distribuição das Capitânicas Hereditárias. Com isso, a Guerra do Contestado (1912-1916) foi consequência, em parte, dessa disputa, que foi resolvida pelo Presidente da República, Wenceslau Braz, em 1916, com um acordo junto aos governadores dos dois estados, dividindo as terras em duas partes⁴³.

O início da colonização dos pontos de pesquisa selecionados para esta tese de doutorado, pelos colonizadores, ocorreu na década de 1920, depois de estipuladas as fronteiras entre Brasil e Argentina; e, em seguida, Santa Catarina e Paraná. Como forma de ocupar o espaço do oeste catarinense, a propriedade das terras serviu como pagamento do governo para as companhias contratadas que ficavam encarregadas pela construção das estradas necessárias para o acesso dos colonizadores. Assim, as empresas Companhia Territorial Sul Brasil, Colônia Peperi-Chapecó e *Volksverein* – Sociedade União Popular, de posse das terras às margens do Rio Uruguai, iniciaram o processo de colonização, demarcando glebas de aproximadamente 20 hectares e vendendo-as para compradores vindos do Rio Grande do Sul ou de outros países. Além de abrir estradas, também era função das empresas a construção de pontes e escolas, o que incentivava ainda mais a ocupação do território (Radin; Vicenzi, 2017; Rosseto, 1995).

A demarcação dos lotes iniciava nas terras próximas ao Rio Uruguai, indo em direção ao norte. Havia muito cuidado para que todos os lotes tivessem acesso a um rio, riacho ou lagoado, a fim de garantir água para as famílias. Para abrir estradas, a empresa colonizadora contratava caboclos⁴⁴ ou os próprios colonos para a derrubada das árvores com o uso de machados. Os caboclos eram pagos com pequenos pagamentos, já os colonos trabalhavam em troca do pagamento dos juros ou da própria terra. A fim de garantir o sucesso da colônia, as colonizadoras prezavam pela ocupação e uso das terras do lote logo após a compra.

Além da mata fechada, da dificuldade de pagamento dos lotes, da falta de estradas e de comércio para o pouco que era produzido pelos colonos, estes também enfrentaram a voracidade dos mosquitos nas primeiras décadas de colonização. A pioneira Maria W. Rohde, de Porto Novo, muito ufanista em relação à colonização, descreve o tormento:

⁴³ Werlang (1992), Jungblut (2000) Radin; Vicenzi (2017) e Rosseto (1995) descrevem como ocorreram as estipulações das fronteiras, destacando as negociações diplomáticas.

⁴⁴ Nas próximas páginas, há a definição de “caboclo” e mais informações acerca de seus hábitos e situação atual.

Os borrachudos eram, sem dúvida, o maior problema: uma verdadeira praga, principalmente em dias quentes! Havia épocas nas quais eles nos torturavam tanto, que ficávamos apáticos diante de todas as belezas e vantagens – e teríamos preferido fugir correndo dali (Rohde, 2012, p. 73).

Os colonos de São Carlos passaram pelas mesmas inquietações em relação à continuidade da vida na colônia, considerando os ataques dos mosquitos, como declara Fredolina Kussler: “Era uma bicharada, se sabia disso não teria vindo para cá” (Werlang, 1992, p. 118). Ervino Hoss relembra as implicações das picadas de mosquito: “Tinha muita gente com ferida, principalmente criança [sic]. Mas na época já tinha o Dr. Hund que dava remédio. Tinha adulto [sic] que não podia caminhar com infecção do sangue” (Werlang, 1992, p. 118). Certamente, muitos colonos teriam deixado a terra, se houvesse condições de retorno ao antigo lar. Alguns partiram para outras terras, de acordo com os escritos pessoais de Nicolaus Beirith: “Como todos não queriam ficar nesta terra de muito mosquito, muito morro e pedra, o que ninguém estava acostumado, surgiu um plano de ir para o Uruguai” (Wolff, 1997, p. 21).

Cuidar dos enfermos, das crianças e dos idosos e dos afazeres da casa era função das mulheres. Mas não era somente isso que as ocupavam, como indicam Werlang (1992) e Rohde (2012). Elas também eram responsáveis pelo trato dos animais domésticos e da lavoura, pois os homens da casa frequentemente estavam na abertura de estradas. Geralmente também participavam da derrubada de árvores, levando os bebês em cestos e as crianças também auxiliavam. O trabalho de casa era realizado ao meio dia ou à noite, ou aos sábados à tarde. As mulheres estavam presentes desde o princípio nos projetos de colonização às margens do Uruguai (Schneiders, 2021)

Importante destacar que o início da colonização não significa o princípio da vida humana nas terras do Oeste Catarinense. D’Angelis (2025) identifica a área de mata subtropical no oeste catarinense como de ocupação Guarani, principalmente ao longo dos grandes rios, como é o caso dos rios Uruguai, Peperi-guaçu e Chapecó. Jungblut (2000, p. 59) destaca em um mapa os 53 locais que foram catalogados pela arqueologia com sinais que evidenciam a presença de indígenas, ao longo da margem direita do Rio Uruguai, onde é o ponto de pesquisa ITA/SJO. As matas também eram habitadas pelos caboclos, como se autodenominavam, ou *Waldläufer*⁴⁵ (andarilhos do mato, nome dado pelos descendentes de alemães).

⁴⁵ Rohde (2022) e Jungblut (2000)

Esses povos indígenas e os caboclos “eram definidos como desprezíveis, sem preocupação com o futuro, violentos, intrusos, pobres, não afetos ao trabalho e relacionados ao atraso da região”, segundo Radim e Vicenzi (2017, p. 70). Havia centenas de famílias que ocupavam os dois lados do Rio Uruguai, não tinham documentos sobre a posse das terras e não reagiam contra a colonização. Como eram considerados atrasados e não adequados para o alcance do progresso, foram sendo expulsos das terras que antes habitavam e, atualmente, estão em duas áreas com concentração de caboclos, nas comunidades de Aparecida e São Ludgero⁴⁶, uma com 47 famílias e outra com 10 famílias, de acordo com Reichert (2008, p. 185). O pesquisador descreve a trajetória de aculturação e adaptação da população cabocla e a atual relação entre os descendentes desses caboclos e dos colonizadores. Segundo Reichert (2008, p. 39):

Os caboclos de Porto Novo têm uma visível consciência de grupo étnico e não veem na expressão “caboclo” um estigma. Mas também não querem ser confundidos, como costumeiramente fazem os teuto-brasileiros, que não conhecem ou não fazem questão de reconhecer a identidade cultural cabocla.

A região deste estudo pertenceu ao município de Chapecó até o ano de 1954, quando foram desmembrados os municípios de São Carlos, Palmitos, Mondaí e Itapiranga (que são os pontos de coleta de dados), juntamente com outros quatro: Xanxerê, Xaxim, São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira. Mais tarde, como nos anos de 1961 e 1995, houve mais emancipações dos distritos, desmembrando mais terras.

A seguir, a ocupação do espaço de cada ponto de pesquisa será detalhada, pois apesar das grandes semelhanças nos processos, cada localidade teve particularidades importantes. Isso repercute na atual situação linguística da população que hoje mora nesses municípios, e consequente, na escolha para seleção de participantes para esta pesquisa. A ordem da descrição seguirá a sequência dos pontos ao longo do Rio Uruguai da foz do Rio Peperi-guaçu até o Rio Chapecó, ou seja, de oeste a leste, iniciando por Itapiranga-São João do Oeste⁴⁷, Mondaí, Palmitos e São Carlos, conforme pode ser visto no Mapa 1, apresentado na introdução deste estudo.

3.1 ITAPIRANGA/SÃO JOÃO DO OESTE (ITA/SJO)

⁴⁶ Estas duas áreas estão marcadas no Mapa 4 do ponto de pesquisa ITA/SJO.

⁴⁷ Itapiranga e São João do Oeste são dois municípios, que nesta pesquisa abordamos como somente um ponto considerando os motivos apresentados na metodologia.

Os municípios de Itapiranga e São João do Oeste, junto com Tunápolis, fizeram parte da Colonização Porto Novo, realizada pela organização filantrópica social *Volksverein* – Sociedade União Popular. A área de 583 km² junto ao Rio Peperi-guaçu e Rio Uruguai foi vendida para a *Volksverein* pela Colonizadora Chapecó-Peperi em janeiro de 1926.

Um grupo de pessoas, lideradas pelo Pe. Max Von Lassberg, partiu de Cerro Largo – RS de caminhão até Porto Feliz (atual Mondai), e desceu o Rio Uruguai em canoas. Em 11 de abril de 1926 chegaram até o local previsto para a sede da colonização e o padre celebrou uma missa, em língua alemã, que marca o início do projeto Porto Novo (Lassberg, 2002). Já naquele ano, vieram para a Colônia Porto Novo os primeiros solteiros e, posteriormente, famílias. A colônia passou a ser “o primeiro prolongamento da colonização teuto-brasileira católica do Rio Grande do Sul em Santa Catarina” (Heinen, 1997, p. 71).

Conforme já mencionado acima, a ocupação do território foi organizado pela colonizadora, por meio do trabalho dos agrimensores, a partir do leito dos rios, garantindo que todo lote, de aproximadamente 25 hectares, tivesse acesso a uma fonte de águas para abastecimento. As linhas de ocupação foram nomeadas com base em algumas referências como espécies de vegetação comum no local (Linha Ipê, Linha Jaboticaba), nomes indígenas de rios (Linha Jundiá), e nomes de santos católicos (Linha São Pedro, Linha Santa Izabel).

Houve muita propaganda para convencer famílias de descendentes de alemães católicos, principalmente do Vale do Taquari e do noroeste do Rio Grande do Sul, para comprar lotes, morar na colônia e garantir o sucesso da mesma. Além dos descendentes, imigrantes nascidos na Alemanha se estabeleceram em Porto Novo, principalmente no núcleo de Linha Presidente Becker⁴⁸. Esse núcleo passou a ser ocupado em 1932 e a proximidade com o Rio Peperi-guaçu e o Rio Macaco Branco era um atrativo para os imigrantes. Nesse período, Porto Novo também recebeu imigrantes vindos da região da Bessarábia, dos quais muitos se estabeleceram na comunidade de Santo Antônio, logo ao norte de Linha Becker.

As propagandas projetavam uma imagem de colonização homogênea, ao restringirem a aquisição dessas terras a colonos de origem alemã e católica. Além disso, a *Volksverein* era responsável pela abertura de estradas e construção de escolas. Assim, os colonos viam garantias de preservação daquilo que mais prezavam: religião, língua e educação.

Em 1933, foi publicado um folheto de propaganda, com mais de 40 páginas, contendo textos em alemão sobre Porto Novo e fotografias, a fim de convencer mais famílias para

⁴⁸ O nome da comunidade foi escolhido em homenagem ao primeiro presidente da Sociedade União Popular (*Volksverein*), senhor Jakob Becker, natural da Alemanha e que veio para o Brasil para atuar como professor na região de Venâncio Aires-RS (Franzen, 2024).

descrita como “nossa sentinela avançada de civilização, a nove quilômetros da fronteira argentina. Tem ruas bem alinhadas, iluminação elétrica, escola, bons prédios.” (Costa, 1931, p.19). Na ocasião, o presidente avaliou que o nome Porto Novo poderia causar confusão telegráfica e sugeriu que o nome do córrego Itapiranga, já presente no mapa da cidade, fosse usado para toda a colonização. Houve a troca do nome, e conforme Jungblut (2000, p. 130), “o povo presente ficou um tanto desorientado e alguns até contrariados, porém o novo nome foi aclamado, mais para não contrariar o visitante”.

As terras apresentavam relevo ondulado, poucas terras planas, mata fechada e muitas pedras. Foi preciso desmatar, atear fogo nos galhos e tocos de árvores para depois poder cultivar a terra. A extração de toras de madeira foi a primeira fonte de renda dos colonos, pois, além de servirem para as construções, eram negociadas com os balseiros, que as vendiam na Argentina, transportando-as pelo Rio Uruguai (Müller, 2011).

Para esse transporte, era preciso haver enchentes para aumentar o fluxo das águas no Rio Uruguai. Dessa forma, as balsas com as toras eram ancoradas às margens do rio na altura da sede de Porto Novo, pois era o último povoado antes do Salto do Yucumã, cuja queda destruíra as toras em tempos de águas mais rasas. A negociação e convivência com os balseiros e caboclos são alguns dos únicos contatos dos colonos com falantes monolíngues da língua portuguesa, como evidencia o relato de Maria Rohde, uma das primeiras mulheres que migraram para Porto Novo: “Frequentemente, dali em diante, eu via muitos deles nas missas de domingo, e, por causa deles, Padre Rick sempre fazia uma pequena reflexão em português” (Rohde, 2012, p. 119).

Itapiranga cresceu muito, e em 1932 passou a ser um distrito do município de Chapecó, desmembrando-se de Mondaí. Uma gleba de terra com terrenos urbanos foi demarcada a cerca de 20 km da sede e denominada São João. A década de 30 apresentou um avanço na ocupação do território de Porto Novo, pois novas comunidades foram fundadas e colonizadas.

Em outubro de 1932, foi criada a Caixa Rural União Popular de Porto Novo, a *Raiffeisen*⁵¹, para atender à necessidade das famílias para adquirir terras e edificar imóveis adequados, visto que a colônia era muito isolada (Franzen, 2022a). Conforme Eidt (1999, p. 15), Porto Novo foi “palco de uma das organizações coletivas mais fechadas de que se tem conhecimento no Brasil”.

⁵¹ A entidade passou por alteração de nome e de estatuto, sendo que hoje é a Sicoob Creditapiranga. Itapiranga tem o título de Capital Catarinense do Cooperativismo de Crédito (Lei Ordinária nº 16.722/2015 de Santa Catarina).

Esse isolamento também era dentro das famílias, sempre com muitos filhos para servir de mão-de-obra na agricultura familiar. Essa convivência incentivava o uso da língua alemã, trazida pelos colonos e repassada aos nascidos em Porto Novo. Dessa forma, na grande maioria, as crianças apenas tinham contato constante com a língua portuguesa ao ingressarem na escola, como evidencia o relato da pioneira Maria Rohde:

Nas escolas das comunidades de Porto Novo, desde o início, era ensinado nas duas línguas, português e alemão, e se tomava muito cuidado, para contratar competentes professores, nascidos no Brasil. Todos já estavam conscientes de que, nos tempos e conjunturas atuais, se tornava imprescindível à nova geração, dominar, ao lado da língua alemã, a língua nacional. É natural, que não era fácil, para os professores lecionar em uma língua, para crianças, que até entrarem na escola, só haviam tido contato real com outra. Esse desconhecimento da língua nacional portuguesa é compreensível, pois até ali, ninguém se preocupava em ensiná-la à população interiorana, não lhe fornecendo escolas, professores ou materiais didáticos. (Rohde, 2012, p. 231-232).

Durante o Estado Novo, entre 1937 a 1945, a Campanha de Nacionalização, no final dos anos 30, trouxe um grande desafio para os habitantes de Porto Novo, considerando a proibição do ensino em outra língua que não fosse a língua portuguesa e o fim das escolas paroquiais⁵², que passaram a ser mantidas pelo Estado. Em 1938, Porto Novo já “contava com mais de 6.000 habitantes” (Rohde, 2012, p. 231) e como a maioria da população falava e entendia exclusivamente a língua alemã, restou-lhe o silêncio, ou então a humilhação e represálias, exemplificados pelo seguinte depoimento: “A vida era triste. As mães e os filhos choravam muito. Alguns estavam presos, outros, não. Por fim, não dava mais para confiar em ninguém.” (Jungblut, 2000, p. 153).

A repressão continuou no início da década de 40, quando os moradores de descendência alemã sofreram todo tipo de violência, como afirma Jungblut (2000, p. 149): “centenas de histórias carregadas de sofrimento podem ser narradas. Procedimentos absurdos, adotados pelas autoridades militares, enquadraram-se nos crimes de guerra, mas jamais alguém foi levado a julgamento algum”. Tal repressão também afetou o uso da língua alemã, que foi proibida e considerada uma ameaça ao monolinguismo em português defendido pelo governo brasileiro (Ruscheinsky, Frizzo e Krug, 2024).

Depois de 25 anos do início da colonização de Porto Novo, iniciou o loteamento da parte mais ao norte, margeando o Rio Peperi-guaçu, denominado Tunas. Essa área já pertencia

⁵² Eidt (1999) descreve a trajetória das escolas paroquiais em Porto Novo como “Em todas as comunidades rurais foram fundadas escolas, especialmente por motivo religioso. Com uma estrutura técnico-pedagógica deficiente, o currículo limitava-se a leitura, escrita, cálculos e sessões diárias de catecismo e aulas de religião” (1999, p. 11). As escolas paroquiais foram extintas pela Lei de Nacionalização em 1938.

a Porto Novo, porém as comunidades não foram delimitadas e nomeadas, como é possível ver no Mapa 2, acima.

A emancipação do município de Itapiranga ocorreu em 1954 e as comunidades de Piraju, São Lourenço, Monte Maria, Macucozinho, Itacuruçu, Três Pardos e Catres foram desmembradas e anexadas a Mondaí. Além da redução do território, a emancipação possibilitou melhores atendimentos do setor público para a população. Além disso, foram criados novos postos de trabalho, alguns deles preenchidos por profissionais locais, outros por pessoas não nascidas em Porto Novo, e, muitas vezes, não falantes de alemão. Assim, a população passou a ter locais e mais pessoas com quem era preciso falar português, aumentando o uso dessa língua. Na cidade, iniciou-se o monolinguismo português. Na zona rural, houve a marginalização dos falantes de alemão, que mesmo usando exclusivamente a língua portuguesa na escola, continuaram a falar alemão fora dela.

Segundo Jungblut (2000), entre 1946 a 1965 ocorreu o último período de imigração. Retomou-se a migração do Rio Grande do Sul, depois da saída dos policiais responsáveis pelas represálias, iniciou-se a migração interna, ou seja, as famílias deslocavam-se para novos locais, ou a nova geração buscava uma colônia de terra para si, ocupando os espaços mais distantes do Rio Uruguai, como o distrito de Tunas e o interior do distrito de São João. Houve também a saída de famílias para os estados do Paraná e Mato Grosso.

O município continuava crescendo e, para agregar valor ao suíno e evitar o desafio do transporte, foi implantado o Frigorífico Safrita⁵³, nos anos 60, na sede do município, com capacidade de abater 300 suínos por dia. Também foi necessário melhorar a agricultura, trazendo novas técnicas de cultivo da terra e criação de gado, aves e suínos. Para isso, com ajuda dos padres jesuítas, foi criado o Seminário e o Colégio Agrícola São José de Sede Capela⁵⁴, com um grande prédio construído graças à mão-de-obra voluntária da população e diversas doações.

Esse espírito de comunidade, baseado na igreja católica, começou a perder espaço nos anos 80 para “as modernidades trazidas pelo rádio, a música, a imprensa, e, em menor grau, pela TV. A energia elétrica estava chegando também no interior e com ela, o consumismo” (Jungblut, 2000, p. 234) e também “a dupla condição de ter que ser **alemão-católico** deixou de ser condição *sine qua non* para vir morar em Porto Novo. A presença de “estranhos”

⁵³ O frigorífico ainda está em funcionamento, tendo passado por diversas gestões e diferentes nomes. Atualmente, é JBS - Seara Alimentos.

⁵⁴ O Seminário esteve em funcionamento de 1947 a 1974. O Colégio Agrícola São José passou por outras denominações no decorrer do período, como Cedup, Instituto São Pedro Canísio, e funcionou de 1980 a 2014. Atualmente, o prédio é ocupado por escolas municipal e estadual, e é de propriedade privada. (informações cedidas por Dirce Sehnem, a quem agradecemos).

passou a ser vista com naturalidade depois dos anos 70” (Jungblut, 2000, p. 99, grifos do autor). As estradas tiveram seus cursos alargados e a pavimentação da rodovia SC-472, que liga Itapiranga a Iporã do Oeste, foi completada em 1976.

O censo de 1980⁵⁵ indica uma população de 26.487 habitantes em Itapiranga, dos quais nem 20% mora na zona urbana. Isso indica a baixa industrialização e grande necessidade de mão-de-obra na agricultura. Nessa década, inicia o êxodo rural, com a saída dos jovens provenientes de famílias numerosas para continuar os estudos ou trabalhar em outras cidades. Muitos desses jovens, além de deixar a terra de Porto Novo, também deixam de usar a língua alemã, por estarem inseridos em ambientes monolíngues de língua portuguesa. Várias famílias também deixaram Porto Novo devido ao empobrecimento das terras, que deixaram de ser tão produtivas. As regiões calçadistas do Rio Grande do Sul, o litoral catarinense e a grande São Paulo foram os destinos urbanos de muitos dos migrantes, e o Oeste do Paraná foi a opção de migração para continuar na zona rural.

Por outro lado, a evolução da agricultura, com o método de integração na avicultura e suinocultura, e a bovinocultura leiteira exigiam acompanhamento constante, fazendo com que a vida comunitária fosse deixada de lado. Mais conhecimentos e profissionalismo era exigido dos agricultores, que buscavam aprimorar-se em cursos profissionalizantes. Com isso, a agroindústria crescia, principalmente devido ao fornecimento de boa matéria-prima e ótima mão-de-obra. Consequentemente, mais empregos foram criados na cidade, fazendo com que jovens ou famílias inteiras preferissem trabalhar e morar na cidade, deixando a lida na agricultura, geralmente tão cruel para os agricultores.

Junto com o crescimento da cidade, os distritos aumentam seus esforços para alcançar a emancipação. O distrito de Tunas emancipou-se em 1989, alterando seu nome para Tunápolis. Já São João desmembrou-se de Itapiranga em 1991, passando a ser o município de São João do Oeste. Dessa forma, novos cargos foram criados nas prefeituras, que exigiam mão de obra especializada vindo de outros municípios, e, com isso, houve o aumento populacional, o que contribuiu para o maior uso da língua portuguesa nos espaços públicos (Krug e Horst, 2025).

⁵⁵ Os resultados estão disponíveis em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=772>. Acesso em: 20 jan. 2025.

3.2 MONDAÍ (MON)

O município de Mondaí celebrou 100 anos de colonização em 2022 com feriado municipal no dia 20 de maio, dia que, em 1922, Hermann Faulhaber, diretor da empresa Chapecó-Peperi Ltda, junto com seus homens de confiança, chegou à nova colônia e marcou o local de sua sede e determinou que se chamasse Porto Feliz (Koelln, 2004). Os primeiros moradores vieram do Rio Grande do Sul, de municípios como Estrela, São Lourenço e Pelotas. Alguns colonizadores eram originários da Prússia Oriental, Baviera, Saxônia e Bessarabia.

Em 1923, como todos os primeiros colonos eram da religião evangélica, o Sínodo Riograndense interessou-se em preservar a religião dos habitantes (Jungblut, 2000). Dessa forma, muitos colonos evangélicos se instalaram em Porto Feliz, além de seguidores de outras confissões e, a partir de 1928, italianos de religião católica (Koelln, 2004). O mesmo autor registra 334 compradores de terras nos anos de 1923 e 1924, o que demonstra o crescimento da colônia.

Já o ano de 1925 iniciou com dificuldades como a passagem da Coluna Prestes em janeiro e a alimentação deficiente da população, que causaram uma epidemia de Tifo, acarretando mortes e sequelas. Muitas famílias voltaram para suas terras de origem ou saíram em busca de outras regiões. As que ficaram e sobreviveram, criaram uma forte amizade com os demais habitantes. Por outro lado, a entrada de novos colonos foi prejudicada pois, segundo Koelln (2004, p. 71) “para o mundo exterior, porém, Porto Feliz trazia consigo a marca de um foco de tifo”.

Em 1929, o governador Adolfo Konder ficou na colonização por 4 dias. O governador sugeriu a troca do nome Porto Feliz para Mondaí, “tirado do nome de um regato anotado nos mapas da colonizadora” (Jungblut, 2000, p. 131).

Além da escola, a igreja também promovia o contato linguístico, pois os cultos e cantos costumavam ser em *Hochdeutsch*. Já no ensino, a língua nacional era obrigatória e também foi realizado um “curso noturno para ensinar os elementos rudimentares do português aos colonos vindos da Alemanha” (Koelln, 2004, p. 81). Devido à política de nacionalização, o uso da língua alemã passou a ser motivo de prisão, causando o silenciamento dos colonos e interrompendo a escolarização nessa língua.

A emancipação de Mondaí ocorreu em 1954 e, posteriormente, seu território foi dividido para formar os municípios de Descanso (1956), Iporã do Oeste (1988) e Riqueza (1991).

3.3 PALMITOS (PAL)

As terras entre os rios Barra Grande e São Domingos também foram divididas em lotes e vendidas pela Cia Territorial Sul Brasil, junto com as terras pertencentes a São Carlos. A princípio, a sede da Companhia era em Cascalho, que corresponde a uma estreita área de terra do lado catarinense, muito próxima a Iraí, do lado rio-grandense. Em 1929, a sede foi transferida pelo colonizador Carlos Culmey para Passarinhos, também às margens do Rio Uruguai, no entanto, mais ao centro da colonização, para facilitar a recepção e distribuição dos novos colonos (Werlang, 1992). Estes locais ainda preservam os nomes originais, como é possível ver no Mapa 3.

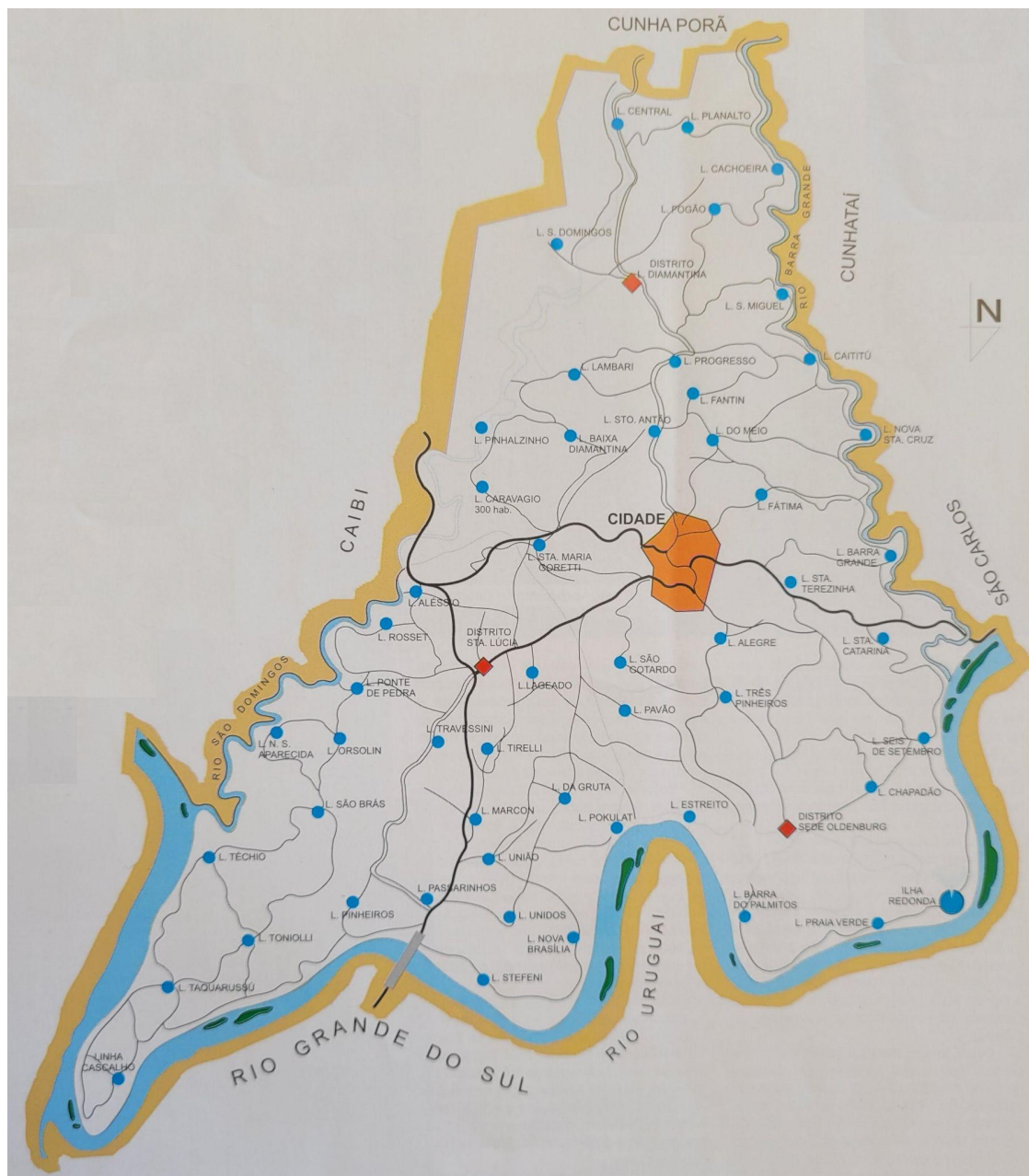
Esta área abriga atualmente os municípios de Palmitos, Caibi, Cunha Porã, Maravilha, Iraceminha, São Miguel da Boa Vista e Riqueza. Como o colonizador Carlos Culmey distribuía os colonos de acordo com sua origem étnica e confessional, estes lotes eram destinados aos alemães evangélicos e italianos. Conforme o pároco de São Carlos, Padre José Bunse:

Palmitos é para os teuto-brasileiros protestantes, e a de Santa Lúcia etc. para os ítalo-brasileiros. Mas pouco a pouco os colonos ítalo-brasileiros compraram muitas colônias na zona de Palmitos, e hoje já existem no povoado e redondeza de Palmitos mais que oitenta famílias. (Livro Tombo da Paróquia de São Carlos Borromeu. Mar. 1951, p. 36b).

Essa característica também está presente nos nomes das comunidades de Palmitos, pois as comunidades a oeste mais próximas ao Rio Uruguai têm nomes de famílias de origem italiana, como Linha Toniolli, Linha Téchio e Linha Stefeni, conforme o Mapa 3, a seguir.

A divisão étnica e confessional manteve-se por muito tempo, sendo que os namoros interétnicos não eram aceitos, como declara Santina Tombini: “Não, nos primeiros tempos não queriam nem saber de namorar alemão com italiano” (Schuh, 2011, p. 125). Da mesma forma, quando a religião do casal que pretendia casar era diferente, conforme Schuh (2011), a igreja católica convencia a parte não católica a adotar o catolicismo e que os filhos deste casamento fossem educados segundo a religião católica.

Mapa 3 – Mapa do município de Palmitos-SC



Fonte: Palmitos (2014, p. 17).

As igrejas, que também serviam de escolas, eram construídas pelos próprios colonos, e as famílias evangélicas recebiam, nos primeiros anos, o atendimento religioso pelo pastor de Ijuí, e depois de Mondaí, até a vinda de um pastor da Alemanha providenciada pela Companhia. Em relação à escola, a preocupação era maior entre os colonos de origem alemã, que prezavam pela alfabetização dos filhos, chegando a pagar o professor. Na sede de Palmitos, o primeiro professor, Rudolpho W. Schreiner, lecionou de 1927 a 1931 para filhos

dos colonos alemães, que primeiro aprendiam a ler e escrever em alemão e depois em português, conforme seu relato:

Meus primeiros alunos só falavam alemão, razão por que os alunos do primeiro ano aprenderam a ler e escrever em alemão. Assim que eles estavam alfabetizados, iniciavam as aulas em língua portuguesa. Isto então acontecia com rapidez. Ler e escrever em língua portuguesa os alunos aprendiam em pouco tempo. Mas somente então começava o verdadeiro aprendizado do vernáculo. Os alunos tinham que aprender vocábulos, fazer traduções e outros exercícios linguísticos. Para este fim havia livros especiais, pelos quais os alunos podiam aprender o idioma oficial de maneira planejada. Nas demais disciplinas, a língua de uso era o alemão, assim como acontecia, naquela época, em todas as escolas nas regiões colonizadas por descendentes de alemães (Schreiner, 1996, p. 81).

Já entre os italianos, muitas das crianças em idade escolar nos primeiros anos não frequentaram a escola, como demonstra Werlang (1992, p. 66): “A professora da Santa Lúcia, Flávia Bodan Lazzari, chegou para Santa Lúcia, Palmitos, em 1939, a pedido de Culmey. Ela conta que lecionou de graça no primeiro ano, pois os italianos não costumavam pagar o professor, como os alemães”.

A dedicação de Culmey com o projeto de colonização surtiram bons frutos, conferidos pelo Presidente do Estado, Dr. Adolpho Konder, na ocasião da viagem ao Oeste de SC, em 1929. Em seu discurso no distrito de Cascalho, enaltece a empresa Sul-Brasil, pela sua alta e patriótica tarefa de expandir a cultura humana. Percebe-se o menosprezo aos povos indígenas e caboclos que já habitavam esta região, considerando-os seres aculturais. Nesse discurso, o presidente do estado também elencou as características para uma colonização de sucesso:

Colonizar não é, pois, apenas vender terra: - é fixar o homem ao solo! E esse trabalho de fixação do homem ao solo supõe e exige a co-existencia de condições indispensaveis para assegurar ao imigrante elementos da vida e de sucesso – venda da terra a preço razoável; rodovias que facilitem o escoamento das riquezas produzidas; organização commercial que permita a collocação compensadora dos productos colhidos e ainda amparo financeiro e technico ao lavrador localizado. (Konder, 1929, p.1).⁵⁶

Percebe-se grande ufanismo no discurso do presidente do estado, visto que as colonizadoras não ofereciam rodovias, compra de produtos ou amparo financeiro. É importante ressaltar que frequentemente os próprios colonos abriam as estradas com machado e enxada, muitos dos seus produtos sequer eram vendidos e havia pouco apoio financeiro, nem mesmo apoio técnico no início da colonização.

⁵⁶ Discurso proferido pelo Presidente do Estado, Dr. Adolpho Konder no distrito de Cascalho durante a viagem ao Oeste Catarinense. Publicado no jornal "República" de Florianópolis na edição do dia 30 de maio de 1929 e aqui reproduzido fiel e parcialmente. Disponível na versão digital na Hemeroteca Digital Catarinense: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/republica/1929/REP1929797.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

Os próprios colonos supriram as necessidades que não eram oferecidas pela companhia ou pelo governo, isso por meio do trabalho, usando ferramentas rudimentares por meio do esforço físico que beirava a exaustão. Mesmo havendo momentos de festa e lazer, estes têm fortes vínculos com a agricultura, como a festa da colheita, o dia do colono e motorista, e a festa do vinho, que teve início na década de 1990. O lazer incluía a visita aos vizinhos e parentes, cujos assuntos compartilhados geralmente eram sobre a lavoura, as dificuldades e experiências do cotidiano.

Em Palmitos, as fontes de águas termais Ilha Redonda e Taquarussú já eram conhecidas mesmo antes da chegada dos colonizadores. Atualmente, a primeira continua em uso e a segunda está desativada.

A partir da década de 1940, o crescimento do comércio local possibilitou o transporte de produtos para cidades do Paraná e São Paulo. Entretanto, o transporte também passava por diversas dificuldades em função das péssimas condições de estradas, como indica a entrevista de Santana Tombini para Marcos Schuh em 2004:

Levava os caminhão, carregava o caminhão de banha, de tambor para levar para Caçador, lá para Londrina, descarregava cinquenta vezes na estrada antes de chegar. Porque ele se atolava, caía fora da estrada. Os porcos, descarregavam no barranco assim. E carregava no barranco assim a muque, tudo (Schuh, 2011, p. 73).

A emancipação de Palmitos ocorreu em 1954, junto com outros 9 municípios desmembrados de Chapecó, como já mencionado anteriormente. Após isso, do seu território ainda foram desmembrados os municípios de Cunha Porã (1958) e Caibi (1964).

3.4 SÃO CARLOS (SCA)

As terras às margens do Rio Uruguai entre os rios Chapecó e Antas foram divididas em lotes e vendidas pela Companhia Territorial Sul Brasil, com sede em Porto Alegre-RS. Essa área de 2.467 quilômetros quadrados também sediou a ocupação de Palmitos, São Domingo, Iracema (hoje Riqueza), Cunha Porã, Saudades, Pinhalzinho e Maravilha. Como os donos da companhia não tinham experiência com colonização, contrataram o experiente colonizador Carlos Culmey, que já havia administrado diversas colonizações no Rio Grande do Sul e Argentina (Herwig e Knorr, 1987; Werlang, 1992). Em sua homenagem, foi dado o nome de São Carlos para a nova localidade.

A ocupação ocorreu a partir do Rio Uruguai, em direção ao norte. A demarcação dos lotes apresentava boa exatidão em suas medições e havia mapas com os lotes, tamanho da área (geralmente entre 25 a 35 hectares) e numeração, o que evitava problemas com a venda posteriormente. Cada lote inicia na margem de um rio, riacho ou lageado, que já haviam sido mapeados anteriormente, e se estende até encontrar a divisa de outro lote, ou seja, a divisa seca, chamada de “travessão”. Assim, os lotes apresentam formato retangular, cuja largura dependia da distância entre os rios (Werlang, 1992; Jungblut, 2000). Esse sistema de divisão de lotes também foi usado nas colonizações de Porto Feliz e Porto Novo. As comunidades eram criadas quando os lotes eram ocupados, reservando um local para a igreja e escola. Na primeira etapa, segundo o Relatório da Cia Territorial Sul Brasil, de setembro de 1938, quase 40% do território foi dividido em lotes; em 1954, toda área já estava dividida (Werlang, 1992).

A Cia Territorial Sul Brasil vendia lotes para qualquer colono, independentemente de sua origem étnica ou religiosa. O experiente dirigente Carlos Culmey considerava imprescindível a organização comunitária para o sucesso da colonização. Assim, não poderiam faltar escolas e igrejas e, para facilitar o ensino e a prática religiosa, os colonos eram distribuídos segundo sua origem étnica e confissão religiosa. Os alemães católicos eram destinados para as terras entre o Rio Chapecó e Barra Grande, nos atuais municípios de São Carlos, Saudades e Pinhalzinho. Já os alemães evangélicos eram destinados aos núcleos de Palmitos e Cunha Porã. Segundo Renk (2000, p. 96), “no início, essa divisão confessional foi seguida à risca”.

Geralmente, a mesma edificação servia como escola e igreja e era construída pelos próprios colonos, como, por exemplo, na comunidade de São João:

A primeira igreja de São João foi construída em 1932 pelos próprios colonos, a área foi doada pela Companhia Territorial Sul Brasil. Esse espaço não serviu apenas para as celebrações dos cultos, foi também utilizado como escola servindo na alfabetização das crianças. Recebeu a denominação Schulkapelle, Escola-Igreja, e o ensino era ministrado em língua alemã (Kerbes, 2004, p. 42).

Como os colonos alemães católicos foram destinados para São Carlos, a língua alemã continuou sendo usada nas interações, muitas vezes sendo a única conhecida: “tudo isso feito em alemão, uma vez que não sabiam outro idioma” (Kerbes, 2004, p. 95).

A Companhia Sul Brasil também vendeu lotes para cerca de 334 famílias, totalizando 1.200 imigrantes teuto-russos. Parte dessas famílias eram evangélicas e se instalaram nos atuais municípios de Riqueza e Caibi. Outra parte das famílias era católica, e instalaram-se na

Linha Aguinhas, próximo ao Rio Chapecó. A proximidade geográfica entre as famílias possibilitou o contato frequente, como demonstra o depoimento do Sr. Valentim Mumber: “as visitas eram momentos para conversar, tomar café e chimarrão. Nestes encontros, a vida na Sibéria e a viagem para o Brasil eram sempre lembrados, assim como as canções em alemão, trazidas na memória” (Carbonera e Onghero, 2010, p. 48). Percebe-se a aculturação do imigrante, com a inserção do chimarrão nas rodas de conversa, e a manutenção linguística possibilitada pelo cantar das canções em alemão.

A economia era precária. A extração de madeira não rendia dinheiro aos colonos, apenas o necessário aos balseiros e muito mais para a companhia. As pequenas serrarias da região somente atendiam a demanda local. Os produtos produzidos pelos colonos como feijão e banha de porco geralmente não tinham compradores, obrigando o descarte do excesso que não era aproveitado pelas famílias. A falta de estradas com boas condições de trafegabilidade impossibilitava o transporte a centros comerciais. Segundo Werlang (1992), a partir de 1950 a situação melhorou nos núcleos urbanos, ou seja, em São Carlos e Palmitos, devido ao excelente preço do porco, o que possibilitou o crescimento da colonização, pois praticamente todos os agricultores criavam porcos. No entanto, esse modelo de produção não interessava ao sistema de integração e de grandes agroindústrias que, a partir da década de 80, privilegiaram exclusivamente os produtores que produziam em grande escala.

Apesar disso, o colono não vivia somente do trabalho árduo. Além do domingo, que era guardado para participar de celebrações religiosas e realizar apenas o trabalho essencial no cuidado com os animais da propriedade, no final de um dia útil de trabalho também era comum ocorrer reuniões à beira do Rio Uruguai para realizar os ensaios de bandinhas, ou seja, de grupos musicais comunitários. O testemunho de Jacob Ternus relembra esse espetáculo: “A gente já tocava na Colônia Velha, depois do trabalho a rapaziada foi lá pro porto. Então, cantemos lá, a gente escutava muito bem por que o som foi pro outro lado do rio e a gente ouvia de novo” (Wolff, 1997, p. 31). Por esse motivo, a colônia, em seu início, era conhecida como Porto dos Cantadores. A tradição musical persiste no município, que foi e é sede de diversas bandas musicais como *Blue Star*, *Caravelly* e *Bandinha do Garrafão*.

Além do Rio Uruguai, as fontes de águas termais da comunidade de Pratas foram muito exploradas, tanto para a medicina como para o lazer. Atualmente as águas termais minerais ainda são usadas para banhos e consumo. O turismo aproveita muito as águas, que abastecem hotéis e resorts, atraindo turistas de várias partes do Brasil. Dessa forma, a exploração das águas possibilita mais uma forma de contato linguístico entre a variedade falada no local com a variedade falada pelos turistas.

O distrito de São Carlos foi criado no início de 1939 e a emancipação ocorreu em 1954. O primeiro censo do IBGE do município, o de 1960, indica uma população de 25.395 habitantes, com 95% de confissão católica e 88% da população vivendo na zona rural. Em 1961, foram desmembrados de seu território os municípios de Saudades, Pinhalzinho e Modelo, e em 1995, Cunhataí.

Com isso, conclui-se este capítulo dedicado à apresentação do modelo de ocupação da área pesquisada, cujas características são consideradas relevantes para a manutenção da língua de imigração. As formações étnicas e religiosas homogêneas e a presença no ensino possibilitaram um novo ambiente propício para a língua de imigração, que perdurou graças ao isolamento geográfico das colonizações. Apesar da proibição de seu uso e da obrigação de ensino exclusivamente na língua portuguesa, o alemão continuou fazendo parte do cotidiano da população dos quatro pontos de pesquisa.

A seguir, no capítulo dedicado à metodologia, são apresentadas as dimensões e os parâmetros da pesquisa, o questionário utilizado e os critérios de escolha dos participantes das entrevistas. Além disso, descreve-se a situação atual dos pontos de coleta de dados, com ênfase em aspectos relacionados à religião, ao ensino e à cultura.

4 METODOLOGIA

“Dialetologia pluridimensional e relacional. Este modelo me ajudou a estudar, entender, caracterizar e expor uma pequena característica do português falado por bilíngues alemão-português. A(s) língua(s) que cada um fala serve(m) de instrumento para expor ideias, sentimentos e descrever ações, e também demonstra(m) características dos próprios falantes, como sua cultura, seu meio de convívio e outras línguas faladas. As línguas em contato não obedecem limites entre uma e outra, uma interfere na outra, podendo haver variações e mudanças. Durante a pesquisa linguística, busco identificar essas características, estudar teorias sobre contato linguístico e usar metodologias de pesquisa para descrever fatores linguísticos e extralinguísticos que definem as escolhas dos falantes.” (Ruscheinsky, 2026).

Este prólogo indica o contato com a metodologia usada nesta pesquisa. Neste capítulo, foi descrita a metodologia usada para a obtenção dos dados analisados, destacou-se o questionário, o perfil dos entrevistados, os pontos de pesquisa e suas características. A pesquisa sobre a presença e uso da língua alemã requer a observância de várias dimensões, a fim de abranger, descrever e analisar a complexidade linguística das comunidades estudadas.

4.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE

O modelo teórico-metodológico que orienta esta pesquisa segue os pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional, pois abrange diversas variáveis linguísticas e extralinguísticas, que contribuem para uma análise de dados mais abrangente e profunda. Sua tarefa de estender a área de cada um dos parâmetros já usados pela sociolinguística e descobrir as relações que existem dentro dessas áreas e entre os parâmetros (Thun, 1998) é adequada para esta pesquisa, considerando os quatro pontos de coleta de dados, os diferentes sexos, estrato social e faixas etárias dos falantes almejados. Com o uso do modelo pluridimensional, segundo Krug (2011, p. 5), “acredita-se conseguir uma maior aproximação com a realidade do fenômeno e, com isso, a possibilidade de oferecer uma descrição mais precisa do que realmente acontece”.

A pluridimensionalidade pondera um conjunto de dimensões, e cada dimensão pressupõe uma oposição entre dois (ou mais) parâmetros de definição. Com base nisso, as dimensões selecionadas para desenvolver esta pesquisa são: diatópica, diarreligiosa, diassexual, diastrática e diageracional. Elas determinam a escolha de participantes para a coleta de dados e a relação que cada uma tem com as demais possibilita que uma esteja presente em outra(s), permitindo o princípio relacional. Conforme Thun (1996), pesquisas com enfoque no contato entre línguas ou variedades linguísticas implicam a relação. Além do

mais, o questionário também possibilita o estímulo e registro de comentários metalinguísticos dos participantes, o que permite outra relação: aquela que une o “*comportamiento lingüístico con el saber metalingüístico de los hablantes*” (Thun, 1996, p. 214).

Para a seleção dos participantes das entrevistas, foram consideradas as dimensões dialingual, diatópica/diarreligiosa, diastrática, diageracional e diassexual. Para a dimensão dialingual, o critério era selecionar participantes bilíngues alemão-português, ou seja, era necessário compreender e falar as duas línguas. A dimensão diatópica é constituída por 4 parâmetros, definidos pelos quatro pontos de pesquisa: ITA/SJO (Itapiranga/São João do Oeste), MON (Mondaí), PAL (Palmitos), e SCA (São Carlos), sendo que a dimensão diarreligiosa também é definida pelo pontos, ou seja, foram selecionados exclusivamente falantes de alemão católicos nos pontos ITA/SJO e luteranos em MON e PAL. Os parâmetros utilizados na dimensão diastrática foram: Ca e Cb (classe alta e baixa).

Na dimensão diageracional, selecionou-se participantes com idade entre 18 e 40 anos para GI (geração nova), e acima de 55 anos para a GII (geração velha). A dimensão diassexual é definida pelo sexo biológico dos participantes da pesquisa, sendo M para o sexo masculino e F para feminino. Dessa forma, o quadro a seguir demonstra a escolha de entrevistados para a formação da base de dados desta pesquisa:

Quadro 2 – Dimensões de análise com os parâmetros e critérios usados na pesquisa

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	ITA/SJO - Itapiranga/São João do Oeste MON - Mondaí PAL - Palmitos SCA - São Carlos	Localidade de moradia
Diarreligiosa	Católico: ITA/SJO - Itapiranga/São João do Oeste SCA - São Carlos Luterano: PAL - Palmitos MON - Mondaí	Religião Católica Religião Luterana/evangélica
Diastrática	Ca: classe alta Cb: classe baixa	Ca: com Ensino Superior ou cursando Cb: sem Ensino Superior
Diageracional	GI: geração nova GII: geração velha	Acima de 55 anos De 18 a 40 anos
Diassexual	M: Sexo Masculino F: Sexo Feminino	Sexo biológico

Para designar os pontos de pesquisa, considerou-se adequado usar 3 letras como, por exemplo, MON (Mondaí), pois facilita o reconhecimento pelos leitores e também pela população em geral e, além do mais, possibilita inserções de outros pontos em estudos futuros. O ponto ITA/SJO representa dois municípios, Itapiranga e São João do Oeste, e por isso tem as duas representações dos nomes. O uso das duas iniciais dos nomes dos municípios para designar esse ponto de pesquisa (ITA/SJO) garante a representatividade dos participantes. Dessa forma, nesta tese usamos a sequência de dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual para a etiquetagem das entrevistas, como MON CaGII M, que é a etiqueta da entrevista com o falante do ponto de pesquisa MON (Mondaí); da Ca, ou seja, com ensino superior; da GII com idade acima de 55 anos e do sexo M, masculino.

Os resultados são apresentados em mapas com o esquema de cruz, seguindo a localização geográfica de cada ponto de pesquisa, com as dimensões de análise de cada ponto de pesquisa, conforme o cartograma abaixo (Quadro 3). As respostas referente a cada ponto de pesquisa são ilustradas por duas cruzes: a cruz superior representa as respostas das participantes femininas, e a inferior representa as respostas dos falantes masculinos. Nas células superiores da cruz estão os participantes do grupo Ca, e na inferior, do grupo Cb. Já a GII, com falantes acima de 55 anos, estão representados na parte esquerda da cruz, e a GI, com os falantes entre 18 a 40 anos, do lado direito. A disposição dos pontos segue a orientação geográfica, no mapa (ver Mapa 1), de oeste a leste.

Quadro 3 – Cartograma dos grupos de entrevista em cruz, conforme as dimensões de análise, em cada ponto da pesquisa

ITA/SJO	MON	PAL	SCA
CaGII F CaGI F CbGII F CbGI F	CaGII F CaGI F CbGII F CbGI F	CaGII F CaGI F CbGII F CbGI F	CaGII F CaGI F CbGII F CbGI F
CaGII M CaGI M CbGII M CbGI M	CaGII M CaGI M CbGII M CbGI M	CaGII M CaGI M CbGII M CbGI M	CaGII M CaGI M CbGII M CbGI M

Fonte: Ruscheinsky (2026), baseada em Thun (2005).

4.2 O QUESTIONÁRIO

O questionário foi elaborado por vários pesquisadores do ALCF durante o segundo semestre de 2024. É um questionário multilíngue, com versões em português, alemão padrão, *Hunsrückisch*, e *Talian*, sendo que mais versões poderão ser incluídas. É formado por 48 perguntas, e está dividido em nove seções, numeradas com numerais romanos. Essas seções podem ser divididas em duas grandes partes, sendo que a primeira abrange dados biográficos e sobre o uso das línguas.

A primeira seção do questionário é composta por seis perguntas sobre dados sociológicos e autobiográficos, como nome, idade, local e data de nascimento, escolaridade, local de residência e casamentos interétnicos. A segunda seção, com nove perguntas, é sobre o uso das línguas locais com perguntas como quais línguas e dialetos⁵⁷ são falados, qual a língua preferida, com quem e em que situações fala, sobre a frequência de uso de cada língua e sobre leitura e escrita de cada língua. A seção III trata da percepção, atitudes e transmissão linguística com quatro perguntas. O participante é questionado se percebe outras pessoas que falam diferente na comunidade, sobre a importância, valorização e futuro da variedade falada na sua comunidade. As perguntas da seção IV questionam sobre os contextos de uso das línguas, sobre a possibilidade de uma língua afetar o conhecimento ou o uso da outra e quais línguas são faladas na família.

A segunda parte contém perguntas que incentivam o entrevistado a falar sobre tradições, trabalho e alimentação, possibilitando dados sobre o uso efetivo da língua minoritária. Também nessa parte, a entrevistadora pode solicitar uma resposta mais explicativa ou, até mesmo, pedir exemplos e informações extras. Thun (2017) argumenta que na variação diarreferencial, há um controle relativamente fácil por parte do participante quando usa a língua como objeto para falar sobre o mundo, porém esse controle torna-se relativamente difícil quando interage com a língua. Como as perguntas desta parte demandam respostas mais longas e elaboradas, não é necessário perguntar todas. Ademais, alguns participantes não teriam como falar sobre determinados assuntos, como, por exemplo, a criação de aves e suínos, plantações de milho e trigo ou sobre a vida em contexto urbano.

A seção V, do questionário, tem perguntas sobre tradições, como o chimarrão e a plantação do fumo, bem como sobre festejos, tais como festas de aniversário, Kerb, Natal, entre outros. A seção VI é sobre trabalho e economia e inicia com a pergunta sobre as principais atividades econômicas da família e sobre a evolução das mesmas ao longo do

⁵⁷ No questionário, usamos o termo “dialeto” por ser esse o mais conhecido pela população.

tempo. Três perguntas são sobre o cultivo de mandioca, milho e trigo, com perguntas incentivadoras para que o entrevistado descreva melhor as atividades. Outras três perguntas são sobre pecuária, especificamente sobre a criação de gado, suínos e aves. A pergunta seguinte é sobre o preparo da terra para as plantações, quais instrumentos eram usados no passado e na atualidade. Muitas dessas perguntas só podem ser feitas para participantes que vivem ou já viveram na zona rural, para possibilitar uma resposta mais descritiva e detalhada. As duas últimas perguntas são sobre a fauna e flora e podem ser feitas para moradores tanto da zona rural quanto urbana. A seção VI apresenta 2 perguntas sobre comidas e bebidas costumeiras e seu preparo. Já a seção VIII tem uma pergunta referente às questões climáticas, com a qual o entrevistado é incentivado a falar sobre as mudanças do clima, o que ele pensa a respeito disso e se as secas ou enchentes afetam/afetaram sua comunidade. A última seção trata das percepções relacionadas ao rural e urbano e contém 6 perguntas: sobre como é a vida na cidade ou no campo, quais as partes boas e ruins de cada espaço, além disso, uma pergunta sobre a melhor parte do dia e outra referente às atividades do final de semana.

O questionário está sendo revisado e ainda não foi publicado, uma vez que este estudo foi o primeiro a utilizá-lo como guia para a realização de entrevistas. Ressalta-se que os dados gerados a partir desse instrumento constituem o banco de dados do ALCF. Por essa razão, optou-se por contemplar todas as seções do questionário nas entrevistas, ainda que a segunda parte não tenha sido analisada aqui. Assim, o corpus deste estudo é constituído pelas perguntas das seções I e II da parte 1 do questionário, selecionadas por atenderem aos objetivos da pesquisa e por configurarem um recorte metodológico necessário à conclusão da tese de doutorado dentro dos prazos exigidos.

4.3 AS ENTREVISTAS

As entrevistas⁵⁸ foram realizadas pela autora desta tese, Elena Wendling Ruscheinsky, falante de *Hunsrückisch* (conforme exposto no item 2.1) e português como língua materna e inglês como terceira língua, professora, católica, moradora da zona urbana do município de São Carlos, e ex-moradora da zona urbana de Itapiranga e da zona rural de São João do Oeste. A variação na fala entre a pesquisadora e a entrevistada foi percebida por alguns, e expressa por PAL CbGII F, ao responder a pergunta sobre a existência de pessoas que falam diferente:

⁵⁸A realização destas entrevistas foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFFS), com o número do o CAAE - Certificado de Apresentação para a apreciação Ética 78363124.5.0000.5564. O Parecer Consubstanciado está no anexo.

“*Ja, ich unn du sprechen schon anderscht. Du tust meh nach'em Hunsrucker ziehe, unn ich meh nach'en gramatischen Deutsch, aber nicht richtig gramatisch*” (Sim, eu e você já falamos diferente. Você fala mais puxando para o *Hunsrückisch*, e eu mais para o alemão gramatical, mas não o alemão correto).

Além da autora desta tese, a pós-doutoranda Jussara Maria Habel acompanhou a realização de dezesseis entrevistas e o professor Doutor Marcelo Jacó Krug participou de duas. Essa participação possibilitou a análise da aplicação do questionário, além de facilitar a aproximação com os falantes. Mesmo com a participação de outros dois pesquisadores, também falantes de *Hunsrückisch*, as perguntas do questionário foram feitas pela autora deste estudo, a fim de manter a atenção dos falantes.

Para realizar as entrevistas, foram selecionados falantes de alemão a partir dos critérios estabelecidos e que tinham disponibilidade de tempo para participar. A partir dos critérios da pluralidade, buscou-se participantes já conhecidos pela pesquisadora ou indicados por outros falantes. O contato foi feito diretamente com o participante, pessoalmente ou por *Whatsapp*. Com alguns entrevistados, todos da GII, o contato inicial era feito diretamente com os filhos, que então conversavam com os pais sobre a entrevista, sua confiabilidade e importância desse ato para as comunidades de fala alemã. Esses participantes mais velhos se surpreendiam com um convite assim, muito provavelmente porque as “marcas” da proibição do alemão e do desprestígio ainda estão ativas em suas memórias. Segundo eles, não têm nada de relevante para ser falado em alemão numa entrevista.

Essa seleção e contato com falantes de ITA/SJO e SCA foi facilitada, pois a autora morou e mora nesses pontos, respectivamente, conhecendo os falantes e partilhando traços identitários, como o tipo *Deitsch*, embora com leves marcas do tipo *Deutsch*, e a religião católica. Já a seleção de participantes do ponto MON foi a mais laboriosa, devido ao reduzido número de falantes que a pesquisadora conhece e pelo fato de que, no geral, as pessoas indicadas não eram de religião luterana ou alegavam não falar alemão. Percebeu-se também que a população, em geral, indica pessoas muito conhecidas, porém com dificuldades para falar alemão, como foi o caso do participante PAL CaGI M, que foi indicado por 3 pessoas da cidade, mas usou muito a língua portuguesa durante a entrevista, pois não recordava as palavras em alemão. Diante dessa dificuldade, optou-se em manter a entrevista com esse participante no banco de dados, pois ele foi indicado pela população como “jovem que fala alemão”. O participante PAL CbGII M também recorreu ao português com frequência, porém isso se deve ao maior uso dessa língua no cotidiano, e não a dificuldades em falar o alemão, pois não hesitava ao se expressar nessa língua.

As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2024 e setembro de 2025, sendo que dezoito foram realizadas em agosto de 2025, durante três saídas de campo. No geral, o local da entrevista era na casa dos falantes, exceto em três ocasiões, por escolha dos participantes, em que foi realizada no centro comunitário, na casa da pesquisadora e no cemitério⁵⁹. Esses locais foram escolhidos pelos falantes, assim como o horário e dia para a entrevista.

Geralmente, apenas o/a entrevistado/a e a(s) entrevistadora(s) participaram da entrevista, porém houve a participação dos cônjuges em cinco entrevistas (ITA/SJO CbGII F; ITA/SJO CbGII M; MON CbGII M; SCA CaGII M e SCA CbGII M) e da mãe em uma (MON CaGI M). Não nos opomos a essa participação, pois a entrevista ocorria no momento em que costuma haver essa companhia entre os familiares. Além disso, a participação do familiar trazia tranquilidade ao falante e, em alguns momentos, o familiar também respondia ou complementava a mensagem do outro, o que consideramos como dados complementares importantes da entrevista, já que também possuem sua relevância neste contexto comunicativo e interacional.

Antes de iniciar a entrevista, foi ressaltado a importância de o participante tentar falar sempre em alemão, visto que um dos objetivos das entrevistas é formar um banco de dados da língua minoritária, por isso, também são gravadas em áudio. Também foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado pelo participante voluntário e pela pesquisadora. Uma cópia do TCLE era entregue em mãos para o participante e, em alguns casos, uma cópia digital era enviada via *Whatsapp*.

Todas as gravações foram ouvidas pela pesquisadora e registradas em Planilha de *Excell* com as perguntas, em ordem crescente, nas colunas e os participantes nas linhas, seguindo a ordem dos pontos de pesquisa ITA/SJO, MON, PAL e SCA. As respostas foram registradas tanto com a transliteração da fala quanto com a tradução para o português, visto que a escrita em português é mais rápida e eficiente que a escrita na língua de imigração, pois aquela é mais recorrente para a pesquisadora. Para facilitar a localização da resposta na gravação, foi inserido o tempo de início da resposta. Essa planilha (Quadro 4, a seguir) auxiliou a análise de dados, a seleção das transliterações usadas nesta tese e a posterior revisão.

⁵⁹ Trata-se de um trabalhador autônomo que realiza trabalhos de manutenção em lápides de cemitérios. Sendo assim, o participante escolheu um horário de descanso, após suas atividades, ainda no cemitério, para responder às perguntas realizadas pela pesquisadora.

Quadro 4 – Print da planilha *Excel* com transliterações de entrevistas

Informante	16. Tem pessoas que falam diferente de vocês? 17. Fale sobre a importância / o significado do dialeto 18. Como você vê o futuro do dialeto (Deutsch / Hunsrückisch)? 19. As pessoas
ITA CaGII F	17:05 toh, wir habe hir die hunsrick, a mae do Af 18:00 Westfalen: falou em alemão, depois em portu 21:30 Dass geht so lamsam aus, os pais só falavam westfalein, e Kans viel, nich i
ITA CaGI F	11:30 Io, ja mir sohn uhr, andere sohn ohr (relogi) Ich denke vo sich besser fiele, né, dann mit die Leit 13:00 ich denke ist schlimm , vall in die schul die kinner, lá é portu 13:45 Ja, die ell
ITA CbGII F	6:15 Io, die schpreche hoh deichs, andere deits dass veize ich net. Iss ma anh fazele dann kompt d 7:50 Ich denke net, weche jetzt die venezueanos, die junger Leit s ne.
SJO CbGI F	9:00 / 25:00 Sogra fala diferente, Wie meer soon 25:14 Ja, wie soll ich soon , é uma coisa familiar as 27:00 dass ist schlimm , wall ich ohn amigas wo deitch sind, die to Ja, mirh valorizi
SJO CaGII M	21:00 Ja, viele schprechen hier dorichchitlich scl 36:45. Ja, aufseelich cultur, wall die, unser cultur, c 39:10 Ich det denke ja, wenn so bleib wie hier, wall dass, natierlic 41:30 Die dohn
SJO CaGI M	6:15 par weter io, piss mein mama schprecht ani 8:16 Ja, dass awer alles, wie ma seet, ich wess net Ich wie mehr, wo die elda ohn denke doch, awer die junger net. F 9:50 Nimmi so v
ITA CbGII M	27:30 os que foram pra Alemanha e voltam. por olha, acho que é mais facilidade, mir sind dass so c 28:30, deutsch ne, os jovens só falam pt, e outos de fora, venezue Mir valorizire, an
SJO CbGI M	9:30 Ja, won ma sohn, wie hier unse leit, von uns Boa pergunta... fala que cresceram assim, a primei 11:00 Glob schon nime, wall dann sind mir die alde un dann die k Sim. 13:15 Krist
MON CaGII F	14:26 ja. die schpreche, tipo, ich sah foia, pra fox 17:12. Wea kann deutsch spreche der hot was gros 19:45 Immer wenicher , porque die alt Leit, wie mein Mama, mei Ja, sind noch w
MON CbGII F	Jo, viel. dass is viel cultural. O marido e ela falar Na verdade das is, muitos já perderam a cultura, ur Ich denke das wert kaum existire. Alguns sim, fala
MON CbGII M	21:00 Jo, du tohn dass mehr vie die schwrst (es 21:25 Vie soll ich das jetz sahe : wal-se dass geweh 22:00 Nur die alde, ganz wenich , né. In schull alles brasilionish. f Sim, pois o pas
MON CbGII F	11:47 Ôia, inowass see ma wo annestere sprech 12:20 oia, vie wil ich dass dich sahe , é pouco usad que que eu vou te dizer: pode ser uma evolução, pode ser não r venig, venig, ve
MON CaGII M	17:50 não entendeu anester. Hier in Mondai nich 21:30 não entendeu bedatte. Falei em pt. Hier in M Nein, dass geht sich schon valoren. Nur die alde mehr, dia neue, Ich glaube ja, al
MON CaGI M	12:20 Ja, meine pat Uli, her ist von DE, Her sch; Denke das ist cultural, né, questões culturais. 15:40 Spreche, awer wenich, né. Ich denke, awer wenich . 16:00 Ja, valoriz
MON CbGII M	33:00 ia rom, em alguns lugares mais gramatico . os mais velhos, os que são da colonia. Muitos nem 33:40 ich denke net. Fala de um livor que ele está escrevendo. Ei 34:35 Etliche ja
MON CbGI M	13:30 Caminhão. 17:33 diz que falam diferente, i 18:20 Pediu pra fazer a pergunta em pt. Ich menne Eu acho que vai acabar, pois tem menos gente aprendendo a fal; Sim.
PAL CaGII F	13:10 Vízno em São bento falava Bairisch. Aqu Dass muss ma ein pissie preservire, for uns net fag hat sich viel fergess das deutsch schpreche. sin noch ein teil. 15:20 Dool Hier
PAL CaGI F	13:00 Ja, viel. Die ohn andere, wie ich tohn soon Ja, mir tohn das valorizire. Ich mene que não, vie von die eltre, vão indo, die schproch sterej Ja.
PAL CbGII F	16:15 Ja, ich un du spreche schon anderste. du 18:20 os migrantes maioria era alemão, caibi italiar 19:00 Ganz wenich , ganz wenich, veil do is keine meh wo de func 19:35 ja, ich dei
PAL CbGI F	8:30 Die von Rio Grande die leit die spreche sch 9:20 Dass ist was gudes, ma misst das weider feen Não sei. Filhos 19 e 3 anos 10:00 falaam quando pequenos, plos 12:25 Venig, os
PAL CaGII M	18:00 "Das war jo ferbotten, frih, meine Mutter c 19:00 Fala em pt: u"ich tohn das antworte in portug 21:40 Dass ist jedes Joher wenicher , das ferliat sich so lamsam. 22:40 Is viel leic

Fonte: Ruscheinsky (2026).

As transliterações presentes nesta tese foram revisadas pela pesquisadora, e especialmente pela pós-doutoranda Jussara Maria Habel, usando como base a proposta ESCRITHU, sugerida por Altenhofen *et al.* (2007), pois as entrevistas são majoritariamente em alemão, na variedade da entrevistadora (*Hunsrückisch/Deutsch*) e do entrevistado. Porém, é importante ressaltar que convenções ortográficas são também baseadas na variação da língua do participante, que pode variar conforme a variedade de cada falante e suas origens familiares e geográficas. Além disso, optou-se em usar a letra maiúscula na grafia de substantivos e nomes de línguas. Destaca-se, sobretudo, que não foi usada a ortografia sugerida por Wiesemann (2008).

Adotou-se a transliteração grafemática, para manter alguns traços da oralidade, como: hesitações e pausas longas, marcadas com reticências; pontos de checagem entre os interlocutores, por exemplo, o marcador discursivo “né”. Conforme Urbano (2010, p. 98), esses elementos típicos da fala são muito frequentes e recorrentes, são ferramentas de “convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto”. Além disso, não foram realizadas correlações sintáticas ou vocabulares, para manter a fidedignidade às falas dos entrevistados.

Além das entrevistas para a análise, também foram consideradas as anotações no caderno de campo, ocorridas durante as observações nas localidades de pesquisa. Adicionalmente, foi testada a presença de falantes de alemão em aproximadamente trinta estabelecimentos comerciais da rua principal da área urbana de cada ponto de pesquisa,

perguntando presencialmente para os atendentes se falam alemão. Os resultados estão descritos e analisados no capítulo 5.

4.4 OS PONTOS DE COLETA DE DADOS EM TEMPOS ATUAIS

A dimensão diatópica desta pesquisa abrange quatro localidades do oeste catarinense, que margeiam o Rio Uruguai, entre os rios Peperi-guaçu e Chapecó: ITA/SJO, MON, PAL, SCA. Como já expomos no capítulo sobre a história da colonização, estas localidades completam 100 anos de ocupação na década de 2020 e foram emancipados em conjunto, no ano de 1954. O único município catarinense que margeia o Rio Uruguai, entre os rios Chapecó e Peperi-guaçu e que não faz parte desta pesquisa é Caibi. Optou-se em não selecionar Caibi porque o município não foi constituído como um centro urbano logo no início da colonização, pois fazia parte de Palmitos, sendo emancipado 10 anos depois, em 1964. Além disso, de acordo com Werlang (1992, p. 62), “do rio Barra Grande até o rio São Domingos, no atual município de Palmitos, as terras foram demarcadas para os alemães evangélicos, e do rio São Domingos em diante até o rio Iracema, localizar-se-iam os de origem italiana, que deram origem a Caibi”.

Na sequência, foram descritas e analisadas as características atuais, pois são estas que norteiam a escolha dos pontos e devem auxiliar na análise dos dados. Na descrição da situação atual dos pontos e no levantamento sobre a presença de falantes nos espaços urbanos, foram considerados os dois municípios que compõem o ponto ITA/SJO, ou seja, Itapiranga e São João do Oeste são citados individualmente. Já na análise dos dados das entrevistas, os dois municípios foram agrupados em um único ponto de pesquisa (ITA/SJO), pois há participantes dos dois territórios.

A descrição dos dados baseia-se na vivência da pesquisadora, residente em São Carlos-SC, bem como em suas visitas mensais aos demais municípios, durante as quais foram realizadas conversas com moradores e falantes de alemão e atividades de observação participante. Além disso, os Planos Municipais de Educação e Cultura, estudos anteriores sobre língua e história também foram fundamentais para compreender o contexto analisado.

A revisão bibliográfica, com base em estudos anteriores sobre a língua alemã e a história local e nacional, contribuiu para contextualizar e compreender os dados. Soma-se a isso a observação participante realizada em espaços públicos, como ruas de áreas urbanas com maior presença de comércio, postos de saúde e prefeituras, bem como em espaços privados,

especialmente durante as entrevistas, que ocorreram, em sua maioria, na residência dos participantes. Esses procedimentos contribuíram para tornar o estudo mais robusto.

4.4.1 ITA/SJO - Itapiranga/São João do Oeste

Este ponto de pesquisa é formado por 2 municípios, pois considerou-se a metodologia do ALMA-H e do IHLBrI. Nestes dois estudos, o ponto SC06 representa os municípios de Itapiranga e São João do Oeste. Os dois municípios, além de Tunápolis, foram parte da Colonização Porto Novo, iniciada em 1926. Além disso, Itapiranga também é um dos pontos de inquérito do ALERS.

Atualmente, segundo o censo do IBGE de 2022, Itapiranga tem 16.638 habitantes e São João do Oeste tem 6.295, totalizando uma população de 22.933 moradores. A área territorial é de 281 km² e 163 km², totalizando 444 km². A rodovia SC-163 constitui o principal acesso aos dois municípios, enquanto a SC-496 faz a ligação entre essa rodovia e o centro de São João do Oeste. Já o centro do município de Itapiranga fica às margens do Rio Uruguai, e dispõe de um porto da Barca Aliança, que faz a travessia entre SC e RS. São João do Oeste é composto pela sede e onze comunidades ou linhas. Itapiranga, por sua vez, conta atualmente com o centro da cidade, seis bairros e 26 comunidades.

A base da economia dos dois municípios é a agropecuária, com destaque para a avicultura, bovinocultura de leite e suinocultura. A agroindústria também é bastante desenvolvida e ocupa mais de 4.500 funcionários em Itapiranga. Em função da mão de obra para esse setor, Itapiranga abriga mais de dois mil imigrantes venezuelanos⁶⁰, ou seja, mais de 13% dos habitantes são de origem venezuelana.

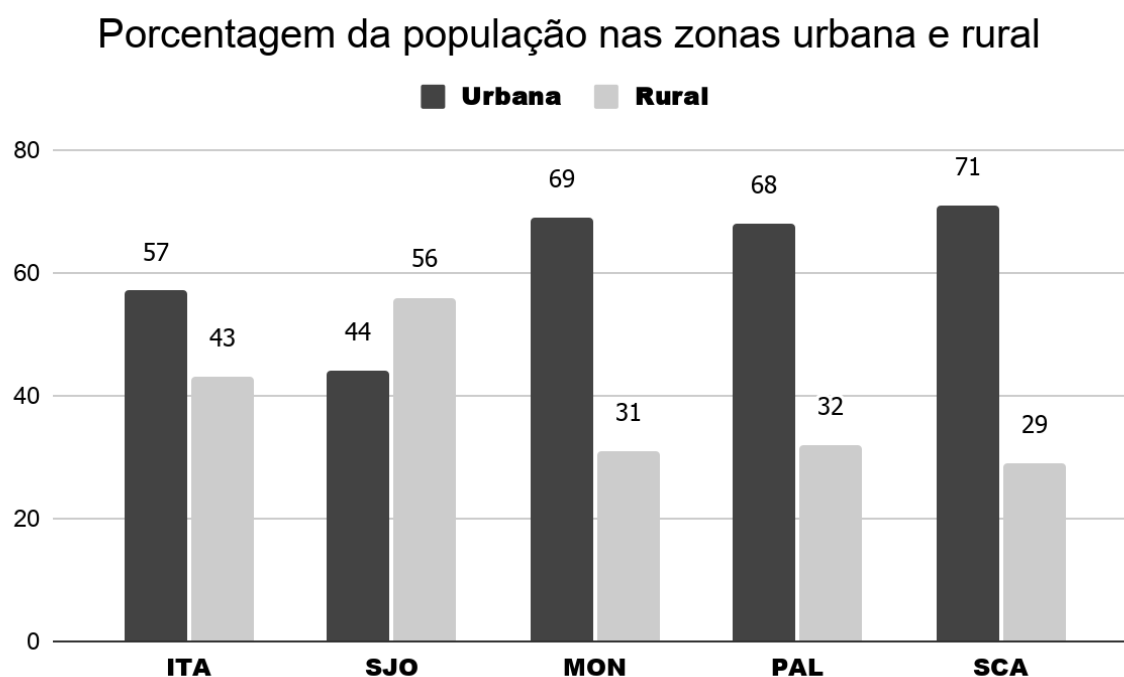
A seguir, o Mapa 4 ilustra os dois municípios, com destaque para os rios e divisas de comunidades e respectivos nomes. A sigla dos participantes da pesquisa foi inserida no Mapa, mais especificamente nas comunidades em que os entrevistados cresceram e viveram até sua juventude. Essa inserção dos sujeitos da pesquisa pareceu mais adequada em função de indicar o local exato onde cada um experienciou a etapa da vida em que adquiriu a língua alemã. Atualmente, alguns dos participantes moram em outras comunidades ou na zona urbana, mas ainda no mesmo ponto de pesquisa. Além disso, o Mapa 4 também indica, por

⁶⁰ Segundo informação da Secretaria de Assistência Social de Itapiranga, em reportagem da Rede Peperi de janeiro de 2024, disponível em: <https://www.peperi.com.br/noticias/04-01-2024-itapiranga-possui-dois-mil-imigrantes-cadastrados-no-municipio/>. Acesso em: 17 mar. 2025.

Fundamental, 4 escolas de Ensino Médio da rede estadual e uma privada. Desde 2000, a FAI - Faculdades de Itapiranga, atual UCEFF, mantém suas atividades como instituição privada de ensino superior, com 12 cursos de graduação. Assim, o jovem não necessita deixar sua família para continuar os estudos, representando mais possibilidades de usos da língua aprendida em casa.

A religião é predominantemente católica, visto que apenas colonizadores desse credo podiam comprar terras no Projeto Porto Novo. O censo do IBGE de 2022 aponta que Itapiranga tem 87% da população de confissão católica e SJO, 97% (Conf. Quadro 5). Esse mesmo censo aponta a grande quantidade de população residente em zona rural, sendo que esses municípios apresentam maior porcentagem de moradores na área rural em comparação com os outros pontos de pesquisa, conforme Quadro 5 abaixo.

Quadro 5 – Percentual da população residente nas zonas urbana e rural



Fonte: Dados do Censo do IBGE de 2022, elaborado por Ruscheinsky (2026).

O município de São João do Oeste foi reconhecido como a Capital Catarinense da Língua Alemã pela Lei Estadual Nº 14.467/2008⁶² e em 2016 a língua foi cooficializada pela Lei Ordinária nº 1685/2016⁶³. Ruscheinsky, Frizzo e Krug (2023) descrevem várias ações que

⁶² Disponível em: http://leis.ale.sc.gov.br/html/2008/14467_2008_Lei.html. Acesso em: 21 mar. 2025.

⁶³ Disponível em: <http://leismunicipa.is/ptoud>. Acesso em: 21 mar. 2025.

levaram o município a adotar a língua alemã como cooficial; entre elas a exigência da descendência alemã para os compradores de terras nos anos de 1920 a 1950 e o decreto de 2009 que institui o *Hunsrück* como o “dialeto oficial” durante a Semana Alemã.

A Semana Alemã, também conhecida por *Deutsche Woche*, é uma das maiores celebrações do município. Trata-se de uma semana inteira no mês de julho, coincidindo com as férias escolares de inverno, com a apresentação de variadas atividades, como missa, festival da cuca, desfile do *Bierwagen*, concurso da piada, shows musicais, teatro e festival da canção em alemão. Em 2025, foi celebrada a 15ª edição da *Deutsche Woche* que atraiu muitos turistas. Outra festa característica da sede do município é a *Erntedankfest*, também conhecida por festa da colheita, realizada no início de maio. Cada comunidade também celebra o *Kerb*, que é a festa para homenagear o padroeiro, podendo ser em família, nas próprias residências, ou nas comunidades com baile à noite ou com festa durante o dia.

A língua alemã também se faz presente nos nomes das cervejarias⁶⁴, setor de inserção mais recente na economia local, especialmente a partir da década de 2010, com expressiva produção e movimentação financeira. A Cervejaria *Lassberg*, localizada em Itapiranga, homenageia o Padre Max von Lassberg, responsável pela realização da primeira missa na colônia Porto Novo. Já a Cervejaria *Fritz Bier*, em atividade desde 2015, teve seu nome alterado posteriormente para *Unsa Bier*, que originalmente no dialeto alemão significa “nosso chopp”, conforme o histórico da cervejaria⁶⁵. A terceira cervejaria, criada em 2022, recebeu o nome *Hand Bier*. Segundo as informações apresentadas em sua página institucional⁶⁶, o nome faz referência ao apoio e ao trabalho coletivo de muitas mãos: o termo alemão *Hand*, que significa “mão”.

Em relação à cultura, o Plano Municipal de Cultura de SJO destaca o processo de colonização ocorrido a partir de 1926 e a preservação da língua alemã, assim como as tradições da cultura germânica, as obras comunitárias e o trabalho coletivo. Entre os desafios presentes no plano que estão relacionados à língua alemã, constam: “Realização do concurso de oratória no idioma alemão”; “Organização de livretos com receitas típicas nos idiomas português e alemão”; “Reestruturação do ensino da língua alemã no currículo escolar” e “Implantação da escola bilíngue na rede municipal de ensino” (Plano Municipal de Cultura, 2014, p. 21). A cooficialização não foi citada entre os desafios, mas ocorreu em 2016, ou seja, essa ação, possivelmente, não estava no planejamento sistemático anterior.

⁶⁴ Imagens das sedes das cervejarias estão no Apêndice.

⁶⁵ Disponível em: <https://unsabier.com.br/> Acesso em: 20 fev. 2026.

⁶⁶ Disponível em: <https://handbier.com.br/historia/> Acesso em: 20 fev. 2026.

Nesse mesmo Plano, “garantir a manutenção e o uso da língua alemã no município” é o terceiro dos quinze objetivos específicos elencados. Entre as estratégias, conforme o plano, que visam “viabilizar os objetivos e metas e potencializar oportunidades” (Plano Municipal de Cultura de SJO, 2014, p. 26), apenas uma se refere ao objetivo citado, e ainda de forma adjacente: “Mapear, registrar e difundir as diversas expressões da diversidade são-joanense, sobretudo, aquelas correspondentes ao patrimônio imaterial, às paisagens tradicionais e aos lugares de importância histórica e simbólica para a sociedade” (Plano Municipal de Cultura de SJO, 2014, p. 26). Já em relação às metas, que representam o resultado quantitativo a ser alcançado no futuro e que demandam ações físicas tangíveis dentro da realidade local, está a meta 4, sobre “políticas públicas de valorização e difusão do idioma alemão como segunda língua” no município (PMC, SJO, 2014, p. 29). Nas ações apresentadas, percebe-se bastante preocupação em oferecer aulas e atividades em língua alemã. A presença do termo “segunda língua” pode tanto demonstrar a falta de conhecimento em relação à língua materna, ou a língua alemã que já não é mais transmitida entre gerações, resultando na necessidade de aquisição/aprendizagem formal do alemão.

A preocupação com as aulas de língua alemã também é explícita nos comentários feitos por pais da Educação Infantil e elencados no Plano Municipal de Educação (PME - 2015-2025): “rever a didática das aulas de alemão”, “incluir a língua alemã do 6º ano em diante”. A mesma solicitação está presente entre os pais da Educação Fundamental: “Ensino Integral (alguns dias enfatizando a nossa cultura alemã)”, “Incluir alemão, músicas e danças”. Considerando a presença dessa preocupação dos pais com a língua, a gestão da situação linguística em SJO é *in vivo* (Calvet, 2007), pois a população apresenta o desejo de manutenção da língua minoritária.

A grade curricular da educação infantil no município de São João do Oeste foi reformulada no início de 2014 e conta com Língua Alemã para o Maternal III, Jardim e Pré-Escola. Entre os comentários e sugestões de pais de Educação Infantil reproduzidos no PME, um destaca uma prática dos profissionais da educação e o desejo dos pais: “Professores deveriam falar o alemão e não o proibir, pois depois as crianças não falam mais o idioma” (PME, SJO, 2015).

O PME de Itapiranga é de 2015. Este destaca a colonização alemã e a atual diversidade cultural, visto que no município convivem diferentes etnias no campo e na cidade. O município não tem um PMC oficializado, porém tem o Plano Estratégico Itapiranga 2030, elaborado em 2012 pelo Conselho de Desenvolvimento Municipal, com assessoria do Sebrae/SC. Trata-se de um instrumento orientador para o desenvolvimento do município de

Itapiranga, com 108 páginas, atualizado e elaborado de forma coletiva, com oito campos estratégicos, contemplados com 124 projetos de curto prazo, 39 projetos de médio prazo e 5 projetos de longo prazo. A colonização alemã é descrita no plano, reconhecendo que “os alemães deixaram sua indelével marca na organização, na educação, nas tradições, nos usos e costumes do município” (Plano Estratégico Itapiranga 2030, 2012, p. 19).

Na estratégia da Cultura, a síntese do diagnóstico aponta como pontos fortes a gastronomia típica, as festas tradicionais, grupos culturais, grupos de danças e o Berço da Oktoberfest. Por outro lado, os pontos fracos elencados indicam que os pontos fortes estão sob ameaça, como a ausência de oferta da gastronomia típica, o enfraquecimento das festas tradicionais e pouco incentivo para as escolas culturais comunitárias. A língua alemã, sobretudo, recebe destaque nos pontos fracos, como: “Ensino da língua alemã pouco praticada” e “Perda da identidade linguística”.

A comunidade de Linha Becker, que recebeu muitos imigrantes alemães durante os anos 1920 e 1930, preserva a cultura por meio de grupo de danças, canto, música e aulas de alemão. Além disso, há frequentes intercâmbios de jovens da comunidade para a Alemanha e as famílias costumam receber jovens daquele país. Durante uma visita à comunidade, o casal que nos recebeu hospedou um intercambista, e suas filhas também já realizaram o intercâmbio. Conforme Franzen (2024, p. 31):

Os alemães natos seguiram cultivando o idioma alemão que se fundiu com a linguagem das famílias originárias das colônias velhas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Essa fusão criou adaptações de linguagem com o português. Nessa simbiose linguística, o alemão ainda se preserva na comunidade na atualidade.

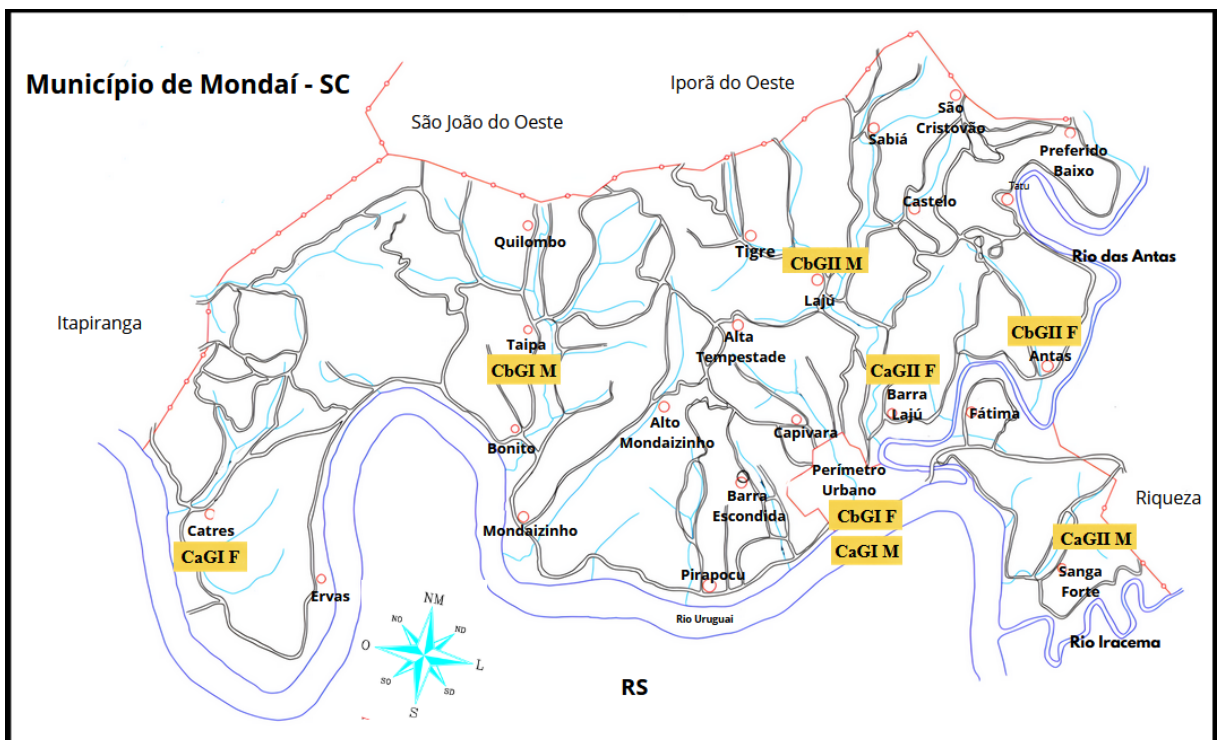
De modo geral, o ponto de pesquisa ITA/SJO se destaca pela forte base da economia agropecuária e agroindustrial, que, em Itapiranga, inclusive atrai significativa imigração. Ambos os municípios demonstram um elevado nível de escolarização e alfabetização, com São João do Oeste apresentando o maior índice de alfabetização do Brasil. A religião é predominantemente católica e a cultura é profundamente enraizada na colonização alemã, com a língua alemã sendo um importante pilar identitário. São João do Oeste oficializou o alemão e possui políticas públicas voltadas à sua difusão, como a Semana Alemã e a inclusão da língua na Educação Infantil e Fundamental. Em Itapiranga, apesar de haver preocupação com a “Perda da identidade linguística” e o ensino do alemão ser considerado “pouco praticado” no Plano Estratégico, a cultura é preservada em comunidades rurais, como Linha Becker, que mantém intercâmbios com a Alemanha. A presença de uma instituição de ensino

superior em Itapiranga também contribui para a manutenção dos jovens na região. Assim, a gestão da situação linguística em São João do Oeste é ativamente *in vivo*, enquanto Itapiranga reconhece a importância da herança linguística, mas com desafios explícitos em sua manutenção formal.

4.4.2 MON - Mondaí

A Colonização Porto Feliz, renomeada para Mondaí em 1929, é a mais antiga do presente estudo, sendo que iniciou em 1922. Atualmente, o município tem 10.066 habitantes (IBGE, 2022) e uma área de 202 km², divididos em 21 comunidades. Seu centro urbano está às margens do Rio Uruguai e o Porto da Balsa é uma das mais antigas vias de acesso ao Rio Grande do Sul. A BR-238 passa pelo município margeando o Rio, porém, a oeste não tem pavimentação asfáltica, ou seja, é uma estrada de terra até Itapiranga. A SC-386 liga a Iporã do Oeste e é asfaltada.

Mapa 5 – Ponto MON com a marcação da localização dos entrevistados



Fonte: Mapa cedido pelo Setor de Engenharia e Fiscalização da Prefeitura Municipal de Mondaí - SC, em 14 de agosto de 2025. Adaptado por Ruscheinsky (2026).

O município é reconhecido como a Capital Catarinense da Fruta (Lei nº 18.545/2023) devido às suas características urbanísticas da cidade, que conta com inúmeras espécies de árvores frutíferas plantadas de forma ornamental, em vez de árvores ornamentais. Além disso, em 2023, o município celebrou os 50 anos da Festa da Fruta, que ocorre a cada 2 anos, destacando uma das principais atividades econômicas: a citricultura.

O setor secundário acumula maior percentual econômico, pois a indústria e comércio representaram 55% da economia local (Franzen, 2022b). Na indústria, os destaques são a fabricação de móveis, com a maior indústria moveleira de Santa Catarina, produção de sacarias e fabricação de rações. Com isso, Mondaí tem um perfil econômico diferente dos demais quatro municípios desta pesquisa, que têm destaque no setor agrícola.

Mondaí recebeu tanto colonos de descendência alemã e luteranos, quanto italianos católicos, caracterizando uma ocupação heterogênea, até os dias atuais. Os dados do Censo do IBGE de 2022 apontam que 46% da população é de confissão evangélica e 51% é católica. Os cemitérios também evidenciam essa característica, pois do lado esquerdo estão sepultados os de confissão católica e do lado direito os de confissão evangélica.

Imagem 1 – Igrejas da comunidade de Linha Laju (Mondaí): IECLB e católica



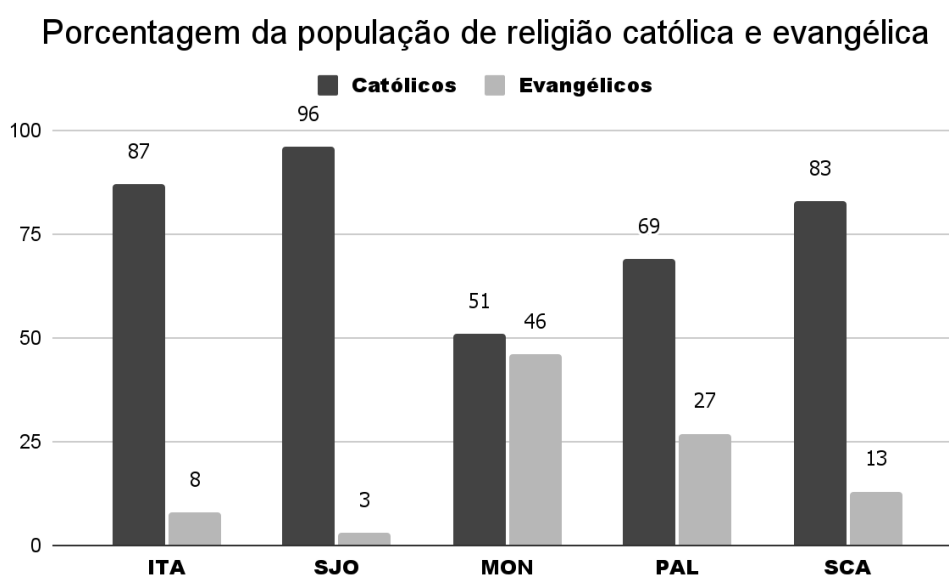
Fonte: Ruscheinsky (2026).

Um dos cemitérios visitados, o da comunidade de Laju, tem sobrenomes predominantemente de origem alemã, sendo que foram encontrados poucos túmulos com nomes de origem portuguesa e italiana, como Silva, Santos, Barbosa, Marcon e Bassorici.

Nesta comunidade, a igreja luterana fica na parte central, no alto de uma colina, muito imponente, às margens da SC 386. Já a igreja católica, uma construção modesta, semelhante a uma casa, de frente ao cemitério, por onde segue uma estrada em direção ao interior do município. As imagens de ambas as igrejas são apresentadas acima, na Imagem 1.

Segundo Bier (2022), a Paróquia Evangélica Luterana IECLB de Mondaí compreende nove comunidades no município, dentre as quais, as mais importantes são a da sede, da Linha Laju e da Linha Antas. Percebe-se a distribuição das comunidades em todo o território do município, que justifica a grande quantidade de luteranos. Para fins de comparação, apresentamos o Quadro 6 a seguir com os percentuais de fiéis católicos e evangélicos presentes nos cinco municípios pesquisados, baseado no Censo (IBGE, 2022).

Quadro 6 – População católica e evangélica



Fonte: Ruscheinsky (2026), com base no Censo (IBGE, 2022): Religiões.

O Plano Municipal de Educação 2015-2025 de Mondaí aponta que, em 2014, havia 6 estabelecimentos de Educação Infantil, 3 de Ensino Fundamental e apenas 1 de Ensino Médio. Não há instituição de Ensino Superior. Segundo o Censo (IBGE, 2022), a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é de 100%. O plano faz alusão aos primeiros colonizadores e destaca que todos eram de origem alemã, porém não faz referência ao ensino ou presença da língua alemã no município. Já o Plano Municipal de Cultura ainda não foi construído, segundo a Diretora de Cultura em 2025.

Em 2022, foi comemorado o centenário da colonização do município, com o lema “Mondaí 100 Anos de Colonização Uma história de todos!”, exaltando “a diversidade cultural e étnica que hoje compõem a nossa população”⁶⁷. Mesmo com a base étnica formada por descendentes de alemães, italianos e caboclos, atualmente há uma diversidade cultural que potencializa as tradições e costumes da população. No livro dedicado ao centenário da colonização, Dreher arrisca dizer que “uma próxima geração nos lembrará que em Porto Feliz-Mondaí não existiram apenas falantes do idioma alemão e suas variantes, mas também descendentes de indígenas, africanos, portugueses, italianos, poloneses... mulheres...” (Dreher, 2022, p. 9).

Em resumo, Mondaí, originalmente Porto Feliz, destaca-se neste estudo por ser o município de colonização mais antiga (1922) e por apresentar um perfil econômico singular, com maior foco no setor secundário (indústria e comércio, 55%), em contraste com os demais municípios predominantemente agrícolas. Sua identidade cultural é marcada por uma ocupação heterogênea de descendentes de alemães (majoritariamente luteranos) e italianos (católicos), visível na distribuição confessional e nos cemitérios. Reconhecida como a Capital Catarinense da Fruta, Mondaí celebra sua diversidade e história, buscando conciliar a base étnica dos colonizadores com a diversidade cultural contemporânea, conforme evidenciado nas comemorações do seu centenário e na projeção de um futuro mais inclusivo.

4.4.3 PAL - Palmitos

Este é o município com maior área territorial dos pontos de coleta de dados: 350 km² e abriga 15.626 habitantes (IBGE, 2022), dos quais 68% moram na zona urbana. Porém, as principais atividades econômicas são a bovinocultura de leite, produção de suínos e aves, a atividade agrícola voltada à produção de grãos como milho, soja e feijão. O município tem a segunda maior bacia leiteira do estado de Santa Catarina e é sede da Cooperativa A1, a mais antiga rede de cooperativas do estado, criada em 1933.

Palmitos sedia a 29ª Agência de Desenvolvimento Regional (ADR), portanto, constitui-se como um centro regional da administração estadual. Além disso, é um dos 80 pontos de inquérito do ALERS, cuja ênfase está na variação diatópica do português rural falado pelas classes menos escolarizadas na região sul do Brasil.

⁶⁷ Parte da apresentação escrita pelo prefeito municipal no livro Porto Feliz - Mondaí: o centenário da colonização (1922 - 2022) (Franzen, 2022b).

Goreti, linha Toniolli, Linha Tecchio, Linha Marco), conforme Mapa 7. O Censo de 2022 do IBGE apontou que 27% da população é de confissão evangélica e 69% católica.

Em visita ao cemitério da comunidade de Diamantina, em dezembro de 2024, percebeu-se a inexistência de sobrenomes de origem italiana ou portuguesa em contraste com a predominância de origem alemã como Holl, Werner, Thies, Back, Einloft, Drehmer, Radtke. Da mesma forma, o cemitério também evidencia a grande maioria de moradores de confissão luterana, sendo que uma pequena parte dos túmulos é de confissão católica.

Imagem 2 – Cemitério da Linha Diamantina-Palmitos/SC: em destaque a parte católica



Fonte: Google Maps (Acesso em: 21 fev. 2025).

Essa divisão das comunidades pode ter contribuído para a manutenção linguística nas famílias que nelas vivem, pois oferece possibilidades de uso da língua alemã, tanto no âmbito familiar quanto comunitário, ou entre vizinhos. Entretanto, os moradores da parte central do município carecem de oportunidades para o uso da língua de imigração, visto que não é uma população homogênea em termos étnicos. Assim, a língua alemã deixa de ser usada na área central, devido à menor quantidade de falantes dessa língua, e, em função da presença de outras etnias, como a italiana.

O Plano Municipal de Cultura demonstra, no capítulo II “Do incentivo, da proteção e da valorização da cultura palmitense”, a preocupação com o mapeamento, reconhecimento e registro das diferentes expressões, incluindo a língua. Em relação a isso, as estratégias apresentadas são:

2.1.15 - Promover e incentivar o estudo e o registro das línguas faladas em Palmitos, em parceria com universidades e centros de pesquisa, bem como realizar programas de valorização e estímulo ao uso das mesmas;

2.1.16 - Mapear línguas e dialetos regionais e de grupos étnicos e socioeconômicos diferenciados, visando à valorização, preservação e a difusão, valorizando as diversas formas e sistemas de comunicação linguística; (Plano Municipal de Cultura de Palmitos 2015/2025, p. 8).

O poder público reconhece a existência da diversidade linguística no município, porém carece de registros, visto que o plano não apresenta dados sobre isso. O plano demonstra possibilidades de parcerias, o que reflete a dificuldade para obter tais registros, pois o poder público municipal não considera possível realizar tal atividade de forma isolada, sem ajuda de outros órgãos.

A partir do exposto, Palmitos apresenta-se como um município com forte base econômica no agronegócio e uma complexa estrutura social marcada pela colonização predominantemente germânica (luterana) e italiana (católica), refletida na distribuição geográfica das comunidades e na toponímia. Essa demarcação étnico-religiosa, especialmente nas linhas interioranas, parece ser um fator determinante na potencial manutenção e uso das línguas de imigração, em contraste com a área central, mais heterogênea. O reconhecimento dessa diversidade linguística pelo poder público, formalizado no Plano Municipal de Cultura, sinaliza a importância do tema e abre caminhos para parcerias de pesquisa, como a realizada neste estudo, visando o mapeamento e a valorização das línguas faladas, que até o momento carecem de dados oficiais concretos.

4.4.4 SCA - São Carlos

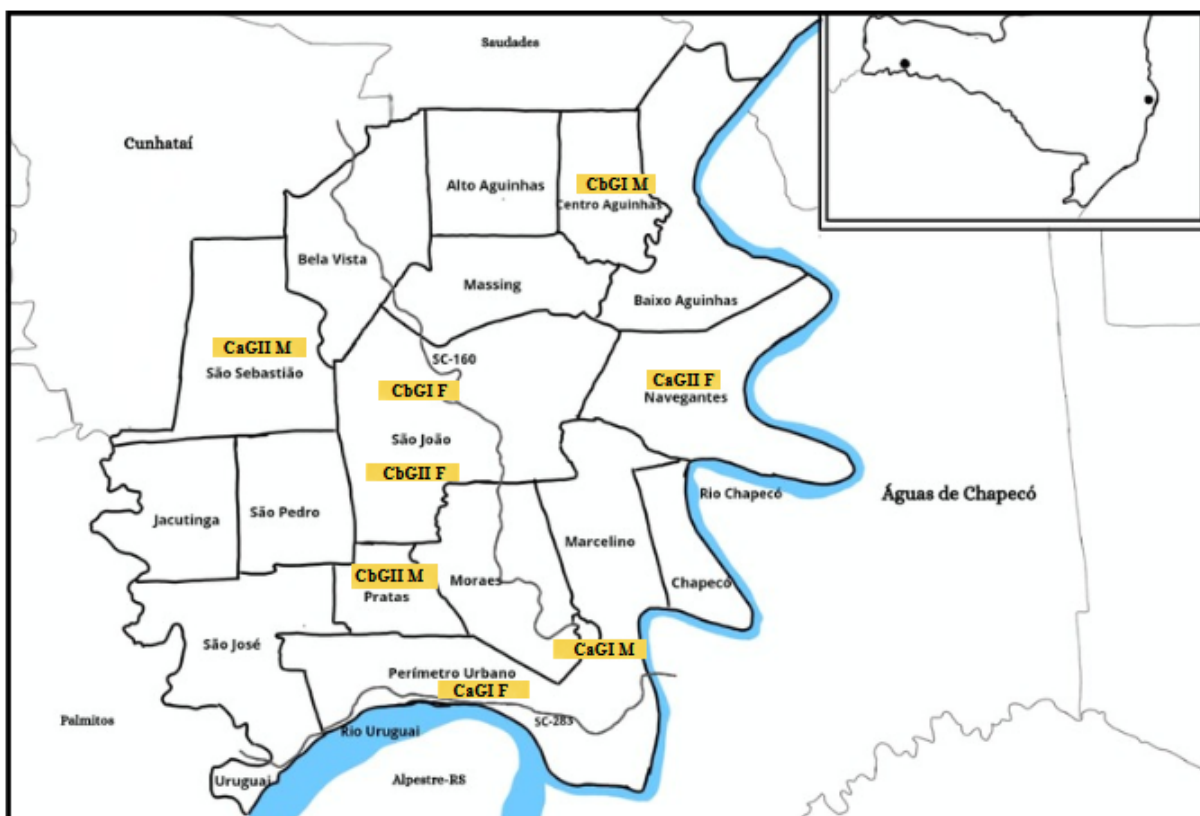
Com uma população de 10.282 habitantes⁶⁸, São Carlos-SC é o menor município em território dos pontos de coleta de dados. A densidade demográfica é a mais alta, com 63,42 habitantes por km². O Censo (IBGE, 2022) aponta que 71% da população vive na zona urbana. É o ponto de coleta mais próximo a um grande centro comercial e industrial, ou seja, a cidade de Chapecó (cerca de 50km), com aproximadamente 250 mil habitantes. São Carlos, junto com o município de Saudades, é uma das 41 localidades de pesquisa do ALMA-H.

As principais vias de acesso são a BR-283, que passa pela parte sul do Grande Oeste Catarinense até o município de Mondaí, e a SC-160, que liga o município à BR-282. O centro urbano expandiu-se ao longo da rodovia, fazendo com que muitos habitantes do Oeste

⁶⁸ Dados do IBGE 2022.

conheçam São Carlos, pois passam pela cidade para chegar a Chapecó. No entanto, não há acesso pelo Rio Uruguai nem aéreo.

Mapa 7 – Ponto SCA com a marcação da localização dos entrevistados



Fonte: Mapa do limite municipal do Plano Diretor Municipal de São Carlos - SC (2023)⁶⁹, adaptado por Ruscheinsky (2026).

A economia é baseada na produção agropecuária, com destaque para a criação de bovinos e produção de grãos. Na área industrial, o município destaca-se pela expressiva produção nos setores de vestuário, moveleiro e metalúrgico. Em contrapartida, o comércio é pouco desenvolvido, em razão da proximidade e da facilidade de acesso à cidade de Chapecó.

Em relação à religião, percebe-se que a prática de vender terras de São Carlos-SC para católicos ainda mostra efeitos no município. O Censo (IBGE, 2022) aponta que 83% da população alega ser de confissão Católica Apostólica Romana.

Nos anos de 80 e 90, o Balneário de Pratas era muito frequentado por banhistas de diversas regiões, usufruindo das águas termais e do Rio Uruguai. Atualmente as águas termais minerais ainda são usadas para banhos e consumo. O turismo aproveita muito as águas, que

⁶⁹ Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1hYYX5TzZumVBhAbYxRCgoR7Yji12371w/view?usp=sharing> Acesso em: 17 fev. 2026.

abastecem hotéis e resorts, atraindo turistas de várias partes do Brasil. Dessa forma, a exploração das águas possibilita uma forma de contato linguístico entre a variedade falada no local com a variedade dos turistas.

Também nessa época, o município sediava o Carnaval Regional, recebendo diversas escolas de samba da região e atraindo muitos foliões. Destaca-se aqui que o município com migrantes de origem alemã e forte presença da língua alemã era palco de uma festa tipicamente brasileira, recebendo escolas de samba da região, com samba-enredo, rainha de bateria, mestre sala e porta-bandeira. A vigésima e última edição ocorreu em 2005, com desfile de rua e duas escolas de samba. Os motivos para a não continuação desse evento não foram esclarecidos e carecem de estudos mais elaborados. Em diálogo com moradores do município que frequentavam o carnaval indicam que uma parte da população não apreciava a bagunça e sujeira, sendo que o evento foi transferido para o ginásio municipal, o que deixou de atrair os foliões. O destino inadequado dos recursos destinados para as escolas de samba também contribuiu para a diminuição da qualidade do evento e, conseqüentemente, da quantidade de foliões.

Atualmente, a maior festa da cidade é a *Kerbfest*, com a décima segunda edição em 2025, com um mês de festividades entre outubro e novembro, quando “São Carlos se transforma em um verdadeiro festival da cultura alemã”⁷⁰. Percebe-se, com a troca de festas, do Carnaval para *Kerbfest*, uma preocupação em preservar a cultura alemã.

A língua alemã persiste no cotidiano da população e muitas vezes é a melhor forma de expressão, como nas entrevistas realizadas por Kerbes (2004, p. 12) que “foram realizadas na língua alemã, pois se não fossem realizadas nesta fala, com certeza, sua obtenção teria sido deficitária, já que a grande maioria dos sujeitos não sabe se expressar em outra língua.” Wolff (1997, p. 9) também destaca que entre as experiências relatadas pelos entrevistados, “comentam em alemão “máximas” e brincadeiras que marcaram suas vidas”.

Essa característica também é destacada pelo Plano Municipal de Cultura de São Carlos 2019/2029:

São Carlos permanece desde sua fundação uma cidade que preserva a cultura germânica e gaúcha, embora hoje exista uma pluralidade de grupos e etnias vivendo na cidade. A germanidade e a cultura rio-grandense são vivenciadas de inúmeras formas, seja no dialeto Hunsrückisch falado por seus moradores, na sua arquitetura, na sua gastronomia e nos grupos de dança folclóricos e tradicionalistas. (Plano Municipal de Cultura de São Carlos 2019/2029, p 10).

⁷⁰ Texto presente na página do *Facebook* “*Kerbfest* São Carlos”.

O Plano destaca os grupos de dança folclórica *Edelweiss* e *Zu Der Heimath* e, além disso, “as bandas de música da cidade, que possuem em seu repertório as chamadas “músicas de bandinha” que animam festas e outros eventos.” (Plano Municipal de Cultura de São Carlos 2019/2029, p 11).

No referido Plano, há preocupação em fomentar, preservar e realizar ações educativas para promover essas manifestações culturais e, para isso, propõe as seguintes ações:

2.2.1 - Valorizar, promover, fomentar e preservar os grupos folclóricos e tradicionais de origens étnica e regional existentes no município.

2.2.2 – Implantar aulas de alemão gramatical e do dialeto Hunsrückisch no ensino básico nas escolas municipais, através de profissional habilitado na área.

2.2.3 - Criar um dicionário Português-Hunsrückisch para fortalecer a cultura linguística local. (Plano Municipal de Cultura de São Carlos 2019/2029, p 18).

A primeira ação é realizada anualmente por meio de incentivos. Já as outras duas ações, que demonstram preocupação com a manutenção da língua alemã, ainda não foram atendidas, tanto devido à falta de profissional habilitado, quanto pela carência de carga horária no currículo do Ensino Básico. O fato de haver preocupação em implantar aulas de alemão gramatical e de Hunsrückisch evidencia a consciência linguística dos gestores culturais de que são duas línguas distintas.

Em contrapartida, o Plano Municipal de Educação 2014/2024 faz uma breve referência à língua alemã, destacando que há a “preservação da língua materna, o alemão”. (PME, 2014/2024, p. 9). No entanto, não menciona ações de preservação.

Entre os anos de 2006 e 2010, ocorreu a construção da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó no leito do Rio Uruguai, entre os municípios de Águas de Chapecó (SC) e Alpestre (SC). São Carlos-SC foi uma das cidades que abrigou os trabalhadores da obra, chamados de “barrageiros”. Além disso, os municípios de São Carlos e Palmitos foram afetados pela vazão reduzida no Rio Uruguai, por um trecho de 19 quilômetros, comprometendo a atividade pesqueira e o turismo.

Desde 2014, o município é sede de um campus do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), fruto de pedido e luta da comunidade da região desde 2009. O campus atende vários pequenos municípios da região e desde 2018 oferta cursos de Ensino Médio Técnico Integrado em Edificações e Agropecuária e o curso superior em Engenharia Civil. Além dos servidores da instituição, São Carlos também recebe muitos estudantes de outros municípios e regiões do Brasil, proporcionando o contato linguístico com outras variedades do português

falado no Brasil. Assim como as demais escolas do município, o IFSC também não oferece aulas de alemão.

Além da região central, o município é dividido em quinze comunidades, que possuem estruturas como igreja e pavilhão comunitário. Três comunidades do interior (São João, Bela Vista e Pratas) abrigam escolas de ensino fundamental da rede municipal no ano de 2026. A rede de ensino estadual atende somente a região central, com duas escolas, uma delas com Ensino Médio. O transporte escolar possibilita que alunos das diversas comunidades possam frequentar a escola, tanto nas comunidades como na região central.

Nesse sentido, São Carlos apresenta-se como um município de porte reduzido, mas com alta densidade demográfica, marcado pela forte influência da agropecuária e, historicamente, pela presença alemã, evidenciada pela alta taxa do catolicismo e pela persistência da língua alemã. A troca do popular Carnaval Regional pela celebração da *Kerbfest* demonstra uma clara valorização e esforço na preservação da cultura germânica. Embora existam iniciativas e propostas no Plano Municipal de Cultura para o fomento e o ensino do alemão e do *Hunsrückisch*, estas ainda enfrentam desafios de implementação. A chegada do IFSC e o impacto da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó representam fatores de contato e diversificação linguística recentes, inserindo novas variedades do português e influências regionais no contexto local, que coexistem com a manutenção da língua alemã.

Assim, realizada a exposição da situação atual dos pontos de pesquisa, com destaque para a população, religião, economia, cultura e educação, passamos agora para a apresentação e análise dos dados coletados junto ao comércio e por meio de entrevistas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

“Descrever o uso da língua alemã é o desafio desta pesquisa. Para isso, inspiro-me na prática dos balseiros, que baseados no conhecimento das lidas anteriores (suas e de outros), construídos pela observação e experiência com águas e balsas, levam as toras de madeira até seu destino. As balsas devem ser bem preparadas, com as toras amarradas para descer o rio; paradas são necessárias pois a enchente precisa vir; desvios de pedras; busca e preparo dos alimentos; tudo para alcançar o objetivo: entregar a balsa e voltar bem ao lar.” (Ruscheinsky, 2026).

O prólogo demonstra o objetivo deste capítulo. Os capítulos anteriores fazem parte deste, pois sem eles, este não seria possível. Pois “todo estudo que pretende descrever a realidade linguística de uma comunidade adentra por caminhos desconhecidos, pois no contexto complexo em que a fala emerge atuam diversos elementos, com intensidades diferentes” (Busse e Feola Sella, 2012, p. 19). A partir disso, buscou-se analisar o uso da língua alemã e as percepções dos falantes, especialmente com base nas pesquisas de campo e na análise das respostas obtidas por meio do questionário.

5.1 APONTAMENTOS DO CADERNO DE CAMPO

Nesta parte, são destacados os principais apontamentos do caderno de campo, os quais auxiliaram a pesquisa, sobretudo durante a observação participante e nos levantamentos realizados em estabelecimentos comerciais. A fim de averiguar a presença da língua alemã na zona urbana dos nossos pontos de pesquisa, optou-se por visitar, durante o ano de 2025, trinta estabelecimentos localizados na rua principal de cada e perguntar aos atendentes se falam alemão. Não houve seleção prévia de quais estabelecimentos seriam visitados, pois todos, ao longo daquela rua, deveriam ser visitados até completar o número desejado. Julgamos mais adequado não fazer a pergunta quando fosse possível ouvir conversas em alemão com algum atendente, visto que já teremos o dado necessário para nossa pesquisa. Também decidimos fazer a pergunta em alemão, a fim de incentivar uma resposta na mesma língua. Se o interlocutor não entendesse, ou não soubesse responder, a pergunta seria refeita na língua portuguesa. Com base nisso, os dados anotados em relação a cada ponto de pesquisa são descritos a seguir.

5.1.1 Itapiranga

O levantamento na cidade de Itapiranga, ao longo da Rua do Comércio, iniciou em uma farmácia, em que a farmacêutica responsável nos atendeu e respondeu: “Io, was must du honn?” (Sim, o que tu precisa?). A compra de um analgésico ocorreu durante a conversa em alemão, em que apenas os numerais foram falados na língua portuguesa. O próximo estabelecimento, logo ao lado, é um mercado pequeno, mas muito antigo e tradicional da cidade. Quem atendeu foi o próprio dono, que respondeu que fala alemão e logo interrogou-nos sobre o motivo da pergunta. Segundo ele, em poucos lugares haveria falantes de alemão. Esse comportamento é o oposto da situação relatada por Krug e Horst (2022, p. 362):

quando questionamos alguns residentes, donos ou trabalhadores do comércio, sobre a existência de falantes das variedades no município, geralmente a resposta era “sim, a maioria do povo daqui fala.”, quando questionados em números, geralmente saía de 60% a 90% da população ainda fala, mas, na realidade, quase não havia informantes e quando os encontrávamos, estavam isolados dos centros urbanos.

As visitas aos estabelecimentos foram realizadas até totalizar 30 locais visitados, entre hotel, relojoaria, farmácias, padaria, loja de confecções, loja de equipamentos de informática e empresa de empréstimos. Desse total, em 24 havia falantes de alemão. Assim, a situação linguística encontrada em Itapiranga difere completamente daquelas encontradas e descritas por Krug e Horst (2022), visto que o comerciante alegou haver poucos falantes, porém nosso levantamento averiguou haver falantes em mais de dois terços dos estabelecimentos. Foram diversas respostas, também de várias faixas etárias, entre as quais citamos: “*Een bissje*” (Um pouco), “*Alles*” (Tudo), “*Ja, mia drei*” (Sim, nós três) e “*Nur een bissje*” (Só um pouco).

Essas quatro respostas evidenciam memórias, crenças e atitudes dos falantes em relação à língua de imigração. Na loja de equipamentos de informática, onde havia também um cliente, todos responderam que falam alemão, e o atendente lembrou que ele e o cliente eram colegas de aula numa escola do interior nos anos 70, onde a prática do professor era proibir a comunicação em alemão, sendo que o castigo era escrever no caderno diversas vezes: “Não devo falar alemão”.

A imigração recente favoreceu maior abertura em relação ao multilinguismo, como demonstra a resposta da atendente de outra farmácia: “*Immer noch, alles Deutsch*” (Claro, tudo alemão) e agora tamo [sic] falando o espanhol também”. Na terceira farmácia, ficou

evidente a preocupação com o alemão padrão e a atendente procurou destacar que fala a variedade: “*Io, is bloss net de Hochdeutsch*” (Sim, só não é o alemão padrão).

Na loja de telefones celulares e acessórios, a atendente, muito jovem respondeu: “*Ich spreche Deutsch*” (Eu falo alemão). Diante da diferente variedade usada, perguntamos sobre sua origem. Ela destacou que sua avó, natural de Mondaí e com idade avançada, passou a morar com a família da atendente, ficou doente e esqueceu o português, obrigando toda a família a falar em alemão.

Em cinco estabelecimentos não há atendentes que falam alemão, como, por exemplo, nas duas lojas de confecções, na de aviamentos, na filial de uma franquia de móveis e eletrodomésticos e na autoescola. Em uma relojoaria, o atendente demonstrou que entende, e solicitou indicação de alguém que fale alemão e possa trabalhar ali.

Diante do exposto, o levantamento realizado nos estabelecimentos comerciais em Itapiranga, demonstrou uma significativa presença e uso ativo da língua alemã em 24 dos 30 locais visitados. As interações revelaram diversas atitudes e memórias em relação à língua de imigração, desde a fluência completa até o uso parcial da variedade, e evidenciaram tanto a repressão histórica (como o castigo escolar nos anos 70) quanto a recente abertura ao multilinguismo (incluindo o espanhol). Assim, as respostas coletadas de diferentes faixas etárias sublinham a manutenção e uso da língua, seja por transmissão familiar intergeracional forçada por necessidade (como no caso da avó) ou por uma preocupação evidente com a distinção entre a variedade local e o alemão padrão (*Hochdeutsch*). Cinco estabelecimentos não contavam com falantes de alemão e um deles demonstrou interesse em contratar falantes, reforçando a relevância cultural e, potencialmente, comercial da língua na cidade.

5.1.2 São João do Oeste

Em SJO o levantamento sobre a presença de falantes de alemão foi realizado em trinta estabelecimentos que atendem ao público ao longo da Rua Santa Cruz, a rua principal da cidade. Durante a caminhada, observamos seis conversas de pessoas na rua, das quais quatro eram em língua alemã. Três pessoas cumprimentaram a pesquisadora com a expressão “*Gumoint*” (Bom dia). Percebe-se que a língua é usada como marca identitária (Kaufmann, 2019), pois usam o cumprimento para conferir o pertencimento do outro ao seu grupo.

No primeiro estabelecimento visitado, após perguntar a atendente se ela fala em alemão, tivemos que refazer a pergunta, desta vez em português, pois não houve

compreensão. Naquele bazar, não há atendentes que falem e entendam alemão. Esse foi o único estabelecimento em que não foi possível realizar uma conversa em alemão. Mais adiante, na lotérica, foi possível conversar em alemão, mas a atendente sempre devolvia a resposta em português. Ela alegou não conseguir se expressar em alemão, pois não pratica no dia a dia. Afirmou ainda, que é comum atender clientes que falem em alemão, enquanto ela responde em português, mantendo-se a interação entre as duas línguas.

Nos demais vinte e oito estabelecimentos, entre eles banco, mecânica, açougue, floricultura, loja de confecções, de carros e de artigos de informática, conversamos com os/as atendentes em alemão ou ouvimos os diálogos com outros clientes nessa língua. As respostas à pergunta, “*Sprecht du/dir Deutsch?*” (Você/s fala/m alemão?), foram diversas: “*Bissje.*” (Pouco), “*Io, alles*” (Sim, tudo) e “*Was kann’ma dich helfe?*” (O que posso lhe ajudar?). Em um estabelecimento, além da resposta afirmativa, o atendente também fez o convite em alemão: “*Kannst nure rinnekomme*” (Pode entrar). Em seis desses estabelecimentos, ouvimos conversas em alemão entre o atendente e cliente, o que tornou desnecessária a pergunta. Por outro lado, em uma farmácia, toda a conversa com a cliente anterior foi em português, porém a atendente alterou para a língua alemã quando foi feita a pergunta se ainda falam em alemão.

Dessa forma, o levantamento em São João do Oeste demonstrou uma forte e visível presença da língua alemã no cotidiano da cidade. Apesar de um único ponto do comércio não ter falantes da língua minoritária, a ampla maioria (29 de 30 estabelecimentos) demonstrou fluência ou capacidade de comunicação em alemão, seja com respostas afirmativas, convites diretos, ou no uso espontâneo em diálogos com clientes e na rua. A língua atua claramente como uma marca identitária e um meio ativo de comunicação, mesmo que em alguns contextos, como na lotérica, haja uma alternância de códigos com o português, evidenciando sua vitalidade e a coexistência linguística na interação social e comercial.

5.1.3 Mondai

Em Mondai iniciou-se a pesquisa no mercado da cooperativa, muito movimentado, tanto por clientes quanto por funcionários. Para a funcionária que estava no balcão de recepção, foi perguntado: “*Sprechst du Deutsch?*” (Você fala alemão?), ela sorriu e respondeu: “*Ja, wie in Deutschland*” (Sim, como na Alemanha). Visitamos 30 estabelecimentos ao longo da Avenida Laju, a principal da cidade, e em 17 deles os atendentes responderam que falam a língua minoritária ou que, ao menos, alguns dos atendentes ainda

falam a língua. Em nove estabelecimentos, não há atendentes que falem alemão; em quatro, há pessoas que compreendem a língua, mas não conseguem se expressar nela.

Nas respostas dos falantes, percebeu-se a variação na denominação da língua entre *Deitsch* e *Deutsch*, características das “variedades *Deitsch* e *Deutsch* que têm falantes tanto em SJO quanto em MO”, conforme Wolschick (2016, p. 98). Entre os falantes de alemão, também há variação na idade como, por exemplo, na loja de telefones celulares em que a mulher jovem, aparentando 20 a 30 anos, respondeu que fala alemão; já na loja de materiais de construção, um atendente de meia idade, entre 50 a 60 anos, respondeu “*Ja, alles Deitsch*” (Sim, tudo alemão) e olhou para um senhor de terceira idade, que respondeu o mesmo. Os dois eram pai e filho, e reiteraram que “*Mia spreche nur Deitsch hier*” (Nós só falamos alemão aqui).

Também outras respostas chamaram atenção, pois mostram crenças dos falantes e os domínios em que a língua alemã é usada, entre elas citamos duas: em uma floricultura havia uma roda de chimarrão com quatro mulheres, duas logo responderam que falam alemão. A terceira, que parecia ser a mais jovem, aparentando 30 anos, disse que não fala nem compreende, e a quarta, senhora de meia idade (aparentando entre 40 a 50 anos), de pele levemente morena, respondeu: “*Ich sinn braun awer spreche Deutsch*” (Eu sou marrom⁷¹, mas falo alemão). Já no estúdio fotográfico, a atendente declarou: “*Ja, alles Deitsch dehemm, awer hier net viel*” (Sim, tudo em alemão em casa, mas aqui não muito). Na conversa que se seguiu, em alemão, ela revelou que tem 20 anos, mora com a família no interior e todos trabalham na cidade, onde não falam tanto alemão, e reforçou: “*awer dehemm, alles Deitsch*” (mas em casa, tudo alemão). A língua minoritária é preservada na família, mesmo não havendo trabalho conjunto em família, como ocorre na agricultura familiar.

Em nove estabelecimentos não há falantes de alemão: uma loja de celular, uma de enxovais (a mais tradicional da cidade), uma de confecções infantis, uma de informática, uma rede de confecções, uma de franquia de chocolates, duas farmácias e um consultório de franquia odontológica.

Diante do exposto, o levantamento realizado em Mondaí revelou uma significativa presença da língua alemã (nas variantes *Deitsch* e *Deutsch*) no comércio local. Dos 30 estabelecimentos visitados, 17 confirmaram a presença de falantes de alemão ou de pessoas que compreendem a língua, indicando uma vitalidade linguística que transcende as faixas etárias, dos jovens aos idosos. As respostas dos falantes, no entanto, apontam para uma variação na autodenominação da língua e destacam domínios de uso preferenciais: enquanto

⁷¹ Entende-se que a falante quis expressar a cor da sua pele, de pele morena.

alguns estabelecimentos a utilizam livremente, a esfera familiar (*dehemm*) é reiteradamente citada como o principal locus de preservação do alemão, mesmo entre indivíduos que trabalham na área urbana e não a utilizam frequentemente no ambiente profissional. Contudo, a pesquisa também registrou o surgimento de espaços monolíngues em português, especialmente nas franquias e redes de lojas, sinalizando a convivência entre a manutenção e substituição linguística e as tendências de uniformização do mercado.

5.1.4 Palmitos

Nas ruas do centro da zona urbana de Palmitos ou dentro dos estabelecimentos comerciais, ouve-se poucas interações em alemão. Como nos demais municípios, foram realizadas visitas rápidas aos estabelecimentos na Avenida Brasil, que atendem ao público, e perguntamos, primeiramente em alemão, sobre a presença de algum falante da língua. Quando não entendiam a pergunta, essa era repetida em português.

Como nos demais centros municipais, foram visitados 30 estabelecimentos, e na metade desses, exatamente a metade, havia falantes de alemão. Algumas das respostas dos falantes foram bem rápidas, como “*Jo*” (Sim) e “*Ja, bissje*” (Sim, pouco). A atendente de uma farmácia ressalta que “*Is net das Hochdeutsch, is das was mia wisse*” (Não é o alemão padrão, é o que nós sabemos), muito preocupada em como conseguir atender se o cliente falasse o alemão padrão e não pudesse compreender ou se fazer entender ao falar. Por outro lado, o atendente de uma loja de artigos gaúchos respondeu “*Nicks⁷² verzehle, ich sinn italiano*” (Falo nada, eu sou italiano). Ressaltou com orgulho que aprendeu o alemão na fase adulta, quando passou a trabalhar no comércio, sendo que cresceu na comunidade de Linha Tirelli, com predominância de moradores de origem italiana (ver Mapa 3). Como o diálogo ocorreu em alemão, este estabelecimento foi marcado com presença de falante de alemão, pois demonstrou abertura e interesse pela língua minoritária, mesmo com a declaração de que não fala em alemão por ser de descendência italiana.

Em quinze estabelecimentos, não havia atendentes que falam alemão. Em cinco casos, foi ressaltado que ou o pai ou a mãe eram de descendência italiana, o que impediu o aprendizado em casa. Como o município de Palmitos recebeu migrantes de origem italiana e alemã, houve muitos casamentos interétnicos, dificultando a transmissão intergeracional.

⁷² Conforme grafia sugerida pelo ESCRITHU (Altenhofen *et al.*, 2007), essa palavra é grafada como “*nix*”, porém optamos em usar a grafia “*nicks*”, pois essa é a mais usada nos poemas e prosas de falantes disponíveis na obra *Hunsrückisch* em prosa e verso (Altenhofen *et al.*, 2018).

A pesquisa realizada no centro urbano de Palmitos demonstra um cenário complexo em relação à presença da língua alemã no comércio local. Embora 50% dos estabelecimentos visitados contassem com pelo menos um falante, os diálogos são pouco frequentes, e os próprios falantes reconhecem que a variante utilizada difere do alemão padrão. A interrupção da transmissão intergeracional, frequentemente associada à migração de origem italiana e aos casamentos interétnicos, é um fator determinante para a menor fluência e o menor número de falantes, evidenciando as dinâmicas sociolinguísticas e históricas que moldaram o perfil linguístico do município.

5.1.5 São Carlos

Ao caminhar pelas ruas do centro de São Carlos-SC, é possível ouvir diálogos em alemão entre um pequeno número de pessoas. Em farmácias, mercados, lojas e bares, as interações entre atendentes, fregueses e usuários alternam entre a língua minoritária e a majoritária. Importante destacar que a autora desta pesquisa trabalha e mora nesta cidade com sua família. Dessa forma, frequenta diversos estabelecimentos regularmente.

Para um levantamento mais sistemático, foram realizadas visitas rápidas aos estabelecimentos privados que atendem ao público como mercados, consultórios dentários, escritórios de contabilidade, lojas, ao longo da Rua do Comércio e foi perguntado se há algum falante de alemão que trabalhe no local. Do total de 31 estabelecimentos visitados numa tarde, em 25 os atendentes alegaram que ao menos um deles fala alemão. Em outros, quatro (duas lojas de confecções de franquias, uma farmácia e uma loja de celulares), nenhum atendente se comunica em alemão. O atendente da loja de celulares respondeu “Infelizmente não” e acrescentou que está procurando um funcionário ou atendente que fale alemão. Em dois estabelecimentos, alegaram entender a língua, porém não a falam.

Interessante também foram os comentários após a resposta afirmativa, como no mercado que recentemente trocou de franquia, porém manteve os funcionários: “Tem muitos que falam alemão aqui” e numa breve caminhada dentro do mesmo, pudemos conversar com dois funcionários em alemão. Além dessa experiência, em uma loja de roupas, uma das mais sofisticadas da cidade, a gerente respondeu em alemão “*Ja, ich spreche Deutsch*” (Sim, eu falo alemão) e continuou em português: “Da minha geração, todos falam alemão, a língua que aprendi com meus pais”. Perguntou-se sobre seus filhos, no que ela respondeu: “Meus filhos

não aprenderam”. Essa resposta foi dita de forma bem neutra e não foi possível perceber tom de lamento ou alegria.

No geral, a resposta recebida era em alemão como “*Ja, alles*” (Sim, tudo) ou “*Enn bissje*” (Um pouco). Na loja de calçados, a primeira atendente respondeu “*Ja, ich spreche Deutsch, unn die ooch*” (Sim, eu falo alemão, e elas também), referindo-se às outras duas atendentes, em seguida, as 3 clientes responderam ao mesmo tempo “*Ich ooch*” (Eu também), gerando uma situação engraçada devido à sonoridade dessa última frase. Com isso, foi percebido alegria e orgulho nas falas das clientes e atendentes, e ao nos afastarmos da cena, mas ainda ouvindo, a conversa sobre os calçados prosseguiu em alemão. O interesse pelo motivo da pergunta também era frequente, muitas vezes, demonstrando preocupação com o quanto se sabe em língua alemã.

Sob esse aspecto, o levantamento realizado em São Carlos, cidade onde a pesquisadora reside, revela uma notável vitalidade da língua alemã em seu cotidiano, especialmente no comércio central. O levantamento sistemático em 31 estabelecimentos mostrou que em 25 há ao menos um falante de alemão, indicando sua presença significativa nas interações comerciais. Os diálogos observados e as respostas espontâneas de gerentes, atendentes e clientes, que frequentemente expressam orgulho e satisfação ao usar a língua minoritária, sugerem que ela é uma ferramenta de comunicação ativa e valorizada socialmente, permeando a vida econômica e social da comunidade, embora com indícios de descontinuidade entre as gerações mais jovens, conforme um dos depoimentos coletados.

5.1.6 Síntese da presença e uso do alemão no comércio

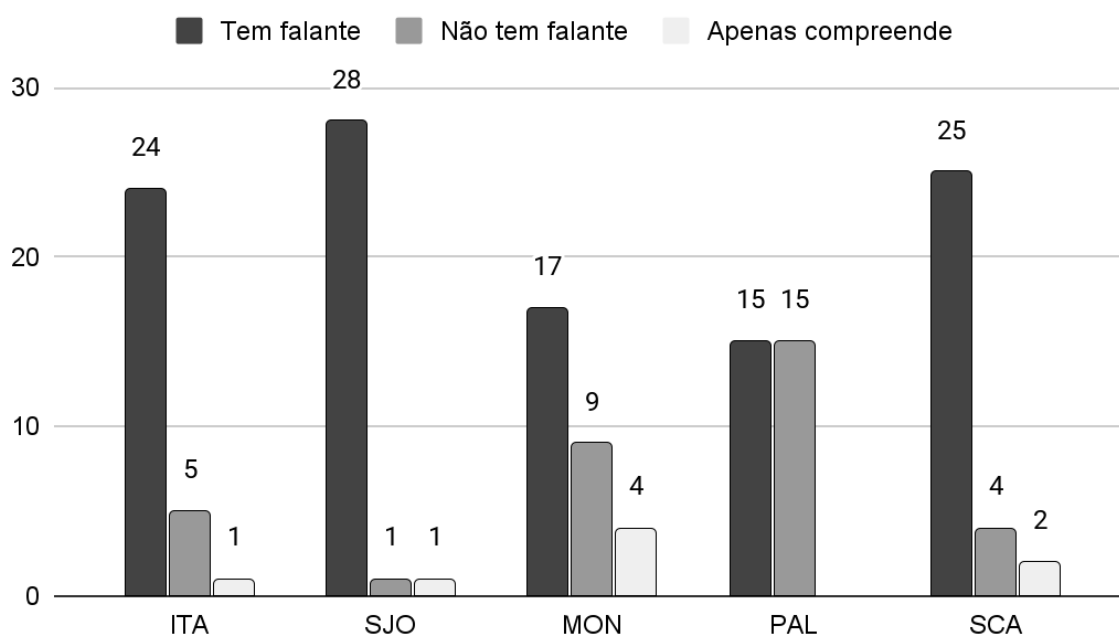
Conforme descrito acima, o levantamento sistemático em estabelecimentos comerciais, localizados em ruas ou avenidas principais da zona urbana das comunidades de ITA, SJO, MON, PAL e SCA, possibilitou a elaboração do Gráfico 1, que indica a quantidade de estabelecimentos visitados com ou sem falantes de alemão.

O mapeamento contemplou 151 estabelecimentos comerciais localizados nas ruas principais das zonas urbanas dos municípios pesquisados: Itapiranga (30), São João do Oeste (30), Mondaí (30), Palmitos (30) e São Carlos (31). Os dados apresentados no Gráfico 1 evidenciam uma forte presença da língua minoritária na região. Além disso, a pesquisa permitiu constatar *in vivo* que a língua alemã se mantém ativa e presente na ampla maioria dos locais visitados, com percentuais que variam de 50%, em Palmitos, a 96%, em São João

do Oeste, sendo utilizada em interações comerciais e sociais por falantes de diferentes faixas etárias, desde jovens de 20 a 30 anos até idosos.

Gráfico 1 – Estabelecimentos na zona urbana com falantes de alemão

Estabelecimentos na zona urbana com falantes de alemão.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

As respostas e diálogos evidenciaram a coexistência de distintas variedades da língua, bem como a variação na sua autodenominação (*Deitsch* e *Deutsch*). Assim, os dados destacam a presença da língua nos espaços urbanos, frequentemente associada apenas ao uso familiar (*dehemm*), atuando como marca identitária e fator culturalmente relevante no cotidiano e no comércio local, apesar dos desafios históricos de repressão e das tendências de substituição linguística observadas, especialmente em Palmitos e em novos modelos de negócios (franquias).

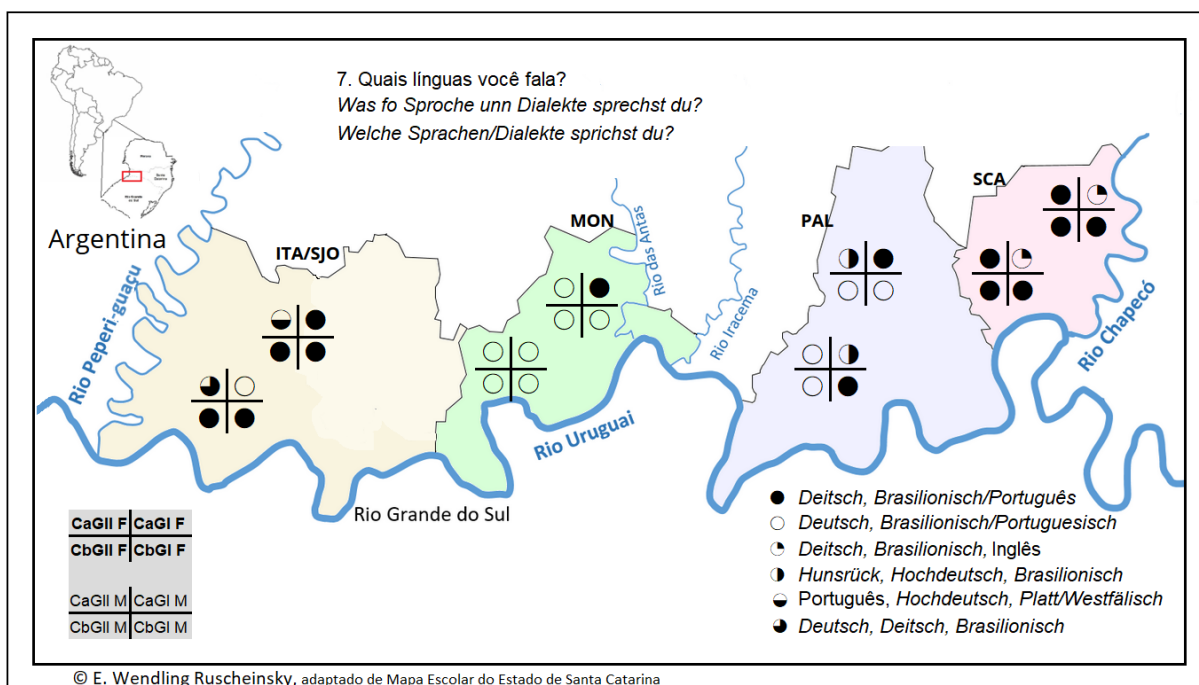
5.2 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Os dados coletados nas entrevistas foram sistematizados em cartografias sociolinguísticas, elaboradas pela autora desta tese a partir de um mapa escolar do Estado de Santa Catarina. O mapa original, composto pela localização dos municípios, rios e limites

territoriais, serviu como base para a inserção dos dados da pesquisa, distribuídos conforme a localização geográfica dos pontos de coleta. Tal procedimento fundamenta-se na concepção de Cartografia apresentada pelo IBGE, segundo a qual diferentes dados podem ser representados espacialmente, retratando sua dimensão territorial e tornando sua compreensão mais eficaz. Desse modo, embora as figuras sejam denominadas “Mapas” ao longo da tese, elas assumem função analítica sociolinguística, pois não representam exclusivamente o território, mas também espacializam dados linguísticos e sociais da pesquisa. Em função disso, os mapas com a representação das respostas dos entrevistados também podem ser denominados de cartografia.

Com esse propósito, os resultados das entrevistas foram inseridos com base no esquema em formato de cruz para dar conta da pluralidade dos participantes e da variação linguística, conforme o Mapa 8, a seguir. Além disso, vale destacar que o limite entre os municípios de Itapiranga e São João do Oeste foi suprimido da cartografia porque estes municípios pertencem ao mesmo ponto de pesquisa nesta tese de doutorado, ou seja, ITA/SJO.

Mapa 8 – Exemplo de cartografia com dados da pesquisa



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Os Mapas apresentam a localização dos pontos de pesquisa ao longo do Rio Uruguai, o mapa da América do Sul destacando o sul do Brasil e, no quadrado vermelho, a região Oeste

de Santa Catarina. Cada Mapa⁷³ apresenta, por meio de símbolos, as respostas dos participantes às perguntas do questionário, que estão no alto, centralizadas. Optou-se em expor, nesta tese, as perguntas em três versões, ou seja, português, *Hunsrückisch* e alemão padrão, a fim de abranger essas línguas que foram usadas durante as entrevistas. A legenda no canto inferior direito apresenta os símbolos circulares preenchidos de diferentes formas, com base na Fonte *Kiel Symbol* e seu respectivo significado nesse Mapa. Essa representação cartográfica permite a melhor visualização das similaridades e diferenças das respostas concedidas pelos participantes. Já no canto inferior esquerdo, está a matriz das dimensões dos entrevistados, que indica que a cruz superior de cada ponto, em negrito, apresenta as respostas das participantes femininas (F) e a inferior demonstra as respostas dos falantes masculinos (M).

As respostas também são analisadas qualitativamente, sendo que preferiu-se transliterá-las diretamente por meio da escuta atenta aos áudios gravados em cada entrevista. Por outro lado, a transcrição fonética não foi realizada porque não era o objetivo deste estudo. Além disso, as transliterações foram revisadas pela pós-doutoranda Jussara Maria Habel, como parte das atividades de seu pós-doutoramento no PPGEL, *Campus* Chapecó, UFFS. Novamente, convém ressaltar que utilizou-se primordialmente a proposta do ESCRITHU, sugerida por Altenhofen *et al.* (2007), para registrar as respostas na forma escrita/transliterada. As convenções ortográficas são baseadas na variação da língua do falante, que pode variar conforme a variedade do falante e suas origens familiares e geográficas.

No que se refere às transliterações, optou-se marcar as transliterações das respostas seguindo as normas da ABNT usadas para citações: entre aspas se for citação curta ou se for citação longa, destacada com recuo com letra menor, sempre em formato itálico quando for em língua que não o português. A fim de facilitar a leitura, foi escolhido iniciar uma nova linha para cada transliteração e, na sequência, apresentar entre parênteses a tradução para o português e em seguida, também entre parênteses, a etiqueta do falante, quando essa não foi citada anteriormente no texto. Desse modo, acreditamos que a tradução da resposta logo após a transliteração é mais eficiente e facilita a leitura em comparação com a tradução em notas de rodapé.

⁷³ Nesta tese, são os Mapas 9 a 19.

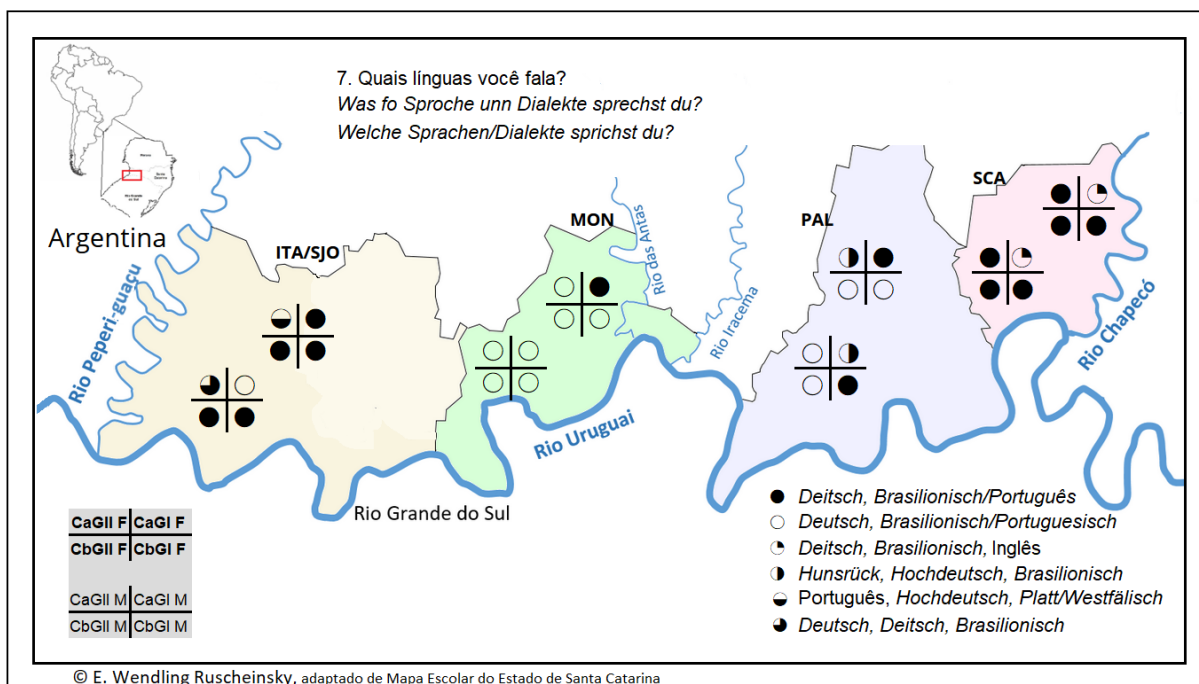
5.2.1 Línguas faladas

Mesmo já sabendo as línguas que o entrevistado fala, visto que selecionamos somente os bilíngues alemão/português, essa pergunta é imprescindível pois oferece pistas sobre o *status* que o próprio falante atribui às línguas que fala. A realidade linguística dos pontos de pesquisa revela-se intrinsecamente plurilíngue, dada a coexistência histórica entre o português e as diferentes variedades de alemão. Nesse contexto, a própria denominação dessas línguas e variedades constitui uma questão complexa. Como observa Habel (2017, p. 316), nomear as línguas não é uma tarefa simples, “principalmente quando se trata de variedades linguísticas, vistas nesse contexto como ‘dialeto’ ou ‘língua errada’”.

Desse modo, esta seção busca aprofundar a análise sobre como os próprios participantes percebem e nomeiam as línguas que utilizam, oferecendo uma perspectiva *in vivo* sobre o repertório linguístico que se estende para além do bilinguismo estrito, conforme sugerem as menções a mais de duas línguas em algumas respostas.

As respostas dos entrevistados encontram-se representadas no Mapa 9, abaixo, por meio de duas cruzes em cada ponto de pesquisa. Em cada cruz, as células correspondem ao perfil dos participantes, considerando as dimensões diastrática, diageracional e diassexual, conforme indicado no modelo das duas cruzes apresentado no canto inferior esquerdo. As respostas, por sua vez, são expressas por símbolos em forma de círculo, de acordo com a legenda situada no canto inferior direito. Essa legenda apresenta as denominações dadas pelos próprios participantes, isto é, os dados *in vivo*, que representam o modo como os falantes efetivamente nomeiam suas línguas. Diante disso, optou-se em não usar a denominação *in vitro*, pois esta representaria as denominações de linguistas (Calvet, 2007).

Mapa 9 – Quais línguas você fala?



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Após a pergunta realizada em alemão, todos os entrevistados mencionaram duas ou mais línguas, sem necessidade de insistência e sugestão por parte da entrevistadora. É possível que a solicitação feita antes do início da entrevista, para que os participantes respondessem em sua variedade do alemão, tenha contribuído para o reconhecimento do termo *Sproche*, que significa línguas.

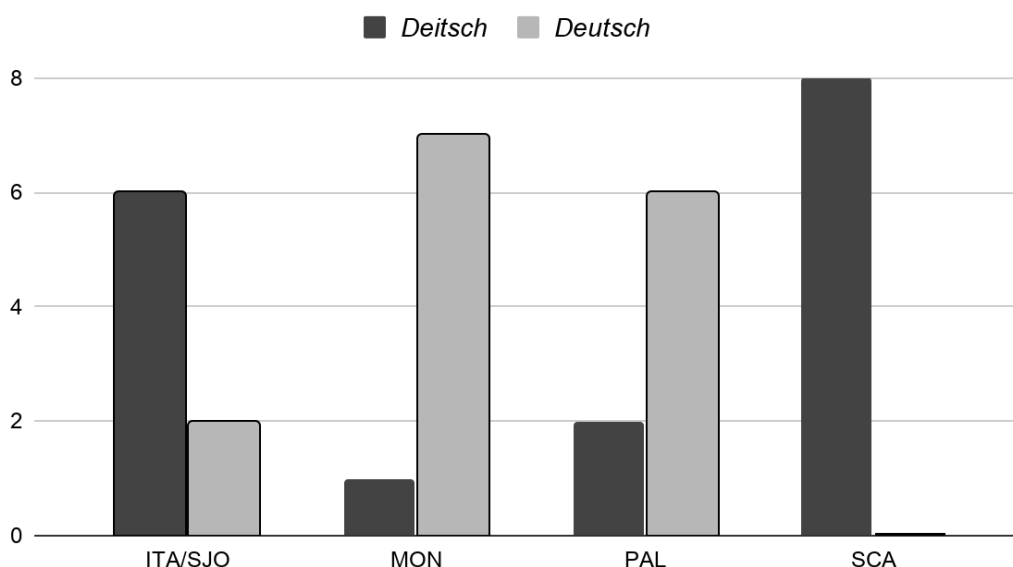
Assim, as respostas também já indicam os nomes dados às línguas pelos falantes. Considerando esse aspecto, merece destaque a denominação atribuída à língua portuguesa, chamada pela grande maioria dos participantes como “*Brasilionisch*” durante a entrevista. Nesse sentido, Habel (2017, p. 317-318) afirma: “muitos dos informantes do Projeto ALMA denominaram a língua oficial, ou seja, o português, ou ainda, a língua que eles aprenderam na escola, como ‘brasileiro’”.

Sob essa perspectiva, cinco participantes, todas do sexo feminino, nomearam uma de suas línguas como “português” (ITA/SJO CaGII F, ITA/SJO CbGI F, PAL CaGI F, SCA CaGI F) ou “*Portuguesisch*” (MON CbGI F). A entrevistada SCA CaGI F citou a língua no português e depois repetiu em alemão: “*Ich ton portugês, dann Brasilionisch, Deitsch unn inglês*” (Eu falo português, aí brasileiro, alemão e inglês). A denominação “português” é a forma de prestígio, pois é a usada internacionalmente para designar a língua, geralmente acompanhada do adjetivo “brasileiro”.

Dessa forma, esse dado corrobora a afirmação de Labov (2008) de que as mulheres são mais conservadoras. Por serem mais letradas e mais jovens, supõe-se que tenha relação com a acomodação linguística ao português. Com isso, considera-se que há uma mudança em curso, visto que, conforme dados do ALMA-H, muitos participantes denominam sua língua como *Brasilionisch* (Habel, 2017) e nossos dados apontam cinco ocorrências de ‘português’, em 32 possibilidades. Como nossos dados apontam para um uso quase que absoluto de *Brasilianisch* com variáveis como *Brasilionisch* e *Brosilionisch* em comparação com o Portugiesisch, esse uso pode estar ligado ao nome Brasil, refletindo a ideia de que brasileiro fala brasileiro e não português.

Para denominar a língua minoritária, a grande maioria dos participantes usaram “*Deitsch*” ou “*Deutsch*”, um total de trinta ocorrências. Já o nome “*Hunsrück*” foi a resposta para essa questão de apenas um participante (SCA CaGI M). Entretanto, nas demais respostas, e durante a entrevista, o participante usa “*Deitsch*” ao se referir a uma das suas línguas, como na resposta da pergunta 10: “*Ich ton genn Deitsch verzehle.*” (Eu gosto de falar alemão).

Em relação à variação entre *Deitsch* ou *Deutsch*, os dados corroboram os achados de Wolschick (2016) sobre a existência desses dois tipos. Ao total, 17 participantes usaram “*Deitsch*” e 13 “*Deutsch*”, divisão que também é nítida na dimensão diatópica e diarreligiosa. A partir disso, a análise das entrevistas possibilita estipular quais variantes do tipo *Deutsch* e *Deitsch* são usadas pelos falantes e, conseqüentemente, qual o tipo predominante, conforme se observa no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Falantes do tipo *Deitsch* e *Deutsch* por ponto de pesquisaFalantes com variantes do tipo *Deitsch* e *Deutsch* por ponto de pesquisa

Fonte: Ruscheinsky (2026).

No geral, os falantes de MON e PAL, ou seja, de confissão evangélica luterana, denominam sua língua como “*Deutsch*” e os falantes de ITA/SJO e SCA, os católicos, nomeiam de “*Deitsch*”. Esse é o padrão apenas da GII, pois a GI apresenta algumas particularidades que merecem uma atenção especial, principalmente na CaGI. Esse participante do grupo jovem, ITA/SJO CaGI M, utilizou o nome “*Deutsch*” durante toda a entrevista ao referir-se à língua minoritária. Essa particularidade pode estar relacionada à percepção do próprio falante acerca das diferenças entre as variedades linguísticas utilizadas por seus familiares. Quando questionado sobre a existência de pessoas que falam de modo diferente dele, o participante respondeu da seguinte forma:

Paar Werter, io, bis meine Mama sprecht annerster wie mein Papa gesproch hot, meine Grossvater sprecht annerster, [...] die Mama sprecht annerster wie die, paar Wetter, das merke ich. (Algumas palavras, sim, até minha mãe fala diferente de como meu pai falava, meu avô fala diferente, [...] a mãe fala diferente deles, algumas palavras, isso eu percebo). (ITA/SJO CaGI M).

A entrevistada MON CaGI F denomina sua língua como “*Deitsch*” durante toda a entrevista, pois cresceu e morou na comunidade de Catres, que fazia parte do território da colonização Porto Novo (conforme Mapa 3), e era de confissão católica até seu casamento, aos dezesseis anos. Ao casar, a participante passou a morar na zona urbana de Mondaí e sua

confissão passou a ser luterana. Essa comunidade também é citada por Wolschick (2016, p. 27): “as pessoas do interior falam diferente das da cidade, outros dizem que os moradores da comunidade de Catres, localizada no interior de Mondaí e colonizada por alemães católicos, falam diferente.” Mesmo que a mudança de lugar e religião tenha ocorrido ainda na juventude, a entrevistada, atualmente com 32 anos, preserva características da fala de sua família e comunidade de origem.

Sobre o ponto PAL, a falante PAL CaGI F também respondeu fora do padrão do seu grupo (PAL e de confissão luterana) pois usa “*Deitsch*”. Segundo a participante, a origem da sua família materna é de Montenegro-RS e a família paterna de Teutônia-RS, que fazem parte da macroárea *Deitsch* [+ dialetal], segundo o ALMA-H. O participante PAL CbGI M é o único da Cb desses dois pontos de pesquisa que nomeou sua língua como “*Deitsch*”. Essa diferença também pode ser explicada pela origem dos pais do participante: o pai nasceu em Brochier-RS e a mãe em Crissiumal-RS, onde há falantes do tipo *Deitsch*, também conforme o ALMA-H.

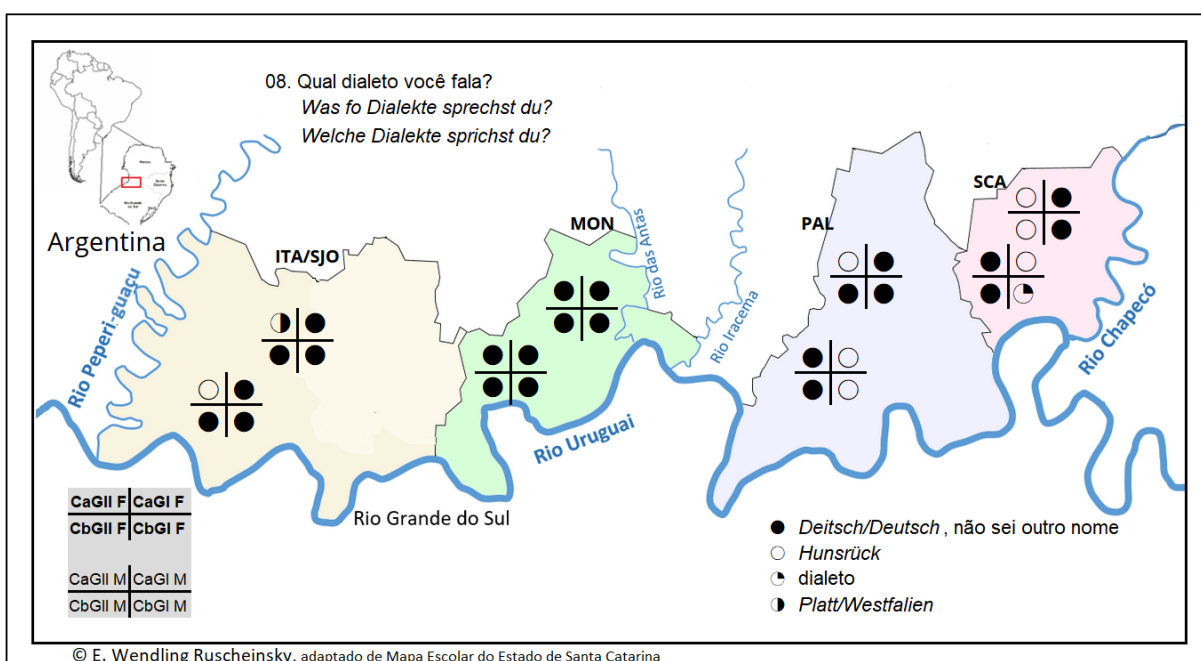
Assim, é possível afirmar que “*Deitsch*” ou “*Deutsch*” são denominações vastamente usadas pelos falantes, enquanto outras denominações como “*Hunsrück*” ou “*Platt/Westfälisch*” são menos usadas. Apenas os participantes dos grupos CaGII F e CaGI M, de Palmitos (PAL), denominaram uma de suas línguas como “*Hunsrück*”, e outra entrevistada, do grupo CaGII F, de ITA/SJO, afirmou que fala *Platt/Westfälisch*. A resposta dessa participante merece destaque, pois ela falou na respectiva língua citada (*Platt/Westfälisch*), possivelmente como uma forma de comprovar que realmente usa essas línguas de forma ativa no seu cotidiano.

Ja, eu falo o português, afinal de contas sou professora, fui professora de educação infantil e séries iniciais. *Ich spreche das Hochdeutsch, wall das habe ich hier in die Gemeinde auch gelernt, und auch mit mein... hier in Gemeinde, mit mein Mann, mit dem Familie von mein Mann, also wall er aus Deutschland war, und... Ike kann auch Platt küren, auch Westfäle küren. Dat hev ik lehr vun miene Mama, weil de sind noch von Westfäle noch abstamm, und ehhe, bi't Hus, bi Papa sien Hus, tue wie ich, Geschwister, wi tu noch all Platt küren*⁷⁴. (Eu falo o alemão padrão, pois eu aprendi aqui também na comunidade, e também com meu... aqui na comunidade, com meu marido, com a família dele, também porque eram da Alemanha, e ... eu também sei falar o platt, falar o vestfaliano. Aprendi com minha mãe, pois ela tem ascendência da Westfália e bem, na minha casa, na casa do meu pai, eu e meus irmãos, nós todos ainda falamos o platt (ITA/SJO CaGII F).

⁷⁴ Fala transcrita por Prof. Dr. Joachim Steffen, que ressalta que convenções ortográficas são um pouco baseadas no seu dialeto, mas alteradas nos pontos em que o dialeto da Vestfália ou da falante divergem dele. Agradecemos pela transcrição.

A pergunta 8 “E qual dialeto você fala?” é uma continuação da pergunta 7. A grande maioria dos participantes, um total de 23, negaram saber qual dialeto ou outro nome para a língua minoritária que falam, mas explicaram: “*Mia soohn immer Deitsch*” (Nós falamos sempre Deutsch) (SCA CbGII M); “*Mia honn immer Deutsch gesacht*” (Nós sempre temos dito Deutsch) (MON CbGII F), conforme o Mapa 10, a seguir.

Mapa 10 – E qual dialeto você fala?



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Ainda considerando essa pergunta, relativa ao dialeto que o participante fala ou ao conhecimento de outra denominação para a língua minoritária utilizada, cinco participantes citaram outros nomes, conforme se observa nos comentários a seguir:

Ahhh, *das Deutsche*, ehm, *wir hier... is jo der Hunsrick, der Dialekte*. (Ahhh, o alemão, ehm, nós aqui... é o Hunsrik, o dialeto). (SJO CaGII M).

Ne, wo mea wisse, hechst der Hunsrücker, orre wie's.... awer wie der is orre was fo unser is, das kann ich net soohn. (Não, pelo que sabemos, talvez o Hunsrücker, ou qual é... mas qual é aquele ou qual é o nosso, isso eu não sei dizer). (PAL CbGI M).

Ich denke Hunsrück. (Eu acho Hunsrück). (SCA CaGI M).

Ai, meine Papa hot immer gesooht unsre idioma wer der Hunsrick, io, Hunsrick, unn meine Papa hot immer viel, ai ah, jornal gelest, né, Zeitung, né, Zeitung gelest von Deutsch, der Papa hat immer gut Deutsch gesprochen, awer mir honn's dann nohher bissje faloa. (Meu pai sempre dizia que nossa língua é o Hunsrick, sim, Hunsrick, e meu pai sempre lia muito jornal, lia jornal da Alemanha, o pai sempre falava bem alemão, mas nós perdemos isso um pouco depois). (SCA CaGII F).

Dialeto *Hunsrickisch*, [...] porque isso, isso é, praticamente, *weschte dann, das hot'ma somit gelennt*, né, porque, *wie mir dehemm gelennt honn, daí tem, die Eltre honn dann nommo annerster gesproch, die honn meh, meh Hochdeitsch gesproch*. (Dialeto *Hunsrickisch*, porque esse praticamente, sabe então, é que aprendemos assim junto, né, porque, como nós aprendemos em casa, daí tem, os mais velhos falavam diferente, eles falavam mais, mais *Hochdeitsch*). (SCA CbGII F).

As duas últimas respostas evidenciam a percepção das próprias entrevistadas sobre a mudança linguística que ocorreu a partir da lembrança dos pais de ambas. A participante SCA CaGII F afirmou que seu pai era um leitor de jornais da Alemanha e que “falava bem o alemão”, isto é, “*gut Deutsch gesproch*”, e que a geração dela já teria perdido um pouco da língua. Já a entrevistada SCA CbGII F mencionou que os mais velhos teriam se comunicado melhor em alemão padrão, “*meh Hochdeitsch gesproch*” (falava mais *Hochdeitsch*), em comparação a sua geração que teria aprendido o dialeto *Hunsrückisch*.

A entrevista em três tempos, isto é, perguntar-insistir-sugerir, foi aplicada para obter mais variantes e permitir que o entrevistado tenha mais tempo para pensar e resgatar da sua memória o máximo de informações sobre a temática questionada. Desse modo, a sugestão *Hunsrückisch* foi aceita por cinco participantes: ITA/SJO CbGI F, ITA/SJO CbGI M, ITA/SJO CaGI M, MON CbGII M e SCA CbGII M. Além de aceitarem ou não a sugestão feita pela entrevistadora, os comentários ou as justificativas também são dignas de serem analisadas. No caso relatado acima, do aceite da sugestão *Hunsrückisch*, os comentários metalinguísticos indicam duas possibilidades de interpretação em relação ao termo *Hunsrückisch* por parte do falante: ou não há conhecimento maior acerca desse nome ou há uma concepção de que o *Hunsrückisch* seja uma língua errada, gramaticalmente incorreta. Na sequência, seguem os comentários que indicam o pouco conhecimento sobre o termo *Hunsrückisch*:

Ich honn schon das Wort geheert, awer ich kann net soohn was das soll bedeide. (Eu já ouvi essa palavra, mas não sei dizer o que ela significa). (ITA/SJO CbGI F).

Geheert schon, awer ich wees net was das soll bedeide. (Já ouvi, mas não sei o que significa). (ITA/SJO CaGI M).

Io, das is jo, das sollt jo unser Dialeto sinn, de Hunsrickisch. (Sim, isso é sim, esse é para ser nosso dialeto, o *Hunsrickisch*). (ITA/SJO CbGI M).

Nessa relação de comentários sobre o desconhecimento referente ao nome *Hunsrückisch*, também pode ser incluído o comentário de PAL CbGI M, já citado anteriormente, que afirmou desconhecer a palavra *Hunsrückisch*. Nesse sentido, têm falantes

que expressam a falta de conhecimento sobre o termo, indicando que já ouviram sobre, mas não sabem explicar o seu significado.

Em contrapartida, durante a entrevista com o grupo CbGII M (MON e SCA) foram realizados 2 comentários que demonstram a estigmatização da língua alemã. É importante ressaltar que esses comentários foram feitos pelas esposas dos entrevistados, que participaram da entrevista, conforme exposto em 4.3. Os participantes concordaram com o comentário das esposas e, novamente, percebe-se que as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio (Labov, 2008) e expressam tal sensibilidade. Elas expressam que a língua que falam não é o alemão-padrão, por isso não é o alemão certo, conforme pode ser lido a seguir:

Hunsrickisch soohn'ma, Hunsrickisch-Deutsch, richtig Hochdeutsch is'es net was mia verzehle. [...] Hochdeutsch is in Alemanha. (Hunsrickisch a gente fala, Hunsrickisch-Deutsch, alemão padrão certo não é o que a gente fala. Alemão padrão é na Alemanha). (MON CbGII M).

Das hann'ma schon oft geheert, die saahn mir deere der Hunsrickisch-Deutsch spreche, wall mir spreche net der richtige Deutsch, né. (Isso já ouvimos muitas vezes, eles dizem que nós falamos o Hunsrickisch-Deutsch, porque não falamos o alemão certo, né). (SCA CbGII M).

Em continuidade, por um lado, não deixa de ser o mito da língua certa (mais padronizada) e da língua errada (mais dialetal). Por outro lado, o grupo Cb da geração mais velha (GII) representa os menos escolarizados e, em função disso, podem ter pouco acesso a informações linguísticas e, dessa forma, acabam aceitando e reproduzindo as falácias sobre as línguas.

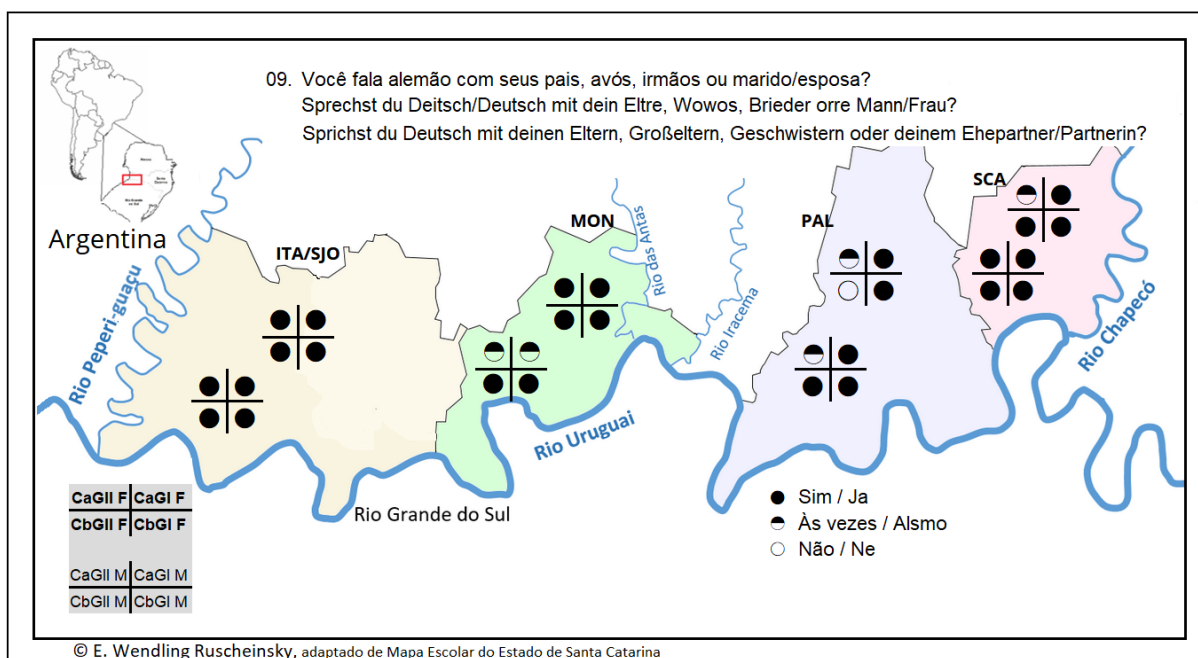
Além disso, a sugestão *Plattdeutsch* foi aceita por três entrevistados, todos do ponto ITA/SJO, e do sexo masculino, e não houve comentários metalinguísticos sobre essa sugestão. Com isso, os resultados apontam que a denominação mais comum é *Deutsch*, registrada em dezessete respostas, seguida de *Deutsch*, com treze ocorrências (conf. Gráfico 2). Considerando esse aspecto, observa-se que as dimensões diatópica e diarreligiosa apresentam essa diferenciação, conforme as hipóteses elencadas na introdução, sendo que os participantes dos pontos ITA e SCA usam a denominação *Deutsch*, enquanto os de MON e PAL empregam *Deutsch*. Além disso, a denominação *Hunsrickisch* esteve nas respostas espontâneas de quatro falantes, mesmo que não soubessem explicar o significado ou a origem do termo, e como sugestão foi aceita por cinco. Dessa forma, os dados corroboram a afirmação de Habel (2017, p. 327-328), que ressalta que a denominação *Hunsrickisch* “configura uma denominação *in vivo* ainda presente”.

A seguir, foram apresentados os resultados em relação aos usos da língua alemã, iniciando com a análise do uso no ambiente familiar, seguindo no âmbito religioso e, na sequência, nos locais públicos, como, por exemplo, nas prefeituras e postos de saúde, e, por fim, no comércio local de cada ponto pesquisado. Essa análise permite visualizar a presença da língua minoritária nos diferentes espaços de uso: tanto no âmbito familiar, onde foi adquirida, quanto em ambientes públicos, nos quais a diversidade linguística e a necessidade de uso da língua portuguesa pode interferir no uso da língua alemã.

5.2.2 Uso do alemão nos espaços sociais: casa, igreja, prefeitura e comércio.

A análise dos dados sobre o uso do alemão no ambiente familiar, isto é, em casa, indicou a necessidade de apresentar os resultados em duas partes: a primeira, contempla as conversas dos participantes com gerações mais velhas ou com pessoas da mesma geração; a segunda, aborda as interações com gerações mais jovens. Dessa forma, fica visível a necessidade de interlocutores que também saibam alemão para viabilizar a interação nessa língua, conforme o Mapa 11 a seguir.

Mapa 11 – Com quem você fala alemão? Familiares mais velhos



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Os dados confirmam que 26 participantes utilizam a língua alemã na família, em conversas com avós, pais, irmãos e cônjuges, confirmando a hipótese desta tese de que o alemão é usado no âmbito familiar, principalmente nas interações com gerações mais velhas. Nesse sentido, a participante PAL CbGII F alegou que não fala alemão na família pois todas as filhas casaram com monolíngues, isto é, não falantes de alemão, e, atualmente, uma delas voltou a morar com os pais devido a questões de saúde. Em função da presença de um monolíngue entre bilíngues, a família optou pela comunicação em português. Ademais, os participantes que responderam que nem sempre falam alemão, também alegaram que seu cônjuge não fala essa língua ou os filhos não adquiriram a língua, o que dificulta a interação na língua minoritária em ambiente familiar, como é o caso de SCA CaGII F:

Ja, wenig, wall meine Man is, der hot keen, so, ahm, habilidade, né, fa Deutsch spreche, mit mein Geschwister, mit mein Papa unn mein Mama honn ich viel gesproch, alle zwoi sinn tot, awer mit denne honn ich viel gesproch". (Bom, pouco, porque meu marido é, ele não tem, assim, habilidade, né, para falar alemão, com meus irmãos, com meu pai e minha mãe eu conversava muito, os dois são falecidos, mas com eles eu conversava muito). (SCA CaGII F).

Outro fator que diminui o uso da língua minoritária é o pouco convívio com falantes de alemão, como ocorre com MON CaGI M:

Bloss mit mein Wowô unn mein Wowo [...], jeder, einmol's Woch, assim, een paar Minuteschie bloss, né, [...], bissje verzehe, so fenf Minute [...]. Mit die Mama bissje. (Somente com meu avô e minha avó, cada, uma vez por semana, assim, alguns minutinhos apenas, né, conversar um pouco, uns cinco minutos. Com a mãe um pouco). (MON CaGI M).

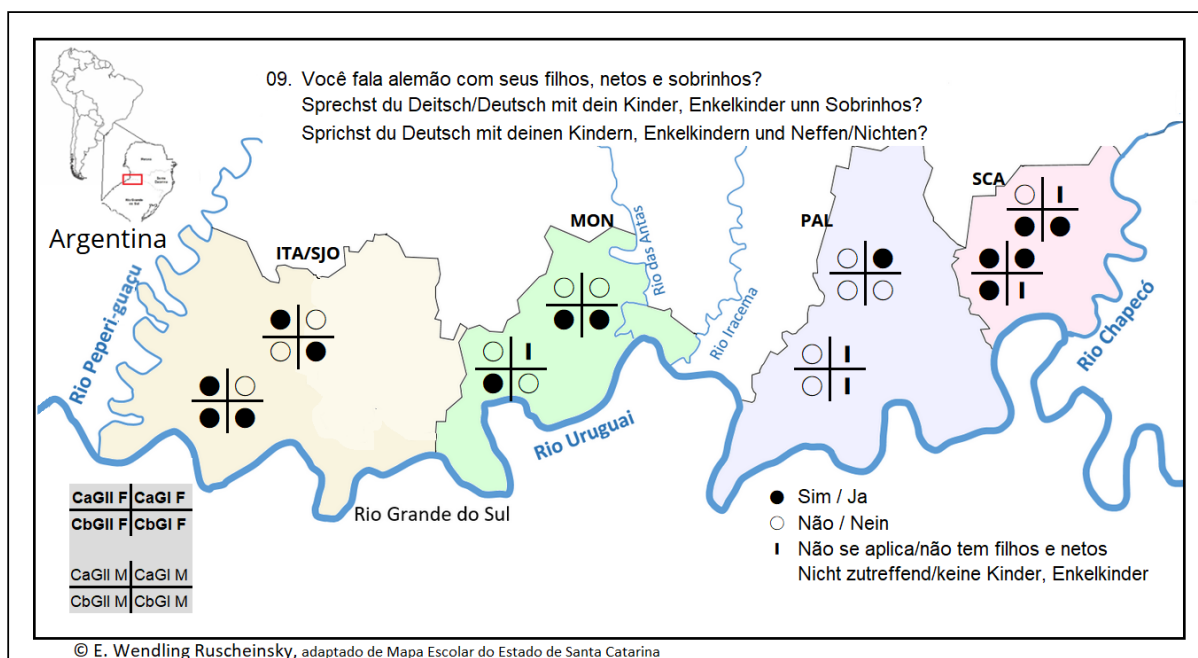
A análise dos usos da língua alemã com base na dimensão diageracional permite observar as respostas da geração mais velha (GII) em contraste com as falas da geração mais jovem (GI). Essa relação entre a GII e a GI, que já havia evidenciado a substituição linguística durante as observações em campo, tornou-se ainda mais perceptível no resultado da entrevista transliterada. Seguem, abaixo, os destaques dos participantes da GI:

Mit die Mama, mit Papa, mit die Schwiegermutter; als'mo so mit annre, eltre Leut, né, die Junge spreche wenig Deutsch. (Com minha mãe, com pai, com os irmãos, às vezes com outros, pessoas mais idosas, né, os jovens falam pouco alemão). (PAL CbGI F).

Oia, heutzustach mit die junge Leut net mit eine. (Olha, hoje em dia com os jovens, com nenhum). (MON CbGI M).

Na sequência, o Mapa 12 apresenta os resultados referentes à interação familiar em alemão com membros mais jovens da família, ou seja, com filhos, netos e sobrinhos. No ponto de pesquisa PAL, essa interação é praticamente nula, havendo apenas uma ocorrência de diálogo em alemão com familiares jovens. Em seguida, o ponto MON teve 3 ocorrências de interação e, por fim, ITA e SCA apresentaram 5 ocorrências de conversas em alemão com os jovens da família em cada ponto de pesquisa. A partir disso, fica evidente o contraste entre PAL, que teve apenas um participante que conversa em alemão com jovens, e SCA, com apenas um que não conversa em alemão com filhos, netos ou sobrinhos.

Mapa 12 – Com quem fala alemão? Familiares mais jovens



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Em comparação ao Mapa 11, no qual vinte e seis participantes informaram conversar em alemão com familiares da geração mais velha, este Mapa demonstra que apenas quatorze interagem em alemão com a geração mais nova. Assim, percebe-se a ocorrência de um processo de substituição linguística do alemão para o português nos pontos de pesquisa. Esse processo ocorre principalmente no início da educação infantil, quando a língua portuguesa passa a ser a única língua utilizada no âmbito escolar. Seguindo essa perspectiva, as participantes PAL CaGII F e SCA CbGII F relatam essa questão do monolinguismo escolar em relação a suas filhas e netos, respectivamente:

Die Elst⁷⁵, die hat alles Deutsch gesproch, wie sie jungchie war, nochher wie sie anfang in die Schul, hat sie alles verlennt. Denn, sinn'ma ooch nochher noh Bahia gewandert unn dot war jo kein Deutsch [...]. Die versteht meherst unn die annre verstehn wenig. (A mais velha, ela falava tudo em alemão, quando era novinha, depois quando ela iniciou na escola, ela perdeu tudo. Então, fomos depois morar na Bahia e lá não tinha a língua alemã. Ela entende grande parte e as outras filhas não entendem nada). (PAL CaGII F).

Mit mein Kinner, all. Die Netas, die spreche nicks'me, die verstehn nicks'me [...]. Sabe, os neto falavam tudo em alemão, até que chegaram, bis'se onfange in die creche gehen. (Com meus filhos, tudo. As netas, elas falavam nada mais, elas não entendem nada. Sabe, os netos falavam tudo em alemão, até que chegaram, até que começaram a ir na creche). (SCA CbGII F).

Essas afirmações das entrevistadas acerca da escola corroboram os achados de Skutnabb-Kangas e Phillipson (2017, 1995), que asseveram que a escola foi, e continua sendo, o principal instrumento, em todos os continentes, para impor a assimilação tanto da língua quanto da cultura dominante. Segundo os autores, sempre que crianças falantes de línguas minoritárias, em creches ou pré-escolas, são atendidas por professores não autorizados a usar a língua materna delas como meio de comunicação, ocorre um linguicídio, ou seja, o extermínio de línguas. Além disso, os falantes desconhecem nomes em alemão para nomear as novas tecnologias, o que dificulta diálogos exclusivamente nessa língua. Assim, ocorre o *code-switching* com o português e, muitas vezes, a conversa prossegue nessa língua.

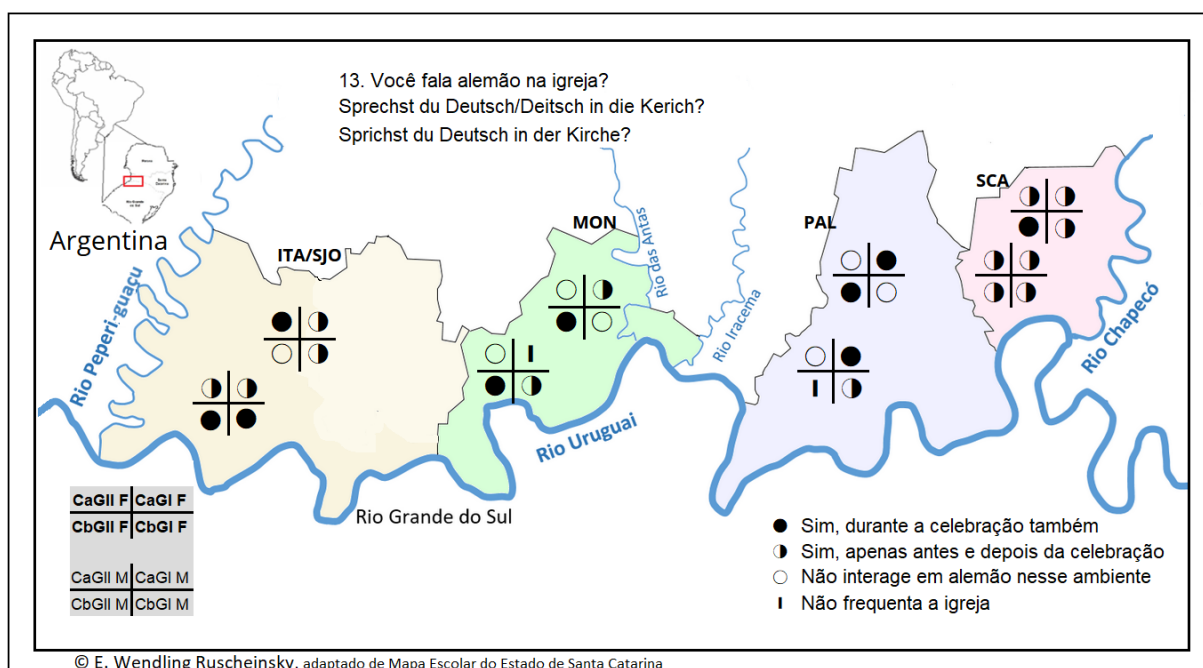
Dessa maneira, a análise do uso do alemão no ambiente familiar revela um cenário de intensa substituição linguística. Embora o alemão mantenha sua força entre as gerações mais velhas, atuando como a principal língua no seio familiar, a dificuldade de comunicação com cônjuges e, especialmente, com as gerações mais jovens (filhos e netos), que frequentemente são falantes monolíngues de português, enfraquece cada vez mais a manutenção da língua minoritária. O papel da escola como principal vetor de assimilação à língua dominante, conforme evidenciado pelos relatos, acelera esse processo de perda linguística. A lacuna lexical para novas tecnologias e a consequente necessidade de *code-switching* apenas reforçam a tendência de substituição para o português. Isso indica que a manutenção da língua alemã nos pontos estudados depende criticamente da transmissão intergeracional e de políticas de incentivo linguístico fora do âmbito puramente familiar.

Na sequência, foram analisados os dados referentes ao uso do alemão na igreja, ou seja, o local não exclusivo da família, mas ponto de encontro entre vizinhos e moradores da mesma comunidade. Com base na revisão bibliográfica sobre os processos de colonização, que evidencia o uso frequente da língua alemã nas celebrações religiosas, percebeu-se a necessidade de distinguir duas respostas afirmativas sobre o uso do alemão na igreja: uma

⁷⁵ Do alemão padrão: *die Älteste*.

relativa aos momentos que antecedem e sucedem o ritual litúrgico; e outra relativa ao uso da língua alemã durante a celebração, como no sermão ou na prédica, nas rezas e nos cantos. Nos casos em que o participante alega haver uma celebração específica em alemão, como, por exemplo, uma celebração para idosos ou uma missa mensal ou anual, também foi considerado que o alemão é usado nas celebrações, mesmo que seja de forma esporádica.

Mapa 13 – Uso do alemão na igreja



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Conforme os resultados, quatorze participantes alegaram que usam a língua alemã quando vão à igreja, porém não durante os rituais religiosos, apenas antes e depois das celebrações, ou seja, nas conversas com vizinhos, amigos e demais membros da comunidade. A celebração é em português, porém na convivência em comunidade a língua materna é usada. O participante SCA CaGII M foi bem claro, diferenciando as conversas das rezas e cantos: “*Wenich, [...]. In die Kerich⁷⁶, verzehle, ja, bede unn singe net*” (Na igreja, conversamos, sim, rezar e cantar não). Já na entrevista com SJO CaGI M, foi necessária a pergunta da entrevistadora para haver a diferenciação:

⁷⁶ As grafias “*Kerich*” e “*Kerrich*” estão presentes nessas duas formas em diferentes obras, como em *Hunsrückisch Inventário de uma Língua do Brasil* (2022) e *Hunsrückish em prosa e verso* (2018), o que demonstra que ainda há uma lacuna que envolve a padronização da escrita da língua.

-In die Kerich, alles. (Na igreja, tudo).

-Dot dir bede in die Kerich, in Deitsch? (Vocês rezam na igreja, em alemão?)

-Neh, nur vor die Kerich unn noh die Kerich. (Não, apenas antes da igreja e depois da igreja).

O entrevistado, citado acima, usa o alemão com todos os membros da comunidade, como ele destaca: “...unn dann mit die ganze Leut hier in Ervalzinho, die spreche all Deutsch” (e com todas as pessoas aqui em Ervalzinho, elas todas falam alemão), porém não usa o alemão durante os ritos religiosos. Um relato semelhante foi feito por SCA CaGI M, com as perguntas da entrevistadora, a seguir:

In die Kerich ooch, wall, ahm, ich sinn ooch Ministro von die Katolisch Kerich, dann ich sinn Ministro in Linha Moraes Gemeind, unn dat sinn, mo soohn, neun unn neunzich orre finf unn neunzich Prozent pur deitsche Leit, dat ton ich ooch, mo soohn, Deitsch spreche, awer, mo soohn, ehm, wie seht'ma noch?, die Predich, das ton ich alles in Brasilionisch spreche.

- Unn gesung, gebst ooch net?

- Ne, ooch net. Mo soohn, Grosser Gott, dass kann ich noch singe in Deitsch, Grosser Gott, ehm, Maria zu Lieben, sinn cantos são tradicionais, né, awer neh, dat mach'ma die ganz Oorwet, né, ton'ma alles in Brasilionisch mache.

(Na igreja também, porque, eu também sou ministro na igreja católica, então sou ministro na comunidade de Linha Moraes, e lá são, digamos, noventa e nove ou noventa e cinco por cento só alemão, lá eu também, digamos, falo alemão, mas, digamos, como se diz, a reza, isso tudo eu falo em brasileiro.

- E cantar, também não cantam?

- Não, também não. Digamos, Gosser Got, isso eu ainda consigo cantar em alemão, Gosser Got, Maria Zu Lieben, são cantos tradicionais, mas né, lá fazemos todo o trabalho, né, isso fazemos tudo em brasileiro).

Os dois participantes (SJO CaGI M e SCA CaGI M) alegam que praticamente toda comunidade fala e entende alemão, porém a liturgia e os cantos são em português. Esses dois participantes são católicos e vivem em comunidades hegemonicamente católicas, nos pontos Itapiranga/São João do Oeste e São Carlos, ou seja, os católicos, em sua maioria, falam alemão na comunidade e nos encontros religiosos, porém o ritual litúrgico não é realizado em alemão. Entre os evangélicos (pontos MON e PAL), a prática de falar alemão antes e depois das celebrações é citada por três participantes, conforme o Mapa 13, acima.

Todos os participantes do ponto SCA afirmam usar o alemão quando vão à igreja, e um deles a usa durante as celebrações. Isso demonstra que a língua alemã, nesse ponto, ainda é bastante utilizada pela comunidade, em especial, entre vizinhos e amigos.

Nove participantes responderam que se comunicam em alemão durante as celebrações, mesmo que esporadicamente. Desses nove entrevistados, três são do ponto ITA/SJO, dois de MON, três de PAL e um de SCA. Entre os participantes que relataram haver esporádicas

celebrações litúrgicas em alemão, está ITA/SJO CbGI M que destaca a missa em alemão durante a *Deutsche Woche*, e cita que o *Vater Unser* (Pai Nosso) é em alemão: “*Awer dann versteht 'ma ooch nicks*” (Mas daí não entendemos nada). Como o participante alega que não compreende a reza do Pai Nosso em alemão durante as celebrações da *Deutsche Woche*, provavelmente a oração ocorre em alemão-padrão, o *Hochdeutsch*, que acaba sendo como “uma língua estrangeira” para ele. Além disso, o participante lembra que durante outras celebrações, comuns do calendário litúrgico, o padre realiza o sermão na língua minoritária: “*Der Pooter tot oft so ein Predich mache in Deitsch, oft, [...] das Seechne, [...] awer bede in Deitsch, das wiss 'ma net*” (O padre muitas vezes faz um sermão em alemão, muitas vezes, [...] a benção, [...] mas rezar em alemão, isso não sabemos).

Uma comparação entre as igrejas católica e evangélica é feita pela participante PAL CaGI F, que cresceu frequentando a igreja evangélica em uma comunidade, e, desde o casamento, frequenta a igreja católica em outra comunidade. Porém, ela ressalta de forma muito espontânea que frequenta as duas igrejas, ou como ela mesma alega, “eu vou pra igreja”. Se há alguns anos até os casamentos entre evangélicos e católicos eram proibidos, conforme visto na seção teórica desta tese, atualmente parece haver mais abertura religiosa até mesmo para assistir às celebrações em ambas as instituições. Vejamos o relato da entrevistada a seguir:

In die Kerich, ja, kamm 'ma Deitsch spreche, als 'mol, ahm, sinn Leut die ton spreche mit'em, daí. [...] Ich sinn, jetze sinn ich katholisch, awer in die evangelisch Kerich, ich gehn in die Kerich, né, ich, wie kann ich soohn, não tem uma específica, ich gehn in die Kerich [...]. Net, wie, ah, ich gehn nur in die Kerich, awer hier, né, in die Sede Oldenburg, die Leit von die evangelisch Kerich die sinn, eh, die ton mehr Deitsch spreche. Das is leichter mit die Deitsch spreche. (Na igreja, sim, podemos falar alemão, às vezes, tem pessoas elas falam entre si, daí. Eu sou, agora sou católica, mas na igreja evangélica, eu vou na igreja, né, eu, como posso dizer, não tem uma específica, eu vou na igreja. Não, como, eu apenas vou na igreja, mas aqui, né, em Sede Oldenburg, as pessoas nas igreja evangélica são, elas falam mais alemão. É mais fácil falar alemão com eles). (PAL CaGI F).

A comparação feita pela participante é entre a igreja evangélica e a católica da comunidade de Sede Oldenburg, em Palmitos, uma comunidade maior onde ela reside atualmente. Segundo a participante, os fiéis na igreja evangélica usam mais o alemão tanto durante as celebrações quanto antes e depois do culto, se comparados aos fiéis católicos. Essa é uma comparação válida, visto que a entrevistada participa, como fiel, nas celebrações das duas igrejas da mesma comunidade, o que corrobora a afirmação de Willems (1940) sobre a presença da língua alemã nas atividades da vida religiosa evangélica.

A presença da igreja evangélica luterana não é comum no ponto ITA/SJO, característica da colonização exclusiva para católicos. Dessa forma, os participantes desse ponto de pesquisa não comparam as duas igrejas, porém, relatam como é na igreja católica, a qual frequentam. O participante ITA/SJO CbGII M relaciona o uso da língua alemã com as habilidades dos ministros que já faleceram: “*Ne, die letzt Zeit nimme, awer wie noch eltre Ministros gelebt honn, vorher, ist noch viel Deitsch gebet geb*” (Não, ultimamente não mais, mas antes quando ministros mais idosos ainda viviam, ainda era muito rezado em alemão). Quando a entrevistadora perguntou sobre cantos em alemão, ele respondeu: “*Doch, heit Mittach noch, nos encontros da terceira idade*⁷⁷, os cantos só em alemão. Difícil *das ein Lied, uff idosos, in Brasilionisch gesung gebt*” (Sim, hoje de tarde ainda, nos encontros das terceira idade, os cantos só em alemão. Difícil um canto, nos idosos, ser cantado em brasileiro). Ele também enfatiza que cantam sem auxílio da letra escrita, apenas decorada, canções do tipo *Mutter Gottes lieder*⁷⁸. Além disso, ressalta que cantam a canção *Grosser Gott* (em português: Santo Deus) nas celebrações mais festivas, como o *Kerb*; porém as rezas não ocorrem em alemão. Conforme relato do participante, não há a leitura das letras musicais, pois essa habilidade não foi desenvolvida. Dessa forma, as canções são decoradas, único meio que o grupo encontrou para cantá-las. Essa limitação de acesso fomenta a substituição do alemão pelo português, podendo haver uma reconstituição identitária.

Por conseguinte, em Mondaí, as missas em alemão podem ser solicitadas pelos fiéis, como conta o participante MON CbGII M:

Jo, dot mannichmol bissje noch, wenn ma verlangt, ab unn zu, wenn ma verlangt soll ein Mess ableche, in alemão. Die singe als in alemão ooch dabei, [...]. Hier is so, es geht schon bald mehr zurick, die Leut sinn nemme so. Die Alte verzehle noch Deutsch, die junge Leit verzehle kenn meh Deutsch. Das is schon wege televisão gucke, oder dann in die Schul derfe se net, dann geht das so langsam geht das zurick, unser Deutsch. (Sim, às vezes um pouco ainda, quando a gente solicita, vez que outra, quando a gente solicita que a missa seja em alemão. Às vezes, eles cantam em alemão junto também. Aqui é assim, quase vai indo pra traz, as pessoas não são mais assim. Os idosos ainda conversam em alemão, os jovens não conversam mais. Isso é porque assistem televisão, ou na escola não podem falar, daí vai acabando devagar nosso alemão).

Seguindo essa perspectiva, ele também expressa sua opinião sobre a substituição linguística, ao expor que a língua alemã lentamente perde espaços e falantes. Ele atribui esse

⁷⁷ Os encontros da Terceira Idade são encontros semanais ou quinzenais, que ocorrem no turno vespertino na sede social de cada comunidade. Várias atividades são desenvolvidas pelos idosos, como rezas, cantos, jogos de baralho, bolãozinho. Esse grupo de idosos tem aproximadamente 100 integrantes, segundo o participante.

⁷⁸ *Mutter Gottes Lieder* são canções tradicionais católicas alemãs dedicadas a Maria, a mãe de Jesus (em alemão, "Mutter Gottes" significa "Mãe de Deus").

movimento aos jovens, pois estes assistem mais televisão, com a programação totalmente voltada ao português, e na escola os estudantes não podem conversar em alemão. Dessa forma, o participante mencionou dois contextos importantes para o uso da língua alemã, entretanto, um espaço tem por foco o monolinguismo da língua portuguesa, e o outro a proibição da língua alemã, consequentemente priorizando o monolinguismo mais uma vez. Além disso, é possível perceber a ênfase dos participantes ao mencionar “*die Alte*”, os velhos, ou seja, a GII, pois são eles que mantêm o uso da língua alemã nas comunidades pesquisadas. Também lamentam o linguicídio que ocorre nas escolas, mesmo que não tenham conhecimento desse conceito.

A relação entre a língua alemã e a geração mais idosa também é enfatizada por PAL CbGII M, que afirma que na igreja “a gente conversa com o brasileiro, né”, mas a língua alemã é usada ocasionalmente nos cantos e rezas:

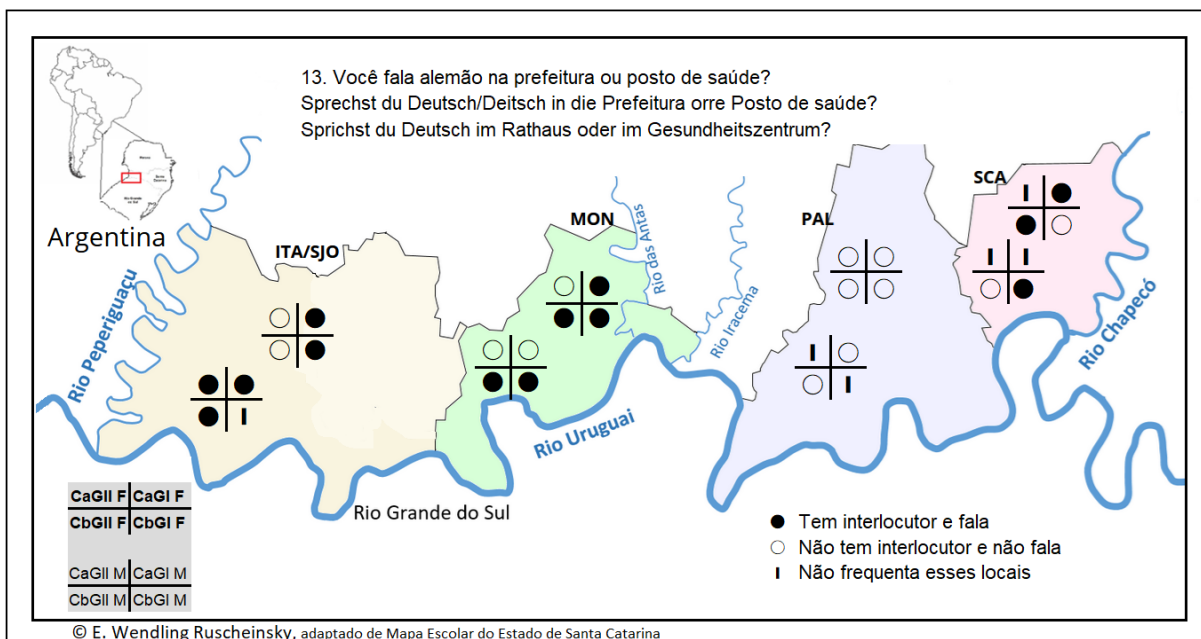
Ioh, iwerhaupts wenn eine sterbt wo Deutsch is, né, wie die Alte ware friher hier viele alte Leute, daí eles fazem um pedaço em brasileiro e um pedaço em alemão né. (Sim, principalmente quando falece alguém que fala alemão, né, como os idosos, como os idosos antigamente tinha muita gente idosa aqui). (PAL CbGII M).

Alguns participantes, sete ao total, alegam não interagir em alemão na igreja e seu entorno, como ITA CbGII F afirma: “*In die Kerich ja, bede ma jo Brasilianisch*” (Na igreja sim, a gente reza em brasileiro). Já a participante MON CaGII F destaca que ela não conversa em alemão, mas que as pessoas mais idosas sim: “*dat spreche die Leut, wo bissje elder sinn, Deutsch*” (lá as pessoas falam, aquelas que são um pouco mais velhas, alemão). Entretanto, dois participantes responderam que não frequentam a igreja.

Diante do exposto, quatorze participantes alegaram usar o alemão na igreja, antes ou depois das celebrações, e nove afirmaram participar de celebrações em alemão, cantando ou rezando nessa língua. Assim, ao todo são 23 participantes que usam o alemão na igreja, indicando que trata-se de um local que possibilita a manutenção da língua minoritária, mesmo que suas celebrações não sejam nessa língua.

A seguir, no Mapa 14, analisou-se os resultados dos dados referentes ao uso do alemão em ambientes públicos, como o prédio que abriga a prefeitura municipal e a Unidade Básica de Saúde (UBS), mais conhecida entre a população como posto de saúde. Esses espaços foram escolhidos porque são muito frequentados pela população e representam a presença do poder público municipal.

Mapa 14 – Uso do alemão na prefeitura ou posto de saúde



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Ao observar o Mapa 14, no geral, percebe-se o equilíbrio entre o uso e a ausência da língua alemã nos espaços públicos, pois treze participantes afirmam que falam alemão quando os interlocutores sabem a língua. A mesma quantidade de participantes alega que não há interlocutores e, por isso, não interagem em alemão. Contudo, seis participantes negam frequentar a prefeitura ou o posto de saúde.

Entre todas as respostas afirmativas acerca do uso do alemão nos espaços públicos, os participantes ressaltam a necessidade de interlocutores que saibam alemão. A fala da participante MON CaGI F demonstra que encontrar um interlocutor não é muito frequente, tanto na prefeitura: “*Wenn ich grood eene treffe wo wees, ja, wie die recepcionista die is, né*” (Quando eu encontro alguém que sabe, sim, como a recepcionista, ela sabe, né) quanto no posto de saúde: “*Als ja, do sinn’re, wo’mma kenne, wo alles spreche*” (Às vezes sim, tem alguns que a gente conhece, que falam tudo). Dessa forma, a falta de interlocutor nos espaços públicos reduz as possibilidades de uso da língua, implicando na substituição linguística.

Por conseguinte, a participante SCA CbGII F compartilhou da mesma ideia quando se referiu ao posto de saúde, porém em língua portuguesa: “Se a atendente é alemoa, então sim” e alternou entre as duas línguas ao falar sobre a prefeitura:

Só aqueles, se tu sabe, que fala em alemão, senão ele não pode te atender. Aquele que faz identidade, *der is Deitsch, die Tooche honn'ma alles Deitsch gesproch*. (Aquele que faz identidade, ele é alemão, naqueles dias nós falamos tudo em alemão). (SCA CbGII F).

A presença de falantes da língua minoritária nos espaços públicos possibilita o atendimento da população na língua de sua preferência, ou seja, na variedade em que se sente mais segura para se comunicar. Nesse sentido, ressalta-se que o incentivo do uso da língua alemã por agentes públicos poderia constituir uma política pública orientada à manutenção linguística.

Considerando esse aspecto, a grande quantidade de falantes de alemão na prefeitura de ITA/SJO é destacada por ITA/SJO CbGI F, pois, segundo ela, todos sabem alemão, mas falam português: *“Die wisse all Deitsch, awer ma geht hinn, dann tot'ma português verzehle”* (Todos sabem alemão, mas a gente vai lá, daí falamos português). Isso demonstra que há certo constrangimento, receio ou sentimento de desaprovação em relação ao uso da variedade alemã em um ambiente público mais formal, inclusive entre colegas no contexto de trabalho na prefeitura. Nesse sentido, Skutnabb-Kangas (2019) aponta para o sentimento de pertencimento e destaca, como direito linguístico, a existência de uma política linguística que determine a oficialização da língua materna desses falantes nos estabelecimentos públicos. Já no posto de saúde, segundo a participante, a idade é um fator que determina se o interlocutor sabe ou não falar alemão:

Ja, demnoh wo'ma was frohe muss, wenn doh en eltre Mench is, wie die Ana Ertel, doh, is'ma oft hinn gang, hot ma das in deitsch gefroht. Awer dann wenn'mo en Jungre is, der versteht schon net. Dann tust'du schon immer so gucke, ahn, de versteht schon net. Enfermeiras doch, sinn die meerste deitsche, en wo ich wees, wo keen deitsch is. (Sim, depende de quem a gente precisa perguntar algo, quando a pessoa é mais idosa, como a Ana Ertel, sim, fomos muitas vezes lá e perguntamos em alemão. Mas quando é mais jovem, ele já não entende. Daí você já fica de olho, ele já não entende. Enfermeiras sim, a maioria é alemã⁷⁹, uma que eu sei que não é alemã). (ITA/SJO CbGI F).

Assim, com base nesse relato, é possível identificar um processo de substituição linguística, ou seja, os jovens não entendem a língua que a geração mais velha usa. Por outro lado, o participante MON CbGII M mostra muito orgulho da filha que trabalha no posto de saúde há 28 anos e muitos munícipes preferem ser atendidos por ela.

Mein Medchie is doh drinn, die schaff't schon acht und zwanzich Johr dat drinn. Ich honn schon eftas gesehn, do unner runner; von Ervas, Catres, do unner runner;

⁷⁹ A participante refere-se a quem fala a língua alemã, e não a quem nasceu na Alemanha.

dann mannichmol komme Leut doh hinn, gehn annre hinn, difficil, kennd'ich euch helfe? Não, ich warte bis die dat mich kann atendierte. (Minha menina está lá dentro, ela trabalha lá há 28 anos. Eu já escutei muitas vezes, lá pra baixo, de Ervas, Catres, lá pra baixo, daí às vezes vêm pessoas lá, vão outros servidores atender, posso te ajudar? Não, eu espero até aquela poder me atender). (MON CbGII M).

As comunidades mencionadas no relato, Ervas e Catres, são as mais distantes do centro urbano de Mondaí e estão localizadas mais a oeste do Rio Uruguai (conf. Mapa 5). A Linha Catres pertenceu ao projeto de colonização Porto Novo (conf. Mapa 2), ou seja, seu território fez parte de um projeto exclusivo para alemães e descendentes católicos. Tanto a localização isolada quanto o modelo de colonização podem contribuir para as escolhas da população, ainda hoje, em ser atendida por um falante de alemão, quando possível.

Analisando as respostas acima, dos participantes MON CaGI F, SCA CbGII F, ITA/SJO CbGI F e MON CbGII M, é possível afirmar que a população conhece quem é falante de alemão nos espaços públicos que frequentam, e se identificam com esses falantes e se comunicam na língua alemã quando possível.

Em contrapartida, as respostas interpretadas como mais negativas, possivelmente surgiram pela falta de conhecimento em relação a quais funcionários são bilíngues, conforme o relato que segue: *“Dat in die Prefeitura net, doh sinn kein... doh sinn Deitsche, awer die spreche kein Deutsch”* (Lá na prefeitura não, lá não tem ninguém, lá tem alemão, mas eles não falam alemão) de SCA CbGII M. Esse comentário diverge da fala de SCA CbGII F (visto acima), que afirmou conversar em alemão no setor da identificação. Isso denota que nem todos os falantes usam a língua alemã nesses espaços, além disso, desconhecem quem fala a língua, mesmo tendo interlocutores. Assim, comunicar-se em alemão nos espaços públicos é uma prática não generalizada, ficando restrita aos falantes que se conhecem.

Por conseguinte, a participante MON CaGII F, ao ser questionada sobre a língua usada no posto de saúde, respondeu: *“Dat is alles Brasilionisch”* (Lá é tudo em brasileiro). Percebe-se nas respostas negativas, por mais curtas e objetivas que sejam, que os participantes tratam como normal falar exclusivamente o português em espaços públicos.

Como indicam os dados do Mapa 14, acima, nenhum participante de Palmitos alegou usar o alemão nos espaços públicos, e foram sucintos com as respostas:

Is kein, is nicht Deutsch. (Tem nada, não tem alemão). (PAL CaGII F).

Lá é só brasileiro. (PAL CbGII M).

O participante PAL CaGI M é vereador de Palmitos e destaca que a prefeita e o vice-prefeito são de origem italiana e que falam italiano. Ao visitar a prefeitura, em abril de 2026, realmente não foi possível encontrar falantes de alemão, e a conversa com a recepcionista corrobora a nossa investigação: ela afirmou não haver funcionários falantes de alemão. Ela alegou que havia falantes de alemão, porém eles se aposentaram nos últimos anos. Ela própria compreende a língua alemã, mas respondeu em português a todas as perguntas realizadas em alemão pela entrevistadora.

Em visita ao posto de saúde do município de Palmitos não foram constatadas interações em alemão. Com isso, foram realizadas perguntas sobre o uso da língua alemã no local e o resultado foi o monolinguismo em português. Dessa forma, há uma grande discrepância entre o ponto PAL e os demais pontos, já que os falantes da língua minoritária não utilizam essa língua nos locais públicos em função de não ter servidores bilíngues para atendê-los. Essa pode ter sido uma consequência do modelo de colonização, que abrigou alemães e italianos, favorecendo a mistura étnica e, conseqüentemente, a substituição do alemão pelo português.

Em relação à dimensão diageracional, os resultados foram surpreendentes. No grupo da geração jovem (GI), oito participantes alegaram haver interlocutores bilíngues nos espaços públicos e, por esse motivo, utilizam a língua alemã, contudo, cinco negaram interações nessa língua. Em comparação com a geração mais velha (GII), esses números se invertem: oito participantes responderam que não utilizam a língua e cinco afirmaram que se comunicam em alemão. No entanto, esses resultados devem ser observados com cautela. Uma hipótese possível é que esses jovens tendem à resistência linguística, usando a língua minoritária nos espaços públicos pesquisados, enquanto a GII pode preferir o uso da língua portuguesa. Outra hipótese é a existência do paradoxo do observador, pois os participantes podem ter respondido de forma a contentar a entrevistadora.

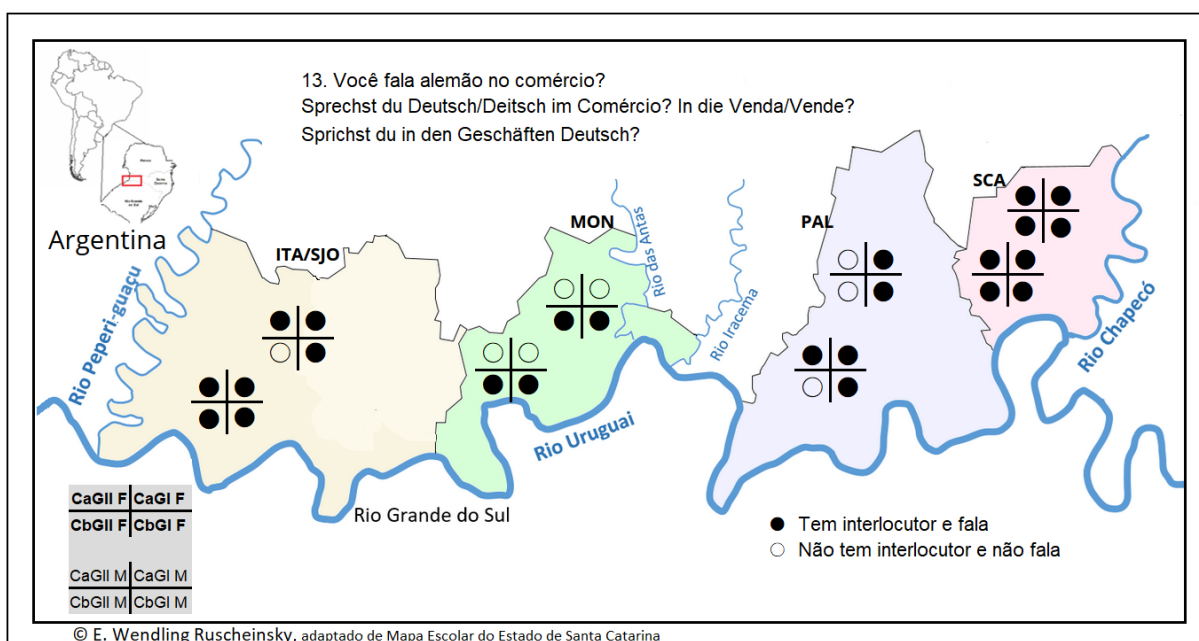
Na análise da dimensão diastrática, percebeu-se que oito falantes da Cb e cinco da Ca utilizam a língua alemã na prefeitura ou no posto de saúde. Entre os participantes que negaram o uso do alemão nesses espaços, seis são do grupo da Cb e sete da Ca. Esse resultado com mais falantes de alemão no grupo da Cb, que representam justamente o grupo que frequentou a escola por menos tempo, confirma que o ambiente escolar é um propagador do lingüicídio e da substituição linguística.

Além disso, os resultados referentes ao uso da língua alemã em espaços públicos, como na prefeitura e no posto de saúde, revelam um cenário de equilíbrio, onde o uso do alemão depende crucialmente da presença de interlocutores bilíngues. Enquanto um grupo

significativo de participantes afirma utilizar o alemão ao encontrar quem o fale, uma quantidade similar não o usa por falta de interlocutores, o que evidencia a substituição linguística. A identificação e preferência por atendentes falantes de alemão por parte da população, especialmente das comunidades mais isoladas (Ervas e Catres, em MON), reforça a importância identitária da língua. No entanto, o contraste com a cidade de PAL, onde o uso do alemão é inexistente nesses espaços, e a tendência observada na dimensão diastrática (falantes com menor escolaridade usam mais) sugerem que o português se normaliza nos espaços oficiais, indicando o avanço do processo de substituição linguística, possivelmente exacerbado pelo histórico de proibição e pelo ambiente escolar.

A seguir, no Mapa 15, apresenta-se o resultado da análise dos dados referentes ao uso do alemão no comércio das localidades pesquisadas. Entende-se que esses espaços oferecem mais liberdade de escolha da língua a ser usada, pois os interlocutores não estão sob domínio do poder público. A análise foi realizada com base nas respostas dos falantes e também no levantamento realizado em estabelecimentos comerciais de cada município, apresentado na seção 5.1 desta tese.

Mapa 15 – Uso do alemão no comércio



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Com base no Mapa 15, vinte e quatro entrevistados afirmam usar o alemão no mercado e oito negaram o uso. De forma mais específica, o resultado dessa análise revela disparidades em relação às dimensões diatópica, diastrática e diageracional. Ao analisar

diatopicamente, os participantes dos pontos de pesquisa ITA/SJO e SCA são os que mais afirmaram usar a língua alemã no mercado, seguido de PAL e MON. Essa situação condiz com o levantamento em estabelecimentos comerciais que indicou essa diferença na presença de falantes de alemão (Gráfico 1). Levando em consideração essa coleta de dados com 30 participantes em estabelecimentos comerciais, nos pontos ITA e SCA, vide Gráfico 1, percebe-se que o uso da língua alemã ainda se mantém ativo entre a maioria dos participantes trabalhadores em estabelecimentos comerciais, enquanto nos pontos MON e PAL, esse uso cai pela metade ou menos da metade. Em relação à dimensão diastrática, todos os participantes Ca do ponto MON alegaram não utilizar o alemão no comércio, contrastando com os da Cb, que responderam utilizá-lo. Considerando o levantamento no comércio na zona urbana que resultou em 17 estabelecimentos com falantes de alemão, pode-se inferir que os participantes da Ca optam por não utilizar a língua minoritária no comércio. As respostas de alguns participantes abordados em comércios vinham em forma de gestos, como negativas com a cabeça, ou em forma de resposta direta e resumida: “*Ne*” (não) (MON CaGI M) e “*Spreche alle Brazilianisch*” (Todos falam brasileiro) (MON CaGII F).

A participante MON CbGII F destaca que há poucos mercados com atendentes que falam alemão, e que é algo mais comum nos mercados pequenos, que ela denomina de “*deutsch* mercado” (mercado alemão):

Demnach wo's im mercado is, hie in Mondai, jetzt hot's ganz wenig deutsch mercado. Wie der mercadinho hier, die sinn deutsch, ja, awer so die annre, greesrer mercados, né, die sinn all doh brasilianer, dass ma dann nicht Deutsch verzehlt, wenn ma eine orrer annre so begegnet ja, dann verzehlt ma Deutsch. (Depende de quem está no mercado, aqui em Mondai, agora tem poucos mercados alemães. Como o mercadinho aqui, eles são alemão, sim, mas os outros, mercados maiores, né, lá todos são brasileiros, que não podemos conversar em alemão, quando encontramos um ou outro, daí conversamos em alemão). (MON CbGII F)⁸⁰.

Analisando a dimensão diageracional, percebe-se que a comunicação entre jovens ocorre em português e que a língua alemã é prioritariamente falada pelos idosos. Seguindo essa perspectiva, a entrevistada MON CbGI F destaca a predominância do português; em contrapartida, a língua alemã passa a ser utilizada apenas quando pessoas de mais idade (wowos) perguntam algo. Ela afirma: “*Nur wenn die Wowos frahe ton, etwas, dann ton'ma was verzehle, sonst net, die mehrste ton immer Portuguesisch spreche*” (Só quando os vovôs falam, alguma coisa, então conversamos, se não, a maioria sempre fala português). A partir

⁸⁰ É importante destacar que esta participante fala uma variedade próxima do *Hochdeutsch*.

disso, pressupõe-se que o pouco uso da língua no comércio ocorra por causa das indústrias de móveis e têxteis que empregam muitos funcionários na área urbana de Mondaí-SC. Como essas indústrias não utilizam matéria-prima local, produzida, por exemplo, pelos agricultores, há pouco contato e interação com os moradores da área rural do município, onde a língua minoritária circula mais.

Nesse contexto, em PAL observou-se que três dos quatro participantes da GII (com mais de 55 anos) afirmaram não utilizar o alemão no comércio, enquanto os da GI responderam justamente o oposto disso. Essa diferença, possivelmente, está relacionada à profissão dos participantes da GI em área urbana e estabelecimentos comerciais, possibilitando mais presença nesses ambientes movimentados e tendo, dessa forma, mais oportunidades para interagir em alemão.

O entrevistado PAL CaGI M é vereador e muito atuante na comunidade local, e, em função disso, possivelmente tente promover o município e a cultura alemã, respondendo de forma mais monitorada e direcionada para “contemplar” a temática pesquisada pela entrevistadora, caracterizando um paradoxo do observador (Labov, 1972, 2008; Krug e Horst, 2025). Por outro lado, a participante PAL CaGI F é funcionária em um mercado e utiliza a língua alemã no seu trabalho; e PAL CbGI M é pintor autônomo e, dessa forma, também atua na restauração e pintura de lápides. Ele fornece uma explicação detalhada em relação aos mercados que atendem em alemão:

Wenn'ma in Commerce kommt, wo'ma wees das'se brasilionisch sinn, dann spricht'ma net, awer an Commerce, wo deitsche sinn, dann spricht'ma Deitsch. [...] Doch, im Mercado Keké kannst du hinnkomme unn Deitsch spreche, Mercado Prass kannst du hinnkomme unn Deitsch spreche. Cooperativa doh hier, dem noh die atendente, kannst du Deitsch spreche, sinn're wo Deitsch verzehle, ich kenne'se jo. Hechst wenn jetzt eene fremde grood komme tut. In Cooperativa komme'se von draus als. (Quando se chega no comércio, que se sabe que são brasileiros, então não falamos, mas quando chegamos num comércio, que são alemão, então falamos alemão. Sim, no Mercado Keké pode-se chegar e falar alemão, Mercado Prass pode chegar falando alemão. Cooperativa aqui, dependendo do atendente, você pode falar alemão, tem alguns que conversam em alemão, eu os conheço. Exceto quando agora vem um estranho. Na Cooperativa os atendentes vêm de fora às vezes). (PAL CbGI M).

Todos os mercados citados, como o Mercado Keké, Mercado Prass e a Cooperativa, estão localizados na mesma comunidade da Sede Oldenburg, em Palmitos-SC, local onde ocorreu a entrevista. O uso ativo da língua minoritária nesses estabelecimentos foi confirmada durante o período da observação participante. Já a entrevistada PAL CbGI F é de outra comunidade, na outra extremidade do ponto, e responde que usa o alemão com pessoas

conhecidas que encontra, mas não com funcionários do comércio. Essa também é a condição de PAL CaGII M, único participante da GII que fala em alemão no comércio. Com isso, foi possível observar que especificamente nos estabelecimentos comerciais da sede Oldenburg, a oportunidade para falar a variedade do alemão ainda é mais presente, contrariando a hipótese de que no comércio da área central de Palmitos teria maior uso da língua minoritária. Esse fato reforça que o uso da variedade alemã está cada vez mais centrada nas periferias, na zona rural, em áreas mais isoladas e, principalmente, mais ligadas ao uso familiar e em um círculo restrito de amigos e conhecidos.

Com base na dimensão diatópica, as respostas indicam que alguns participantes já sabem em quais mercados, e, principalmente, quem são os funcionários que falam alemão. Logo, isso possibilita ser atendido na língua minoritária, conforme os relatos coletados em diferentes pontos de pesquisa:

Deitsch, in Cooper sinn jo all Deitsche. (Alemão, na Copper todos são alemães). (ITA/SJO CbGI M).

Ja, hier owe der is deitsch, [...] der Kich net, dat unner, wo de König is, dass is jo der pur Deutsche. (Sim, aqui em cima ele é alemão, [...] o Kich não, lá embaixo, onde é o König, lá é puro alemão). (MON CbGII M).

Aach kein Deitsche, [...] mir ton beim, wo mir Deitsch spreche ton, mir gehn, mir kaufe bein Mário uwer, [...] dat, die spreche Deitsch. (Também nada de alemão, [...] nós compramos, onde falamos alemão, nós vamos, nós compramos no Mário, lá em cima, [...] lá eles falam alemão). (SCA CbGII M).

*Ja, mercado, que nem aqui no Útil, maioria sinn jo Deitsch ooch.*⁸¹ (Sim, mercado, que nem aqui o Útil, maioria é alemão também). (SCA CbGII F).

O participante SCA CbGII M usa o prenome do proprietário do mercado para se referir ao estabelecimento comercial, já a participante SCA CbGII F também menciona esse mesmo mercado, mas utiliza o nome do próprio estabelecimento, Mercado Útil. Nesse contexto, a necessidade da presença de interlocutores bilíngues para possibilitar a comunicação em língua alemã é ressaltada por SCA CaGI F:

Wenn die Leit kann verzehle, dann ja, dann ton'ma verzehle. Im mercado ooch wenn'ma wisse der kann spreche, dann ton'ma alles spreche. (Quando as pessoas conseguem conversar, então sim, então conversamos. No mercado também quando sabemos que ele sabe falar, então falamos tudo).

Em contrapartida, na percepção de SCA CaGII M, que é comerciante, atualmente está bem mais difícil de encontrar trabalhadores bilíngues, por isso ele mesmo acaba falando

⁸¹ O uso do *codeswitching* é muito comum durante a entrevista com essa participante.

menos em alemão no seu ambiente de trabalho. Ele ainda relata que a maioria dos funcionários contratados são “brasileiros”, isto é, falantes de português, conforme segue: “*Jo, awer jetzt is schwerlich, awer wenig wechem, ahm, eh, die mehrste Knechte⁸² unn die Leit sinn mehr Brosilioner*” (Sim, mas agora é difícil, mas pouco, pois a maioria dos empregados e as pessoas são mais brasileiros).

O conhecimento prévio sobre quem fala alemão acaba sendo um fator determinante para iniciar o diálogo nessa língua. Essa necessidade ainda pode ser um resquício do medo enfrentado na época da proibição do alemão, conforme apresentado na seção teórica desta tese. Nesse sentido, o entrevistado SCA CaGI M reforça a importância de identificar se seu interlocutor é falante de alemão antes de iniciar o diálogo, conforme se observa a seguir:

Alsmo ja, wenn'ma, wenn'ma so ontreffe mit Leit, mo soohn, ah, dat Froo, der dat Mann, ich weess die kann Deitsch spreche, dann ton ich Deitsch mit dem spreche, wenn ich wisst, ah, dat die Froo, das Froochie, die is von Kolonie, orrer ich weess, der orrer die weess Deitsch spreche, dann, oh, wie geht's? Gumoint, alles gut!, não sei o quê, dann ton ich onfenge Deitsch spreche mit die Froo orrer der Mann. (Às vezes sim, quando, quando encontramos com pessoas, digamos, ah, aquela mulher, aquele homem, eu sei que sabe falar alemão, então eu falo alemão com ele, quando eu sei, ah, aquela mulher, agora mulherzinha, ela é da colônia, ou seu sei, ou ela sabe falar alemão, então, oh, como vai? Bom dia, tudo bem? não sei o que, então eu começo a falar alemão com a mulher ou com o homem). (SCA CaGI M).

Em continuidade, a entrevistadora pergunta se ele consegue identificar quem fala alemão, e ele responde que isso é possível pelo rosto da pessoa. Além disso, ele menciona características que considera “típicas” de um falante de língua alemã, conforme relatado a seguir:

Sim, mehrst zeit, ja, wall, mo soohn, sieht'ma in's Gesicht, né, ah, der is von Kolonie, schaffi in die Plantoosch, in die Ross, né, ah der is von Bela Vista, von São João, von Aguinhas, als'mo weess'ma von wo is der Mann die Froo komm, dann ton'ma onfenge Deitsch spreche”. (Sim, maioria das vezes, sim, porque, digamos, se vê na cara, né, ah, ele é da colônia, trabalha na plantação, na roça, né, ah ele é de Bela Vista, de São João, de Aguinhas, às vezes sei de onde o homem a mulher vem, então começo a falar alemão). (SCA CaGI M).

Nesse contexto, quando o participante afirma que reconhece um falante de alemão pelo rosto, essa percepção não parece se restringir à aparência física, mas inclui também um conhecimento prévio sobre o perfil social da pessoa, como sua atuação na agricultura (*von die Kolonie, von die Plantoosch, von die Ross*), bem como sobre seu local de moradia,

⁸² Homem que trabalha no meio rural (<https://de.wiktionary.org>). Termo arcaico e de uso pejorativo na Alemanha, porém entre os falantes de alemão no Brasil, não apresenta esse status. No Brasil, também é usado para empregados na zona urbana, como foi usado pelo participante.

especialmente em comunidades mais isoladas, como Bela Vista, São João e Aguinhas, distantes do centro urbanizado de São Carlos-SC. Além disso, percebe-se também a preocupação em adaptar-se ao perfil linguístico do outro, usando uma ou outra língua.

Ainda considerando esse aspecto, a entrevistada ITA/SJO CaGI F, que trabalha como secretária de uma escola filantrópica, relata que passa a usar o alemão quando os visitantes falam alguma palavra nessa língua, ou seja, quando ela percebe que o interlocutor vai compreendê-la:

Als'mo ja, porque, wenn die Leit komme unn wisse Deitsch, dann wenn'se als'mo een Wort soohn, dann tun ich ooch soohn, dann tun sich, tipo⁸³ mea, ehm, tun sich besser fihle fo Deitsch verzehe, né, dann tun'ma alles Deitsch. (Às vezes sim, porque, quando as pessoas vêm e sabem alemão, então quando às vezes falam uma palavra, daí eu já falo também, então se sentem, tipo mais, ehm, se sentem melhor conversando em alemão, né, então conversamos tudo em alemão). (ITA/SJO CaGI F).

Nos estabelecimentos comerciais, ela também ressalta que o diálogo depende do interlocutor, e que as conversas em alemão podem causar estranhamento entre aqueles que não a compreendem. Nesse relato, novamente, pode-se inferir certo receio ou constrangimento diante do uso de uma língua que pode chamar a atenção de falantes monolíngues em português, conforme se observa a seguir:

Wenn der caixa verstehn tut, porque, als'mo wenn eene was soohn tut, dann tun die anndre schon gucke, weest du, was die tun spreche. (Quando o caixa entende, porque, às vezes quando alguém fala algo, então os outros já olham, sabe, o que eles estão falando). (ITA/SJO CaGI F).

A participante ITA/SJO CaGII F destaca que sua comunidade é conhecida por ter falantes de alemão e, por isso, os atendentes de alguns mercados os atendem com mais facilidade em alemão:

Das is ehm, das kommt druff an welche Mercado, und wer uns bedienen tut, und wer weiss das mir aus Linha Becker sind, die tun schon Deutsch ansprechen, und dann kann'ma auch Deutsch reden, awer so, normal, is'es Portugesisch. (Isso é, depende de qual mercado, e quem nos atende, e quem sabe que somos da Linha Becker, eles já cumprimentam em alemão, e daí também podemos conversar em alemão, mas assim, normal, é em português). (ITA/SJO CaGII F).

⁸³ A falante usa a expressão “tipo” frequentemente, assim como a falante MON CaGI F. O uso da expressão é o equivalente a “so” em alemão, apesar de haver multifuncionalidade no uso da expressão, conforme estudo de Laurentino (2021). Uma análise sobre os usos e funções da expressão na fala de bilíngues é base para um possível estudo no futuro.

Nesse caso, é importante lembrar que a comunidade de Linha Becker recebeu muitos imigrantes alemães, recém-chegados da Alemanha, conforme seção 3.4. Além disso, é reconhecida pela manutenção de tradições alemãs, como o canto, as festas e a língua germânica. Da mesma forma, como indica a transliteração do relato dela, a participante declarou que fala vestfaliano, alemão padrão e português.

Entre os participantes que alegam conversar em alemão no mercado, quatro afirmam falar com outras pessoas, e não necessariamente com os atendentes do estabelecimento. Como já mencionado, MON CbGI F destaca a predominância do português. Já o alemão é mais usado quando as pessoas de mais idade (*Wowos*) perguntam por informações. Por outro lado, alguns entrevistados reforçam que o uso da língua alemã depende da presença de interlocutores que também a utilizem, além da oportunidade de encontrar conhecidos com quem possam iniciar a interação na língua minoritária, conforme se observa a seguir:

Doh ja, wall treffte als'mo eene on. (Sim, porque às vezes encontro alguém). (ITA/SJO CbGI F).

Bloss wenn bekannte so, né, wo'ma so treffe tut, awer mit die wo schaffe net. (Apenas quando conhecido, né, que se encontra, mas com aqueles que trabalham não). (PAL CbGI F).

Wenn'ma eine bekannte treffen tut, aber sonst nicht. (Quando encontro um conhecido; mas, fora isso, não). (PAL CaGII M).

Além disso, a percepção de mistura linguística nos pontos de pesquisa é sintetizada pelo falante ITA/SJO CaGII M ao afirmar: “*Ja, alles dorichnanner*” (“Tudo misturado”). Essa formulação parece adequada para representar, de modo geral, os usos das línguas nas localidades investigadas. No entanto, essa mistura de línguas não atinge somente o alemão e o português, mas também a mistura dos tipos *Deutsch* e *Deitsch*. Na sequência, o participante amplia sua resposta ao destacar essa característica, que considera exclusiva do local onde mora:

Wie ich saacht ... Wie's hier is, das is ganz interessant, is schwerlich en Platz wo so is genau wie hier; hier in São João. Wall du gehst raus, wie ich saacht, du kommst in qualquer Platz, dann begriesse'se dich, oder du begriesst'se, ai, unn du, dann fengst du an, du sprichst oder Deitsch, oder Brasilianisch, dass is alles durcheinander. (Como eu disse...Como aqui é, é completamente interessante, é difícil haver um lugar que é aqui, aqui em São João. Porque você sai, como eu disse, chega em qualquer lugar, então te cumprimentam, ou você os cumprimenta, ai, e você, daí começa, você fala ou alemão, ou brasileiro, isso é tudo misturado). (ITA/SJO CaGII M).

Neste contexto, é possível destacar que o falante utiliza a forma mais padronizada “*durcheinander*” no final do relato, e, conforme apresentado no parágrafo acima, o mesmo participante utilizou-se de uma variante mais dialetal: “*Ja, alles dorichnanner*”. Isso ilustra o complexo variacional (Thun, 2010b), em que a interação das variedades demonstra como as línguas podem, simultaneamente, representar espaços de resistência e assimilação, em que os falantes reconhecem a coexistência de duas ou mais variedades linguísticas e as utilizam nas interações do dia a dia. Nesse sentido, o uso da mistura dessas variedades em uma interação pode depender do interlocutor, do espaço e do assunto para que ocorra de forma espontânea. Dessa forma, os falantes escolhem de maneira consciente entre a língua alemã e o português, ou as duas línguas intercaladas. Já a mistura dos tipos *Deutsch* e *Deitsch* parece ocorrer de forma inconsciente.

Sobre a escolha consciente das línguas, o participante ITA/SCA CbGI F responde: “*Demnoh wie, als'mo Deitsch, als'mo Bresilionisch*” (Depende como, às vezes alemão, às vezes brasileiro). Em alguns espaços geográficos e contextos sociais a língua usada é exclusivamente o português. Isso demonstra que, por um lado, os falantes bilíngues podem optar por uma ou outra língua; por outro lado, eles também podem acionar o seu repertório linguístico completo durante as interações, isto é, alternando entre as duas línguas ou misturando diferentes variedades do alemão, o que, por fim, constitui esse complexo variacional.

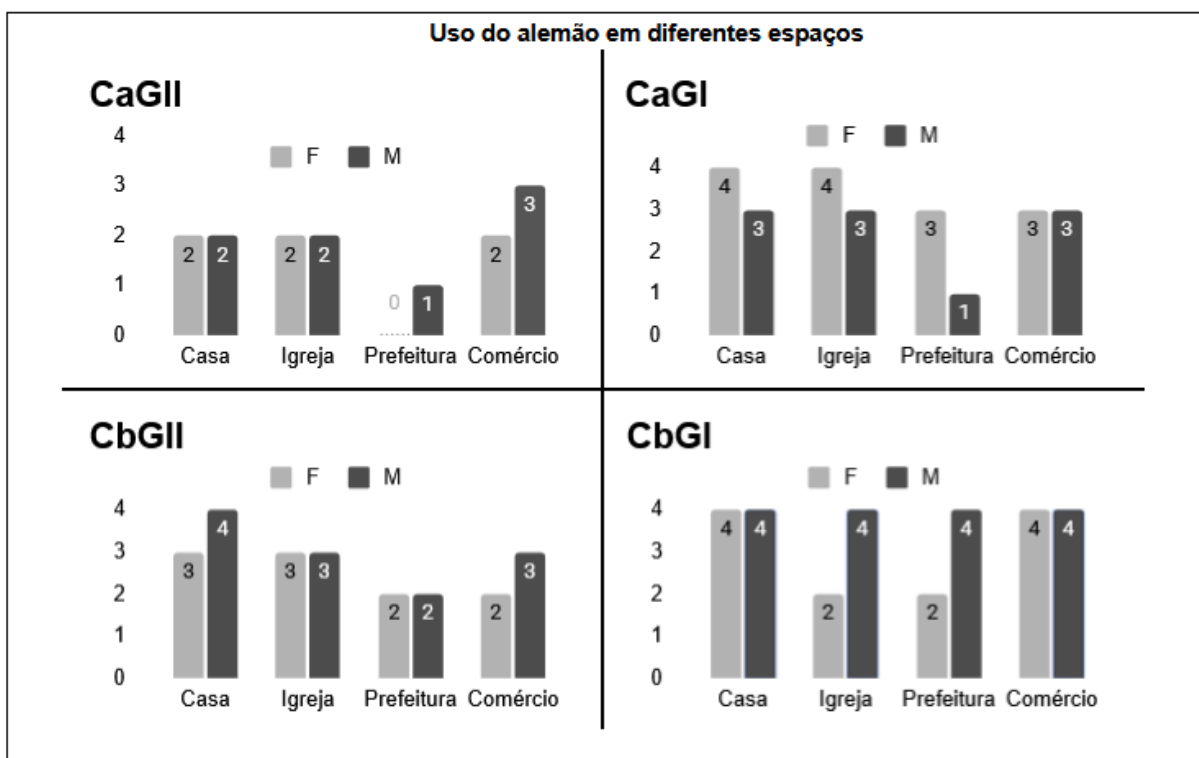
5.2.2.1 Análise relacional dos usos do alemão nos diferentes espaços

A análise dos dados sobre o uso do alemão no comércio revelou um cenário complexo, em que o uso da língua difere nas dimensões diatópica, diastrática e diageracional. Embora uma parcela significativa de entrevistados afirme usar o alemão no mercado, essa prática é mais intensa em localidades específicas (ITA/SJO e SCA), corroborando os dados coletados nos estabelecimentos comerciais, e entre certas dimensões (Cb em MON, e GI em PAL). A manutenção do uso do alemão no comércio está intrinsecamente relacionada ao conhecimento prévio do falante sobre a compreensão dessa língua pelo seu interlocutor, sendo reservada, frequentemente, para as interações com atendentes conhecidos ou em “mercados alemães” menores ou ainda com frequentadores conhecidos ao se encontrarem no local. A predominância do português no ambiente de trabalho, a dificuldade crescente em encontrar interlocutores jovens que falem alemão e a percepção de que é uma “língua de idosos”

indicam um uso cada vez mais restrito, resultando em uma coexistência linguística descrita como "tudo misturado" (*alles durichnanner*).

A análise relacional resultou no Gráfico 3 e no Quadro 6, apresentados a seguir, que relacionam as respostas dos participantes quanto ao uso da língua alemã nos quatro espaços pesquisados: em casa, na igreja, na prefeitura/posto de saúde e no comércio, resultados que estão expostos nos Mapas 11 a 15 (analisados acima). Estes locais foram escolhidos por representar os laços familiares, a religião, o poder público e as relações comerciais. Dessa forma, o Gráfico ressalta a pluridimensionalidade, destacando os usos nos diferentes espaços e de acordo com as dimensões, porém não evidencia a dimensão diatópica.

Gráfico 3 – Uso do alemão em diferentes espaços



Fonte: Ruscheinsky (2026).

O Gráfico 3 evidencia diferenças significativas no uso do alemão em distintos espaços privados e sociais, considerando as dimensões diastrática e diageracional, e, em especial, a diassexual. De modo geral, observa-se que os ambientes privados e comunitários, como a residência e a igreja, apresentam maior frequência de uso da língua alemã, enquanto os espaços institucionais, especialmente a prefeitura, registram índices mais baixos. Na dimensão diassexual, no grupo CaGI, por exemplo, o uso do alemão é elevado entre as mulheres na igreja (4) e reduzido entre os homens na prefeitura (1), sugerindo que certos contextos formais

favorecem o predomínio do português. Já no comércio, os índices permanecem relativamente altos em quase todos os grupos, indicando que o alemão ainda desempenha função comunicativa relevante nas relações econômicas locais. Além disso, percebe-se certa estabilidade entre homens e mulheres em alguns contextos, como no grupo CbGI, em que ambos apresentam frequência máxima de uso de alemão no comércio e em casa. Esses dados sugerem que a manutenção do alemão ocorre principalmente em espaços de convivência cotidiana e de interação comunitária, ainda que sua presença varie conforme o contexto social e o perfil dos falantes. O Quadro 7 permite a análise relacional com a dimensão diatópica.

Quadro 7 – Quadro relacional do uso da língua alemã

Uso da língua alemã nos respectivos lugares									
Religião Católica					Religião Evangélica Luterana				
ITA/SJO					MON				
	F	M		F	M		F	M	
Casa	●	●	Casa	●	●	Casa	●	●	
Igreja	●	●	Igreja	●	●	Igreja	○	○	
Prefeitura	○	●	Prefeitura	●	●	Prefeitura	●	○	
Comércio	●	●	Comércio	●	●	Comércio	○	○	
	F	M		F	M		F	M	
Casa	●	●	Casa	●	●	Casa	●	●	
Igreja	○	●	Igreja	●	●	Igreja	○	●	
Prefeitura	○	●	Prefeitura	●	○	Prefeitura	●	●	
Comércio	○	●	Comércio	●	●	Comércio	●	●	
SCA					PAL				
	F	M		F	M		F	M	
Casa	○	●	Casa	●	●	Casa	●	●	
Igreja	●	●	Igreja	●	●	Igreja	○	○	
Prefeitura	○	○	Prefeitura	●	○	Prefeitura	○	○	
Comércio	●	●	Comércio	●	●	Comércio	○	○	
	F	M		F	M		F	M	
Casa	●	●	Casa	●	●	Casa	○	●	
Igreja	●	●	Igreja	●	●	Igreja	●	○	
Prefeitura	●	○	Prefeitura	○	●	Prefeitura	○	○	
Comércio	●	●	Comércio	●	●	Comércio	○	●	
● Usa a língua alemã ○ Não usa a língua alemã					CaGII CaGI CbGII CbGI				

Fonte: Ruscheinsky (2026).

O Quadro 7 evidencia as dimensões diatópica (ITA/SJO, MON, PAL e SCA), diarreligiosa (católicos e evangélicos luteranos), diastrática (Ca e Cb), diageracional (GII e GI) e diassexual (F e M). Foi necessário simplificar a exposição das respostas em relação à forma usada nos Mapas 11 a 15 (analisados acima), como, por exemplo, a redução dos Mapas 11 e 12 (uso do alemão na família, com a GII e GI) para apenas um símbolo por participante e a opção de “às vezes” foi considerada como “usa a língua alemã”. Dessa forma, o quadro nos permite uma análise relacional sobre o uso do alemão nos pontos pesquisados.

Com base na dimensão diatópica, percebe-se que os pontos ITA/SJO e SCA apresentam mais ocorrências de uso do alemão em diferentes espaços, com 27 e 26 usos, respectivamente, sendo que a prefeitura ou posto de saúde são os locais com menos ocorrências, sendo 8 de não uso da língua alemã, ou seja, a metade. Dessa forma, o poder público apresenta uma lacuna ao não ofertar oportunidades para o uso ativo e regular da língua alemã, visto que em SJO ela é cooficial. Em contrapartida, o ponto PAL apresenta metade das ocorrências de uso do alemão, sendo o ponto com menor uso. Com isso, não há falantes de alemão na prefeitura e no posto de saúde, o que reduz as possibilidades de uso por parte dos falantes. Com base no contexto histórico da colonização, considerando, sobretudo, a diversidade étnica e confessional dos primeiros moradores, somado aos resultados encontrados nesta pesquisa, esse cenário não revela surpresas.

No que se refere ao uso do alemão no espaço religioso, quinze participantes católicos afirmaram utilizar a língua na igreja, ao passo que, entre os luteranos, esse número foi de apenas oito. Esse dado não sustenta a hipótese de que os falantes dos pontos MON e PAL utilizem o alemão na igreja, pois as religiões luterana e evangélica, via de regra, valorizam mais a presença dessa língua nas atividades da vida religiosa, conforme Willems (1940). Essa diferença dos resultados, se comparar a presente pesquisa com Willems (1940), pode ser justificada pelo tempo decorrido entre os levantamentos, ou seja, 85 anos é tempo suficiente para a ocorrência de mudanças e substituições linguísticas. Além disso, o estudo de Willems (1940) está baseado nas colônias alemãs do RS, já estruturadas, e os pontos desta pesquisa, na época, ainda eram pequenos povoados. Um último aspecto a considerar, é que nossa pesquisa considerou o uso do alemão antes, durante e depois das celebrações religiosas, o que pode aumentar os dados, visto que onze participantes usam a língua somente antes e depois da celebração. Dessa forma, o domínio da comunidade e das relações de vizinhança é que determina o uso da língua minoritária, e não propriamente o ritual religioso.

Ao considerar a dimensão diastrática, observa-se um padrão relativamente consistente no quadro acima: os falantes pertencentes à classe socioculturalmente baixa Cb), isto é, o

grupo menos escolarizado, apresentam mais ocorrências de uso da língua alemã, somando 49, em comparação aos usos pelos falantes da classe socioculturalmente alta (Ca), ou seja, os participantes mais escolarizado com 34 ocorrências de usos da língua. Esse comportamento não se limita a um único domínio, mas se distribui especialmente nos contextos públicos, como a prefeitura e o posto de saúde, e em interações cotidianas, como no comércio. A maior disparidade está na GII do ponto MON, pois a Ca usa a língua alemã apenas no domínio familiar, e a Cb em todos os domínios. Ou seja, para a Cb, o alemão ainda ocupa um lugar funcional, sendo utilizado como meio efetivo de comunicação em práticas do dia a dia. Já entre os falantes da Ca, o português tende a assumir centralidade, sobretudo por estar associado à escolarização, à mobilidade social e às exigências institucionais.

A análise da dimensão diageracional revela, sobretudo, um dado surpreendente, evidenciado no Quadro 6 (acima): a diferença entre a GII e a GI. Os dados indicam que os falantes mais velhos mantêm menor uso do alemão em comparação aos jovens. São 39 ocorrências de uso da língua no grupo da GII e 51 no grupo da GI. A maior disparidade é em relação ao uso do alemão no mercado, sendo que no ponto PAL (Mapa 15), os participantes da GI responderam que falam alemão no mercado. Dois desses participantes (PAL CaGI F e PAL CbGI M) trabalham e lidam com comércio de comunidades isoladas, portanto, falar alemão faz parte do seu cotidiano profissional, diferente de outros entrevistados dessa dimensão e de outros pontos de pesquisa. Também percebeu-se um possível paradoxo do observador na entrevista com PAL CaGI M, vereador e membro atuante da comunidade, que pode querer passar uma realidade diferente da real, a fim de ressaltar o aspecto multilíngue do município.

No que se refere à dimensão diassexual, o quadro apresenta diferenças mais sutis, mas, ainda assim, relevantes. De modo geral, observa-se que homens e mulheres participam ativamente do uso da língua alemã, porém com nuances que se tornam mais evidentes quando analisadas em conjunto com as demais dimensões. A análise relacional sugere que a dimensão diassexual, isoladamente, não determina o uso da língua, mas atua em conjunto com as dimensões diastrática e diageracional. Por exemplo, mulheres da CaGII dos pontos MON e PAL, ou seja, de religião evangélica, tendem a utilizar mais o português, com quatro ocorrências de não uso do alemão nesse ambiente (conf. Mapa 13).

Com base no que foi exposto, a análise relacional das dimensões diatópica, diarreligiosa, diastrática, diageracional e diassexual demonstrou que o uso da língua alemã é um fenômeno complexo, ou seja, muito influenciado pelo contexto social, geracional e educacional dos participantes. A partir disso, as variações observadas no uso do alemão nos diferentes domínios – família, igreja, comércio e poder público – sinalizam a atuação de

forças opostas: de manutenção, por um lado, e de substituição linguística, por outro. De acordo com as respostas dos entrevistados, em alguns grupos, como na Cb, o alemão mantém uma vitalidade funcional, enquanto em outros, como na Ca ou no domínio do poder público, o português se estabelece como língua dominante.

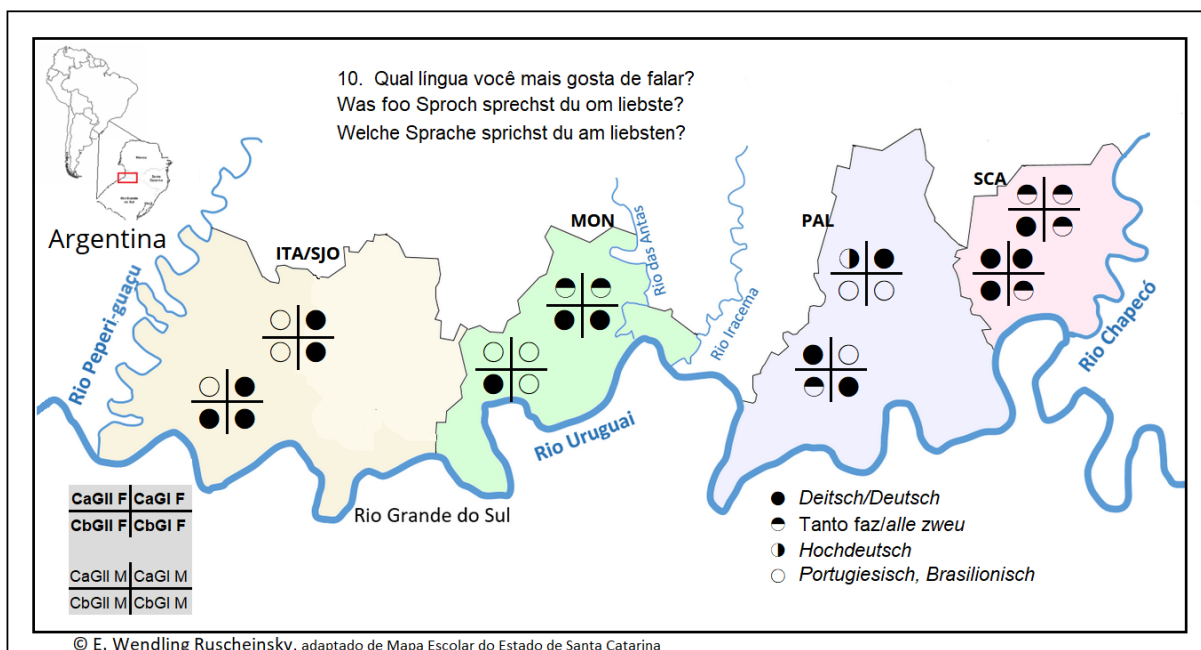
A partir deste panorama, a próxima seção aprofunda a investigação ao analisar diretamente as preferências linguísticas dos participantes, buscando entender qual língua – o português ou o alemão – é escolhida por eles em diferentes situações comunicativas, e o que essa escolha revela sobre a lealdade e a identidade linguística na comunidade pesquisada.

5.2.3 A língua preferida

Ao questionar o participante sobre sua língua favorita, buscou-se obter uma opinião subjetiva sobre suas preferências, ou seja, em qual língua ele se sente mais à vontade ou considera que tem mais proficiência. Dessa forma, destaca-se a opinião do participante, de forma quantitativa, por meio do Mapa 16 a seguir, e de forma qualitativa, ao expor seus comentários metalinguísticos ao longo do texto.

A pergunta pode desencadear o paradoxo do observador, pois é possível que o entrevistado não saiba, ou jamais tenha pensado sobre qual é sua língua preferida e, assim, responder somente da forma que acredita ser a mais adequada para o contexto da pesquisa. Considerando esse aspecto, Krug e Horst (2022, p. 356) nomeiam esse paradoxo do observador como o tipo “perspicaz, pois os informantes já descobriram e sabem exatamente o fenômeno que está sendo investigado e darão a resposta que imaginam agradar ao pesquisador”. Mesmo com esse entrave, essa dimensão diarreferencial pode fornecer pistas sobre a aprendizagem e o uso da língua, e, possivelmente, sobre o prestígio ou estigmatização de alguma língua nos pontos de pesquisa. Além disso, possibilita a comparação entre a língua que prefere e a que usa nos diferentes espaços. A seguir, o Mapa 16 apresenta a língua que cada participante prefere falar.

Mapa 16 – Qual língua você mais gosta de falar?



Fonte: Ruscheinsky (2026).

No geral, os resultados indicam um equilíbrio entre as línguas favoritas dos participantes, sendo que quinze afirmaram preferir o alemão, nove o português e sete alegaram não ter preferência, ou seja, que não há diferença em relação aos usos das línguas. Entretanto, na análise da dimensão diatópica, percebeu-se que no ponto PAL ocorreu uma significativa substituição do alemão pelo português, seguido de MON, ITA/SJO e, por fim, de SCA. Nesse último ponto, 4 participantes preferem a língua alemã e quatro preferem as duas línguas, ou seja, as duas línguas são aceitas e bem vindas.

Essas respostas condizem com as respostas dos participantes em relação a qual língua usam no comércio (Mapa 15), em que os entrevistados de SCA responderam majoritariamente que falam alemão em instituições comerciais. Já no ponto ITA/SJO apenas uma entrevistada declarou não usar alemão no comércio. Dessa forma, é possível afirmar que a preferência por uma língua está em conformidade com o uso nos espaços fora de casa, o que reforça a veracidade das respostas em relação ao uso no comércio.

Em contrapartida, as respostas por parte das mulheres indicam uma tendência para a substituição linguística, uma vez que apenas seis desse grupo preferem o alemão, enquanto, entre os homens, nove manifestam preferência por essa língua. Outra característica expressiva na dimensão diasssexual é a maleabilidade das respostas do grupo feminino, sendo que cinco responderam não ter preferência específica. Dentre essas cinco participantes, duas especificam que a preferência pela língua ocorre com base nos interlocutores. Com base nisso,

a participante MON CaGI F demonstra preocupação em usar o alemão com a mãe, pois esta tem dificuldades com a língua portuguesa:

“Olha, alle zweu, so, tipo mit die mãe verstehn ich mich besser in Deutsch, wall die hot dificuldade”. (Olha, as duas, assim, tipo com a mãe me entendo melhor em alemão, pois ela tem dificuldade). (MON CaGI F).

O relato revela que a necessidade da interação com alguém pode se sobrepor à preferência por determinada língua. No exemplo acima, a entrevistada responde que ‘prefere’ as duas línguas, alemão e português, mas justifica que ‘precisa falar em alemão com a mãe’ em função desta ter mais facilidade interativa na língua alemã.

Nesse contexto, a falante PAL CaGI F também separa a preferência pelas línguas com base nos seus interlocutores: a língua alemã para interagir com a família e o português para se comunicar com outras pessoas, conforme exposto a seguir:

Ah, wenn ich sinn mit mein Familie, ich ton Deutsch spreche. Awer wenn ich sinn mit annre Leit, acabo falando português”. (Ah, quando eu estou com minha família, eu falo alemão. Mas quando estou com outras pessoas, acabo falando português).

Percebe-se que o alemão é a língua da família, que melhor atende aos anseios de comunicação e pertencimento. Já o português é a língua preferida para conversar com outros e, dessa forma, predomina nas interações externas e mais formais.

Em relação à dimensão diastrática (Ca e Cb), composta por dezesseis participantes em cada grupo, constatou-se que nove entrevistados da Cb e seis da Ca afirmaram preferir falar em alemão. Com base nessas preferências, é possível observar a atuação da escola como uniformizadora linguística, pendendo para a língua de prestígio, visto que os entrevistados da Ca permaneceram mais tempo nos bancos escolares e, conseqüentemente, tiveram mais contato com a língua portuguesa.

No geral, os participantes incluíram comentários metalinguísticos em suas respostas, sendo que, entre os quinze falantes que preferem o alemão, onze incluíram algum comentário. Dos nove falantes que preferem o português, cinco apresentaram comentários metalinguísticos, e entre os sete que responderam não ter preferência por uma língua específica, dois realizaram comentários.

Nesse contexto, os participantes atribuem a preferência pelo alemão à facilidade comunicativa e ao hábito do uso frequente, assim sendo, usar essa língua tornou-se algo automático para alguns. No entanto, o entrevistado SJO CbGI F ressalta que percebe a mistura das línguas:

Der gennst, ich menne weer Deitsch, awer do tut'ma als uffpasse, ja do tut'ma zu viel dorchnanner verzehle, awer der Deitsch is was'ma der erst gelennt hot. (Mais gosto, eu acho que é alemão, mas às vezes eu percebo, a gente fala muito misturado, mas o alemão é o que aprendi por primeiro). (ITA/SJO CbGI F).

Como exemplo, ela comenta que tem dificuldades de saber a tradução de algumas palavras em português, como *Kuhstall* (estábulo), como também não conhece o nome correspondente em alemão de outras palavras, como sala de ordenha. Estes são termos citados por ela porque estão presentes no seu cotidiano de agricultora que trabalha com vacas leiteiras, e o termo em alemão é usado desde sua infância, quando seus pais e avós já lidavam com vacas. Por outro lado, o termo “sala de ordenha” denomina uma tecnologia mais recente, dos anos 2000, cuja tradução em alemão (*Melkstall*) não é usada pelos produtores.

A falta de conhecimento de uma nomenclatura em uma ou outra língua também é citado como motivo para a alternância de códigos pelo falante PAL CbGI M:

Liebst in Deitsch, sinn Dinger wo ich in Brasilionisch net weess unn sinn ach wo in Brasilionisch uff Deitsch net weess, awer weniger. (De preferência em alemão, tem coisas que em brasileiro eu não sei e tem também em brasileiro que em alemão eu não sei, mas menos). (PAL CbGI M).

Alguns comentários associam a preferência da língua com a facilidade em usar a língua alemã, como:

Deitsch, is leicht ze spreche. (Alemão, é fácil de falar). (SJO CbGI M).

Ich ton de liebst Deitsch [...] de best loskomme. (Eu prefiro alemão, o melhor pra me expressar). (SCA CbGII M).

Deitsch, ich finne's besser. (Alemão, eu acho melhor). (SCA CbGII F).

Os três comentários são do grupo da Cb, com menos tempo de escola, e consequentemente, menos exposição à língua de prestígio. Já o falante SCA CaGI M prefere usar o alemão, mesmo sabendo que tem algumas dificuldades pontuais:

Ich tun genn Deitsch verzehle, mo soohn, mit sein deficiências. (Eu gosto de falar alemão, digamos, com suas deficiências). (SCA CaGI M).

O mesmo motivo é apontado pelos participantes que preferem se comunicar em português, como:

Ja, ich tun de liebste Brasilianisch spreche, wall ich besser kann. (Bom, eu prefiro falar brasileiro, pois eu consigo melhor). (SJO CaGII M).

Besser is das Portugiesisch, das geht gut. (Melhor é o brasileiro, esse vai bem). (MON CaGII M).

Ich denke heut lieber Brasilianisch, wall ich weiss mehr Werter, né? Tun ich mich net, mo saahn, ich weiss mich besser ausdrücke, né? (Eu acho que hoje eu prefiro brasileiro, pois eu sei mais palavras, né? Eu não me, digamos, eu sei me expressar melhor né?) (MON CbGI M).

O falante SCA CaGII M destaca que a preferência por uma ou outra língua depende de quem é o interlocutor, sendo que com os mais idosos, prefere falar o alemão:

Jah, demnoh wenn's eltre Leit sinn, viel lieber Deutsch, né. (Bom, depende, quando são pessoas mais idosas, prefiro mais o alemão né).

Embora o entrevistado PAL CaGII M não saiba explicar sua preferência pelo alemão, ele a associa ao bem-estar de poder se expressar e ser compreendido nessa língua:

Deutsch, ich weiss nicht warum, das macht mich gut, dass'ma sich verstehn kann, né. (Alemão, eu não sei porque, isso me faz bem, que a gente consiga se entender, né).

A participante ITA CaGII F responde em português, sua língua preferida, mesmo que a pergunta tenha sido feita em alemão, e, além disso, durante uma entrevista que teve como objetivo registrar a língua minoritária da comunidade. Ainda sobre essa participante, um destaque precisa ser dado ao seu comentário extralinguístico. Logo após dizer em português que se sente mais segura falando essa língua, ela passa a contar, em alemão, como conseguiu conversar com alemães durante sua viagem à Alemanha e que não sente problemas ao conversar com pessoas mais idosas da comunidade que preferem se expressar em alemão. Vejamos o relato a seguir:

Português, eu me sinto mais segura, mesmo conversando com pessoas que entendem bem o nosso alemão. *Aber wie wir in Deutschland waren, wir hatten das eher gehabt und waren in Deutschland, weil unser Mädchen da wohnt. Und, ehm, da hatten wir, ehm, mit jeder einem konnten reden und die haben uns gut verstanden und wir haben den auch gut verstanden. Und, ehm, das macht mich nichts aus, wenn ich mit ältere Leut hier in der Gemeinde, wo das, wo lieber das Deutsche erzählen, das macht mich nichts aus, dass ich Deutsch reden mit denen.* (Mas quando estávamos na Alemanha, nós tivemos isso antes e fomos para Alemanha, pois nossa filha mora lá. E, ehm, lá nós podíamos conversar com cada um e eles nos entenderam bem e nós também os entendemos bem. E eu não me importo quando eu converso com as pessoas mais idosas aqui da comunidade que preferem conversar em alemão, eu não me importo de conversar em alemão com eles). (ITA CaGII F).

Dessa forma, a falante reconhece que não tem dificuldades para se expressar em alemão, mas se sente mais segura conversando em português. Com isso, podemos reforçar que a falante acredita, ou seja, é sua crença, que não é capaz de falar, porém nas atitudes demonstra que consegue interagir na língua, mesmo com falantes nativos de alemão padrão.

Entre os sete falantes que não preferem uma língua ou outra, a participante SCA CaGII F demonstra um misto de nostalgia, preocupação com a perfeição da fala e orgulho da habilidade de compreensão que tem. Vejamos o relato dela:

Jetze, ich spreche genn Deutsch, awer ich tun mich schon bissje verliere, né, dann tun ich, Bresilionisch, is leichter, awer ich spreche genn Deutsch, wall ich denke ich kann das net verliere, wenn'ma aach bissje.. mir spreche jo verkeert, quer dizer, ich weess net was verkeert is, wall ich tun als séries gucke, wo in Deutsch sinn, unn dann sinn mehrst Werter wo mea ooch gesproch honn, awer annre dicção né, awer ich verstehn's. (Agora, eu gosto de falar alemão, mas eu já me perco um pouco, né, então eu falo brasileiro, é mais fácil, mas eu gosto de falar alemão, porque eu acho que não posso perder isso, mesmo que um pouco... nós falamos errado, quer dizer, não sei o que é errado, porque Às vezes eu assisto séries, que são em alemão, e a maioria das palavras são aquelas que também falamos, mas com outra dicção, né, mas eu entendo). (SCA CaGII F).

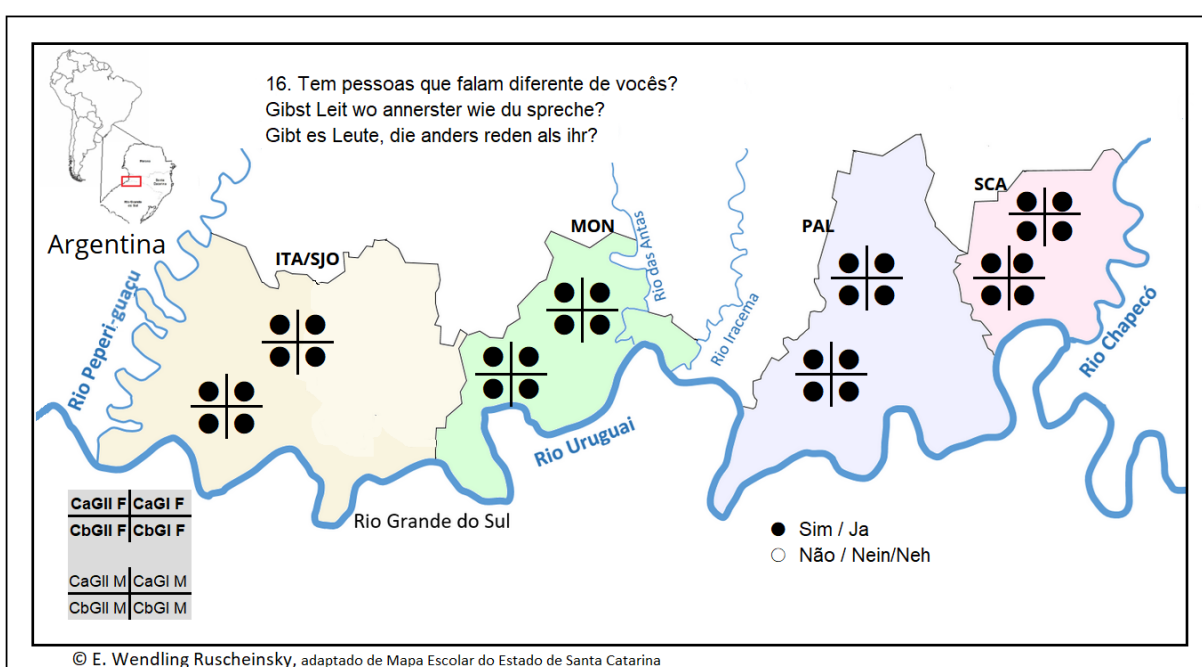
Dessa forma, a análise das preferências linguísticas dos participantes revela uma complexa interação entre fatores diatópicos, diassexuais e diastráticos. Embora a língua alemã mantenha um prestígio considerável em contextos familiares e com interlocutores mais velhos, a tendência de substituição pelo português é notável, especialmente em espaços públicos, nos pontos MON e PAL e entre a população feminina e com maior escolaridade. Os comentários metalinguísticos evidenciam que a escolha da língua preferida não se baseia apenas na proficiência percebida pelos falantes, mas também em aspectos afetivos, na facilidade de expressão (fluência) e na preocupação com a adequação ao interlocutor. Isso evidencia a vitalidade e, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade do alemão nos pontos de pesquisa, destacando a importância da crença linguística e do contexto social na dinâmica do uso e da manutenção das línguas.

A seguir, foram analisadas as respostas dos falantes sobre sua percepção linguística. São quatro perguntas analisadas, acerca da percepção do falante sobre variações do alemão, sobre o significado, a valorização e o futuro dessa língua na comunidade.

5.2.4 Percepções dos falantes

A análise das percepções dos participantes teve início com uma pergunta sobre o reconhecimento de diferenças nas formas de falar entre os falantes de alemão. A partir disso, todos os entrevistados responderam perceber diferenças na fala de outras pessoas, como exposto no Mapa 17, abaixo, o que demonstra a variação da língua alemã e a competência metalinguística dos participantes.

Mapa 17 – Tem pessoas que falam diferente de vocês?



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Nesse contexto, a percepção sobre diferentes falares varia entre perceber que outros falantes usam outras variedades do alemão, como *Hochdeutsch*, *Bairisch* ou Pomerano, ou notar diferenças no léxico, na fonologia ou na semântica. A percepção linguística e fonológica da variação envolve como os falantes identificam e interpretam diferenças na pronúncia, como a variação entre *Leider/Leeder* (Escada portátil). A variação lexical (ou semântico-lexical) diz respeito às mudanças de significado e ao uso de palavras diferentes para o mesmo conceito, como *Kap/Mitz*. E a variação linguística sintática refere-se às diferenças na organização das palavras, na construção de frases, na regência verbal/nominal ou na concordância dentro de uma língua. Nenhum dos entrevistados citou uma variação sintática, possivelmente devido à falta de estudo formal da língua alemã.

Os participantes de ITA/SJO CaGII citam outras variedades que sabem que outras pessoas usam, como o *Hunsrick* (ITA CaGII F) e o *Plattdeutsch* (SJO CaGII M). Este último cita os imigrantes venezuelanos na cidade que falam português de forma diferenciada. Além dele, a falante ITA/SJO CbGII F também cita os venezuelanos, ressaltando que há mais de 3 mil imigrantes na cidade.

Ainda em relação a outras variedades apontadas pelos entrevistados, citamos o falante MON CaGII M que reconhece diferentes características na fala de moradores de São Lourenço do Sul-RS e de Pomerode-SC, onde já morou e, também, visitou familiares. Os falantes ITA/SJO CbGII F e PAL CbGI M mencionam que as pessoas que falam diferente são aquelas que falam o *Hochdeutsch*. O entrevistado ITA/SJO CbGII M menciona que as pessoas que foram para a Alemanha falam diferente, porém não indicou exemplos. Já o participante MON CaGI M cita que o tio fala diferente, que ele fala o “*richtige Deutsch*” (alemão certo). A variedade *Bayerisch* é citada por PAL CaGII F como uma fala diferente da dela. Nesse sentido, a entrevistada PAL CbGII F consegue perceber diferenças linguísticas, explicando que a entrevistadora falaria mais próximo do *Hunsrückisch* e ela, mais para o alemão mais gramatical, conforme o relato a seguir:

Ja, ich unn du sprechen schon anderscht. Du tust meh nach'em Hunsrücker ziehe, unn ich meh nach'en gramatischen Deutsch, aber nicht richtig gramatisch. (Sim, eu e você já falamos diferente. Você fala mais puxando para o Hunsrückisch, e eu mais para o alemão gramatical, mas não o alemão correto).

Por fim, a entrevistada SCA CaGI F menciona que os mais idosos falam o *Hochdeutsch*. Dessa forma, 10 entrevistados mencionaram perceber diferentes variedades da língua alemã, faladas em diferentes lugares no Brasil e na Alemanha. Essa percepção foi possibilitada pela convivência com pessoas falantes dessas diferentes línguas no seu local de moradia, ou então por morar em outros lugares ou devido a visitas curtas.

5.2.3.1 Percepções fonéticas

Alguns entrevistados destacam que percebem as diferentes pronúncias do alemão, citando, inclusive, exemplos, conforme pode-se conferir a seguir:

Jo, ja mir soohn Uhr; andere soohn Ohr. (Sim, nós falamos relógio, outros falam relógio). (ITA/SJO CaGI F).

Wie mir soohn een dutzend Euer, die seht ein dutzend Eier. Mein Bloos/Blas tot weh. (Como nós falamos uma dúzia de ovos, ela fala uma dúzia de ovos. Minha bexiga dói). (ITA/SJO CbGI F).

Essa percepção de ITA/SJO CbGI F se refere aos sogros dela: a sogra, nascida em São João do Oeste, e que mora ao lado da sua residência; e o sogro, já falecido, natural de Horizontina-RS. A cidade de Horizontina localiza-se na região Noroeste do Rio Grande do Sul, pertence ao ponto RS23⁸⁴, nas pesquisas do Projeto ALMA, é classificado, de acordo com as áreas tipológicas dos tipos *Deutsch* e *Deitsch* (Altenhofen, 2016), como *Hunsrückisch* Rio-Grandense.

Por conseguinte, o entrevistado ITA/SJO CaGI M compara a variação linguística dos seus pais e ilustra com exemplos, conforme pode ser visto abaixo:

Paar Werter; jo, bis mein Mama spricht annester wie meine Papa gesproch hot [...]die Leider unn die Leeder; die Seif unn die Seef; schweise, schweese, Heb unn die Hef. (Algumas palavras, sim, até minha mãe fala diferente que meu pai falava [...]A escada portátil, o sabão, o verbo “soldar”, e fermento). (ITA/SJO CaGI M).

O participante acrescenta ao longo da entrevista que sua mãe é natural de Santo Cristo-RS e, seu falecido pai, natural de Santa Cruz do Sul-RS. Com base na cartografia dos pontos de pesquisa do Projeto ALMA, Santo Cristo representa o ponto RS22 e Santa Cruz do Sul, o ponto RS13. As características distintivas entre os tipos *Deutsch* e *Deitsch* são ilustrados com exemplos, dos quais o participante ressalta que é a mãe quem fala *Seif*, *Leider* e *Hef*. A presença do tipo *Deutsch* em Santo Cristo-RS também foi observada em 2017, durante as pesquisas do IHLBrI, por quatro pesquisadores que descrevem o contexto a seguir:

O Hunsrückisch do tipo *Deitsch* é falado pela maioria católica de Santo Cristo, que ocupa as áreas centrais da cidade. Nos extremos da cidade, onde estão os protestantes luteranos, encontramos o que é chamado no local de Alemão Russo (*Deutsch-russe*), variedade que percebemos ser bem semelhante ao tipo *Deutsch* encontrado em São José do Inhacora. (IHLBrI, 2017)⁸⁵.

Na sequência, a participante PAL CaGI F relata as diferentes pronúncias ao citar o exemplo dos números quatro (*vier*) e quarenta (*vierzig* versus *feetzig*):

⁸⁴ As redes de pontos do ALMA estão disponíveis em: <https://www.ufrgs.br/projalma/rede-de-pontos/> Acesso em: 24 abr. 2026.

⁸⁵ Relato disponível em: <http://ipol.org.br/inventario-do-hunsruckisch-como-lingua-brasileira-de-imigracao-ihlbri-no-sul-do-brasil/> Acesso em: 24 abr. 2026.

Ja, viel. Die honn annre, wie ich ton soohn, vamos supor os número, vier und vierzig, que pra mim era o 44, eles falam fertzig unn feetzig, uma coisa assim, so was. (Sim, muito. Eles falam diferente, como falo, vamos supor os números, quarenta e quarenta, que para mim era o 44, eles falam quarenta e quatro, uma coisa assim, algo assim). (PAL CaGI F).

As variantes *Eier, Blas, Leider, Seif, schweise, Hef e Vierzig* são características do tipo *Deutsch*, e *Euer, Bloos, schweese, Heb, Vertzig* são variantes do tipo *Deitsch*, conforme Altenhofen (2016, p. 120), com versão adaptada em Altenhofen *et al.* (2022), reproduzida nesta tese na Tabela 1, acima.

O participante SCA CaGI M comenta sobre a percepção que teve em relação aos amigos dos avós, moradores de Mondai, que diziam “*zwei*”, enquanto ele fala “*zweu*” (dois). Essa percepção das variantes *zwei* ou *zweu* para o número dois corresponde à pronúncia dos participantes de MON, como na fala “*Bloss die zwei*” (Só essas duas) (MON CbGI M) e “*wer zwei Sprache spricht*” (quem fala duas línguas) (MON CaGII F). Apenas a entrevistada MON CaGI F utiliza a variante “*zweu*”, isso devido ao fato de ter crescido em uma comunidade que antes pertencia a colonização Porto Novo, hoje ITA/SJO, onde, frequentemente, usa-se a variante “*zweu*”. Este é um dado que remete ao fenômeno da metalinguagem, ou seja, o participante SCA CaGI M conhece e sabe que existe, mas não utiliza essa variante.

A seguir, no Quadro 7, a primeira coluna do quadro identifica a sigla do participante da pesquisa, na sequência, a segunda coluna apresenta o tipo *Deutsch* ou tipo *Deitsch* falado pelo entrevistado, as colunas terceira e quarta indicam a origem geográfica do pai e da mãe, respectivamente, e, por fim, a quinta coluna contempla o tipo das variantes *Deutsch* ou *Deitsch* percebidas e, geralmente, exemplificadas nos relatos. A partir da síntese dessas informações, apresenta-se as regiões de origem de familiares dos entrevistados que apresentaram alguma variação fonética/fonológica. Entre eles, estão: ITA/SJO CaGI F, ITA/SJO CbGI F, ITA/SJO CaGI M, PAL CaGI F.

Com a finalidade de compreender o complexo variacional desses falantes, comparou-se a origem geográfica das relações familiares a partir dos dados de Altenhofen (2016), que define as áreas do tipo *Deutsch* e *Deitsch* do Hunsrückisch Rio-Grandense. Conforme o autor, a região do Oeste Catarinense recebeu migrantes das duas áreas, e essas variantes ainda se preservam entre os falantes. Dessa forma, os dados estão de acordo com Altenhofen (2016), visto que os familiares dos participantes desta tese de doutorado são originários de áreas tipo *Deutsch* e *Deitsch*, e utilizam determinada variante, porém percebem e reconhecem a outra, conforme o Quadro 7 a seguir.

Quadro 7 – Tipo *Deutsch* ou *Deitsch* usado e percebido pelos participantes

Participante	Tipo usado pelo/a participante	Origem do pai /tipo	Origem da mãe /tipo	Tipo das variantes percebidas pelo/a participante
ITA/SJO CaGI F	<i>Deitsch</i>	Alemanha	Santa Cruz do Sul-RS <i>Deitsch</i>	<i>Deutsch</i>
ITA/SJO CbGI F	<i>Deitsch</i>	Montenegro-RS <i>Deitsch</i>	Não lembra	<i>Deutsch</i>
ITA/SJO CaGI M	<i>Deutsch</i>	Santa Cruz do Sul-RS <i>Deitsch</i>	Santo Cristo-RS <i>Deutsch</i>	<i>Deitsch</i>
PAL CaGI F	<i>Deitsch</i>	Teutônia-RS <i>Deitsch</i>	Montenegro-RS <i>Deitsch</i>	<i>Deutsch</i>
SCA CaGI M	<i>Deitsch</i>	Não lembra	Montenegro - RS <i>Deitsch</i>	<i>Deutsch</i>

Fonte: Ruscheinsky (2026).

Com base nas informações apontadas acima, o entrevistado ITA/SJO CaGI M relata que o pai – natural de Santa Cruz do Sul-RS – falava alemão de forma distinta ao comparar com o tipo que a mãe – natural de Santo Cristo-RS – utilizava. Ele apresenta exemplos, como *Seif*, entre outros, que enquadram os laços maternos no tipo *Deutsch*; enquanto o lado paterno se insere no tipo *Deitsch*. Conforme discutido anteriormente, com base nos pontos de pesquisa do Projeto ALMA e na definição das áreas tipo *Deutsch* e *Deitsch* (Altenhofen *et al.*, 2020, p. 52), Santa Cruz do Sul-RS é majoritariamente interpretada como área do tipo *Deutsch*, o que causou surpresa ao analisar o relato de ITA/SJO CaGI M.

5.2.3.2 Percepções semântico-lexicais

O uso de termos diferentes para o mesmo conceito ou objeto são citados por quatro falantes. MON CaGI F⁸⁶ cita as palavras que ela e seu marido usam: *Kraut/Kohl*, *Kap/Mitz*, *Gummre/Gurke* (repolho, boné, pepinos). Essa última variação condiz com Schneiders (2017), que mostrou que luteranos utilizam a variante [+standard] *Gurke*, e os católicos realizam a variante [+dialeto] *Kummer*⁸⁷ [sic] (Schneiders, 2017, p. 101).

⁸⁶ Lembrando que essa falante cresceu na comunidade de Catres, que era parte do projeto Porto Novo, exclusivo para alemães e descendentes católicos, e aos 16 anos casou, mudando de religião e passou a morar na cidade de Mondaí.

⁸⁷ Termo usado por Schneiders (2017) para designar a variante.

As variações de falantes do alemão de outros lugares são mencionadas por seis entrevistados. SJO CbGI M ressalta que na sua comunidade não há variação, mas que percebeu uma diferença durante uma viagem que fez, conforme relatado a seguir:

Ja, wo'mo soohn, ai, wie hier unsre Leit, wo du hier, von unser Gomeind, die honn jo der selwich wie mir ewe sooh, der Hunsrick, is der Deitsch. Mas, als gehst du in anner região hinn, mir sinn von draus komm, dot honn mir eene Kerl ongetroff, que ele já é, der ist dot von Vale Real, der hot schon der Deitsch dot von Santa Cruz do Sul, sinn Werter annester né, dai é aquele wie Plattdeitsch, talvez seja desses, wo'ma soohn, is schon nochmo annester; né, awer verstehn tust du, né. (Sim, digamos, aí, como aqui nossa gente, onde você, na nossa comunidade, eles têm o mesmo como nós falamos antes, o Hunsrick, é o alemão. Mas, às vezes vou para outra região, nós viemos de fora, lá nós encontramos um homem, que ele já é, ele é lá de Vale Real, ele já tem o alemão de Santa Cruz do Sul, são palavras diferentes né, daí é aquele como Plattdeitsch, talvez seja desse, como se diz, já é diferente, né, mas você entende, né). (ITA/SJO CbGI M).

Ao ser questionado se lembra alguma palavra que seja diferente, ele cita as palavras “*Heimat/Hemm*”, que ele afirma usar “*Hemm*”. Já o participante SCA CaGII M também cita que algumas pessoas de Santa Cruz do Sul-RS falam diferente: “*die honn poo annre Werter, né, mo soohn, wie mir soohn iwer den "Sichel", soohn die "Fuks"*” (Eles tem algumas outras palavras, né, digamos, como nós dizem sobre a “foice”, eles dizem “foice”). Aqui a metalinguística fica explícita, pois a comparação feita pelo participante exemplificando com base no instrumento de trabalho, a foice, demonstra que ele tem conhecimento em relação à língua do outro. Conhece, mas não usa, sabe quem usa e também conhece a origem das pessoas que usam.

Já a entrevistada SCA CaGII F lembra de vizinhos, na comunidade onde cresceu, que usavam nomes diferentes daqueles usados pela sua família, e essa diferença era assunto em rodas de conversa. Ela menciona que essa variação linguística era atribuída à diferente origem geográfica na Alemanha:

Ja, mir harre in unsre Gemeinde, harre mir Leit wo von annre Pletzer von Deutschland woore unn die harre dann alsmo annre, annre Werter gehat, né, unn mea honn alsmo dodriwer gepleent, né. Wie mea honn dann, wie der Papa hot Milje geplantz, dann honn mea gesooht Milje, né, awer dann woo eene Mann wo von die Gemeinde woo, unn der hot dann gesooht dass were Zea, Zea, ja. Dann honn ich dass als in mein aulas de biologia honn ich dass benutzt faa soohn dann Maizena, né, Zea Mayz is nome científico von Milje, unn dann honn ich dann gesooht, né. Unn faa uns dann, Mais woore Ratte, né. Awer jo, do woore Leit die honn annerschte gesprochen unn dann hot'ma ooch do driwer mit gelernt, né. (Sim, nós tínhamos na nossa comunidade, nós tínhamos pessoas que eram de outros lugares da Alemanha e eles tinham às vezes outras palavras, né, e nós conversávamos sobre isso às vezes, né. Como nós então, o pai plantava milho, daí nós falamos Milhe, né, mas havia um senhor da comunidade, ele então dizia que isso era Zea, sim. Então eu usava isso às vezes nas minhas aulas de biologia eu utilizava isso para dizer então

Maizena, né, *Zea Mayz* é o nome científico de milho, então eu dizia isso, né. E pra nós daí, *Mais* era rato, né. Mas sim, havia pessoas que falavam diferente e então nós aprendemos com isso, né). (SCA CaGII F)

Como exemplo, ela cita os pares “*Milje/Zea*” e “*Ratte/Mais*”, sendo que sua família usa os primeiros termos dos pares. Além de citar a variação, a participante também faz menção a um vocábulo pouco usual na atualidade “*Zea*” de “*Mais*”, que é do nome científico do milho: “*Zea Mays*”, atribuído por Carl von Linné (1707-1778), ou seja, nomenclatura que perdurou viva até a atualidade na fala e na memória dessa informante, mas que possivelmente não exista mais na Alemanha por ser um vocábulo arcaico e, por ter caído em desuso.

Ainda em relação à variação linguística em diferentes lugares percebida pelos falantes de alemão, a entrevistada MON CbGI F cita os moradores da comunidade Catres, Mondaí-SC:

Hier is en região wo viel Deutsch spreche tun. In Catres, hie unner, sinn viele Deutsche, die spreche annester wie ich schon, né, ganz annester, né, [...] na linguagem mais assim de São João, eles puxam mais para a língua de lá. (Aqui tem uma região onde falam muito alemão. Em Catres, aqui em baixo, tem muitos alemães, eles falam diferente de mim, né, completamente diferente, né).

Conforme visto na seção 3.4, a comunidade Catres pertencia ao projeto Porto Novo, assim como o município de São João do Oeste, mencionado pela entrevistada. Catres passou a pertencer a Mondaí em 1954, mas os falantes ainda preservam características na fala que os identifica com a região de Porto Novo, sendo bem perceptível aos demais falantes. O fato de a comunidade ser muito isolada, a 25 km de distância dos centros dos municípios de São João do Oeste e Mondaí, propícia para a manutenção do alemão e das características de sua fala.

Portanto, os entrevistados percebem que há variação na fala do alemão, e citam variações fonológica e lexical. Os participantes também têm conhecimento de diferentes variedades do alemão, e algumas delas são nomeadas. Conforme os relatos, essa variação não representa uma barreira para a compreensão mútua e pode ser identificada como uma característica de falantes de determinado local.

5.2.3.2 Percepções sobre o significado da língua

A seguir, passou-se a analisar as percepções dos participantes em relação à importância do alemão nos locais onde moram, ou seja, o que significa a língua minoritária para esta comunidade multilíngue. A pergunta do questionário é: “*Was representiert die*

Sproch hier fo die Gemeinde?” (O que a língua representa/significa para a comunidade?). Em algumas entrevistas, diante da incompreensão da pergunta por parte do entrevistado, foi necessário refazê-la, ou questionar de outra forma, como, por exemplo: “*Warom sprechst du Deutsch heitzutooch?*” (Por que você fala alemão hoje em dia?) e “*Wie wea das wenn’s du keen Deitsch spreche derfst?*” (Como seria se você não pudesse falar alemão?).

Nas respostas dos participantes, percebe-se que é uma pergunta inesperada, cuja resposta não é fácil nem representa uma unanimidade, que requer um pensamento mais elaborado, gerando expressões de dúvida em relação à resposta, como:

Ja, is ’so, wie soll ich soohn. (Então, é assim, como devo dizer). (ITA/SJO CbGI F).

Wie soll ich das jetz sahe. (Como vou dizer isso agora). (MON CbGII F).

Óia, wie will ich dich sahe. (Olha, como vou te falar). (MON CbGI F).

Ja, was soll ich soohn. (Então, o que devo dizer). (PAL CbGI M).

Considerando que essas falas são resultantes das respostas do grupo da Cb, é possível que o falante se sinta com dificuldades em responder para a entrevistadora sobre algo tão complexo, constituindo um paradoxo do observador. Outra hipótese é que a subjetividade da pergunta expõe a dúvida do falante em relação ao valor da língua, ou seja, não há clareza sobre suas crenças.

Outra característica comum desta resposta foi o uso do português, mesmo por falantes que pouco alternam as línguas durante a entrevista. A participante ITA/SJO CbGI F, depois da frase em alemão sobre o que responder, afirma em português: “É uma coisa familiar assim, segurança.” O entrevistado PAL CaGII M avisa que responde em português: “*Ich tun das antworte in português*: é um resgate, né, de uma cultura, se a gente fala em alemão” (Vou responder em português). Ele justifica sua resposta devido à proibição⁸⁸ que havia em relação ao falar alemão durante o Estado Novo:

Das war ja verboten, friher, meine Mutter die hat ja das mitgemacht, né, die Leut sinn inner, unten Keller gegang, sich versteckt, unn gehorschen ob’s da oben, drinn im Haus, Deutsch gesproch hann, [...] hier in Palmitos, [...] das war damals so, né. (Isso era proibido, antigamente, minha mãe já passou por isso, né, as pessoas entravam, iam debaixo do porão, se escondiam, e escutavam se lá em cima, dentro de casa, falavam alemão, aqui em Palmitos, era assim na época, né). (PAL CaGII M).

⁸⁸ Campos (1998) expõe os efeitos dessa proibição no sul do Brasil e Jungblut (2000) aborda essa proibição ocorrida na região de pesquisa.

Segundo o entrevistado, quando isso ocorria, dois a três dias depois a polícia vinha até a casa, sob a acusação de terem falado em alemão. Às vezes, o pai da família era levado e não se tinha mais notícias dele. Por esse motivo, muitos porões foram fechados com tábuas. Ele ressalta que quem denunciava eram os “traíras”, ou seja, os próprios falantes de alemão que denunciavam os demais, situação também descrita por Jungblut (2000). A entrevistadora pergunta em que anos isso ocorreu, e o participante responde que foi durante os anos de 1946 a 1950, ou seja, depois da Segunda Guerra Mundial, e por isso surgiu a perseguição aos alemães no Brasil, visto que a Alemanha havia perdido a guerra.

Segundo Lasagabaster (2004, p. 402, tradução nossa⁸⁹) “fatores histórico-sociais decisivamente afetam as atitudes” e, certamente, relatos como esses explicam muitas das atitudes dos falantes em relação à língua alemã, visto que nos pontos de pesquisa a língua já foi proibida e seus falantes foram severamente punidos por usá-la.

A cultura e a tradição são mencionadas por oito falantes como o significado atual do alemão na comunidade. Nesse sentido, ITA/SJO CaGII M destaca a cultura: “*Ja, hauptseelich Kultur, wall die, unser Kultur, der Gesang unn die was die Sachen sinn, das ist viel die deutsche Kultur.*” (Sim, principalmente cultura, porque, nossa cultura, o canto e essas coisas, é muito da cultura alemã).

Com a redução do uso das variedades alemãs e o advento do monolinguismo português, a preservação da cultura passou a ser a principal forma de manter, presente e viva, as questões de identidade e de sentimento de pertencimento. A estigmatização das línguas minoritárias fez com que outros elementos extralinguísticos tomassem frente na representação da identidade e, na maioria das vezes, essa representação está fortemente ligada à economia e à geração de lucro. No momento em que a língua perde espaço e é substituída pelas festas tradicionais, como a *Oktoberfest* ou por comidas (chucrute, *Eisbein*), bebidas (chopp, cerveja), todas consideradas atividades que visam o lucro, a língua fica em último plano (Krug, 2011).

A língua portuguesa é usada por MON CaGI M, possivelmente por não saber as palavras em alemão: “*Denke das is cultural, né, questões culturais*” (Penso que é cultural, né, questões culturais). Além da cultura, o participante SCA CaGII M afirma que falar alemão é mais uma forma de comunicação:

Wechem questão cultural, né, é, unn is gut noch en Gespräch kenne honn, tut'ma immer, eh, sich besser comunicuere mit annre Leit né. (Por causa da questão

⁸⁹ Do inglês: “*Sociohistorical factors decisively affect attitudes*”.

cultural, né, é, e é bom poder ter uma conversa ainda, a gente sempre, eh, se comunica melhor com outras pessoas né). (SCA CaGII M).

Já o participante jovem SCA CaGI M atribui beleza à capacidade de falar alemão e à possibilidade de prolongar a tradição: *“Ich menne, dass is scheen, wenn’ma kann unser tradition prolongiere”* (Eu acho, que é bonito, quando podemos prolongar nossas tradições). Dessa forma, a língua alemã, além de ser um sistema de comunicação, é também um instrumento primário para a construção da identidade cultural (Le Page e Tabouret-Kellet, 1985).

Outro grupo de respostas analisadas vincula-se à valorização da língua, tanto em relação ao falante na hora da inserção no mercado de trabalho quanto ao valor atribuído à própria língua. A partir disso, a entrevistada MON CaGII F sugere: *“Wer kann Deutsch spreche, der hat was grosses, denke ich”* (Quem consegue falar alemão, esse tem uma grande coisa, eu acho). Ela explica que, quem fala duas línguas está em vantagem em relação a quem fala somente uma língua. Ela lembra que, quando criança, sentia vergonha de falar alemão, pois não tinham permissão para falar, era considerado feio, então, com isso, ela fingia que não falava alemão. Atualmente, ela está feliz por saber as duas línguas e sente orgulho disso.

A necessidade de haver mais falantes de alemão para aumentar sua importância é destacado por MON CbGI M: *“Ich meine wee importante unn noch mehr importante wenn noch mehr Leut tere uff Deutsch spreche”* (Eu acho que é importante e mais importante seria se mais pessoas falassem em alemão). Ele cita um episódio quando ajudou um senhor de idade a solicitar o que queria para o lojista, pois aquele não sabia o nome em português, e este não entendia alemão. Para amenizar tais problemas, há uma prática muito comum que ele relata a seguir:

Sinn viel mercados wo wenigst eine Mensch soll uff Deutsch spreche, wo’s se wolle contratiere. [...] Io, die passe dass uff, die tonn das net in die mídia rinn, né, awer wenn die entrevistas komme, frohe’s se ‘Weist du uff Deutsch spreche?’. (Tem muitos mercados onde ao menos uma pessoa deve falar alemão, que queiram contratar. Sim, eles cuidam, não divulgam na mídia, né, mas quando chegam nas entrevistas, perguntam “Sabe falar alemão?”). (MON CbGI M).

Nesse contexto, os falantes de alemão são valorizados pelo comércio que deseja atendê-los da melhor forma possível, inclusive contratando pessoas que possam compreender e falar a língua. Porém, o fato de o empregador não noticiar essa preferência, pode indicar que não é um fator necessário para ser contratado ou, também, pode indicar receio em expor essa condição.

Da mesma forma, o entrevistado PAL CbGI M afirma: “*Heit wenn eene Deitsch spreche kann, sinn viel Pletzer wo’s valoriziere*” (Hoje, quando alguém sabe falar alemão, têm muitos lugares que os valoriza). Já o participante SCA CbGII M também destaca que as pessoas se comunicam em alemão pois a maioria ainda fala essa variedade, alguns não sabem falar em português, sendo que há estabelecimentos comerciais que remuneram mais aqueles que falam alemão:

Ah, doh sinn Leit wo Deitsch spreche, wall’s Deitsch, die Familie ganz Deitch is. [...] unn doh sinn noch Leit wo kein Brasilianisch kenne spreche. Ich weiss in die lojas, né, wenn eine Deitsch kann, tun’s mehr kriehn schon. (Ah, tem pessoas que falam alemão, pois são alemão, a família toda é alemã e ainda tem pessoas que não conseguem falar brasileiro. Eu sei que nas lojas, né, quando alguém sabe alemão, já é melhor remunerado). (SCA CbGII M).

Além disso, seis participantes percebem o uso do alemão como um costume, ou seja, falar alemão é algo natural do seu cotidiano. Com base nisso, ITA/SJO CbGII F afirma que a língua alemã inicia a partir da interação, e se os dois ou mais compreendem essa língua, a conversa prossegue. Vejamos o relato dela:

Is’ma am verzehle unn dann kommt der Deitsch rinn, gell, unn dann, wenn die dann Deitsch weiter, mich weiter antworte, dann tun mir Deutsch⁹⁰ spreche. (Estamos conversando e então o alemão entra, né, e então, quando eles então continuam em alemão, me respondem em alemão, então nós falamos alemão). (ITA/SJO CbGII F).

Da mesma forma, e exemplificando a inserção da língua alemã na fala em português, ITA/SJO CbGII M considera ser mais fácil conversar em alemão:

Olha, acho que é mais facilidade ainda, mir sinn das so gewohnt, weest du [...], tust bloss Deitsch spreche. (Olha, acho que é mais facilidade ainda, nós estamos acostumados assim, sabe, só se fala alemão).

Já o participante SJO CaGI M sente maior dificuldade em falar sobre o significado do alemão na comunidade:

“Ja, das is awer, das is alles, wie’mä seht, ich weess net ausleje richtig wie”. (Sim, isso é mas, isso é tudo, como se diz, eu não sei explicar direito).

⁹⁰ Destacamos aqui o monitoramento da fala, pois primeiramente usa *Deitsch* por duas vezes, e ao final usa *Deutsch*. A participante aproxima sua fala à variedade padrão.

A entrevistadora perguntou como seria se o participante não pudesse falar em alemão a partir de amanhã. Com isso, os entrevistados SJO CaGI M e MON CbGII F refletem e respondem:

Das weer, kann'ma goonet ausleje wie das weer, dass weer ganz spassich⁹¹, das kann'ma sich goonet vorstelle. (Isso seria, nem dá para explicar como seria, isso seria muito esquisito, nem dá pra se imaginar). (SJO CaGI M)

Wie soll ich das jetzt sahe ... wall'se das gewohnt sinn, von klein an. (Como vou dizer isso agora...porque estamos acostumados, desde pequenos). (MON CbGII F).

O participante MON CaGII M responde que é normal falar alemão na cidade em que vive: “Hier in Mondaí is so normal.”, e o entrevistado SCA CbGI M acredita que o costume, isto significa, o hábito de falar alemão, é preservado:

Ja, weer gut wenn die Leit die costumes, die linguagem tere preserviere, gel, dass'es lenger bleibt, né. (Sim, seria bom se os costumes fossem preservados, se preservassem a linguagem, né, para se manter por mais tempo, né).

É importante salientar que metade dos seis participantes que associam o uso da língua alemã à ideia de “costume” é do ponto ITA/SJO (CbGII F, CbGII M, CaGI M). Isso evidencia que a língua alemã é muito usada nesse ponto de pesquisa, por isso os falantes a consideram um costume.

Além disso, a confiança é destacada por três participantes, todas mulheres jovens. Nesse sentido, ITA/SJO CaGI F acredita que as pessoas falam alemão para se sentir melhor e, consequentemente, se sentem mais confiantes para interagir na língua em que se identificam. Vejamos o relato a seguir:

Ich denke fo sich besser fihle, né, dann mit die Leit wo se Deitsch spreche, wenn'se hette mehr, wie sooht'ma, mehr gloowe, orrer, não sei, [...] meh confiança. (Eu acho que é para ser sentir melhor, né, daí com as pessoas com quem se fala alemão como se tivesse mais, com se diz, mais confiança, ou, não sei). (ITA/SJO CaGI F).

A participante ITA/SJO CbGI F comenta sobre a conversa em alemão que teve com outros falantes em uma sala de espera de um centro médico; alguns eram de Itapiranga, outros de Saudades. Ela relata que o uso da língua alemã a fez ‘sentir-se em casa’, conforme pode ser lido a seguir:

⁹¹ No *Hunsrückisch*, *spassich* significa ‘estranho’; no *Hochdeutsch*, ‘divertido’.

Ja, wie soll ich soohn, é uma coisa familiar, assim, eh, segurança, du tust dich gut fihle, du weest das du dehem bist. (Bom, como devo dizer, é uma coisa familiar, assim, eh, segurança, você se sente bem, você sabe que está em casa). (ITA/SJO CbGI F).

Já a participante SCA CaGI F demonstra que sente satisfação em poder conversar em alemão:

Jah, is gut wenn'ma kann verzehle in Deutsch, weest du, ich menne das weer, isso, wie kann'ich soohn, das, se sente mais à vontade parece, [...] wenn der annre ooch kann spreche. (Sim, é bom quando podemos conversar em alemão, sabe, eu acho que isso é, isso, como posso dizer, isso, se sente mais à vontade, [...] quando outros conseguem falar também).

Dessa forma, como Le Page e Tabouret-Kellet (1985) argumentam, os falantes moldam sua língua para se identificar com grupos específicos, agindo de acordo com a identidade dos demais falantes, para alcançar o pertencimento de grupo.

Três participantes responderam que o alemão é mais falado pela população idosa e demonstraram preocupação em relação ao futuro da língua na sua comunidade. Entre as respostas, destacamos duas: o participante PAL CaGI M reflete sobre as atitudes e crenças dos falantes jovens, que valorizam o alemão, porém não o ensinam aos filhos, pois é mais fácil conversar em português. O próprio participante inicia seu relato em alemão e, na sequência, prossegue em português:

Ja, unn jetzt. Die Leut sprechen viel. Os mais velhos, como é? [...] die Eltre, alles, ich sinn Deutsch, du bist Deutsch, du sprichst alles Deutsch, awer die Junge, nicks, nada. Então, acaba que eles falam muito que precisa valorizar, precisa voltar, mas não tem o incentivo, não ensinam talvez, não partem de casa, não tiram aquele tempo. Eles gostam, eles valorizam e querem que seja valorizado, acho que até os próprios jovens, né, como eu, porém, parece que no português fica tudo mais fácil, obviamente fica né, mas a gente acaba não... tipo agora né. (Bom, e agora. As pessoas falam muito. Os mais velhos, como é [...] os mais velhos, tudo, eu sou alemão, você é alemão, você fala tudo alemão, mas os jovens, nada). (PAL CaGI M).

Considerando esse aspecto, a participante PAL CbGI F, além de demonstrar que a língua alemã deveria continuar sendo usada na comunidade, expressa que a maioria não fala mais. Veja o relato a seguir:

Ich denke das is was gutes, ma misst das weiterfihre fo net an Enn gehn. Awer, heutsestaachs die mehrste tun nimme spreche, né. (Eu acho que é uma coisa boa, a gente deveria continuar para não acabar. Mas, hoje em dia a maioria não fala mais, né). (PAL CbGI F).

As opiniões dos participantes sobre a importância da língua alemã nas suas comunidades podem ser organizadas em um contínuo, assim como Labov (2008) fez sobre as atitudes em relação a *Martha's Vineyard*. Esse contínuo segue do 'muito positivo', 'positivo', 'negativo' ao 'muito negativo'; porém, nenhum falante expressou um sentimento de rejeição ativa ou repúdio à língua.

A resposta considerada 'muito positiva' foi do entrevistado ITA/SJO CaGI M. Ele menciona que sentiria a falta do uso da língua alemã de forma tão extrema que seria "muito esquisito" (*ganz spassich*) e "inimaginável" ficar sem falar o alemão. Além disso, o sentimento de segurança e de bem-estar é perceptível nas falas de ITA/SJO CbGI F, SCA CaGI F e ITA/SJO CaGI F.

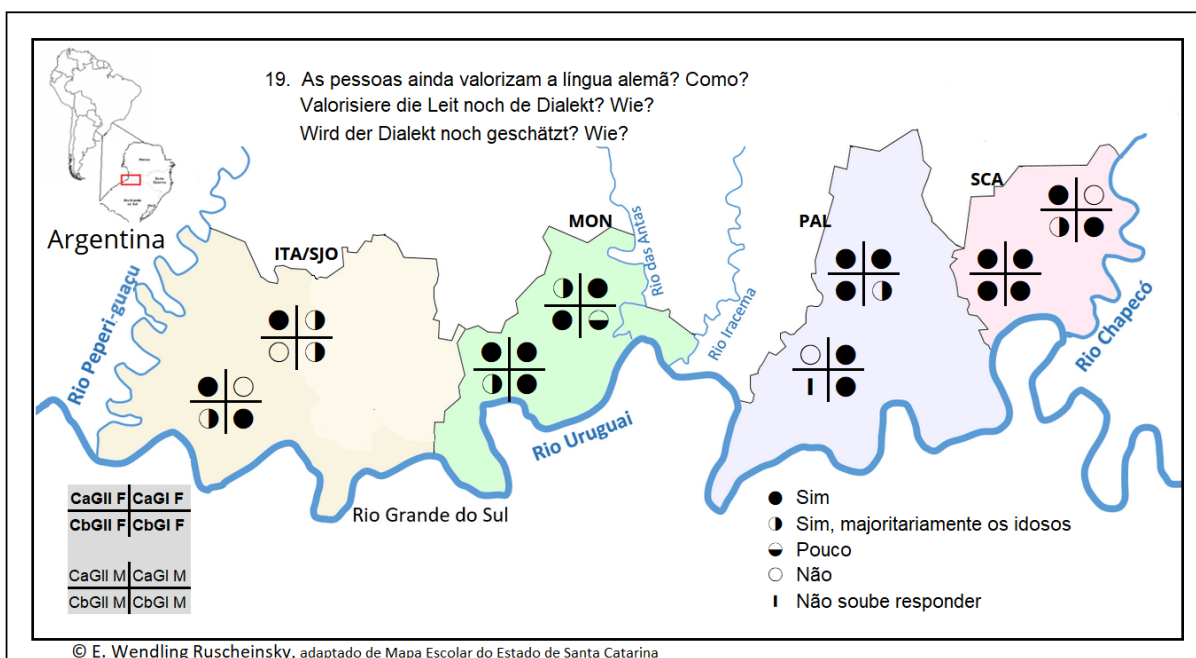
Seguindo essa perspectiva, o entrevistado SCA CaGI M considera bonito poder prolongar as tradições através da língua, e a entrevistada MON CaGII F sente orgulho de poder falar uma língua além do português. Dessa forma, percebe-se que a maioria das respostas foram 'muito positivas' ou 'positivas' e foram dadas pela geração jovem, o que pode configurar como um fator de manutenção linguística. Além disso, as respostas positivas destacam a valorização no comércio, o costume, a melhor comunicação entre as pessoas e a tradição. Já nas respostas negativas, os participantes lamentam a falta de incentivo e de continuidade no uso do alemão.

Nesse contexto, a importância do alemão, de acordo com os participantes, nos pontos de pesquisa, transcende a mera comunicação, sendo um pilar essencial da identidade cultural e um forte marcador de pertencimento social e emocional. Dessa forma, a língua é vista como um tesouro cultural a ser mantido, em contraste com o período de proibição, e confere orgulho e, até mesmo, vantagem econômica aos falantes no comércio local. No entanto, essa valorização coexiste com a preocupação prática sobre a sua manutenção, pois a conveniência da língua majoritária ameaça a continuidade do alemão com as gerações novas, apontando para a necessidade de incentivo para que o que é percebido como um "costume" não se extinga.

A seguir, foram analisadas as respostas dos participantes sobre a valorização da língua alemã na comunidade. É evidente que os entrevistados valorizam a língua alemã, afinal, concordaram, de forma espontânea, sabendo não receber nada em troca, em dedicar um tempo (entre uma ou duas horas) para participar de uma entrevista sobre a qual apenas sabiam que seria em alemão. Por meio das respostas a essa pergunta, pretende-se expor e analisar a percepção que os falantes têm da realidade a sua volta, em que consideram o passado, comparam com outras comunidades ou com o que almejam, ou pensam que seria o adequado.

Na sequência, o Mapa 18 apresenta os dados condensados das respostas dos participantes e, em seguida, foram disponibilizados alguns relatos sobre como a língua é valorizada.

Mapa 18 – As pessoas ainda valorizam a língua alemã?



Fonte: Ruscheinsky (2026).

A síntese das respostas dos entrevistados, com base no Mapa 18, indica que a grande maioria dos entrevistados julga que a comunidade valoriza a língua alemã, pois dezenove respostas são afirmativas e sete também o são, mas ressaltam que essa valorização ocorre principalmente entre os idosos. Em contrapartida, quatro participantes responderam que as pessoas não valorizam a língua alemã, pois consideram que deveria haver mais ações voltadas à sua valorização ou, ainda, comparam a situação atual com o passado, período em que acreditam ter havido maior valorização dessa língua; e, além disso, uma entrevistada afirmou que há pouca valorização.

Entre as respostas afirmativas, destacamos duas do ponto ITA/SJO que mencionam também a valorização da música e das comidas. Veja o relato a seguir:

Ganz viel, wir haben, und nicht nur die Sprach, und, aber so auch das andre von die Kultur; also, die Musik, das Tanz, und das, ehm, die Trachten, das Essen. (Muito, nós temos, e não apenas a língua, e, mas também as outras da cultura, também, a música, a dança, e a, ehm, os trajes, a comida). (ITA/SJO CaGII F).

Nesse sentido, de acordo com ITA/SJO CaGII M, a tradição não acaba com tanta rapidez e deve ser continuamente cultivada, conforme se observa a seguir:

Die tun das noch valoriziere [...], das Deutsche vergeht so schnell nicht, wall doh is eine Tradition, unn die Tradition die musst du ja immer cultiviere. (Eles ainda valorizam [...], o alemão não termina tão rápido, pois tem uma tradição, e a tradição sempre deve ser cultivada).

Além disso, o entrevistado ITA/SJO CbGI M destaca que o alemão é necessário e muito frequente nas assembleias do clube comunitário, como se verifica na fala a seguir:

Du kriegst aach goonet mit die Leit gesprochen, kriegst die net, wo'mo soohn, ai, wie die, wie mit die idosos, né, die komme dann jo goonet bei, wenn's du mo willst português, wo'mo soohn, assembleias wo'ma harre, oft sinn momente hinn komm wo geht in Deutsch los, wall die tun die Hand hewe, wenn die was bitte, is in Deutsch, die tun net, kannst die assembleia wo'mo soohn in português onfenge, los, wenn eene will een, was een dúvida holle, orre was nenne, gel, der tut dich das is in Deutsch, automaticamente geht die schon in Deutsch nochmol los unn mir honn nechst keen sócios gehabt wo net [Deutsch wusste]. (Você também nem consegue falar com as pessoas, não consegue, como se diz, aí, como eles, como com os idosos, né, eles daí já nem comparecem, quando você quer em português, digamos, teve assembleias, muita vezes chegamos em momentos que seguiu em alemão, porque eles levantam a mão, quando eles perguntam algo, é em alemão, eles não, pode começar a assembleia em português, vai, quando um quer, uma tirar uma dúvida, ou opinar algo, né, ele vai fazer isso em alemão, automaticamente ela já continua de novo em alemão e nós tínhamos quase nenhum sócio que não sabia alemão. (ITA/SJO CbGI M).

Com base neste relato, percebeu-se que a dificuldade dos idosos em se expressar em português, aliada a percepção de que se expressam melhor em alemão, pode resultar em atitudes que excluem os não falantes, e, até mesmo, os falantes passivos. Já os não falantes, muitos deles jovens, preferem deixar de participar das assembleias. Dessa forma, evidencia-se novamente o linguicismo (Skutnabb-Kangas e Phillipson, 1995), pois pratica-se a seleção dos indivíduos pela língua que falam. Este relato indica que são os idosos que impõem a escolha da língua, sendo que a geração mais jovem apenas prossegue nessa língua por ser mais adequada, como o participante esclarece: “*Das is leichter, do versteht'ma sich leichter, né*” (É mais fácil, a gente se entende melhor, né).

A quantidade de falantes de alemão é destacada por MON CaGII M:

Ich glaube ja, immer, wie immer tut das valorieziere, aber is nicht mal, is nicht so, ich hab das hier in Mondaí, merke ich das, nicht so, wie in annre Platz wo ich gewohnt hab, wall dot habe ich 'sprecht du Deutsch, oba, wie scheen, wie gut, não sei o que', hier in Mondaí is das normal. (Eu acredito que sim, sempre, como sempre se valoriza, mas não é mais, não é como, eu tinha isso aqui em Mondaí, eu percebo isso, não é, como nos outros lugares onde eu morei, porque lá eu tinha 'você

fala alemão, oba, que bonito, que bom, não sei o que', aqui em Mondaí isso é normal). (MON CaGII M).

Percebe-se que o entrevistado, ao comparar com outras cidades onde já morou, declara que em Mondaí-SC a população não atribui valor à língua alemã pois é algo normal, do cotidiano, em que todos usam a língua. Quando não é um diferencial, deixa de ter valor comercial e é normalizado. Por outro lado, esse participante percebe que ao falar em alemão com os clientes, estes ficam mais alegres.

Nesse contexto, a participante PAL CbGII F acredita que o alemão é valorizado, e cita a união como um dos motivos: *“Ja, ich denke ja, weil jede, wie sacht'ma, die Deutsche tun unnersich mehr halle”* (Sim, eu acho que sim, porque cada, digamos, os alemães interagem mais entre si”. Essa “comunidade demograficamente representativa e coesa” (Altenhofen, 2024, p. 18) favorece a manutenção da língua minoritária, pois representa um apoio ou oportunidade de usar a língua.

Os dois participantes da geração jovem do ponto SCA também citam a grande quantidade de falantes de alemão como um indicador da importância da língua. A mulher destaca que todos são de origem alemã:

Io, die tun viel, wall's pur Deutsche sinn. (Sim, eles falam muito, porque são puro alemão). (SCA CbGI F).

Por outro lado, o homem demonstra que há uma substituição da língua, principalmente entre os jovens:

Do sinn Pletzer wo starik druff oon sinn, awer doromm so langsam losse die Leit dass bissje gehn, iwerhaupt die Junge. (Tem lugares que é muito forte, mas por aí devagar as pessoas deixam isso um pouco, principalmente os jovens). (SCA CbGI M).

Quando interrogado se os jovens na comunidade, onde reside, sabem alemão, ele afirma:

Hier in Aguinhas, die wisse all, awer die benutze's wenich. (Aqui em Aguinhas, todos sabem, mas usam pouco). (SCA CbGI M).

Percebe-se a valorização dos falantes jovens, pois muitos dos seus pares, seus amigos, não adquiriram a língua e, como adultos, têm dificuldade de aprendê-la. Já a geração velha

considera que os jovens valorizam pouco, pois têm como referência as experiências do passado, quando grande parte da população falava a língua.

Essa grande quantidade de falantes também é ressaltada por SCA CaGII M. O entrevistado da segunda geração desse ponto de pesquisa, que já foi prefeito do município e, atualmente, é empresário no município, declarou a porcentagem de falantes de alemão no município: na cidade, 20% de falantes; na comunidade de São Sebastião (sua comunidade de origem), seriam 90% e na comunidade de São João, 80%. Percebe-se que a língua alemã “possui um espaço de ocupação delimitável, não necessariamente rural, mas com uma territorialidade de uso” (Altenhofen, 2024, p. 18) reconhecida pelo falante, e também pelos jovens dos pontos de pesquisa. Seguindo essa perspectiva, a territorialidade da língua alemã também está presente no relato de participantes: “...unn dann mit die ganze Leut hier in Ervalzinho, die spreche all Deutsch” (...e com todas as pessoas aqui em Ervalzinho, todas falam alemão). (ITA/SJO CaGI M).

O censo realizado em 2007 no município de São João do Oeste revelou percentuais de “92,9% da população do município fala a língua alemã” e “94,7% da população do município entendem a língua alemã” (São João do Oeste, SC, Decreto nº 83/2009)⁹². Com base na pesquisa de Pertile (2009) sobre o talian na região noroeste do RS, compreende-se que o *status* institucional é um fato que representa um avanço no caminho da valorização e reconhecimento; porém, o uso da língua ainda depende do que sua comunidade de falantes decidir.

Em relação à valorização do alemão, sete respostas foram afirmativas, mas ressaltam que são majoritariamente os idosos que valorizam a língua alemã, como as respostas de SJO CbGI F e MON CbGII M respectivamente:

Ja, mir valoriziere.[...] Ich menne, die Eltre iwerhaupt, awer die Jungere wess'ma net. (Sim, a gente valoriza. [...] Eu acho, os idosos principalmente, mas os jovens não se sabe).

Etliche ja, iwerhaupt die Eltre, wo unser elter honn, bissje junger, wo uff die Kolonie wohne. (Alguns sim, principalmente os idosos, que têm nossa idade, um pouco mais jovens, que moram na colônia).

Em contrapartida, a participante ITA/SJO CaGI F relata a vergonha e a estranheza como motivos para a geração mais jovem não falar alemão:

⁹² Disponível em: <http://leismunicipa.is/03l8z>. Acesso em: 21 abr 2026.

Ah, die eltre Leit, jo, awer die Jungere die als'mo tun se's verstehn awer verzehle net. Porque 'ich scheeme mich orrer das kommt so spassich raus', das tun'se immer soohn, weeren motivos das'se net tete verzehle. (Ah, os mais idosos, sim, mas os jovens, esses às vezes entendem, mas falar não. Porque 'eu tenho vergonha ou isso soa meio estranho', isso eles sempre falam, seriam os motivos para não falar). (ITA/SJO CaGI F).

Esse relato indica que a geração nova precisa aprender o alemão de forma sistemática, pois não está inserida, na maior parte do tempo, em ambientes nos quais essa língua seja a mais usada. Ou seja, atualmente, essa geração não adquire mais a língua, assim como seus pais, pois não está exposta continuamente aos usos do alemão; por isso, falar essa língua pode soar estranho e gerar vergonha.

Apesar disso, os participantes consideram que a língua alemã é valorizada principalmente devido à grande quantidade de falantes, como indicam os entrevistados SJO CbGI M, MON CaGII M, PAL CbGII F e SCA CbGI F, e devido à tradição e festas, conforme as respostas de ITA CaGII F e SJO CaGII M. A grande quantidade de falantes é mencionada por participantes de ambas as gerações e de todos os pontos de pesquisa. Por outro lado, as tradições e festas são citadas somente pela geração acima de 55 anos do ponto ITA/SJO. Essa diferença pode ser explicada pela concepção que os participantes têm sobre o que é valorização: é possível que para a GII de ITA/SJO é necessário haver mais do que apenas o “falar alemão”, são necessárias festas e preservação das tradições. Ou seja, a língua é mais valorizada quando ela é vista como algo muito positivo economicamente.

Em geral, quatro respostas foram interpretadas como negativas, conforme os relatos a seguir:

Nimme so wie die Johre, denke ich. Ich denke die tun lieber annre Sprache heit spreche. (Não como antigamente, eu penso. Eu acho que preferem falar outra língua hoje). (ITA/SJO CaGI M).

Is viel leichter portugûês, né, in die Schul unn so weiter, né, alles, in mercado, alles Portugesisch né, dann Deutsch, das is jo nicht so weert né. (É bem mais fácil o português, né, na escola e por aí diante, né, tudo, no mercado, tudo português né, então alemão, isso já não tem tanto valor né). (PAL CaGII M).

Percebe-se que há falantes de alemão, muitos deles, assim como os entrevistados, que não usam a língua fora do ambiente familiar por vergonha ou preconceito em relação à língua minoritária. Ao citar a escola como um local que facilita o uso do português, isso indica que a instituição de fato estimula o monolinguismo.

A entrevistada SCA CaGI F afirma que deveria ter maior valorização, e cita amigas cujos pais falam alemão, mas elas não adquiriram a língua, pois, segundo ela, não mostram interesse:

Was soll ich soohn von das, ich menne net so wie's muss sinn, né, porque annre língua spreche das is gut, gell, unn die Leit tun net das aproveitiere, hier, né. Que nem, ich honn amigos, die Papa unn die Mama tun alles Deitsch spreche, awer die kann net, die tun net lenne, net sich interessiere, woll'ma so soohn. Então, ich menne, que é importante, mas não dão valor, né, na minha opinião. (O que devo dizer disso, eu acho que não é como deveria ser, né, porque falar outra língua é bom, e as pessoas não valorizam isso, aqui, né. Que nem, eu tenho amigos, o pai e a mãe falam tudo em alemão, mas eles não conseguem, eles não aprendem, não estão interessados, digamos. Então, eu acho, que é importante, mas não dão valor, né, na minha opinião). (SCA CaGI F).

No entanto, a participante ITA CbGII F nega haver valorização da língua, e não apresenta motivos para sua resposta. Diante da sugestão, por parte da pesquisadora, em relação a atividades que promovam a língua em escolas ou igrejas, ela afirma não conhecer nenhuma. Nesse caso, entende-se que a negação da valorização da língua minoritária é decorrente da comparação a tempos anteriores ou, até mesmo, da relação com o saber ou aprender outras línguas. Assim, as respostas negativas indicam que a língua alemã já foi muito valorizada nos pontos de pesquisa e atualmente não apresenta esse mesmo *status*; em contrapartida, outras línguas apresentam esse prestígio, como o português e inglês.

Ao serem questionados sobre como ocorre a valorização da língua alemã, alguns participantes conseguiram dar exemplos, enquanto outros não. O fato de a resposta não apresentar exemplificação não inviabiliza sua análise, visto que os falantes expressam suas crenças, ou seja, o que sente ou faz o juízo de valor (Moreno Fernandez, 1998).

Por outro lado, muitos entrevistados, de todos os pontos de pesquisa, citaram a preferência de contratação de falantes de alemão no comércio e prestação de serviços locais. A partir disso, a participante ITA CaGI F menciona que é possível que vendas deixem de ser realizadas quando não há atendimento em língua alemã, conforme se observa a seguir:

Porque dann wenn Leit rennnkomme unn fenge on se verzehle Deitsch, unn keene wees, dann tun'se schon net verkoofe, né. Unn das wees ich etwas wo hier, in die Stadt, noch die Leit viel uffpasse tun, die wo wisse verzehle orrer wenigst verstehn tun, die krien ender een vaga do que die annre wo nicks, wo net verstehn tun. Orrer tun talvez een vaga foo atendimento orrer [...] misse was annres schaffe gehn. (Porque quando entram pessoas e começam a conversar em alemão, e ninguém sabe, daí já não vai vender, né. E isso eu sei de uma coisa que aqui, na cidade, as pessoas ainda cuidam muito, aqueles que sabem conversar ou ao menos entendem, eles conseguem antes uma vaga que aqueles que nada, ou não entendem. Ou apenas conseguem uma vaga para atendimento ou [...] precisam trabalhar outra coisa). (ITA CaGI F).

Nesse sentido, outros participantes citam a preferência por contratar falantes de alemão:

Doch, doch, is immer noch, mo soohn, é, balconista, atendente wo kann Deutsch verzehle hot immer noch. (Sim, sim, ainda é, digamos, é, balconista, atendente que sabe falar alemão ainda tem sempre preferência). (SCA CaGII M).

In die Stadt, oft né, in die Lojas, hann'se genn wenn Leut Deutsch spreche wo wolle schaffe, né, weche sinn immer eltre Leut wo net verstehn richtig Brasilianisch. (Na cidade, muitas vezes, né, nas lojas, eles gostam quando falantes de alemão querem trabalhar, né, porque tem sempre pessoas mais idosas que não entendem brasileiro). (PAL CbGI F).

O entrevistado MON CaGI M chega a citar sua avó, que precisa de atendimento em alemão:

Ja, valorizieren, ja. Éh, ich denke so in Bank, sinn viel Leut von die Kolonie wo hinn gehn, die sprechen bloss Deutsch, né, wie mein Omma, né, die wenn in Bank geht muss Deutsch spreche mit eine, né, denn muss eine sinn fo mit'se verzehle dot. Die verzeht zu schlecht Brasilianisch, né, [...]. Der comércio muss eine, pelo menos, ein Person hann fo mit die Leut spreche. (Sim, valorizam, sim. Éh, eu acho que no banco, tem muitas pessoas da colônia que vão, elas falam só alemão, né, como a vovó, né, ela quando vai ao banco tem que falar alemão, né, então precisa ter alguém que converse com ela. Ela fala muito mal brasileiro, né, [...]. O comércio precisa de, pelo menos, uma pessoa para conversar com as pessoas). (MON CaGI M).

Esse mesmo entrevistado, que aqui destaca a importância de haver um falante em cada estabelecimento, na pergunta sobre o uso da língua alemã no comércio, respondeu que não usa o alemão, conforme Mapa 15. Segundo Kaufmann (2011), já é fato constatado que os falantes mentem para não parecerem preconceituosos. Assim, percebeu-se a contradição entre a crença do falante, ou seja, é necessário que o comércio empregue falantes de alemão, mas sua atitude não condiz com a expressão dessa necessidade, pois ele poderia interagir no comércio ao encontrar um falante de alemão.

Essa necessidade de ter falante de alemão nos estabelecimentos também é ressaltada pelas duas entrevistadas da Ca F e o participante jovem da Cb de Mondaí, e por SCA CbGII M. Assim, 8 participantes destacaram que a preocupação em disponibilizar atendimento em língua alemã é uma prática comum no ponto de pesquisa.

Outra prática citada pelos participantes sobre a valorização da língua são as aulas de alemão. O entrevistado SJO CbGI M menciona que seus filhos têm aulas de alemão na escola, com uma hora/aula semanal até o quinto ano, pois esse tipo de ensino é abrangido pela rede municipal de educação. Já a entrevistada MON CaGII F também cita aulas de alemão:

In die prefeitura war, honn'se ein Klass wo is Deutsch, uma disciplina, konnte die Kinner Deutsch lerne, die Kleine unn die Grosse. [...] Jetzt weiss ich nicht ob jetzt noch is, aber war, in, ali em 2020, 2021, wo ich noch geschafft honn in Mondai, tinha uma disciplina Deutsch. (Na prefeitura tinha, havia uma aula que era alemão, uma disciplina, as crianças podiam estudar alemão, os pequenos e os grandes. [...]) Agora não sei se ainda tem, mas tinha, em, ali em 2020, 2021, quando eu ainda trabalhava em Mondai, tinha uma disciplina alemão).

Em conversa com servidores da Secretaria de Educação do município de Mondai-SC, recebemos a informação de que essas aulas não ocorrem mais, pois faziam parte de um projeto, e não da grade curricular. A participante MON CbGI F também teve aulas de alemão como língua estrangeira no Ensino Médio, mas atualmente o colégio não oferta mais essa disciplina.

Além disso, as celebrações religiosas também foram citadas como uma forma de valorização da língua alemã por MON CbGII F e por PAL CaGII F:

Die Taache Ahms hat'ma hier Encontro de Família gehabt, dann warn nur Deutsche gewest, dann war das Deutsch, bloss das Singe dann nicht. (Naqueles dias nós tivemos Encontro de Família, daí só tinha alemão, daí foi em alemão, apenas as canções não). (MON CbGII F).

Doch! Hier in Palmitos is'es sogar noch deutsch Kerich, culto, is noch Deutsch. Sexta-feira Santa is ein culto uff Deutsch, [...] die Predich unn alles. [...] Komme nicht viel, mehr die Eltre, heitzestooch in die Kerich komme meerst die Eltre. (Sim! Aqui em Palmitos até ainda tem igreja em alemão, culto, ainda é em alemão. Sexta-feira Santa tem um culto em alemão, [...] a reza e tudo. [...] Não vem muitos, mais os idosos, hoje em dia na igreja vêm principalmente os idosos). (PAL CaGII F).

Outros participantes mencionaram as celebrações religiosas ao serem questionados se usam a língua alemã na igreja (Mapa - Uso do alemão na igreja), porém não as incluíram nas práticas de valorização da língua.

No entanto, a entrevistada SCA CbGII F, ao ser questionada sobre como o alemão pode ser valorizado, expressou-se de forma simples usando as duas línguas que conhece:

Falar, eu acho. Spreche, ja, weche denn, porque única coisa é spreche immer, pra não perder. (Falar, eu acho. Falar, sim, porque daí, porque única coisa é sempre falar, para não perder). (SCA CbGII F).

Para ela, usar a língua alemã é a forma que as pessoas têm para valorizar e preservar. Como é uma prática que todos os falantes de alemão podem fazer e participar, é muito democrática, pois possibilita que cada um atue na preservação dessa língua durante seu trabalho, no convívio familiar e social.

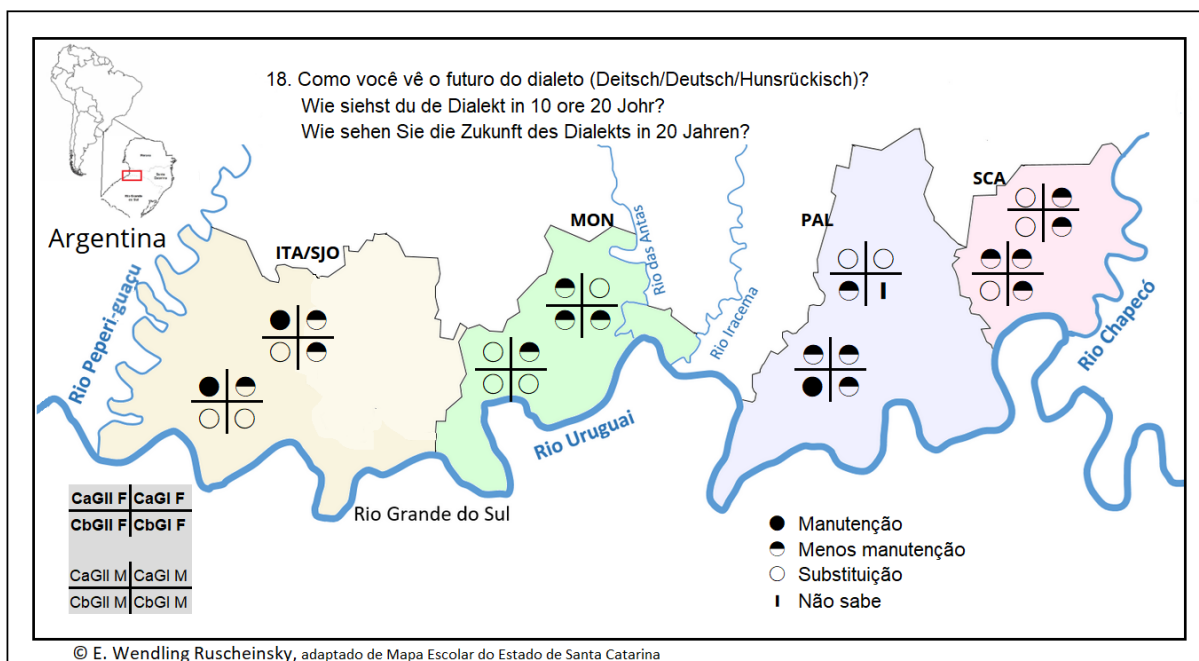
Observa-se que, contudo, por meio das respostas sobre a valorização da língua alemã e como o falante percebe isso, que a conscientização sobre diversidade linguística e cultural está presente no cotidiano dos falantes. Conforme Horst, Fornara e Krug (2017, p. 10), “não há manutenção, promoção ou revitalização linguística sem que exista a consciência por parte do falante do valor dessa língua e da importância dessa ação”. Dessa forma, considerando que grande parte dos entrevistados percebe a valorização da língua, é importante conhecer a percepção desses entrevistados em relação ao uso da língua no futuro, em um tempo de 20 anos aproximadamente, como está na pergunta de número 18.

Assim, após analisar as crenças dos falantes em relação ao atual uso e valorização da língua, foram apresentados a seguir os dados sobre a percepção dos participantes acerca do futuro da língua alemã nos pontos de pesquisa. Neste cenário de complexa dinâmica sociolinguística, a pergunta sobre o futuro da variedade (*Deutsch/Deitsch/Hunsrückisch*) em um horizonte de aproximadamente vinte anos se torna importante para a compreensão da percepção dos falantes acerca da vitalidade e vulnerabilidade da língua minoritária nos pontos de pesquisa.

Esta seção visa apresentar e analisar as percepções dos participantes sobre a continuidade da variedade, fornecendo dados essenciais para o objetivo de investigar a manutenção linguística. Para isso, seguiu-se com a hipótese de que, dada a predominância do português em espaços formais (escola, prefeitura) e a preocupação crescente com a substituição linguística (evidenciada nas seções anteriores), a maioria dos falantes tende a prever um uso significativamente reduzido ou a sua completa extinção. As possibilidades de análise envolvem a correlação entre as previsões pessimistas e uma relativa ausência de políticas linguísticas de manutenção, a influência da percepção de prestígio (ou falta dele) e os fatores apontados pelos falantes (como casamentos interétnicos, escola monolíngue e morte da Geração II), contrastando-as com as respostas que indicam esperança ou estabilidade da língua, especialmente em comunidades mais isoladas ou com forte identidade cultural.

A fim de agrupar as diversas respostas dos participantes e apresentar os dados usando símbolos no Mapa 19, foi necessário estabelecer alguns critérios. Foi possível agrupar em três grupos, ou seja, respostas que indicam a percepção do falante para a manutenção da língua alemã, para uma manutenção reduzida em comparação ao presente (estas respostas incluem palavras como *wenich* (pouco), *wenicher* (menos) e *schlimm* (ruim)) e para uma substituição linguística. Após a apresentação dos dados, segue a análise.

Mapa 19 – Como você vê o futuro do dialeto?



Fonte: Ruscheinsky (2026).

O Mapa 19 mostra que dezesseis participantes percebem que a língua alemã deixará de ser usada com tanta frequência e por tantos falantes nos pontos de pesquisa em um tempo futuro, ou seja, em vinte anos aproximadamente, em comparação aos tempos atuais. Doze participantes percebem que o alemão não será usado no futuro, e três falantes responderam que haverá a manutenção da língua.

As respostas que indicam uma percepção sobre a substituição são, no geral, muito diretas, como:

Ich denke net, weche jetz die [...] venezuelanos, die jungere Leit spricht kein meh deitsch. (Eu acho que não, porque agora os [...] venezuelanos, as pessoas mais jovens nenhum mais fala alemão). (ITA/SJO CbGII F).

Deitsch, ne. (Alemão, não). (ITA/SJO CbGII M).

Ich denke das werd kaum existiere. (Acho que isso mal vai existir). (MON CaGIF).

Nein, dass geht sich schon valoren. (Não, isso já vai se perdendo). (MON CaGII M).

Ich denke net. (Eu penso que não). (MON CbGII M).

Ich denke dass geht so ans enn. (Eu penso que isso vai para o fim). (MON CbGI M).

Ich menne que não. (Eu acho que não). (PAL CaGI F).

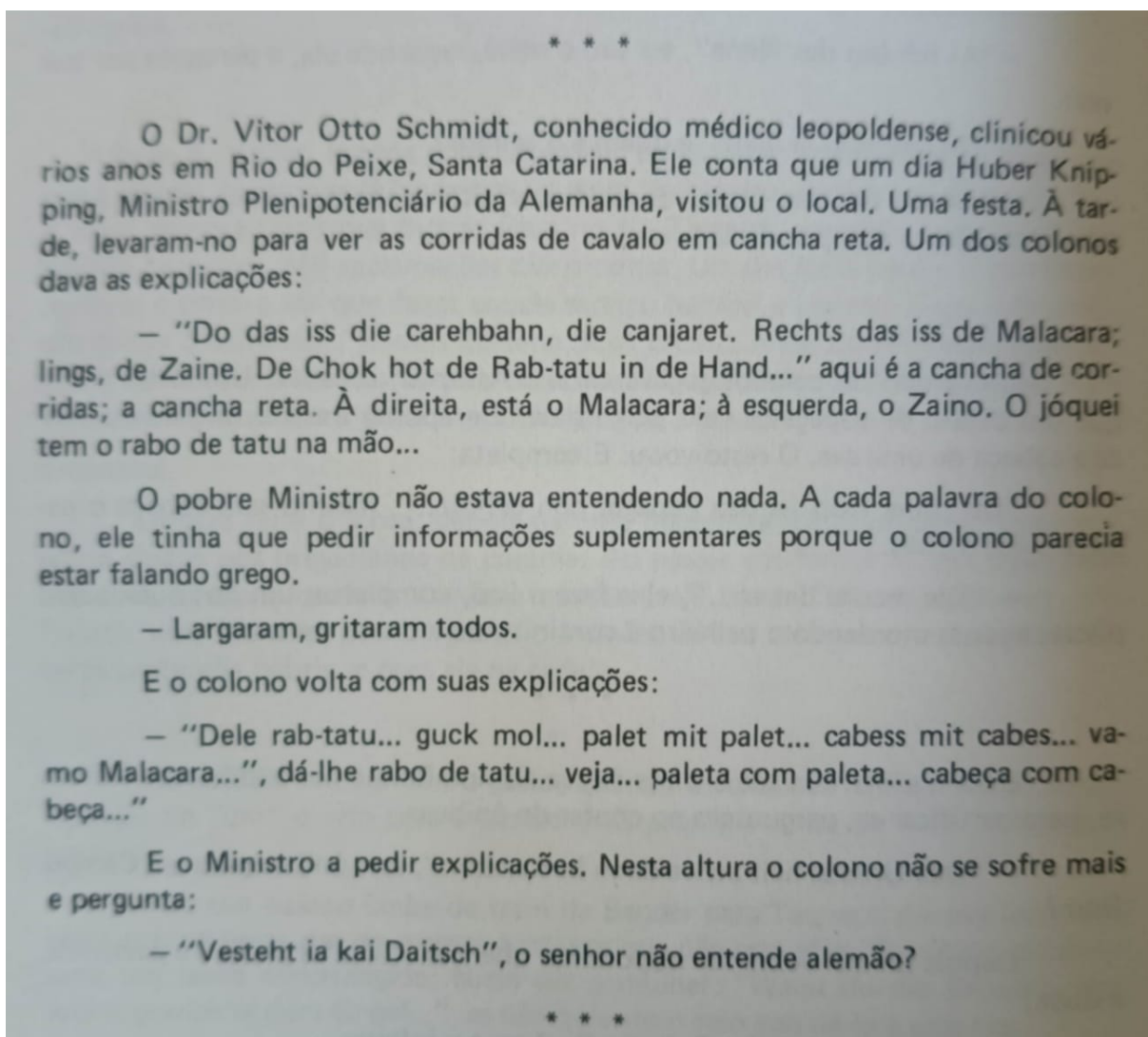
Ich denke do spricht kenne mehr, wenn's so weiter geht, dann spricht kenne mehr. (Eu penso que ninguém mais vai falar, se continuar assim, então ninguém mais fala). (SCA CaGII F).

Eu acho que ele não existe mais. Porque o, a nossa época tá passando, né e os jovens, os novos que entram não aprendem mais. (SCA CbGII F).

Oi, ich denke dass geht mehr ann Enn das Deutsche. (Olha, eu acho que isso vai mais pro fim o alemão). (SCA CbGII M).

Nesses relatos, a percepção predominante entre os falantes entrevistados aponta para um cenário de substituição linguística iminente, refletindo um profundo pessimismo em relação ao futuro da língua alemã em suas comunidades. As respostas, marcadas por uma franqueza notável, indicam o reconhecimento de que, com o passar das gerações e a ausência de transmissão para os mais jovens, o uso da língua tende a se extinguir ("*geht so ans enn*", "*geht sich schon valoren*"). A chegada de novos moradores (como os venezuelanos mencionados) e a falta de interesse das novas gerações (GI) são citados como fatores que aceleram esse processo, consolidando a convicção de que a língua não será usada nos pontos de pesquisa no futuro próximo.

É muito difícil como pesquisadora imaginar um tempo de vida para uma língua que ainda, segundo estimativas, tem mais de um milhão e meio de falantes. Considerando que a maior parte dos falantes de alemão estão com idade acima de 30 anos, e dessa geração para os mais jovens, observa-se um declínio drástico de falantes. No entanto, ao comparar com dados históricos, como por exemplo, a anedota (Imagem 3, a seguir) apontada por Müller (1978, p. 84), podemos ver que, já naquela época, a influência do português dentro da variedade do alemão era expressiva. Ao se considerar que em 1978 já havia esse *code-mixing* apontando para a substituição da variedade do alemão para o português, mesmo que retratado como anedota, isso comprova o tamanho da resiliência e resistência em não abandonar a variedade do alemão. Claro que a urbanização e a municipalização dos distritos dos municípios mais antigos (Krug e Horst 2020) contribuíram para a redução do uso e, conseqüentemente, do número de falantes. Por isso, não podemos categorizar que em 20 anos a variedade estará próxima de sua extinção.

Imagem 3 – Anedota com *code-mixing* alemão e português

Fonte: Müller (1978, p. 84).

Em relação às respostas que indicam a percepção para uma menor manutenção, foram oito respostas com as palavras *wenich* (pouco) ou *wenicher* (bem menos). Alguns participantes expressaram sua opinião, mas não aprofundaram a temática, como MON CbGII F: “*Nur die Alte, ganz wenich, né*” (Somente os bem idosos, bem pouco, né) e MON CaGI M “*Spreche, aber wenich, né. Ich denke, spreche wenich*” (Falam, mas pouco, né. Eu acho, falam pouco). Já outros participantes adicionam motivos para o pouco uso da língua no futuro, como a morte das pessoas idosas, que sabem somente a língua alemã e, por esse motivo, os familiares precisaram aprender essa língua também. A entrevistada MON CaGII F ilustra isso muito bem com o exemplo da sua família:

Immer wenicher, porque die alte Leut, wie mein Mama, mein Grosmutter is jo schon gestoreb, né, mein ganze sobrinhos, mein Kinner [...], die kenne all Deutsch, die wo kammte nach meine Grosmutter gestoreb is, keine kann meh Deutsch. Wenn die Alte sterbe, geht das verlor⁹³. (Sempre menos, porque as pessoas idosas, como minha mãe, minha avó já faleceu, né, meus sobrinhos todos, meus filhos [...], eles todos sabem alemão, aqueles que vieram depois que a avó faleceu, ninguém mais sabe alemão. Quando os idosos falecem, isso se perde). (MON CaGII F).

Esse motivo, como também a falta de jovens que falam a língua, é apontado por mais participantes, como MON CbGII F, SJO CaGI M, ITA CbGII M, PAL CaGI F, SCA CbGII F, SCA CbGI F. Nesse sentido, Krug e Horst (2025) apontam o preconceito linguístico dos jovens como um dos fatores da diminuição do uso da língua minoritária. Além disso, os jovens frequentam por mais tempo a escola, muitas vezes, monolingualizadora em português (Skutnabb-Kangas, 2019; Rodrigues, 2005). Mesmo havendo o acesso aos meios de comunicação em outras línguas e, inclusive, a outras variedades, a preferência em acessar conteúdos na língua portuguesa ainda é predominante. O participante PAL CaGII M enfatiza isso na sua resposta:

Das is jedes mehr wenicher, das verliert sich so langsam. Wie ich das sehn tun. [...] Die Eltern tun sterben unn die Junge, die tun das nicht weiter machen, né. Sinn wenicher wo das, ahm, nachgehn, né, Deutsch sprechen zu Hause, wechem alles né, die Schul, die TV. (Isso é cada vez menos, isso se perde lentamente. Como eu vejo. [...] Os mais idosos falecem e os jovens, eles não vão manter isso, né. São poucos os que, ahm, vão atrás disso, né; falar alemão em casa, porque tudo, né, a escola, a TV. (PAL CaGII M).

Por outro lado, os casamentos interétnicos também são citados como um dos motivos para a não manutenção linguística do alemão (Altenhofen *et al.*, 2022; Krug e Horst, 2025), conforme o relato a seguir:

Wann's so weiter geht, wett wenich, wenich gesproch. Weche alles gehalt sich meh uff'em Brasilionisch, doh heirate die Deitsche mit die Brasilioner unn die Brasilioner mit die Deitsche, unn dann in die Familie is leichter Brasilionisch spreche wie uff Deitsch komme. (Se continuar assim, será menos, menos falado. Porque tudo se mantém mais no brasileiro, os alemães casam com brasileiros e os brasileiros casam com alemães, e então na família é mais fácil falar brasileiro que chegar no alemão). (PAL CbGI M).

Ao ser interrogado se há crianças falantes de alemão na comunidade, ele diz que sim. Já o participante SCA CaGII M cita, além dos casamentos interétnicos (que ele denomina de

⁹³ Destacamos que a variedade desta participante é muito próxima ao *Hochdeutsch*.

dorrichnanner ‘misturado’), a preferência pela língua inglesa, que ele considerada como a língua do mundo (*Welt Sproch*):

Ja, ich denke gebt immer wenicher; né, immer wenicher. Weche die, ehm, die questão, ehm, die mehr die Leit dorichnanner heirate, die Junge gehn mehr fort, [...] weche der Inglês, die Sproch von die Welt, né. (Então, eu acho que tem sempre menos, né, sempre menos. Porque a, ehm, a questão, ehm, quanto mais as pessoas casam entre diferentes etnias, mais os jovens saem daqui, por causa do inglês, a língua do mundo, né). (SCA CaGII M).

A partir dessa situação, depara-se com o poder econômico global atribuído a apenas uma língua, o inglês, e a marginalização do alemão. Nesse sentido, concorda-se com Horst e Krug (2020), pois essa marginalização provém do preconceito presente na sociedade de que somente as línguas internacionais modernas e de prestígio são válidas, e as demais, por serem aquelas usadas frequentemente pelas classes mais pobres ou pelos antepassados, não tem validade.

Com isso, destaca-se ainda um quarto fator que dificulta a manutenção linguística e que foi apontado por PAL CbGII F, ou seja, a falta de pessoas ou iniciativas que priorizem essa manutenção, como, por exemplo, os estudos e ações descritas por Savedra e Mazzelli (2020), em relação ao *Hunsrückisch* e pomerano; as pesquisas de Horst (2014) e Von Muhlen (2025) sobre o vestfalino no RS, o inventário do *Hunsrückisch* (Altenhofen *et al.*, 2022). Nesse sentido, o participante justifica sua resposta: “*Ganz wenich, ganz wenich, weil is keine meh wo der Fundament festhalt*” (Bem pouco, bem pouco, pois não tem mais quem garante o fundamento) (PAL CbGII F).

A língua alemã, que tem o *status* de língua minoritária nos locais desta pesquisa, apresenta poucos incentivos para a manutenção fora do convívio familiar, pois não está nas escolas, tem presença bastante restrita nas instituições públicas e é estigmatizada como língua dos mais velhos, além de não ser vista como útil nos atuais meios de comunicação na sociedade em geral. Dessa forma, os falantes deixam de usá-la com muita frequência, o que dificulta a transmissão para a próxima geração.

Considerando esse aspecto, o participante SCA CaGI M destaca essa preocupação com seu filho de quatro anos, mas tem esperança de ainda ter falantes de alemão em 20 anos. Vejamos o relato a seguir:

Oia, was kann ich soohn. Ich honn noch Hoffnung, das kann'ma, das bleibt noch, [...] immer wenicher Leit wolle das spreche. Unn doh sieht'ma das. Mit mein Guri, ich honn een Bub von vier Jahr, mir tun Deutsch mit dem spreche, der versteht, awer

tut immer Brasilianisch spreche. Der geht schon in die Schul, in São João [...] Gomeind. Dat tun die Kinner all Brasilianisch spreche. [...] Na minha própria casa, in mein Familie, eu já percebo isso, eh, mesmo não querendo, ich will das net, ich hett wolle: ne, mein Kinner misse Deitsch spreche, awer als'mo das geht, eh, isso foge do controle. (Olha, o que posso te dizer. Eu ainda tenho esperança, isso pode, vai continuar. sempre menos pessoas querem falar isso. E isso se vê. Com meu guri, eu tenho um menino de quatro anos, nós falamos alemão com ele, ele entende, mas responde sempre em brasileiro. Ele vai na escola, na comunidade de São João [...] Lá todas as crianças falam alemão. [...] Na minha própria casa, na minha família, eu já percebo isso, eh, mesmo não querendo, eu não quero isso, eu queria: não, meus filhos precisam falar alemão, mas às vezes, isso vai, eh, isso foge do controle). (SCA CaGI M).

A esperança na manutenção da língua alemã é mencionada pelo participante; porém, ele menciona que cada vez menos pessoas falam alemão, por isso sua percepção foi classificada no grupo com “menos manutenção”. A ênfase na fala, a alternância de códigos e as hesitações demonstram a inquietação do falante acerca da língua que seus filhos usam.

Dessa forma, é preciso haver incentivos, além dos familiares, para a manutenção linguística. Percebe-se que os entrevistados expressam tristeza nas respostas sobre o futuro da língua e que mantém uma esperança sobre a manutenção. O uso da língua minoritária é um meio de pertencimento e o entrevistado expressa o desejo de continuidade dessa língua.

Nesse contexto, a percepção predominante entre os participantes, ou seja, 16 entrevistados, aponta para uma diminuição no uso e na manutenção da língua alemã, frequentemente justificada pela perda das gerações mais velhas, a falta de interesse dos jovens (muitas vezes influenciada pelo ambiente escolar monolíngue e pela preferência por conteúdos em português), a ocorrência de casamentos interétnicos e a valorização global da língua inglesa. Esses fatores, somados à marginalização e ao estigma da língua alemã como “língua dos mais velhos”, criam um cenário de dificuldade na transmissão intergeracional, apesar da visível inquietação e esperança dos falantes. Contudo, nem todas as respostas se alinham a essa perspectiva. Há participantes que expressam uma percepção diferente, indicando a possibilidade ou o desejo de manutenção linguística, o que nos leva a analisar as razões e contextos que sustentam essas visões mais otimistas.

Três participantes responderam que percebem a manutenção da língua alemã e apontaram diferentes motivos. O entrevistado PAL CbGII M é enfático ao responder que “Aqui o alemão não vai terminar, pode terminar, mas não sei daqui a quantos anos. Porque eles conversam, tem bastante alemão que conversa alemão”. Segundo ele, sempre haverá alguém que ensine e outro que aprenda, o que garante a manutenção, visto que há jovens de 30, 40 anos que falam alemão. Considerando o frequente uso da língua portuguesa durante a entrevista, conforme exposto no item 4.3, inclusive nesta resposta, pode-se concluir que

estamos diante de um paradoxo do observador, do tipo perspicaz, pois o participante já descobriu e soube qual resposta agradaria aos pesquisadores⁹⁴ (Krug e Horst, 2025). Percebe-se a dificuldade de estudar a percepção espontânea do falante, pois ele tende a modificar ou adequar suas respostas, como Labov (2008) aponta, caracterizando o fenômeno por ele denominado de paradoxo do observador.

Além disso, a participante que percebe a manutenção do alemão nos pontos de pesquisa, mais especificamente na sua comunidade, é ITA/SJO CaGII F, que é falante de vestfaliano, que, segundo ela, “*Von meine Meinung aus, das geht so langsam aus.*” (Ao meu entender, isso vai terminar lentamente.), pois somente sua geração e a geração mais velha usa a variedade. Suas filhas já não usam essa língua, mas, ainda compreendem. Quando questionada sobre o futuro do alemão padrão na sua comunidade, língua que ela também fala, ela apresenta motivos para crer na manutenção:

Das werd bestehen, das Deutsche hier in Linha Becker das werd bestehen. Ich hab ein grosse Hoffnung da drauf wege ma merikt wir habe hier in die Gemeinde, das gibt Familie mit sogar vier generationen und all kennen Deutsch. [...] also, ich meine, dass geht noch ganz lang weiter. (A língua alemã aqui em Linha Becker vai perdurar. Tenho muita esperança nisso porque, como vocês podem ver, temos famílias aqui na comunidade, até mesmo com quatro gerações, e todas falam alemão. [...] Então, quero dizer, isso vai continuar por muito tempo). (ITA/SJO CaGII F).

A percepção otimista de ITA/SJO CaGII F sobre a manutenção do alemão padrão em Linha Becker é particularmente relevante devido às características geográficas e sociolinguísticas únicas dessa comunidade. Linha Becker se destaca por ser uma localidade extremamente isolada (conf. Mapa 4), o que frequentemente contribui para a preservação das variedades minoritárias (Krug e Horst, 2025). Além disso, a imigração para esta localidade é notavelmente mais recente e, em muitos casos, direta do continente europeu, o que garante um fluxo contínuo de contato e intercâmbio de jovens com a Alemanha. Este contato contínuo funciona como um reforço linguístico, contrariando a perda observada em áreas de imigração mais antiga e isolada. A observação da falante sobre a existência de famílias com até quatro gerações que mantêm o uso do alemão padrão é um indicador robusto desse reforço e da efetividade dos mecanismos de transmissão intergeracional que estão em pleno funcionamento na comunidade, indicando a manutenção.

⁹⁴ Três pesquisadores do ALCF estavam presentes nesta entrevista: Prof. Marcelo Jacó Krug, Jussara Maria Habel e Elena Wendling Ruscheinsky.

Além da transmissão intergeracional, a realização de festas também é um fator que contribui para a manutenção linguística. O entrevistado SJO CaGII M destaca a *Deutsche Woche* e considera seu sucesso como um indício de que há manutenção. Ao ser questionado se o alemão continuará sendo falado na cidade em que mora, ele responde:

Ich tet denke ja, wenn so bleibt wie hier, dann, wall das, eh, natierlich das tut sich so noh unn noh, tut sich mehr andere kulturelle Sache auch bringe aber, wie hier hat das angefang vor finfzehn Jahre, mit der Deutsche Woche, unn das is eine grouse, eh, menge Menschen wo hier hinn kommen um die Deutsche Woche mitzumachen, unn das is jedes Jahr mehr. (Eu acho que sim, se ficar como aqui, então, porque isso, eh, naturalmente isso continua, outros aspectos culturais também entram mas, como aqui começou há quinze anos, com a Semana Alemã, e isso é uma grande, eh, algumas pessoas que vem para cá para participar da Semana Alemã, e isso é cada ano mais). (ITA/SJO CaGII M).

Ele também cita que o uso do alemão vai além da festa, estando presente nas propagandas das lojas, no cartório e na prefeitura:

Hier is auch, die, die, ganz viele, eh, Pletzer wo die Propaganda auf Deutsch mache, [...] gehst in Mercado dann steht doh ouch manichmo Propaganda auf Deutsch, Cartório, steht der Namen auch auf Deutsch, Prefeitura, das ist, sonst so viele Sache, die tun das auf Deutsch dat unn dann wird das schwierig zu ganz vergessen. (Aqui também tem, os, os, muito mesmo, eh, lugares que fazem a propaganda a propaganda em alemão, [...] vai no mercado então às vezes também tem propaganda escrita em alemão, cartório, tem o nome escrito em alemão, prefeitura, isso é, outras tantas coisas, eles fazem isso em alemão e então fica difícil esquecer completamente). (ITA/SJO CaGII M).

A língua passa a ter mais prestígio quando está na paisagem linguística⁹⁵ do falante, pois essa é um “importante indicador capaz de oferecer informações sobre sociedades, vitalidade e as relações entre grupos, especialmente em regiões contestadas linguisticamente” (Shohamy e Gorter, 2009, p.2, tradução nossa⁹⁶). A língua escrita em espaços públicos está muito relacionada com as pessoas, pois é nessa língua que leem e interpretam.

Como vimos, os participantes CaGII do ponto ITA/SJO demonstram a percepção que indica a manutenção da língua minoritária. Entretanto, a geração jovem desse mesmo ponto apresentam percepções diferentes. A participante ITA/SJO CbGI F considera suas amigas e filhos, em que há diferentes situações, por isso, alega não poder afirmar como será. Já o entrevistado ITA/SJO CbGI M declara não haver a manutenção, pois as crianças não

⁹⁵ Imagens da paisagem linguística estão no Apêndice.

⁹⁶ Do inglês: “important indicator capable of providing relevant information about societies, vitality and the inter-relationship of groups, especially in linguistic contested regions”.

continuarão. Ele e a esposa comentam que falam alemão com os filhos, mas esses não conversam em alemão com seus amigos.

Olha, das is schlimm, well ich honn Amigas, wo deutsch sinn, die ton noch net mo lenne foo sein Kinner, der Deutsch, unn sinn noch 'mo andre wo lenne. Dann kann ich net soohn jetze op, wie es ist, awer ich menne, das gebt immer schlechter, in Deutsch spreche. Wie unser Kinner, wie mir honn noch die Sogra doh, awer ma tut immer noch versuche in Deutsch verzehle, awer wenn enn andere hin kommt, dann is schon Português. (Olha, isso é difícil, porque eu tenho amigas que sabem alemão, e não ensinam alemão para os próprios filhos, e já tem outras, que ensinam. Então eu não posso dizer agora, como é, mas eu acho que isso vai ficar cada vez mais difícil falar alemão. Como nossos filhos, nós ainda temos a sogra conosco, assim a gente sempre tenta conversar em alemão, mas quando outra pessoa vem, então é em português). (ITA/SJO CbGI F).

A participante ITA/SJO CbGI F considera suas amigas e filhos, em que há diferentes situações, por isso, alega não poder afirmar como será o futuro da língua. Já o ITA/SJO CbGI M declara não haver a manutenção, pois as crianças não continuarão: *“Gloob schon nimme, wall dann sinn mir die Alte unn dann die Kinner...”* (Acredito que não mais, porque então nós seremos velhos e daí as crianças...). Ele e a esposa comentam que falam alemão com os filhos, mas esses não conversam em alemão com seus amigos.

A análise relacional das percepções dos falantes do ponto ITA/SJO revela uma dicotomia geracional clara em relação à vitalidade do alemão nesse ponto de pesquisa. Enquanto a geração mais velha (GII) manifesta otimismo e aponta fatores de manutenção, como a transmissão intergeracional, a importância de eventos culturais (*Deutsche Woche*) e a presença da língua na paisagem linguística e em espaços institucionais (comércio, cartório, prefeitura), a geração jovem (GI) demonstra maior ceticismo. Esta última reconhece a dificuldade de assegurar a transmissão intergeracional, observando a preferência dos seus filhos pelo português em interações com amigos, indicando que, apesar dos esforços familiares, o contexto social tende a favorecer a língua majoritária, sugerindo um futuro incerto para a manutenção da língua alemã no ponto de pesquisa.

Nessa perspectiva, as percepções dos falantes acerca do futuro da língua alemã nos pontos de pesquisa, considerando um horizonte de vinte anos, revelam um cenário predominantemente pessimista, com dezesseis entrevistados prevendo o uso reduzido e doze a substituição linguística. Os falantes de alemão apontam fatores cruciais para o declínio, como a morte da GII, a influência da escola monolíngue, os casamentos interétnicos e a valorização do português e do inglês como línguas de prestígio global. Contudo, as três respostas que indicam manutenção emergem de contextos específicos, uma contendo o fenômeno do

paradoxo do observador (PAL CbGII M), a outra resposta demonstra o isolamento geográfico e a transmissão intergeracional contínua em Linha Becker (ITA/SJO CaGII F), e a terceira cita a presença da língua na paisagem cultural e institucional (ITA/SJO CaGII M), demonstrando que o prestígio e o suporte externo ao âmbito familiar são cruciais para contrariar a tendência de perda, embora as gerações mais jovens já demonstrem um ceticismo crescente.

A próxima seção atende ao quarto objetivo desta tese de doutorado, ou seja, visa expor ações nos pontos de pesquisa para a promoção e manutenção do alemão. O participante PAL CaGII M destacou, na sua justificativa sobre o futuro do alemão, que são necessárias pessoas ou ações que mantêm o fundamental da língua (*der Fundament festhalt*). Nesse sentido, o entrevistado ITA/SJO CaGII M destaca a festa como um fator que contribui para a promoção da língua. Assim, ações que visam promover a língua alemã são importantes para a manutenção da mesma, motivo pelo qual dedicou-se um objetivo específico para expor essas ações e relacioná-las com os usos e percepções que os falantes de alemão apresentaram nas entrevistas.

5.2.5 Ações voltadas à manutenção e promoção da língua alemã

Nesta seção, foram apresentadas algumas ações cujos objetivos são a promoção e a manutenção da língua alemã. A própria realização desta pesquisa se insere como uma dessas ações, ao dar visibilidade e voz aos falantes, documentando o uso e as percepções da língua minoritária, o que por si só já contribui para o reconhecimento e a valorização da língua. As iniciativas abordadas aqui são diversas, englobando esforços do poder público, da gestão educacional e da sociedade civil, com foco especial no incentivo ao estudo e no fortalecimento da oralidade na língua minoritária. Nesse sentido, algumas foram citadas pelos falantes durante as entrevistas, outras evidenciam-se no contexto de estratégias e políticas linguísticas para a manutenção de línguas minoritárias. Dessa forma, inicia-se a exposição a partir da cooficialização da língua alemã, seguida de discussões sobre aulas de alemão em escolas e projetos, e, por fim, conclui-se com a apresentação de algumas iniciativas individuais que buscam abranger uma grande parcela dos falantes de alemão.

Segundo Oliveira (2015), assim como nos processos de oficialização, os processos de cooficialização também proporcionam aos falantes de línguas minoritárias condições para que possam “se expressar publicamente ou tratar de aspectos da sua vida civil e que possam utilizar as suas línguas para produção do conhecimento de que necessitam para as suas vidas e

para deixar a sua contribuição epistemológica específica à história humana” (Oliveira, 2015, p.26-27). Em localidades com expressiva quantidade de falantes de uma língua diferente do português, surge o direito desta língua ser reconhecida, por ser uma língua própria daquele território, atribuindo-lhe maior prestígio.

A língua alemã é a língua cooficial no município de São João do Oeste (parte do ponto ITA/SJO) desde 2016, com a publicação da Lei Municipal nº 1685, de 12 de julho de 2016. A cooficialização foi sugerida pelo Conselho Municipal de Cultura, ou seja, foi uma demanda advinda da própria comunidade. Dessa forma, o Conselho se coloca como gestor da língua, pois exerce algum nível de poder, intervindo nas relações dos falantes com suas línguas. Várias ações foram anteriores à cooficialização e foram importantes para publicação da lei, como o censo linguístico municipal realizado em 2007, a realização da *Deutsche Woche* e a atribuição do título de Capital Catarinense da Língua Alemã⁹⁷.

As entrevistas realizadas com falantes de alemão no ponto de pesquisa ITA/SJO, mais especificamente de SJO, evidenciam que o conhecimento sobre a lei é escasso, inclusive sobre sua existência. Apenas os falantes da Ca (ITA/SJO CaGII M e ITA/SJO CaGI M) afirmaram que a lei existe, mas não conseguiram relatar o que ela contém, nem explicar o seu significado. Os entrevistados da Cb (ITA/SJO CbGI F e ITA/SJO CbGI M) desconheciam a existência dessa lei. Assim, parte do seu objetivo relacionado à promoção da língua alemã não é alcançado, pois os maiores interessados nos benefícios dessa lei, ou seja, os falantes de alemão, desconhecem seu conteúdo e até sua existência.

Entretanto, nem só o conhecimento sobre uma lei evidencia o sucesso da mesma. O uso da língua em diferentes espaços demonstra que esta tem prestígio na comunidade. Na análise dos Mapas 11 a 15, com os dados de uso do alemão na família, na igreja, prefeitura ou posto de saúde e no comércio, que indicam um amplo uso da língua, é possível inferir que a língua apresenta prestígio. Para isso, também corroboram as respostas para a pergunta 10: Qual língua você prefere falar?, cujos resultados estão disponíveis no Mapa 16, e demonstram que 3 dos 4 falantes de SJO preferem falar em alemão. O entrevistado ITA/SJO CaGII M, por exemplo, destacou o uso da língua escrita em placas.

Apenas um município dos pontos de pesquisa desta tese tem o alemão como língua cooficial, porém ainda carece de leis de implementação, que incentivem ou obriguem o uso da língua de casa ou nos espaços privados, e nos espaços públicos. Dessa forma, concorda-se com Appel e Muysken (2005) que defendem que “a prestação de serviços governamentais ou

⁹⁷ Ruscheinsky, Frizzo e Krug (2023) apresentam as estratégias e ações que antecederam a publicação da lei, assim como o conteúdo da mesma.

administrativos em línguas minoritárias também pode auxiliar na manutenção linguística” (Appel e Muysken, 2005, p. 37, tradução nossa⁹⁸), pois, atualmente, é comum os indivíduos interagirem com autoridades locais. Dessa forma, a cooficialização da língua minoritária em nível municipal é uma estratégia importante para a promoção e manutenção da língua, pois cria novos espaços para seu uso.

A segunda ação de promoção da língua alemã é o ensino nas escolas ou em projetos financiados com recursos públicos. Como vimos na seção sobre a colonização, o ensino era realizado nas duas línguas, alemão e português, até o final dos anos 30, quando essa prática foi proibida pela Campanha de Nacionalização, que estabelecia que o ensino fosse exclusivamente em português. Assim, a língua de casa não era a mesma da escola, onde era necessário aprender outra língua, apesar de essa ser ensinada como língua materna, não respeitando o conhecimento linguístico que a criança aprende em casa.

No entanto, recentemente, houve avanços significativos com relação à história da língua alemã nas comunidades. As administrações públicas têm dado a devida importância, principalmente quanto ao ensino da língua nas escolas, respaldada pela nova LDB, que determina que deve haver o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, que pode ser escolhida pela comunidade escolar.

Atualmente, a língua alemã está presente no currículo das escolas da rede municipal de ensino de São João do Oeste desde 2005, com a frequência de uma aula semanal de língua alemã e outra de língua inglesa do primeiro até o quinto ano do Ensino Fundamental. Essas aulas foram citadas pelo entrevistado ITA/SJO CbGII M, ao falar das aulas do seu filho de 11 anos e sua filha de 6 anos, e expressa sua preocupação, pois considera que os alunos não associam o alemão que estudam na escola com o falado em casa. A maior escola da rede estadual na cidade também oferece aulas de alemão, mas somente no Ensino Médio. Dessa forma, os alunos não usufruem de aulas de alemão na escola do sexto ao nono ano do ensino fundamental.

Nesse caso, alunos que usam a língua alemã em casa estão presentes em praticamente todas as turmas. Essa situação foi evidenciada pela professora de inglês do município que realizou um levantamento informal durante as aulas das três turmas de quinto ano (último ano do Ensino Fundamental I) de 2022⁹⁹. Nesse levantamento, do total de 56 estudantes, 33 alegaram falar e que adquiriram a língua em casa com os pais. Assim, muitos alunos já conhecem a variedade *Hunsrückisch*, aprendida no domínio da família. Isso explica a

⁹⁸ No original: “*Governamental or administrative services in the mother tongue can stimulate maintenance*”.

⁹⁹ Dados do Caderno de Campo.

preocupação do entrevistado ITA/SJO CbGI M e da comunidade escolar em geral sobre o real estímulo que essas aulas dão ao aprendizado e à manutenção, devido à ênfase no ensino da variedade padrão e à estigmatização da variedade minoritária.

Ainda em relação ao ponto ITA/SJO, o ensino de língua alemã está presente em uma escola, de aproximadamente 250 alunos, da rede estadual de ensino localizada na cidade de Itapiranga, sendo que os alunos têm duas aulas semanais, do primeiro ao nono ano do ensino fundamental. A maior escola da cidade também oferecia aulas no ensino médio até 2024, porém a oferta foi suspensa devido à falta de professores.

Em 2025, o setor de cultura do município de Itapiranga passou a oferecer o projeto “Resgate e Revitalização da Língua Alemã em Itapiranga”, com aulas de alemão semanais para a comunidade em geral interessada em aprender o idioma. No ano de 2026, o projeto conta com aproximadamente 90 alunos, com idades entre 7 e 55 anos¹⁰⁰, o que demonstra o interesse intergeracional pelo aprendizado da língua alemã. A maior parte das turmas está localizada na área urbana de Itapiranga, porém o projeto também atende comunidades do interior, como: Linha Santa Fé, Linha Popi e Linha Sede Capela. Segundo a professora Gabriela Geller, a maioria dos alunos adultos fala e entende a variedade “*Hunsrick* ou *Plattdeutsch*” (Denominações usadas pela professora). Já entre os alunos mais jovens, crianças e adolescentes, há menos falantes da variedade, restritos às comunidades do interior. A professora ressalta que a metodologia do projeto baseia-se na valorização do conhecimento prévio dos alunos e no reconhecimento da língua materna presente na comunidade.

Esse reconhecimento é importante, visto que as variedades estudadas (o *Hochdeutsch*) e a praticada pela comunidade (“*Hunsrick* ou *Plattdeutsch*”) são diferentes, mas de igual importância. Sem esse reconhecimento, o ensino do *Hochdeutsch* seria como o ensino de uma língua estrangeira e a prática de variedades como “*Hunsrick* ou *Plattdeutsch*” seria vista como um empecilho para a aprendizagem, e não como um importante repertório linguístico disponível para o aprendizado.

Em relação às iniciativas privadas para promoção da língua alemã, destacamos um programa de rádio do ponto SCA. Nesse sentido, concorda-se com Horst, Krug e Fornara (2017), que ressaltam a importância do fortalecimento da oralidade por meio de projetos que usem a mídia, principalmente o áudio na situação de perda de transmissão intergeracional das línguas minoritárias.

Die Deutsche Nacht é o nome do programa de rádio que vai ao ar todas às quintas-feiras das 19 às 21h, desde agosto de 2020. A transmissão por rádio atinge a região do

¹⁰⁰ Dados anotados no Caderno de Campo, após conversa com a professora em fevereiro de 2026.

Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul, e o programa também é transmitido em formato de som e vídeo em um perfil do *Facebook*. O objetivo do programa é, conforme sua vinheta, “valorizar, falar de sua língua, seus hábitos e costumes”. O locutor do programa fala alemão, o *Hunsrückish*, ou o *Deitsch*, termo usado pelo locutor.

No programa são tocadas exclusivamente músicas em língua alemã e o locutor interage com ouvintes, destaca os aniversariantes da semana, anuncia as promoções dos quatorze patrocinadores, conta piadas, recebe convidados entre outras atividades. As mensagens de ouvintes de diversos lugares do Brasil, e até do Paraguai, durante a transmissão pelo *Facebook* demonstram que o programa é amplamente ouvido.

O programa *Die Deutsche Nacht* pode ser considerado uma ação que promove o uso da língua alemã por seus falantes. Seu objetivo é valorizar a fala, os costumes e hábitos da comunidade em que está inserido. A comunidade, ao mesmo tempo em que é fonte de inspiração, interage com o programa tanto pelos patrocínios quanto pelas interações do público. A quantidade de patrocinadores, de ouvintes e de seguidores demonstra que o programa atinge seu objetivo, não estando deslocado da comunidade onde está inserido.

Conforme as ações apresentadas, que englobam o poder público, o setor educacional e iniciativas da sociedade civil, fica evidente o reconhecimento da importância da língua alemã para as comunidades estudadas. Contudo, a efetividade e o alcance dessas medidas precisam ser continuamente avaliados, especialmente no que tange à manutenção da língua entre as gerações mais jovens. Para muitos desses indivíduos, a língua alemã já se configura mais como uma herança ou lembrança do que como uma língua de uso cotidiano, reforçando a necessidade de que os projetos, sejam eles de cooficialização, ensino escolar ou midiático, se concentrem em metodologias que resgatem e fortaleçam o uso ativo e a valorização da oralidade, almejando garantir sua vitalidade para o futuro.

Ao relacionar os dados desta seção, em que foram apresentadas ações de reconhecimento e incentivo ao uso da língua alemã, com os dados da seção 5.2.2, do Gráfico 3 e do Quadro 6, foi possível identificar uma relação entre uso e reconhecimento do alemão. Essa relação se dá da seguinte forma: quanto maior o uso, como nos pontos ITA/SJO e SCA, maiores são as chances de ter ações desenvolvidas pela comunidade ou pelos órgãos públicos.

Conforme Altenhofen (2024, p. 19), “é preciso, antes de tudo, compreender e reconhecer o papel das línguas minoritárias na sociedade, assim como também o que está em jogo na sua manutenção ou perda”. Percebe-se que é o uso e a relação entre falantes da língua minoritária, na família e na comunidade, que prolonga sua manutenção. Nessa perspectiva, a participante SCA CbGII F respondeu ao ser questionada sobre como o alemão é valorizado:

“Falar, eu acho. Spreche, ja, weche denn, porque única coisa é spreche immer, pra não perder”. Assim, caminhos de ida e volta se formam: o uso incentiva ações de valorização e manutenção. Essas ações, por sua vez, incentivam o uso pelos falantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“E quando a balsa chega ao destino, para ser entregue aos compradores da madeira, os balseiros cumprem sua missão. Antes, é preciso averiguar as condições da madeira, a quantidade de toras e quais as novas possibilidades de trabalho. Assim também termino esta tese, entregando resultados esperados e não esperados, como também sugestões de pesquisas para o futuro. As águas do Rio Uruguai possibilitaram a navegação das balsas; atualmente, as línguas faladas ao longo do rio são o objeto dos meus estudos.” (Ruscheinsky, 2026).

A presente tese propôs-se a investigar a vitalidade linguística da língua alemã falada, a partir das percepções de seus falantes, em comunidades situadas ao longo do Rio Uruguai, no Oeste de Santa Catarina. Para tanto, estabeleceu como objetivo central pesquisar a vitalidade linguística da língua com base nas percepções dos falantes de alemão, articulando dimensões sociolinguísticas diversas no âmbito da Dialektologia Pluridimensional e Relacional. Esse objetivo desdobrou-se em quatro eixos específicos: (a) analisar a denominação da língua pelos falantes; (b) examinar seus usos em diferentes domínios sociais; (c) descrever percepções e crenças acerca da língua; e (d) identificar ações voltadas à sua manutenção.

Partindo da perspectiva teórico-metodológica da Dialektologia Pluridimensional e Relacional, o estudo permitiu observar os usos da língua não como um sistema homogêneo, mas como um conjunto dinâmico em constante interação com fatores sociais, históricos e identitários. Nesse sentido, a análise das dimensões diatópica, diageracional, diastrática, diassexual, diarreligiosa e diarreferencial mostrou-se fundamental para a compreensão das múltiplas formas de uso e das representações atribuídas ao alemão nas comunidades investigadas. Voltamos aos objetivos desta pesquisa e concluímos que:

No primeiro objetivo, “verificar como os falantes denominam as línguas que falam”, foi confirmada a hipótese de que os participantes dos pontos MON e PAL usam o termo *Deutsch* e ITA/SJO e SCA *Deitsch*, havendo quatro particularidades divergentes desse padrão, devido à origem das famílias nas colônias velhas do RS. Em relação à língua majoritária, a hipótese foi de que os falantes da Cb usassem termos como *Brasilianisch*, *Brasilionisch*, *Bresilianisch*, *Brosilionisch*; porém, percebeu-se que a Ca também os utiliza, assim como algumas falantes da Cb usaram o termo “português”. Já o termo “*Hunsrück*” foi citado por sete falantes, e durante a sugestão, foi aceito por cinco.

O segundo objetivo foi “analisar o uso da língua alemã falada na família, igreja, prefeitura e comércio nos quatro pontos de pesquisa (ITA/SJO, MON, PAL e SCA), entre a geração mais velha (GII) e mais jovem (GI), mais escolarizados (Ca) e menos escolarizados

(Cb), entre homens e mulheres, católicos e luteranos”. A hipótese de que a maioria fala alemão com a família se confirmou, pois apenas uma participante negou conversar na língua com familiares. Entretanto, ao analisar as respostas sobre o uso do alemão com familiares mais jovens, esse número é reduzido, com 14 respostas afirmativas, o que demonstra um processo de substituição linguística. Em relação ao uso na igreja, a hipótese era de que os falantes de MON e PAL usassem mais o alemão, e isso não se confirmou, pois nesses pontos de pesquisa, houve mais falantes que negaram usar a língua minoritária nesse espaço. Também pressupomos um maior uso nos pontos ITA/SJO e SCA, o que se confirmou. Além disso, os dados confirmam a hipótese de que os falantes do município de São João do Oeste (parte do ponto ITA/SJO) utilizam o alemão em espaços públicos, uma vez que a maioria dos participantes responderam afirmativamente, exceto um, que alegou não frequentar esses locais.

O terceiro objetivo foi “descrever as percepções e crenças que os falantes da Ca e Cb (dimensão diastrática), GII e GI (dimensão diageracional) e das dimensões diatópicas têm em relação ao *status* e manutenção da língua”. A hipótese de que os participantes valorizam a língua foi confirmada pelos dados, uma vez que os relatos apresentam avaliações muito positivas, sem indícios de rejeição ou repúdio à língua.

Além disso, a grande quantidade de falantes em algumas comunidades foi destacada por alguns participantes como um fator positivo. Sobre a língua que prefere falar, há mais participantes femininas que preferem usar o português, e muitas delas não expressam preferência específica, sendo que, para elas, a relação com o interlocutor define a preferência pela língua. Em relação à manutenção, percebe-se percepções contrárias: um pouco mais da metade dos participantes afirmam que haverá menos uso e menos falantes de alemão no futuro, enquanto doze falantes, dos 32, julgam que no futuro não se falará alemão nos pontos de pesquisa.

O quarto objetivo foi “identificar e descrever ações que visam a manutenção e promoção da língua alemã nos pontos pesquisados”, no qual foram citados a realização de estudos sobre a língua alemã como, por exemplo, esta tese de doutorado, a cooficialização, o ensino da língua nas escolas ou em projetos públicos e um programa de rádio, com músicas em alemão e o locutor que fala nessa língua. São diversas ações, porém concentradas nos pontos ITA/SJO e SCA, pois nos demais não foram encontradas ações dessa natureza. Esse dado confirma a hipótese de que os pontos com maior uso da língua alemã dispõem de mais ações de valorização e manutenção da língua minoritária.

Entretanto, a análise das ações de manutenção linguística revela que tais iniciativas ainda são pontuais e desiguais entre os pontos de pesquisa. A ausência de políticas públicas mais amplas, duradouras e sistemáticas limita o alcance dessas ações e dificulta a transmissão intergeracional da língua. Assim, embora haja reconhecimento do valor do alemão como patrimônio cultural, esse reconhecimento nem sempre se traduz em práticas efetivas de promoção e preservação.

A partir desses resultados, é possível afirmar que a língua alemã, ao longo do Rio Uruguai, encontra-se em uma situação de manutenção parcial, marcada por processos simultâneos de continuidade e mudança. A continuação do seu uso depende, em grande medida, da articulação entre práticas familiares (Horst e Krug, 2020), iniciativas comunitárias (Ruscheinsky, 2014) e políticas institucionais (Frizzo, Ruscheinsky e Krug, 2023) que reconheçam e valorizem a diversidade linguística. Do ponto de vista crítico, esta tese também convida o leitor e, em especial, os falantes de línguas minoritárias a problematizar a própria noção de “manutenção linguística”. Manter uma língua não significa preservá-la em estado “puro” ou imutável, mas reconhecer suas transformações e os contextos em que ela continua significativa para seus falantes (Frizzo, Krug e Horst, 2021; Pertile, 2009). Nesse sentido, a ideia de perda deve ser relativizada: o que se observa não é apenas desaparecimento, mas também mudança de função, de espaço e de valor (Von Mühlen, 2025).

Sob essa perspectiva, esta tese reforça a relevância das pesquisas sobre o uso e percepções de falantes, descrevendo as línguas de imigração no Brasil, com destaque para seu papel na constituição do patrimônio linguístico nacional. Ao documentar os usos e as percepções dos falantes relacionados ao alemão no Oeste Catarinense, esta pesquisa contribui para a valorização de saberes locais e para a reflexão sobre os desafios enfrentados por línguas minoritárias em contextos contemporâneos. Do ponto de vista social e político, os resultados apontam para a necessidade de fortalecer políticas linguísticas que promovam o plurilinguismo e garantam espaços de uso e transmissão das línguas de imigração. Isso inclui não apenas sua presença na escola, mas também sua valorização em meios de comunicação, instituições públicas e práticas culturais. Como ação prática, sugere-se identificar os locais que contam com atendentes bilíngues, por exemplo, alemão-português, e incentivar esses profissionais a realizar o atendimento em alemão, possibilitando que a população utilize a língua de sua preferência.

Como perspectivas para pesquisas futuras, sugere-se pesquisar mais profundamente o papel da escola na manutenção ou substituição de línguas minoritárias, bem como analisar práticas linguísticas em ambientes digitais, que vêm ganhando crescente relevância na vida

dos jovens. Também seria pertinente explorar comparativamente outras comunidades de língua de imigração, a fim de identificar padrões e especificidades nos processos de manutenção linguística.

Por fim, cabe destacar que esta tese não se limita a uma análise acadêmica, mas também se insere em um movimento mais amplo de valorização da diversidade linguística e cultural. Ao dar voz aos falantes de alemão e às suas percepções sobre essa língua, este estudo reafirma a importância de reconhecer as línguas de imigração como patrimônio imaterial. Inspirados nas reflexões de Freire (2011) e Bagno (2007), comparamos as águas do Rio Uruguai, que atravessam fronteiras e carregam histórias, ao uso da língua alemã nas comunidades estudadas. Assim como o rio, essa língua segue em movimento: adapta-se, resiste e se reinventa nos diferentes espaços. Compreender esse movimento é, ao mesmo tempo, um exercício científico e um gesto de reconhecimento da riqueza cultural que essas línguas representam.

REFERÊNCIAS

AALBERSE, Suzanne; BACKUS, Ad; MUYSKEN, Pieter. **Heritage languages**: A language contact approach. Amsterdam: John Benjamins, 2019.

ADGER, Carolyn Temple; CHRISTIAN, Donna. Applied social dialectology. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIR, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (org.). **An international handbook of the science of language and society**. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, v. 3, p. 2546-2555, 2006.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, 2008.

ALTENHOFEN, Cléo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana** (RILI), Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo V.; FREY, Jaqueline; KÄFER, Maria Lidiani; KLASSMANN, Mário; NEUMANN, Gerson R.; SPINASSE, Karen Pupp. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. In: **Revista Contingentia**, v. 2, p. 73-87, 2007.

ALTENHOFEN, Cléo V. O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português. In: **Anais do 1º Fórum Internacional da Diversidade Linguística**: por uma política para a diversidade linguística no ensino de línguas. Porto Alegre, RS: Evangraf, p. 25-40, 2008.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: Mello, Heliana; Altenhofen, Cléo V.; Raso, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 289-315, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaides, Christine *et al.* (orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 93-116, 2013.

ALTENHOFEN, Cléo V. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: BÜRING, Daniel; LENZ, Alexandra N.; RITT, Nikolaus (Org.): **German Abroad**: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt und Mehrsprachigkeitsforschung. Göttingen: V&R unipress, p. 103-129, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. **A Geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, p. 371-392, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo V.; NEUMANN, Gerson; HABEL, Jussara M.; PREDIGER, Angélica (Orgs.). **Hunsrückisch em prosa & verso**: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017. Porto Alegre: Instituto de Letras: UFRGS, 2018.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela; BERGMANN, Gerônimo; GODOI, Tamissa; HABEL, Jussara; KOHL, Sofia; NOBRE, Chari; PREDIGER, Angélica; SCHMITT, Gabriel; SEIFFERT, Ana Paula; SILVEIRA, Mariela; SOUZA, Luana; WINCKELMANN, Ana. **Hunsrückisch**: inventário de uma língua do Brasil. Florianópolis: Garapuvu, 2022.

Disponível em:

<https://nau.ufsc.br/2022/09/16/nova-versao-eletronica-do-livro-hunsruckisch-inventario-de-uma-lingua-do-brasil-confira/>. Acesso em: 15 mai. 2026.

ALTENHOFEN, Cléo V. Geolinguística. In: **A linguística hoje: múltiplos domínios** / organização de Gabriel de Avila Othero, Valdir do Nascimento Flores - São Paulo: Contexto, p. 41-53, 2023.

ALTENHOFEN, Cléo V. Ideias para prolongar o uso de uma língua minoritária: a dimensão educacional e política da manutenção e revitalização linguística. In: LOREGIAN-PENKAL, Loremi & PINEZI, Gabriel (orgs.). **Línguas minoritárias e literaturas menores**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 17-47, 2024.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language Contact and Bilingualism**. Amsterdam Academic Archive, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª edição. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

BERGAMINI, Claudia. **Crenças e atitudes linguísticas a partir da visão de docentes e não docentes sobre o Portunhol em Dionísio Cerqueira (SC) e Bernardo de Irigoyen (Argentina)**. Tese de doutorado. USP. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003165287>. Acesso em: 3 mai. 2026.

BERNIERI, Simone Raquel. **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias**: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul; Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1765>. Acesso em: 15 mai. 2026.

BIER, Clarisse Wrasse. *Deutsch e Deitsch* In: FRANZEN, Douglas Orestes (org.) **Porto Feliz - Mondai**: o centenário da colonização (1922-2022). Itapiranga: Schreiben, p. 83-115, 2022.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Decreto nº 7.614, de 12 de dezembro de 1938. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/29104351-plano-de-educacao-1938.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2026.

BRASIL. Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 26 abr. 2026.

BUNSE, Heinrich A. W. **Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul**. Problemas, Métodos e Resultados. Edições da Faculdade de Filosofia, 1969.

BUSSE, Sanimar; FEOLA SELLA, Aparecida. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 15, n. 1, p. 77-93, 2012. DOI: 10.5433/2237-4876.2012v15n1p77. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11771> . Acesso em: 12 mai. 2026.

CALVET, Louis-Jean. **As Políticas Lingüísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Tese de doutorado. UNICAMP/Campinas-SP, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/135324>. Acesso em: 2 mai. 2026.

CANAGARAJAH, Suresh. Codemeshing in Academic Writing: Identifying Teachable Strategies of Translanguaging. In: **The Modern Language Journal**, 95, p. 401-417, 2011.

CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz. Sociabilidade dos imigrantes teuto-russos em Aguias, São Carlos/SC. **Cadernos do CEOM**, v.32, p.41-60, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, (Cambridge Textbooks in Linguistics), 2004.

COSERIU, Eugenio. "Língua histórica" e "dialecto". Trad. Carolina Falck Grimm. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 9-27, jan/jun 2017. [1980] Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>. Acesso em 2 mai. 2026.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, Arthur Ferreira da. **Oeste catarinense**: visões e sugestões de um excursionista. Rio de Janeiro, Vilas Boas e Cia., 1931.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história dos índios do oeste catarinense. **Cadernos do CEOM**. Ano 19, n. 23 - CEOM: 20 anos de memórias e histórias no oeste de Santa Catarina. Chapecó: Unoesc, p. 265-343, 2025.

DREHER, Martin N. Prefácio. In: FRANZEN, Douglas Orestes (Org.) **Porto Feliz - Mondai: o centenário da colonização (1922-2022)**. Itapiranga: Schreiber, p. 9-12, 2022.

EDWARDS, John. **Language and identity**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2009.

EIDT, Paulino. **Porto Novo**: da escola paroquial ao projeto de nucleação – uma identidade em crise. Ijuí: Editora da Unijuí, 1999.

FERREIRA, Carla Sofia Silva. Percepções dialectais e atitudes linguísticas: O método da Dialectologia perceptual e as suas potencialidades. In: **Textos Selecionados**. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, p. 251-263, 2009.

FISHMAN, Joshua A. Language maintenance and language shift as a field of inquiry: A definition of the field and suggestions for its further development. In: **Linguistics**, Volume 2, issue 9, p. 32-70, 1964.

FRANZEN, Douglas Orestes. **Bases sólidas para o futuro: 90 anos de cooperação do Sicoob Creditapiranga (1932-2022)**. Itapiranga: Schreiber, 2022a.

FRANZEN, Douglas Orestes (org.) **Porto Feliz - Mondaí: o centenário da colonização (1922-2022)**. Itapiranga: Schreiber, 2022b.

FRANZEN, Douglas Orestes (org.). **Linha Presidente Becker: 90 anos de colonização e história**. 1. ed. Itapiranga: Schreiber, 2024.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

FRIZZO, Celina Eliane; KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane. Code-switching na comunidade kaingang da terra indígena guarita. **Revista Interfaces**, v. 12, p. 232-241, 2021.

FRIZZO, Celina Eliane; RUSCHEINSKY, Elena Wendling & KRUG, Marcelo Jacó. Direitos linguísticos e cooficialização da língua alemã em São João do Oeste, Santa Catarina. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 25(2), 147-160, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v25i2p147-160>. Acesso em: 29 abr. 2026.

GARCÍA, Ofélia. Theorizing Translanguaging for Educators. In: CELIC, Chirstina. and SELTZER, Kate. **Translanguaging: A CUNY-NYSIEB Guide for Educators**, p. 1-6, 2012. Disponível em: <https://www.cuny-nysieb.org/translanguaging-resources/translanguaging-guides/> Acesso em: 9 maio 2025.

GARRETT, Peter. Attitude Measurements. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Orgs.) **An International Handbook of the Science of Language and Society**, Volume 2, Berlin/New York: De Gruyter Mouton. p. 1251-1260, 2005.

GROSJEAN, François. **Bilingual: Life and Reality**. Boston: Harvard University Press, 2010.

GROSJEAN, François. Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. In: **Brain and language**, v. 36, n. 1, p. 3-15, 1989.

GUMPERZ, John. **Discourse strategies**. Cambridge University Press, Cambridge, 1982.

HABEL, Jussara Maria. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/859> . Acesso em: 30 jan. 2026.

HASSELSTRON, Munick Maria. **Línguas de imigração em contato com o português no oeste catarinense: crenças e atitudes linguísticas**. Dissertação (Mestrado). Chapecó:

Universidade Federal da Fronteira Sul; Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1925> Acesso em: 9 maio 2025.

HAUGEN, Einar. The analysis of linguistic borrowing. **Language**, 26, p. 210-231, 1950.

HEINEN, Luiz. **Colonização e desenvolvimento do oeste de Santa Catarina** – aspectos sócio-políticos, econômicos e religiosos. Joaçaba: UNOESC, 1997.

HERWIG, Tutz Culmey e KNORR, Ilga K. **A filha do pioneiro**. Prefeitura Municipal de São Carlos, São Carlos, 1987.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. Dissertação de mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102193> Acesso em: 15 maio 2026.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo J.; FORNARA, Ana E. Estratégias de manutenção e revitalização linguística no Oeste Catarinense. **Organon**, UFRGS, v. 32, 2017.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. J. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. In: **Revista Linguagem e Ensino**, Programa de Pós-graduação em Letras -UFPEL. Pelotas, v. 23, n.4, out-dez 2020.

ITAPIRANGA (SC). **Plano estratégico Itapiranga 2030**. Itapiranga: Prefeitura Municipal, [s.d.]. Disponível em: https://servicos.itapiranga.sc.gov.br/uploads/sites/611/2023/07/169845_Plano_estrategico_itapiranga_2030.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

ITAPIRANGA (SC). **Plano municipal de educação 2015–2025**. São Carlos: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: <https://itapiranga.atende.net/subportal/secretaria-municipal-de-educacao-cultura-e-desporto/atende.php?rot=1&aca=119&ajax=t&processo=viewFile&ajaxPrevent=1741872117481&file=7C100FF62918FF98CC43DB9187A64EC6E70A9854&sistema=WPO&classe=UploadMidia>. Acesso em: 29 abr. 2026.

JUNGBLUT, Roque. **Documentário Histórico de Porto Novo**. Arco Iris Gráfica & Editora. São Miguel do Oeste-SC, 2000.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 121-137, 2011.

KAUFMANN, Göz. Language maintenance and reversing language shift. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (org.). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. Berlin/New York: de Gruyter, p. 2431-2442, 2006.

KAUFMANN, Göz *et al.* Minority Groups and Language Diversity in Germany and Brazil: An Interview with Göz Kaufmann (University of Freiburg, Germany). **Caderno de Letras**, v. 35, p. 279-293, 2019.

KERBES, Zenaide Ines Schmitz. **Conhecendo São Carlos**. São Carlos: Gráfica Editora Porto Novo, 2004.

KLEIN, Daniele; HORST, Cristiane. A percepção do indivíduo bilíngue hunsriqueano-português sul-riograndense em relação ao seu bilinguismo no oeste de Santa Catarina. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 6, p. 29-68, 2015.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt a M.: TFM, p. 55-69, 2000.

KOELLN, Arno. **Porto Feliz a história de uma colonização às margens do Rio Uruguai**. 2. ed. Mondaí: Improeste, 2004.

KONDER, Adolpho. Resposta do Presidente Konder. **Republica**, Florianópolis, 30 de maio de 1929, p. 1. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/republica/1929/REP1929797.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na comunidade plurilingue alemão-italiano-portuguesa de Imigrante -RS**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó. **Os bilíngües teuto-brasileiros frente à metafonía funcional do português**. Kiel: Westensee-Verlag, 2011.

KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane. Paradoxo do observador e o desafio de coletar dados linguísticos *in loco*: percepções a partir do ALCF. In: ROMANO, Valter Pereira; ALTINO, Fabiane Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: contatos, interfaces e entremeios**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 355-373, 2025.

KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane. A relevância de fatores extralinguísticos na manutenção e substituição linguística nos diferentes domínios de uso das línguas a partir de dados do projeto ALCF. In: STEFFEN, Joachim; KRUG, Marcelo Jacó; MACHADO, Lucas Löff; PAVAN, Claudia Wolff; RADÜNZ, Willian; BARROS, Fernando Hélio Tavares de (org.). **Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit: Festschrift für Cléo Vilson Altenhofen**. 1. ed. Berlin: Peter Lang, v. 3, p. 325-352, 2025.

KRUG, Marcelo; RUSCHEINSKY, Elena.; HORST, Cristiane. “Uma Vez”: Empréstimo do alemão no português falado em Itapiranga e São João do Oeste. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 22, n. 37, p. 231-250, 2019.

KUSY, Adriane. **O contato linguístico português e espanhol na fronteira Brasil-Argentina**: crenças e atitudes linguísticas. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul; Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3252> Acesso em: 9 maio 2025.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre Caroline R Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTONS, Chirstina Bratt; TUCKER, G. **Sociolinguistics: the essencial readings**. Oxford; Blackwell, p. 234-250, 2003.

LASAGABASTER, David. Attitude. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (org.). **An international handbook of the science of language and society**. Berlin; New York: De Gruyter, v. 1, p. 399-405, 2004.

LASSBERG, Max Von. **Reminiscências**. Trad: RAMBO, Arthur Blásio. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2002.

LAURENTINO, Josele Julião. **Multifuncionalidade do item TIPO na fala de Natal/RN: funções morfossintáticas versus funções interacionais**. 2021. 136f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/c469e345-2386-46bf-bb5b-072bf790588e>. Acesso em: 15 mai. 2026.

LE PAGE, Robert; TABOURET-KELLER, Andrée. **Acts of identity: Creole-based approaches to language and ethnicity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MACKEY, William. The description of Bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.) **Reading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague, Monton, p. 554-584, 1972.

MACKEY, William. Bilingualism and Multilingualism. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus; Trudgill (Hrsg.) **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik**. 2.ed. Berlin; New York, de Gruyter, (HSK; v. 3.2), p. 1483-1495, 2005.

MARSH, David; HILL, Richard. **Study on the contribution of multilingualism to creativity**. Final report. Brussels: European Commission, 2009.

MATOZO, Drieli Laiza. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian: contexto urbano e rural de Chapecó-SC**. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul; Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1926> Acesso em: 9 maio 2025.

MATRAS, Yaron. Borrowing. In: DARQUENNES, Jeroen; SALMONS, Joseph; VANDENBUSSCHE, Wim (org.). **Language contact: an international handbook**. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, v. 1, p. 148-158, 2019.

MATRAS, Yaron. **Language Contact**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MEYER, Martina. **Deutsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch Rio-Grandense em contato com o português**. 2009, 46f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21647> Acesso em: 15 maio 2026.

MIDDELDORF, Bearbeitet Von Carl. **Porto Novo: urwaldsiedlung deutscher katoliken in Südbrasilien**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1933.

MONDAÍ (SC). **Plano municipal de educação 2015–2025**. Mondaí: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: https://cespro.com.br/8324/2015_L3578.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

MORENO FERNÁNDEZ, Fernando. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia alemã: histórias e memórias**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

MÜLLER, Nicodemus. **Histórias de um Balseiro (1930-1950)**. Itapiranga, 2011.

NEUMANN, Rosane. **Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor!:** As colônias germânicas e a campanha de nacionalização. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2003. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5010> Acesso em: 15 maio 2026.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. A cooficialização de línguas em nível municipal no Brasil: direitos linguísticos, inclusão e cidadania. In: MORELLO, Rosângela (org.). **Leis e línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL; p. 23-30, 2015.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. **Plurilinguismo no Brasil**. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil / IPOL, 2008. p. 3. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000161167>. Acesso em 27 maio 2025.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

OVIDO, Liliana Isabela Benitez. **A imigração recente de venezuelanos e haitianos em Chapecó:** suas crenças e atitudes linguísticas. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul; Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2023. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6622> Acesso em: 9 maio 2025.

PALMITOS (SC). **Plano municipal de cultura 2014–2024**. Palmitos: Prefeitura Municipal, 2014. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/p/palmitos/lei-ordinaria/2014/382/3823/lei-ordinaria-n-3823-2014-institui-o-plano-municipal-de-cultura-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 29 abr. 2026.

PALMITOS (SC). **Revista oficial dos 60 anos de emancipação político-administrativa e 88 anos de colonização de Palmitos**. Palmitos, SC: Prefeitura Municipal de Palmitos, mar. 2014.

PALMITOS (SC). **Plano municipal de educação 2015–2025**. Palmitos: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: <https://palmitos.sc.gov.br/galeria/pagina-25058/>. Acesso em: 29 abr. 2026.

PARÓQUIA DE SÃO CARLOS BORROMEU. **Livro Tombo**. Arquivo da paróquia, 1951.

PAULI, Valesca Simon. **Interferência fonética de um dialeto alemão na expressão oral e escrita em português**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras -

Linguística, UFSC, Florianópolis, 2001. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112150/181715.pdf?sequence=1>.
 Acesso em: 15 mai. 2026.

PERINI, Mário Alberto. Quadro geral do Português do Brasil hoje. In: Heliana Melo; Cléo Altenhofen; Tommaso Raso. (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 139-156, 2011.

PERTILE, Marley Terezinha. **Manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18345>. Acesso em: 15 mai. 2026.

POPLACK, Shana. Sometimes I'll Start a Sentence in Spanish y Termino en Español: Toward a Typology of Code-Switching. **Linguistics**, 18, p. 581-618, 1980.

PRESTON, Dennis R. Language, people, salience, space: perceptual dialectology and language regard. **Dialectologia**, 2010, no. 5, pp. 87-131. Disponível em:
<https://raco.cat/index.php/Dialectologia/article/view/198838>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RADIN, José Carlos; VICENZI, Renilda. Cooperativismo, modernização agrícola e desenvolvimento econômico no oeste catarinense. In: CARBONERA, Mirian *et al.* (ed.). **Chapecó 100 anos: história plurais**. Chapecó: Argos, p. 59-107, 2017.

RADKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos na geolinguística românica: um balanço. Traduzido por Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, 1999.

RAMOS, Heloisa. **Por uma vida melhor**. Coleção Viver, Aprender. Rio de Janeiro: Global, 2011.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso (orgs) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 13-56, 2011.

REICHERT, Patrício. **Diferenças culturais entre caboclos e teuto-brasileiros de Porto Novo**: a segregação social do caboclo. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13553>. Acesso em: 15 mai. 2026.

RENK, Arlene. **Sociodicéia às avessas**. Chapecó: Grifos, 2000.

RODRIGUEZ, Richard. **Hunger of memory**: the education of Richard Rodriguez: an autobiography. New York: Dial, 2005.

ROHDE, Maria Wierst. **Espírito pioneiro**: a herança dos antepassados. Itapiranga: Gráfica e Editora Porto Novo, 2012.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

ROSSETO, Santo. Síntese histórica da região oeste. **Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste**, Chapecó, UNOESC, p. 7-16, 1995.

RUSCHEINSKY, Elena Wendling. **“Uma vez falando em alemão”**: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste - SC. Dissertação (Mestrado); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/88>. Acesso em: 15 mai. 2025.

RUSCHEINSKY, Elena Wendling; FRIZZO, Celina Eliane; KRUG, Marcelo Jacó. Políticas linguísticas: um caso de cooficialização da língua alemã. **Prolíngua**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 19–32, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2023v18n2.67966. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/67966>. Acesso em: 24 abr. 2025.

RUSCHEINSKY, Elena Wendling; FRIZZO, Celina Eliane; KRUG, Marcelo Jacó. Diferentes status da língua alemã em Porto Novo. In: **ANAIS: VI reunião do grupo de pesquisa CNPq/ UFSM história platina: Sociedade, Poder e Instituições. IV Encontro Internacional de História Fronteira, Migrações e Patrimônio** / Organizadores: André Luís Ramos Soares... [et al.]. Itapiranga – SC, Editora Schreiben, p. 44-57, 2024. Disponível em: <https://www.editoraschreiben.com/livros/anais-> Acesso em: 10 abr. 2026.

SCHNEIDERS, Carlise. As mulheres de Porto Novo: da idealização à vida na colônia. In: FRANZEN, Douglas Orestes; SAUSEN, João Vitor; MAYER, Leandro. **Porto Novo 95 anos: perspectivas históricas e contemporâneas**. Itapiranga: Schreiben, p. 39-52, 2021.

SANTA CATARINA (Estado). **Lei nº 14.467, de 2008**. Disponível em: http://leis.alelesc.sc.gov.br/html/2008/14467_2008_Lei.html. Acesso em: 21 abr. 2026.

SÃO CARLOS (SC). **Plano municipal de cultura 2019–2029**. São Carlos: Prefeitura Municipal, 2019. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-carlos/lei-ordinaria/2019/188/1874/lei-ordinaria-n-1874-2019-institui-o-plano-municipal-de-cultura-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SÃO CARLOS (SC). **Plano municipal de educação 2015–2025**. São Carlos: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-municipal-de-educacao-sao-carlos-sc>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SÃO JOÃO DO OESTE (SC). **Decreto nº 83, de 2009**. Disponível em: <http://leismunicipa.is/0318z>. Acesso em: 21 abr. 2026.

SÃO JOÃO DO OESTE (SC). **Lei nº 1.685, de 2016**. Disponível em: <http://leismunicipa.is/ptoud>. Acesso em: 3 mai. 2026.

SÃO JOÃO DO OESTE (SC). **Plano municipal de cultura 2014–2024**. São João do Oeste: Prefeitura Municipal, 2014. Disponível em: <http://snc.cultura.gov.br/media/docs/plano/10005/lei-plano-de-cultura.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SÃO JOÃO DO OESTE (SC). **Plano municipal de educação 2015–2025**. São João do Oeste: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: <https://www.diariomunicipal.sc.gov.br/atos/760489>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; GAIO, Mario Luis Monachesi; NETO, Marciolino Euro Carlos. Contato Linguístico e imigração no Brasil: fenômenos de manutenção/revitalização, language shift e code-switching. **Veredas on-line**, Juiz de Fora, v. 19, n.1, p. 71-91, 2015.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MAZZELLI, Letícia. Variedades linguísticas da imigração germânica no Brasil: vitalidade, glotopolítica e território. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 105-131, 2020.

SCHNEIDER, Paola. **O code switching no hunsriqueano-português**: estudo de caso nas famílias Schneider e Massing na cidade de Vale Real-RS. Trabalho de conclusão de curso. IFRS, Feliz, 2018.

SCHNEIDERS, Michele. **Macroanálise pluridimensional da variação de Gurke/Kummer> e <Pfirsich/Pesch> como indicadores de normatividade e/ou dialetalidade do “Hunsrückisch”**. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017. 110 p. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1761> Acesso em: 2 fev. 2026.

SCHREINER, Rudolpho W. **Palmitos 1926-1931**: reminiscências de seu 1º Professor. Tradução de Wolfgang Hans Collischonn. Lageado: Cometa Ltda., 1996.

SCHUH, Marcos Batista. **Histórias da colonização de Palmitos**. Chapecó: CEOM/Unochapecó, 2011.

SHOHAMY, Elana; GORTER, Durk. **Linguistic landscape**. New York: Routledge, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 73-102, 2014.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Direitos humanos linguísticos na educação para a manutenção da língua. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27660/23797>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SKUTNABB-KANGAS, Tove; PHILLIPSON, Robert. Linguicide and Linguicism. In: PHILLIPSON, Robert & SKUTNABB-KANGAS, Tove. **Papers in European Language Policy**. ROLIG papir 53. Roskilde: Roskilde Universitetscenter, Lingvistgruppen, p. 83-91, 1995.

SKUTNABB-KANGAS, Tove; PHILLIPSON, Robert. Linguistic human rights, past and present. In: SKUTNABB-KANGAS, Tove and PHILLIPSON, Robert (eds). **Language Rights**. London/New York. Series Critical Concepts in Language Studies. 4 volumes. In: Vol. 1. p. 71-110, 2017.

TABOURET-KELLER, Andrée. Language and Identity. In: COULMAS, Florian. **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell, p. 315-326, 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TEMPAS, Camila. **A linguagem que me fala**: da sustentação do Deutsch em contexto familiar à construção de identidades translíngues. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/12240> Acesso em: 9 maio 2025.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos em Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Orgs.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl. p. 210-269, 1996.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology**, 21. 1995, Palermo. Atti del XXI Congresso Internzionale di Linguística e Filologia Romanza, vol 5. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, p. 701-729, 1998.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 63-92, 2005.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci. (org.) **Para a história do português brasileiro**. Volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, p. 531-558, 2009.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred, KEHREIN, Roland; RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, p. 506-523, 2010a.

THUN, Harald. Variety Complexes in Contact: A Study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (ed.). **Language and space**: an international handbook of linguistic variation. Theories and methods. Berlin/New York: de Gruyter, p. 706-723, 2010b.

THUN, Harald. Entre alteridad y aliedad: las lenguas minoritarias en momentos de crisis internacional. In: PFLEGER, Sabine.; STEFFEN, Joachim.; STEFFEN, Martina. (coords). **Alteridad y Aliedad** – La construcción de la identidad con el otro y frente al otro. México, p. 21-40, 2012.

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. Tradução de Cléo Vilson Altenhofen e Filipe Neckel. In: **PERCURSOS teóricos e metodológicos da Dialektologia**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, (*Cadernos de Tradução*, n. 40, jan./jun. 2017), p. 82-107, 2017.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**: An Introduction to Language and Society (4th ed.). Penguin, London. 2000.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.) **Análise de textos orais**. Tradução. São Paulo: Humanitas, p. 93-116, 2010.

VANDEKERCKHOVE, Reinhild. Urban and rural language. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jurgen. **Language and space**: an international handbook of linguistic variation. Berlin/New York: de Gruyter, v. 1, p. 315-331, 2010.

VANDERMEEREN, Sonja. Research on language attitudes. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus; Trudgill (eds.). **Sociolinguistics**: An International Handbook of the Science of Language and Society; Vol. 2. Berlin/New York: de Gruyter. p. 1318-1331, 2005.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. **Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1992.

VON MÜHLEN, Fernanda. **Vitalidade e contatos linguísticos do vestfaliano na topodinâmica de ocupação do Vale do Taquari**. Tese de doutorado. UFRGS, 2025. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/289240>. Acesso em: 15 mai. 2026.

WEEDWOOD, Bárbara. **História Concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2002.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact**. Findings and problems. Sixth Printing. Den Haag, Paris: Mouton, [1953] 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.

WERLANG, Alceu. **A colonização as margens do Rio Uruguai no extremo Oeste Catarinense**: atuação da CIA Territorial Sul Brasil 1925 a 1954. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1992. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76820> Acesso em: 24 mai. 2025.

WIESEMANN, Ursula. **Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul**. SIL Brasil, Cuiabá, 2008. Disponível em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/ling/Hunsrik.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**. Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WOLFF, Juçara Nair. **Espaços de sobrevivência e sociabilidade: uma análise do cotidiano em São Carlos/SC - 1930-1945**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. 1997.

WOLSCHICK, Isaura. **Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondaí e São João do Oeste – SC**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Fronteira Sul: Chapecó, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/760>. Acesso em: 25 abr. 2025.

APÊNDICE – Imagens de paisagens linguísticas

Ponto ITA/SJO

Placa com informações turísticas (Comunidade Beato Roque, São João do Oeste-SC).



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Placa de floricultura em São João do Oeste-SC



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Placa às margens do Rio Uruguai, na comunidade de Sede Capela, Itapiranga-SC



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Restaurante em Itapiranga-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Padaria em São João do Oeste-SC



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Posto de gasolina em São João do Oeste-SC



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Bar na comunidade Cristo Rei,
São João do Oeste-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Placa em São João do Oeste-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Cervejarias do Ponto ITA/SJO



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Ponto MON

Mondaí-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Comunidade Bonito, Mondaí-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Ponto PAL

Comunidade Sede Oldenburg,
Palmitos-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Linha Santa Terezinha,
Palmitos-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

Ponto SCA

Comunidade de São João, São Carlos-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

São Carlos-SC.



Fonte: Ruscheinsky (2026).

ANEXO - Parecer consubstanciado do CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O contato linguístico das variedades do alemão e do português em quatro municípios do Oeste de Santa Catarina às margens do Rio Uruguai

Pesquisador: Elena Wendling Ruscheinsky

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78363124.5.0000.5564

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.786.541

Apresentação do Projeto:

O objetivo deste projeto é descrever as variedades alemãs faladas por falantes bilíngues alemão-português residentes nos municípios de Itapiranga, Mondaí, Palmitos e São Carlos, na região Oeste de Santa Catarina. Ao focar em expressões como „Jetzt chegs“, „Net fácil“, „Alles gut?“ e verbos como namorire e paquerire usados por falantes bilíngues alemão-português, será possível investigar as crenças e atitudes linguísticas desses falantes em relação à língua minoritária. Essas expressões foram escolhidas levando em consideração o conhecimento empírico desta que escreve este projeto resultante do conhecimento e uso das duas línguas e do contato com falantes, também bilíngues. Os municípios foram selecionados levando em consideração a colonização que completa um século na década de 2020 e a localização às margens do Rio Uruguai. Os objetivos secundários da pesquisa são Investigar o uso de empréstimo, codemixing e code switching durante as entrevistas; Investigar a influência da religião na manutenção e substituição linguística, a partir das dimensões diareligiosa e diatópica; Levantar dados sobre as crenças e atitudes linguísticas dos informantes em relação a língua minoritária. Serão realizadas entrevistas com 32 falantes bilíngues alemão/português, 8 em cada município, divididos em falantes masculinos e femininos, católicos e luteranos, jovens e idosos, com Ensino Médio completo e sem, a fim de abarcar as dimensões da dialetologia pluridimensional e relacional. A entrevista será dividida em três partes, além a parte final sobre atitudes e crenças linguísticas, cada uma delas busca um diferente estilo de

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



fala do informante. A parte da Percepção de Frases permite a reflexão dos informantes sobre características da variedade alemão, na qual a entrevistadora fala uma frase com as expressões alvo deste estudo, ou seja, „Jetzt chegs“, „Net fácil“, „Alles gut?“ e verbos como namorire e paquerire e questiona o informante sobre suas percepções em relação às frases. As perguntas incentivadoras são: Você já escutou essa frase, ou com essa expressão? Você usa? Essa frase lhe soa bem ou causa estranheza? Durante a segunda parte da entrevista, o informante escuta dois trechos das entrevistas realizadas por Wolschick (2016) realizadas nos municípios de São João do Oeste e Mondaí. Após a escuta de cada trecho, pede-se a opinião do informante sobre se o falante é homem ou mulher, com Ensino Médio ou Ensino Superior, jovem ou idoso, católico ou luterano. A última parte da entrevista, a conversa livre, possibilita o uso do vernáculo, sem monitoração da fala. São sugeridos temas que possam provocar o uso das expressões alvo deste estudo, e o informante é estimulado a falar livremente sobre esses temas, podendo haver interação com a entrevistadora. Os temas devem estar relacionados com o cotidiano do informante, como processos de fazer bolachas ou outro alimento, carnear porcos ou bovinos, organização da rotina da casa ou do trabalho, cuidados com idosos, entre outros. O informante é incentivado a usar a língua alemã, mas entende-se que pode haver code mixing e code switching durante a fala. A presença ou ausência das expressões nas frases traduzidas e na conversa livre, junto com as percepções sobre as gravações serão analisados e elencados nas demais dimensões, e será feita uma relação entre essas dimensões. O uso das expressões e os comentários são base para avaliar as atitudes linguísticas dos falantes. Ainda, ao final da entrevista haverá a coleta de dados sobre as crenças e atitudes linguísticas. Os informantes respondem a um questionário elaborado com base no questionário do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira. Essas perguntas são sobre aspectos metalinguísticos, como a constituição da identidade linguística.

COMENTÁRIOS: AJUSTADO

Objetivo da Pesquisa:

Hipótese: O uso das variantes demonstra a contribuição do português no alemão como forma de manutenção e substituição da língua, como defende Pupp Spinassé (2017); Essas expressões usam termos lexicais do português adaptados à estrutura fônica do alemão. Pupp Spinassé (2017) cita como exemplos desse uso as palavras Potrea (potreiro) e Scharack (jararaca); O uso das variantes é intensificado para enfatizar a crença positiva em relação à língua minoritária. Hasselstron (2018) demonstra crenças positivas dos informantes em relação às línguas de imigração; Os jovens conversam na variedade alemã, e apresentam atitudes positivas em

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



relação a língua minoritária. Horst (2014) e Wehrmann (2016) mostram que as famílias conversam na língua minoritária, estimulando o uso da língua entre a geração mais jovem. Objetivo Primário: Descrever as variedades alemãs faladas nos municípios de Itapiranga, Mondaí, Palmitos e São Carlos, no Oeste de Santa Catarina. Objetivo Secundário: Coletar dados por meio de entrevistas baseadas na dialetologia pluridimensional e relacional com falantes bilíngues alemão-português; Investigar o uso de empréstimo, codemixing e code switching durante as entrevistas; Descrever qual grupo faz maior uso das expressões, a partir da dimensão diatópica; Analisar a variação de uso das expressões nas duas gerações da dimensão diageracional; Investigar a influência da religião na manutenção e substituição linguística, a partir das dimensões diareligiosa e diatópica; Identificar qual grupo tende a substituir ou manter a língua minoritária, a partir do uso de diferentes estilos de fala da dimensão diafásica; Levantar dados sobre as crenças e atitudes linguísticas dos informantes em relação a língua minoritária; Relacionar os dados entre as dimensões.

COMENTÁRIOS: AJUSTADO

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: É possível que o falante sinta algum desconforto ou aborrecimento por não saber ou não lembrar de como traduzir alguma palavra ou expressão, ou descrever uma ação. Para minimizar esse risco, antes da realização da entrevista, a pesquisadora lembra ao falante que pode pedir auxílio ou não precisa responder todas as perguntas e também garante o acesso em um ambiente que proporcione privacidade durante a coleta de dados, uma abordagem humanizada, optando-se pela escuta atenta e pelo acolhimento do participante, obtenção de informações, apenas no que diz respeito àquelas necessárias para a pesquisa. Se mesmo assim, o informante decidir parar a entrevista ou não participar da pesquisa, será necessário escolher outro informante com as características do anterior e solicitar sua participação na pesquisa. Outro risco possível é a quebra de sigilo e confidencialidade com identificação dos participantes. Por isso, as gravações serão identificadas com etiquetas que identificam a dimensão a qual o falante pertence, por exemplo SCGIMCb (Informante de São Carlos, jovem - geração I, Masculino e sem Ensino Médio completo - Classe Baixa). Apenas a entrevistadora saberá o nome do informante. **Benefícios:** Os benefícios esperados com o estudo são a descrição do alemão falado e as atitudes e crenças dos falantes. Além disso, o falante passará a valorizar a língua minoritária (alemão), pois o conhecimento que ele tem dessa possibilitou a participação na pesquisa. Para a pesquisadora será possível evidenciar por meio de dados numéricos sua hipótese. O coletivo será beneficiado com a descrição das línguas e os

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECÓ

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



resultados do contato linguístico, podendo ser usado por professores a fim de sensibilizar estudantes sobre o mesmo.

COMENTÁRIOS: AJUSTADO

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia Proposta: Este estudo sociolinguístico orienta-se pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 2018), que orienta a escolha de informantes as várias dimensões, que nesta pesquisa serão as dimensões diatópica (4 municípios), diareligiosa diageracional (católica e luterana), diagenérica (Masculino e Feminino), diástratica (Ca- com Ensino Médio e Cb- sem Ensino Médio) e diafásica (estilo de fala na entrevista). Serão 32 informantes escolhidos baseados nessas dimensões, ou seja, 8 falantes de cada município, sendo 4 Homens e 4 Mulheres, 4 com Ensino Médio e 4 sem Ensino Médio. Os informantes são selecionados entre as pessoas conhecidas pela pesquisadora, ou conhecidas por outros falantes. A entrevistadora entra em contato pessoalmente ou por whatsapp, e explica o projeto e convida para participar. As entrevistas serão realizadas durante o segundo semestre de 2024, em data e local a ser combinada com cada informante. Este estudo torna-se necessário considerando o centenário de contato linguístico das variedades do alemão e do português nestas áreas de terras, assim como para descrever e medir o grau de manutenção e ou substituição dessa variedade nos pontos selecionados. Essa informação também está disponível no histórico apresentado no endereço eletrônico de cada município. Dessa forma, é importante um levantamento maior de dados e análise da situação atual da língua, a fim de melhor compreender as crenças e atitudes em relação ao bilinguismo presente na região. Além disso, essa pesquisa incorpora muitos e importantes dados ao ALCF / Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, que ficará responsável pelo armazenamento dos dados por 5 anos, em drives institucionais e físicos. Após 5 anos, as gravações serão apagadas. Esses dados podem servir de base para planejamento de futuras políticas linguísticas por parte dos municípios, não só para os pontos de pesquisa, mas também para outros da região. A entrevista será dividida 4 partes. A parte da Percepção de Frases permite a reflexão dos informantes sobre características da variedade alemão, na qual a entrevistadora fala uma frase com as expressões alvo deste estudo, e questiona o informante sobre suas percepções em relação às frases. As perguntas incentivadoras são: Você já escutou essa frase, ou com essa expressão? Você usa? Essa frase lhe soa bem ou causa estranheza? Durante a segunda parte da entrevista, o informante escuta dois trechos das entrevistas realizadas por Wolschick (2016). Após a

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECÓ

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



escuta de cada trecho, pede-se a opinião do informante sobre se o falante é homem ou mulher, com Ensino Médio ou Ensino Data de Submissão do Projeto: 11/04/2024 Nome do Arquivo: PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2300399.pdf Versão do Projeto: 2 3 de 6 Página Superior, jovem ou idoso, católico ou luterano. A última parte da entrevista, a conversa livre, possibilita o uso do vernáculo, sem monitoração da fala. São sugeridos temas que possam provocar o uso das expressões alvo deste estudo, e o informante é estimulado a falar livremente sobre esses temas, podendo haver interação com a entrevistadora. Os temas devem estar relacionados com o cotidiano do informante, como processos de fazer bolachas ou outro alimento, carnear porcos ou bovinos, organização da rotina da casa ou do trabalho, cuidados com idosos, entre outros. O informante é incentivado a usar a língua alemã, mas entende-se que pode haver code mixing e code switching durante a fala. A presença ou ausência das expressões nas frases traduzidas e na conversa livre, junto com as percepções sobre as gravações serão analisados e elencados nas demais dimensões, e será feita uma relação entre essas dimensões. O uso das expressões e os comentários são base para avaliar as atitudes linguísticas dos falantes. A parte final da entrevista será a coleta de dados sobre as crenças e atitudes linguísticas. Os resultados da pesquisa serão publicados em forma de tese e possíveis artigos. As gravações e os dados serão entregues ao Grupo de pesquisa ALCF. Os participantes serão informados sobre os resultados, e pequenos textos informativos publicados nos jornais locais.

Critério de Inclusão: Para a inclusão de um falante nos 32 participantes da pesquisa, este deve atender às características das dimensões: ser morador dos municípios de Itapiranga, Mondaí, Palmitos e São Carlos por pelo menos 2 terços da sua vida, ser homem ou mulher, ter idade de 18 a 36 anos ou acima de 55 anos, sem Ensino Médio completo ou com Ensino Médio completo e aceitar participar da pesquisa, assinando o TCLE após sua leitura e compreensão. **Critério de Exclusão:** Não poderão participar da pesquisa os participantes que não se enquadram nas dimensões do estudo: ser morador dos municípios de Itapiranga, Mondaí, Palmitos e São Carlos por pelo menos 2 terços da sua vida, ser homem ou mulher, ter idade de 18 a 36 anos ou acima de 55 anos, sem Ensino Médio completo ou com Ensino Médio completo. Também não pode participar o falante que não aceitar o convite ou não concordar com o TCLE.

Metodologia de Análise de Dados: Para fins de exposição e análise dos dados, será utilizada a cruz elaborada por Thun (1996), que possibilita a apresentação gráfica nas localidades dos municípios no mapa. A cruz possui quatro células, formados pelo eixo horizontal e o vertical. A

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 6.786.541

seção superior é destinada a classe social mais elevada e as gerações mais velhas (GII) ficam na seção da esquerda. Desfecho Primário: Demonstrar que o uso das variantes é uma contribuição do português no alemão como forma de manutenção e substituição da língua, assim como o uso é intensificado para enfatizar a crença positiva em relação à língua minoritária. Além disso, evidenciar que os jovens conversam na variedade alemã, e apresentam atitudes positivas em relação a língua minoritária. Desfecho Secundário: Evidenciar que os falantes conversam na variedade alemã, e apresentam atitudes positivas em relação a língua minoritária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos ajustados

Recomendações:

sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências e/ou inadequações éticas, baseando-se nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, e demais normativas complementares. Logo, uma vez que foram procedidas pelo/a pesquisador/a responsável todas as correções apontadas pelo parecer consubstanciado, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (CEP/UFFS) julga o protocolo de pesquisa adequado para, a partir da data deste novo parecer consubstanciado, agora de APROVAÇÃO, iniciar as etapas de coleta de dados e/ou qualquer outra que pressuponha contato com os/as participantes.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador(a)

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFFS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do Pesquisador”.

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 6.786.541

ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFFS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.

2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.

3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

Contate a “central de suporte” da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2300399.pdf	11/04/2024 14:02:31		Aceito
Outros	Carta_de_pendencias_CEPabril24.pdf	11/04/2024 14:01:41	Elena Wendling Ruscheinsky	Aceito
Outros	Instrumento_coleta_dados.pdf	11/04/2024 14:00:08	Elena Wendling Ruscheinsky	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_2_CEPabril2024.pdf	11/04/2024 13:53:04	Elena Wendling Ruscheinsky	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2_abril2024.pdf	11/04/2024 13:51:18	Elena Wendling Ruscheinsky	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_CEP_Elena.pdf	20/03/2024 10:11:10	Elena Wendling Ruscheinsky	Aceito

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECÓ

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 6.786.541

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Elena_O_contato_linguistico.pdf	20/03/2024 10:05:00	Elena Wendling Ruscheinsky	Aceito
Folha de Rosto	PPGEL_2024_COMITE_DE_ETICA_EL ENA.pdf	20/03/2024 10:02:53	Elena Wendling Ruscheinsky	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 25 de Abril de 2024

Assinado por:
Renata dos Santos Rabello
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br